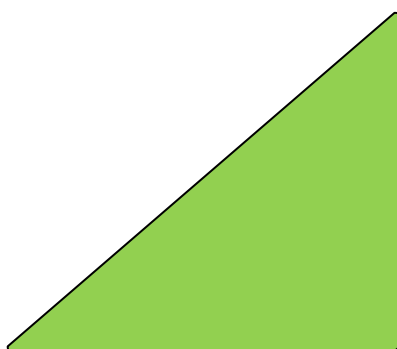


Mobilidade Ofensiva no Futebol

A Concepção de Treinadores de
Nacional de Juniores

Rui Machado

Porto, 2008



Mobilidade Ofensiva no Futebol

A Concepção de Treinadores de
Nacional de Juniores

Monografia realizada no âmbito da disciplina de
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e
Educação Física, em Alto Rendimento – Futebol, da
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Mestre José Guilherme Oliveira
Rui Miguel Costa Machado

Porto, 2008

Dedicatória

A todos aqueles que fazem da paixão o lema da vida
e da convicção o orgulho e a energia.

A todos aqueles que me mostraram algo
que eu nunca vi.

Agradecimentos

Num trabalho em que colocamos tanto de nós, é impossível que não precisemos de colocar um pouco dos outros. Este é o espaço em que faço uma simples homenagem e agradeço a todos aqueles que me ajudaram nesta longa viagem.

Ao Professor José Guilherme Oliveira, pela enorme disponibilidade e oportunidade, e por ter sido uma pessoa fundamental nos conselhos e ensinamentos que tornaram este trabalho uma realidade. Pela exigência, sabedoria e paixão com que sempre “fez” Futebol.

Aos restantes Professores do Gabinete de Futebol, em especial os Professores **Vítor Frade** e **Júlio Garganta** pela presença ímpar na minha visão como treinador e apaixonado do Futebol.

À Professora Doutora Ana Luísa Pereira, pela preciosa ajuda e disponibilidade sem limites que prestou na definição do campo.

Aos treinadores Alfredo Lapa, João Pedro Coelho, Joaquim Santos, José Manuel Ferreira e Pedro Cunha pela insuperável contribuição e disponibilidade para o trabalho. **Ao treinador Luís Ferreira** pela sua disponibilidade, esperando boas notícias...

A todas as pessoas do Rio Ave FC e ao Vitoriano...

Aos meus Pais e Irmão, por simples e silenciosamente me apoiarem e terem paciência nos momentos difíceis...

A todos os meus amigos, em especial ao **Pedro Ribeiro** e ao **André**, pela enorme ajuda e presença, e ao **Zé Maia** e **Pedro Reüss** pela disponibilidade e paciência... A TODOS, muito obrigado por simplesmente estarem presentes...

Índice Geral

Dedicatória	III
Agradecimentos	IV
Índice Geral	VI
Índice de Figuras	VIII
Resumo	X
Abstract	XII
Résumé	XIV
 1. Introdução	 1
1.1. Objectivos do trabalho	3
1.2. Estrutura do trabalho	3
 2. Revisão Bibliográfica	 5
2.1. Modelação do Jogo de Futebol	5
2.1.1. Os momentos de jogo	6
2.1.2. A imprescindibilidade de um “entendimento táctico” no jogo de Futebol	10
2.1.3. Modelação da dimensão táctica do jogo de Futebol	12
2.1.3.1. Modelação sistémica	14
2.1.3.2. Modelo de Jogo e articulação de princípios	18
2.1.3.3. Modelo de análise do momento ofensivo no Futebol	21
2.1.3.4. Organização fractal, como representatividade de um padrão	29
2.2. Mobilidade Ofensiva	33
2.2.1. Princípios ofensivos do jogo de Futebol	34
2.2.1.1. Princípios fundamentais e gerais	35
2.2.1.2. Princípios específicos	36
2.2.2. Objectivos da mobilidade ofensiva	39
2.2.3. Um entendimento de oposição	41
2.2.4. Comportamentos de mobilidade ofensiva	44

2.2.4.1. Intervenção grupal	45
2.2.4.2. Acção no projecto colectivo	46
2.2.4.3. Relação com o espaço, momento de jogo e tarefa	
Específica	47
2.2.4.4. Particularidade das bolas paradas ofensivas	50
2.2.5. Referências na organização da equipa	51
2.2.5.1. Liberdade na organização da equipa	56
3. Campo Metodológico	61
3.1. Amostra	61
3.2. Construção das entrevistas	62
3.3. Procedimento	63
3.4. <i>Corpus</i> de Estudo	63
3.4.1. Análise de conteúdo	64
3.5. Delimitação dos objectivos como orientação da pesquisa	65
3.6. Delimitação do sistema categorial	66
3.7. Justificação do sistema categorial	68
3.8. Definição das unidades de análise	70
4. Apresentação e Discussão das Entrevistas	71
4.1. (C1) Modelo de Jogo	71
4.2. (C2) Mobilidade Ofensiva	87
4.2.1. (SC2.1) Transição ofensiva	101
4.2.2. (SC2.2) Organização ofensiva	118
4.2.3. (SC2.3) Bolas paradas ofensivas	141
5. Conclusões	149
6. Referências Bibliográficas	153
Anexos	XVI
Anexo I – Guião da Entrevista	XVIII
Anexo II – Entrevista a Alfredo Lapa	XX

Anexo III – Entrevista a João Pedro Coelho	XXXVIII
Anexo IV – Entrevista a Joaquim Santos	L
Anexo V – Entrevista a José Manuel Ferreira	LX
Anexo VI – Entrevista a Pedro Cunha	LXXXIV

Índice de Figuras

Figura 1 – Campograma do espaço de jogo de Futebol	26
Figura 2 – Organização da estrutura de jogo 4-3-3	53
Figura 3 – Organização da estrutura de jogo 4-4-2 losango	54
Figura 4 – Organização da estrutura de jogo 4-4-2 clássico	54

Resumo

Como princípio Específico do jogar de cada treinador, a mobilidade ofensiva decorre do Modelo de Jogo preconizado para a equipa, na procura da superiorização e da recriação da organização desta, revelando-se no equilíbrio e nas pretensões desse mesmo colectivo, e na interacção entre os princípios dos quatro momentos de jogo. Pela complexidade que cada Modelo de Jogo encerra, a articulação de sentido é um elemento imprescindível na relação entre a cultura, ideias do treinador, jogadores e horizonte a atingir.

Propusemo-nos aos seguintes objectivos: balizar a importância da mobilidade ofensiva na concepção de cada treinador; perceber como preconizam a mobilidade Específica nos momentos do processo ofensivo, incluindo os lances de bola parada; verificar a relação com o sistema de jogo da equipa; entender os comportamentos de mobilidade mais frequentes, bem como a preocupação ao nível dos apoios e equilíbrios colectivos.

Para tal, realizámos entrevistas semi-abertas a cinco treinadores do Campeonato Nacional de Juniores, tentando absorver as suas concepções.

A apresentação e discussão das entrevistas permitiu-nos saber que os treinadores dão grande importância à mobilidade em momento ofensivo, interligando com os restantes momentos de jogo; os treinadores pretendem movimentos de constantes trocas posicionais em transição ofensiva; querem jogo de apoios e circulação de bola objectiva na criação e aproveitamento de espaços e da desorganização defensiva do adversário em zonas e jogadores fulcrais no momento da organização ofensiva; procuram precisão e velocidade nas bolas paradas ofensivas, apenas com uma troca e bloqueio; a escolha da estrutura (sistema) de jogo faz-se também na consciência do pretendido para a mobilidade ofensiva; a própria organização da equipa em coberturas permite um melhor entendimento dos apoios e dos equilíbrios a realizar, mantendo-se constantes as subestruturas fixa e móvel da organização colectiva.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, MOBILIDADE OFENSIVA, ORGANIZAÇÃO OFENSIVA, MODELO DE JOGO, PRINCÍPIOS DE JOGO.

Abstract

As each coach Specific principle of playing, offensive mobility proceeds from the Game Model wanted for the team, in pursuit of superiority and recreation of its organisation, revealed in this group balance and pretensions, and in the interaction between the principles of the four moments of the game. By each Game Model complexity, the sense articulation is an essential element in the relation between culture, coach's ideas, players and the horizon to follow.

We proposed ourselves to achieve the following goals: to define the importance of offensive mobility in each coach's conception; to understand how they define the Specific mobility in the moments of the offensive process, including set pieces; to verify the relationship with the team's game system; to understand the most frequent mobility behaviours, as well the concern related to passing lines and collective balances.

Therefore, we carried on with half-opened interviews to five coaches from sub-19 National Championship, trying to understand their conceptions.

The interviews presentation and discussion allowed us to know that coaches find mobility in the offensive moment very important, connecting with the other moments of the game; coaches look for constant positional changes movements at offensive transition; they want passing line and objective circulation game at creation and taking advantage of spaces and opponent defensive disorganisation at important zones and players in the moment of offensive organisation; coaches look for precision and speed at set pieces, with only one positional swap and a block; structure (system) game choice is made also due to mobility pretensions; the team organisation through coverage actions allows a better understanding about passing lines and balances to be made, keeping constant the steady and mobile substructures of offensive organisation.

KEY-WORDS: FOOTBALL, OFFENSIVE MOBILITY, OFFENSIVE ORGANISATION, GAME MODEL, PRINCIPLES OF GAME

Résumé

Comme principe Spécifique du jouer de chaque entraîneur, la mobilité offensive parvient du Modèle de Jeu concernant l'équipe, dans la recherche de la supériorité et de la récréation de l'organisation, en se révélant dans l'équilibre et dans les prétentions de ce même collective, et dans l'interaction entre les principes des quatre moments du jeu. Due à la complexité de chaque Modèle de Jeu, l'articulation de sensé c'est un élément indispensable dans le relation entre la culture, les idées de l'entraîneur, les joueurs et l'objectif à atteindre.

Nous nous proposons aux objectifs suivants : baliser l'importance de la mobilité offensive dans la conception de chaque entraîneur ; entendre comme ils regardent la mobilité Spécifique dans les moments du procès offensif, les coups de ballons arrêtés ; vérifier la relation avec le système de jeu de l'équipe ; entendre les comportements de mobilité plus fréquents, bien que la préoccupation au niveau des appuis et les équilibres collectifs.

Nous avons réalisé des interviews semi-ouvertes à cinq entraîneurs du Championnat Nationale de Cadets, pour comprendre ses conceptions de jeu.

La présentation et la discussion des interviews nous a permis de savoir que les entraîneurs donnent beaucoup d'importance à la mobilité au moment offensif, en faisant les liaisons entre les différents moments de jeu ; les entraîneurs veulent des mouvements de plusieurs échanges positionnelles dans la transition offensive ; ils veulent un jeu d'appuis et de circulation objectif du ballon dans la création et profitement des espaces et de la désorganisation défensive de l'adversaire dans les espaces et joueurs importants dans les moments de l'organisation offensive ; ils cherchent la précision et la vélocité dans les ballons arrêtés offensifs, seulement avec une change et un bloque ; le choix de la structure (système) de jeu se fait aussi avec le conscience de ce qu'on veule pour la mobilité offensive ; l'organisation de l'équipe en couverture permet une meilleure compréhension des appuis et des équilibres à réaliser, en se maintenant toujours les substructures fixes et mobiles de l'organisation collective.

MOTS-CLEF : FOOTBALL, MOBILITÉ OFFENSIVE, ORGANISATION OFFENSIVE, MODÈLE DE JEU, PRINCIPES DE JEU.

1. Introdução

Sem dúvida, o Futebol é um dos fenómenos que mais emergiu de popularidade no passado século, tornando-se o centro de muitas atenções a diversos níveis. Por estas mesmas razões, temos assistido a um crescendo de exigências sobre as equipas, demandas que se revêem na necessidade de conquista e justificação de investimento, o ter que ganhar sem critério e o ter que não perder sem atitude.

Partilhando a nossa inquietação, o escritor português Lobo Antunes (2005) transmite a sua visão sobre a tendência do Futebol actual na realidade portuguesa: “o que vejo agora, nos raros momentos em que espreito a televisão, são funcionários. Escrupulosos, obedientes, chatos. Uma espécie de perfeição negativa. Uma monotonia da repartição”.

Sem dúvida, a visão sobre os valores do Jogo são afectados por este entendimento: não há espaço para ser diferente, não há tempo para revelias, não há “fora da norma”, só norma.

Os valores de cada forma de jogar são afectados pela percepção que temos do meio que nos rodeia. Por isto, “observando a evolução táctica ao longo dos tempos, é pacífico afirmar que as modificações nos sistemas (estruturas) de jogo foram evidenciando cada vez maior preocupação com os métodos defensivos para assegurar a defesa da baliza” (Lobo, 2008, p. 123), o que se repercute na falta de qualidade e espectacularidade do jogo (Garganta & Pinto, 1998). Desta forma, a organização do jogo é cada vez mais assente numa ordem previsível, numa ordem geométrica. Assim, o Futebol vive, mas sem respirar.

Perante isto, torna-se fundamental que haja ordem, sim, mas uma ordem assumida, valiosa, crescentemente inovadora e orgulhosa do querer fazer mais Futebol; é preciso atacar, o Futebol não se faz sem ataque...

No entanto, aquele que só pensa em defender, pensa muito em defender e pouco em atacar; aquele que pensa em atacar, pensa mesmo muito em atacar e muito em defender. O Futebol faz-se na presença do objectivo, da consciência do global e do particular, do agora e do depois, da sorte e do azar,

da ordem e do acaso, da ordem e da desordem. Se é verdade que é necessária ordem para se jogar, cada vez mais nos parece que também somos dependentes da desordem: da dos outros e da que nós necessitamos de criar.

Enquanto Jogo colectivo, o Futebol manifesta-se na prática da relação entre os jogadores de uma equipa, no confronto com o rival, pelo que só um entendimento coordenado das acções de jogo poderão levar ao golo, à vitória. Pela precisão que caracteriza as acções de ataque, é imprescindível uma relação “afinada” e progressivamente mais rica com apelo à inteligência como capacidade de criar soluções e adaptar respostas perante a aleatoriedade e diversidade de manifestações dentro do jogo (Graça & Oliveira, 1998).

Caberá, desta forma, à equipa que ataca tomar a iniciativa de criar as ditas soluções e respostas para conseguir ultrapassar o adversário que defende, respostas estas que estarão integradas no projecto colectivo da equipa, “tentando espalhar a organização defensiva (em termos de largura e profundidade), criando os espaços necessários para a progressão da bola” (Castelo, 1994, p. 182). A mobilidade ofensiva da equipa define-se no sentido desta concretização.

A mobilidade ofensiva do colectivo assume, assim, demarcada importância na forma de jogar de cada equipa, já que, assumindo um forte grau de ligação com os restantes princípios de jogo e suportando-se sobre estes, é aquele que permite potenciar e elevar a qualidade do jogo da equipa que se encontra em processo ofensivo. Desta forma, não se caracterizando pela revelia ao equilíbrio colectivo, permite que este “desordene na ordem”, se recrie organizadamente, em busca de novas soluções e configurações que se ajustem às necessidades de adaptação impostas pelo jogo em busca do objectivo de superiorização.

Decorrente do explanado, torna-se relevante o estudo do tema no âmbito do Futebol, já que para cada treinador, para cada forma de jogar, haverá um entendimento particular sobre a mobilidade no Jogo de Futebol.

1.1. Objectivos do Trabalho

A partir do exposto, propomos esclarecer o tema do nosso trabalho tendo em conta os seguintes objectivos:

Objectivo Geral

- o Aferir acerca do entendimento que os treinadores têm sobre a mobilidade ofensiva dentro do Modelo de Jogo que preconizam para a sua equipa.

Objectivos Específicos

- o Balizar a importância da mobilidade ofensiva na forma de jogar de cada treinador;
- o Perceber a forma como preconizam esta mobilidade nos momentos de transição ofensiva e organização ofensiva, bem como mais particularmente nos lances de bolas paradas ofensivas;
- o Visualizar a relação da mobilidade da equipa com a organização da mesma (sistema de jogo);
- o Dissecar os elementos essenciais dos comportamentos de mobilidade, bem como apoios e equilíbrio da equipa, aquando desses comportamentos.

1.2. Estrutura do Trabalho

No sentido de atingir os objectivos a que nos propomos, baseamo-nos na realização de entrevistas a treinadores de Futebol com o propósito de conhecer as suas convicções e concepção sobre o princípio de mobilidade ofensiva dentro da forma de jogar que cada um preconiza para a sua equipa.

A partir desta metodologia de análise, estruturamos o trabalho em seis pontos. Iniciamos com a “Introdução”, em que expomos o tema e a sua pertinência no quadro conceptual do Futebol, bem como explanamos os objectivos a que nos propomos atingir.

No segundo ponto, realizamos uma revisão bibliográfica que iniciamos com a apresentação do entendimento que encontramos como fundamental ao nível da modelação do Jogo de Futebol, para a qual nos baseamos na modelação sistémica como imprescindibilidade de visão una sobre o objecto de estudo. No segundo ponto da revisão bibliográfica, focar-nos-emos na totalidade sobre o tema da mobilidade ofensiva no Futebol, explorando os diversos níveis (de jogo) sobre os quais a sua afectação se faz sentir.

No terceiro ponto do nosso trabalho, apresentamos a nossa amostra e os métodos em que nos baseamos para a análise do conceito da mobilidade ofensiva.

No quarto ponto, apresentamos e discutimos os dados levantados a partir das entrevistas realizadas aos treinadores, confrontando com a revisão do estado da arte para o tema em causa, procurando encontrar relações e indicadores relevantes sobre a mobilidade ofensiva.

No quinto ponto, apresentamos as conclusões do nosso trabalho.

Por último, no sexto ponto, serão exibidas as referências bibliográficas que nos suportaram na realização do estudo.

2. Revisão Bibliográfica

2.1. Modelação do Jogo de Futebol

“Os modelos de preparação e de jogador, aquando da organização do processo de treino, deverão ter como partida o modelo de jogo da equipa.”
(Tschiene, 1985, citado por Garganta, 1997)

“O Modelo é tudo.”
(Frade, 2006)

O Futebol é uma modalidade desportiva colectiva, fazendo assim parte de um conjunto de modalidades designadas como jogos desportivos colectivos. De entre todas estas, a actividade supra-citada é a forma de desporto mais popular do mundo, sendo praticada por todas as culturas à escala planetária (Reilly & Williams, 2005).

Como meio de diferenciação às restantes modalidades, o Futebol possui características e qualidades próprias. Tal parte, inicialmente, das suas regras, o que determina uma natureza específica do seu próprio ser; a propósito, Garganta (1997, p. 17) defende que a sua interpretação “é uma condição importante para a formulação de um conceito de ensino e treino no Futebol”, salientando, no entanto, que tal tem levado à identificação de perspectivas diversas para o seu entendimento e catalogação.

Assim, da sua natureza, decorrem três características fundamentais, enunciadas por Gréhaigne, Billard e Laroche (1999): oposição/cooperação, reversibilidade e emulação.

Quanto à primeira categorização, trata-se mesmo do ponto essencial do Futebol, já que este é definido como um jogo de oposição, com relação de adversidade “entre os elementos das duas equipas em confronto e a relação de cooperação entre os elementos da mesma equipa” (Garganta & Pinto, 1998, p. 98); aliás, as relações de oposição e cooperação determinam-se entre si, ou seja, a cooperação interactiva dentro de um colectivo só se faz tendo em conta

as restrições impostas pelo adversário, esteja a equipa a defender ou a atacar. As interacções entre os companheiros de equipa são realizadas tendo em conta a obtenção dos objectivos de jogo, pela execução de comportamentos a fim de recuperar, conservar e fazer progredir a bola até à zona de concretização e marcar (Gréhaigne et al., 1999).

A noção de reversibilidade é igualmente fundamental, já que a “interacção competitiva com intervenção directa sobre o adversário” (Barth, 1994, citado por Garganta, 1997, p. 19) significa uma grande probabilidade de perda da posse da bola, ou opostamente a sua recuperação, o que exige constantes mudanças de comportamento e atitude. Mais do que isso, o jogo de Futebol é um fluxo contínuo, na medida em que defender e atacar são atitudes que estão relacionadas; desta forma, não só uma equipa está estritamente a defender ou a atacar, encontra-se num momento na dependência do outro, pelo que as acções são sempre feitas em equilíbrio dos momentos (Amieiro, 2005).

Por último, a emulação é um sentimento que deve ser constante, já que a superação é o meio que despoleta a busca do objectivo; melhor, este sentido de elevação só existe se o objectivo estiver presente e apenas de acordo com este “(o golo) e com as finalidades de cada fase ou situação (ataque ou defesa)” (Garganta & Pinto, 1998, p. 98). Socorrendo-nos de Bertrand e Guillemet (1994), a finalidade e a intencionalidade dão tom à complexidade processual de uma organização, pelo que a finalidade se converte em valores, em critérios e em objectivos.

Em todas as características do jogo, sobressai a dualidade defesa/ataque, sobre a qual procuraremos discorrer seguidamente.

2.1.1. Os momentos de jogo

Podemos facilmente classificar o jogo de Futebol como um desporto colectivo que se caracteriza pela disputa de uma bola, com o objectivo de marcar golo (mais do que o adversário) e, assim, conquistar a vitória; num mesmo momento, a posse de bola por uma equipa determina que se encontra

em fase de ataque, enquanto o opositor procura recuperá-la, estando em fase defensiva (Castelo, 1996).

Desta forma, são identificadas duas fases de jogo: a fase defensiva e a fase ofensiva.

A fase defensiva é aquela em que não se possui a bola, estando esta sobre controlo directo do adversário, tendo como objectivo recuperar a sua posse para, assim, passar a atacar; Castelo (1996, p. 36) afirma que esta fase se trata “como uma forma de recurso”, já que o objectivo do jogo é o de marcar golo. Quanto à fase ofensiva, o mesmo autor (1996, p. 36) diz-nos que “só o processo ofensivo contém em si uma acção positiva”, falando mesmo em “conclusão lógica – o golo”, partindo da posse da bola como meio para controlar a obtenção do mesmo.

Pelo que o autor mostra, estas fases encontram-se separadas uma da outra, já que uma equipa ataca com a perspectiva de marcar golo, tendo o fim à vista, mantendo a posse da bola para que tire vantagem de tal, enquanto a defesa apenas procura a recuperação da bola, sendo esta forma “abandonada” logo após o objectivo concretizado (Castelo, 1996); parece, assim, existir uma sequência lógica repetível da passagem de uma fase para a outra.

Guilherme Oliveira (2004) identifica este mesmo ideal como parecendo transmitir uma sequência determinada na relação entre defesa e ataque, em que apenas existe uma para uma mesma equipa num determinado momento do jogo, pelo que a perda da bola determina a adopção de um processo defensivo, e a sua recuperação a passagem para um processo ofensivo.

Contudo, já iniciámos a identificação de uma imperiosa dependência relacional entre a defesa e o ataque, a perspectivação do Jogo¹ tal como ele é, como um todo característico (Guilherme Oliveira, 2004; Amieiro, 2005), como uma “inteireza inquebrantável” (Frade, 2006). Tal deve-se precisamente às relações e interacções entre os diversos momentos, o facto de estes serem

¹ Jogo é um conceito abstracto, geral, representativo de tudo o quanto poderão ser as formas do Futebol. Daqui decorrente, existem múltiplas interpretações sobre o Jogo, e cada uma destas representa um jogar particular, que representa a especificidade na totalidade dos seres que lhes dão corpo. O jogo é um espaço e um tempo de confronto entre o jogar de cada equipa.

articulados, de acontecerem na dependência mútua relacional, para além de não se fazerem numa sequência lógica rígida. Garganta (2003) afirma ser necessário ainda algo para o completo entendimento do jogo pelas “suas conexões e (...) como um fluxo contínuo”, como algo continuado e não faseado ou quebrado, cujas inter-relações permitam, “em todas as circunstâncias, a identificação da singularidade do todo” (Guilherme Oliveira, 2004), significando que tanto o jogo, como a equipa e a sua forma de jogar devem ser compreendidos como um todo.

Por isso, Frade (1985) e Guilherme Oliveira (2004) consideram fundamental a perspectivação do jogo segundo momentos e não fases, precisamente pela inexistência de uma sequencialidade destas mesmas fases, cuja mudança de atitude dentro de uma determinada linha de jogo é fundamental para corresponder às exigências do mesmo no tempo e no lugar correctos; não basta “só” defender ou “só” atacar, é imprescindível “ligar” estes dois momentos, no sentido de os potenciar para um rendimento superior com base num entendimento global do jogo.

Não surpreende então o facto de diversos autores e treinadores (Frade, 1985, 2006; Ferreira, 2003; Mourinho, 2003; Guilherme Oliveira, 2004; Amieiro, 2005) analisarem o jogo como tendo quatro momentos, sendo estes os de organização ofensiva, transição ataque-defesa, organização defensiva e transição defesa-ataque. Desta forma, esta classificação em quatro momentos permitir-nos-á entender a lógica do jogo como conseguindo albergar o seu carácter com potencial aleatório e arbitrário, e nunca restringindo a uma sequencialidade artificial.

Primeiramente, é fundamental salientar a caracterização de transições, na diferenciação com os momentos de organização. Sobre tal, Guilherme Oliveira (2004) afirma que as primeiras se caracterizam por situações de possível desorganização momentânea, pela mudança de funções, sendo o propósito fundamental aproveitar os breves segundos da sua duração para alcançar os objectivos a que o colectivo se propõe, de tal forma que Ferreira (2003) e Mourinho (2003) identificam mesmo estes momentos (de transição) como os mais importantes do jogo. Assim sendo, de forma a potenciar a forma de jogar

Específica da equipa, estes deverão relacionar-se com o equilíbrio do colectivo no desenrolar da partida, pelo que devem representar em si, desta forma, uma “articulação de sentido” (Amieiro, 2005, p. 134). Passamos assim, de seguida, a explicitar cada um dos momentos de jogo (Guilherme Oliveira, 2004).

O momento de organização ofensiva caracteriza-se pelos comportamentos assumidos pela equipa em posse de bola, com o propósito de preparar e criar situações para marcar golo.

Quanto à transição defensiva (ataque-defesa), esta assume-se como o momento imediato após a perda da posse de bola, o período de tempo de mudança de atitude ofensiva para defensiva, no qual se procura aproveitar a eventual e temporária desorganização do adversário para diminuir o perigo das suas pretensões na passagem para os processos ofensivos, no caso também na passagem para os processos defensivos da equipa que perdeu a posse da bola.

O momento de organização defensiva é caracterizado pelo comportamento da equipa sem a posse da bola, em que procura evitar que a equipa adversária prepare, crie e concretize situações de golo, bem como intenta a recuperação da sua posse.

Por último, o momento de transição ofensiva (defesa-ataque) caracteriza-se pelo assumir de uma mudança de atitude defensiva para ofensiva nos segundos após ganho da posse de bola, podendo aproveitar a eventual desorganização do adversário para daí retirar vantagens, tais como sejam a ocupação de espaços desejados, a aproximação à baliza do adversário ou mesmo o golo, isto é, o comportamento desejado pela equipa no momento.

Apesar de o Jogo ser um só, a compreensão do mesmo poder-se-á fazer segundo os momentos de jogo (em contraposição com as fases de jogo) pelo simples facto do seu entendimento remeter para a interdependência da sua existência, o que no final define o jogo na sua globalidade, tendo por base a referida “singularidade do todo”. Por outro lado, apesar de tudo o que pertence ao dito Jogo definir um objecto uno, parece-nos importante a percepção do mesmo segundo quatro momentos de jogo complementares e interligados, isto

a fim de permitir a sua sistematização, com o objectivo de ajudar à compreensão e absorção pelos jogadores.

A forma de abordar o jogo dentro de cada um dos seus momentos faz-se de maneira Específica², particular, relativa à consciência de cada treinador com o intuito de encontrar o que considera o melhor plano de jogo; assim, apesar de o Futebol ser só um, a forma como se joga pode assumir múltiplas e indeterminadas características, quer olhando para os momentos de jogo, quer olhando mais amplamente para o jogo na totalidade.

2.1.2. A imprescindibilidade de um “entendimento táctico” no jogo de Futebol

Pelas características do jogo, pelos constrangimentos impostos pelo adversário, pela necessidade de criação de respostas adequadas à situação, o objecto de estudo em causa – o Futebol – adquire um estatuto base particular e específico, pelas exigências que o ser «Jogo» aberto e imprevisível impõe.

Reportando de novo à natureza do próprio jogo, o facto de este surgir no seguimento de um confronto entre duas equipas de onze jogadores cada, com a procura de atingir objectivos similares mas causadores da oposição, determina uma característica salientada por diversos autores (Frade, 1990; Castelo, 1996; Garganta, 1996; Guilherme Oliveira, 2004; Gaiteiro, 2006; Silva, 2008), como é a interacção entre os diversos elementos da equipa, o que leva, por sua vez, à complexidade do dito sistema.

Assim, ressalva-se novamente um conceito unificador de tudo o que já foi abordado, como seja a especificidade (Guilherme Oliveira, 2004; Araújo, 2005; Tamarit, 2007; Silva, 2008), que se caracteriza pela necessidade de equilíbrio e coordenação entre as diversas definições, nomeadamente ao nível da forma de jogar da equipa. Ainda que, no Futebol, muitos aspectos sejam imprevisíveis, este encerra em si constantes sobre as quais poderemos analisá-lo e pensá-lo,

² O ser Específico representa a particularidade do contexto e de um jogar consubstanciado, na prática, às ideias do seu treinador e ao entendimento pelos jogadores.

funcionando como eixo central dentro da incerteza e variabilidade das situações, como o poderão ser os momentos de jogo; esta dualidade dinâmica é característica essencial do jogo.

Tradicionalmente, conhecemos a qualidade de performance nos jogos desportivos colectivos com base em quatro dimensões fundamentais, sendo estas a dimensão táctica, técnica, física e psicológica, tendo diferentes valências em cada modalidade desportiva (Garganta, 1997). No caso do Futebol, todas estas se manifestam e existem em simultâneo, são imprescindíveis e integrantes de um objecto global, mas pela sua variabilidade e aleatoriedade decorre daqui a exigência de uma atitude táctica constante, uma permanente procura de soluções adequadas à necessidade de alcance de objectivos. As múltiplas configurações do jogo exigem a definição do foco do treino e do jogo sobre a capacidade de processamento da informação e das decisões (Garganta, 1996; Araújo, 2005), determinando a acção táctica como um comportamento de decisão para a actuação, ou seja, “uma sequência interdependente de decisões e de acções que devem ser tomadas em tempo útil, num contexto em mudança e para um determinado fim” (Araújo, 2005, p. 24), contribuindo para o projecto colectivo da equipa.

Desta forma, toda a actuação e todos os seus níveis têm de se adequar ao jogo, para que o entendimento que temos do contexto lhe seja o mais ajustado. Savelsbergh & van der Kamp (2005) salientam a necessidade da prática ser Específica, isto é, a experiência no treino deve relacionar-se com as características do desempenho no jogo, já que “a percepção e o movimento são inseparáveis e especificamente acoplados” (Savelsbergh & van der Kamp, 2005, p. 392); para além disto, os mesmos autores afirmam que a percepção diz como e quanto mover, sendo que podemos assim mesmo já considerar a percepção já uma acção, ainda que prévia à exteriorização da mesma. A captação dos sinais externos relativos aos indicadores fundamentais para o momento, bem como a sua manipulação interna, levam à formação da resposta mais adequada de acordo com esses mesmos conceitos integrados, dando origem à resposta desejada. A adequação da resposta exteriorizada, com base na dimensão táctica, determina o relacionamento com as restantes dimensões

do jogo, num duplo sentido: precisa destas para se manifestar, mas igualmente potencia-as por determinar maior adequação (Garganta, 1997; Guilherme Oliveira, 2004).

Daqui, fica claro que a dimensão táctica deve ser a dimensão classificadora de todo o objecto em estudo, “a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras”, como meio de “interacção das diferentes dimensões, dos diferentes jogadores” (Guilherme Oliveira, 2004, p. 122), como ponto de confluente de saída e de chegada de todo o processo e de todo o jogo.

Para além da complexidade do jogo compreender as suas dimensões (táctica, técnica, física e psicológica) bem como os seus momentos (momento ofensivo, momento defensivo e transições) (Tamarit, 2007), esta integra elementos também eles complexos, com diferentes conhecimentos e vivências, determinantes de diversificadas interacções e influências, partindo estes de uma organização, intervindo para tal também à luz de diferentes funções no respeito por regras de conduta específicas, o que leva a uma comunicação e interacção igualmente Específicas (Garganta, 1997; Guilherme Oliveira, 2004).

Mais nenhuma dimensão as contempla na sua globalidade Específica e especificadora, como a dimensão táctica o faz. Sendo esta igualmente a dimensão unificadora do entendimento da forma de jogar de cada equipa, todas as restantes dimensões se “retorcem na manifestação” na medida do centro condutor. Esta imperiosa necessidade de criação de uma linguagem comum unificadora, para que o todo seja efectivamente mais do que as partes que o compõem, determina que, ao nível microscópico do jogo, onde se poderá manifestar a máxima aleatoriedade e variabilidade das suas situações e momentos, o jogo esteja em toda a sua complexidade, ou seja, que o nosso entendimento abarque até ao topo das possibilidades da nossa manipulação.

2.1.3. Modelação da dimensão táctica do jogo de Futebol

A imprevisibilidade, a aleatoriedade e o indeterminismo, pelo facto de serem características da essência do jogo, elevam o objecto de estudo a uma conjuntura inscrita no seu núcleo, inseparável do seu ser; assim, o Futebol, e

mais concretamente uma equipa, pode ser considerado um sistema complexo (Garganta, 1996; Guilherme Oliveira, 2004; Gaiteiro, 2006; Silva, 2008).

Tais serão aspectos fulcrais e obrigatórios no momento de reflectir sobre o Jogo, procurando um enquadramento e conceptualização adequados àquilo que entendemos como sendo a sua natureza. A suportar a nossa ideia, Le Moigne (1990, citado por Garganta, 1996) diz-nos que a construção da inteligibilidade de um sistema complexo é possível se procurarmos modelá-lo, sendo que tal se faz na relação com o quadro conceptual ao que se referencia, ou seja, neste caso à dimensão táctica e a toda a complexidade inerente a esta visão, dando o sentido coerente à abordagem em causa.

Como nos diz Garganta (1996), entre a teoria e a prática encontram-se as simplificações, pelo que o modelo é uma simplificação da realidade complexa, uma interpretação e uma síntese, uma representação de um sistema real. O modelo adquire assim a forma com que se caracteriza o “conteúdo táctico”, transportando para um universo teórico aquilo que o campo empírico nos mostra; no entanto, a realidade é sempre mais complexa e completa do que o modelo, do que a sua representação. Sobre o Modelo, Frade (1985, p. 5) diz-nos que se trata de uma “pedagogia de projecto”, apoiando igualmente o facto de Garganta (1996) nos dizer que este se deve fundar sobre dois aspectos essenciais: as invariantes e as singularidades dos níveis de jogo diferenciados, bem como pela articulação dos mesmos.

A partir desta ideia, o modelo passa a tratar-se de uma representação, não totalmente uniforme, mas sim que se faz dele, uma criação pessoal da realidade, reforçando que o objecto em estudo – o Futebol – não o é como no mundo exterior o é, mas sim como o apreendemos no nosso intelecto. Para Damásio (2000, p. 364), o termo representação é utilizado “quer como sinónimo de imagem mental, quer como sinónimo de padrão neural”; desta forma, transportando para o Futebol conclusões de Damásio (2003), o modelo sobre o qual o perspectivamos é integrado através imagens mentais, que não são mais do que construções provocadas pela relação interactiva entre o objecto e o nosso organismo, de acordo com as características do organismo.

A interacção com o objecto – o jogar Específico – terá impreterivelmente de ocorrer para que a sua apreensão aconteça. Socorremo-nos então da Ecologia Profunda para perceber a importância de um paradigma que assente na relação constante com o envolvimento, já que a “percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenómenos”, como um processo cíclico que determinamos e do qual somos dependentes (Capra, 1996, p. 25).

A adopção de um modelo condizente com esta perspectiva afigura-se como fundamental. O modelo analítico, de Descartes e Newton, procura dissecar as partes em elementos ainda mais pequenos, de tal modo que as partes não podem ser analisadas senão a partir dos seus constituintes isolados, sem relação ou interacção; este paradigma mecanicista mostra o conjunto como a soma das partes (Capra, 1996).

Ora, entendemos que o Futebol não pode ser visto desta forma; uma equipa, por si só já constituída por elementos complexos como são os seres humanos, não pode ser vista à luz do somatório dos seus ossos, músculos ou células, pelo simples facto de não responder às questões levantadas pelo próprio jogo. Precisamente, o entendimento da equipa como um sistema complexo, em que a complexidade (do objecto Jogo) é que determina a visão colectiva como um sistema (a equipa), transporta-nos para um novo paradigma: o Pensamento ou Modelação Sistémica.

2.1.3.1. Modelação sistémica

De acordo com von Bertalanffy (1956, citado por Bertrand & Guillemet, 1994, p. 46), podemos definir sistema como “um conjunto de elementos em interacção”, enquanto Hall e Fagen (1956, citado por Bertrand & Guillemet, 1994, p. 46) complementam classificando como “um conjunto de objectos que têm relações entre si e os seus atributos”; assim, a simples analogia destas definições com uma equipa de Futebol permite-nos perceber que nos encontramos no caminho certo do seu entendimento funcional característico.

Capra (1996), com base em Lilienfeld, confirma classificando como sistema tanto os organismos vivos como os sistemas sociais.

Na sua origem do grego, “sistema” significa “colocar junto”, sendo “um todo integrado cujas propriedades surgem das relações entre as suas partes”, de tal forma que “as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui” (Capra, 1996, p. 39-40). O pensamento sistémico faz-nos reflectir dentro do contexto através do estabelecimento da natureza das suas relações.

Assim, uma equipa define-se essencialmente pelas relações que os seus jogadores estabelecem entre si, equilibradas no todo, caindo o nosso foco precisamente sobre as relações, sobre a interacção dos elementos; a compreensão do individual, que também existe, faz-se de acordo com o seu contributo, estrutural e funcional, para o conjunto, sempre escolhendo o caminho que o próprio sistema auto-determina como o seu.

Partindo da análise feita por Bertrand & Guillemet (1994, p. 47-56), apresentaremos algumas das características dos sistemas:

- o Um sistema caracteriza-se pela abertura que tem na relação com o envolvimento, na troca de energia, matéria ou informação, quer seja entrada (*input*) ou saída (*output*) (tratamento); a todos os níveis, acaba por daqui resultar a complexidade; facilmente tal se verifica, já que a equipa, a sua forma de jogar e os seus princípios de jogo são o reflexo da cultura e filosofia do clube, pelo que tudo que envolve a equipa influencia-a de forma Específica;
- o O sistema tem uma finalidade, ou seja, a interacção faz-se “em função de um objectivo ou de um estado final que caracteriza o sistema por inteiro”, pelo que a finalidade do “sistema equipa” é o “sistema jogar”; queremos com isto dizer que, sendo a interacção intrínseca determinada pela exigência táctica do jogo, a equipa e o jogar confundem-se, sendo um só, já que a ligação (Específica) entre os elementos determina a sua função dentro do sistema, representando, no final e na totalidade, o objectivo máximo;

- o A entropia de um sistema, que pressupõe a desordem máxima a caminho de um estado estável estacionário, ocorre pela complexidade interaccional em que o sistema se fecunda; no entanto, desta desordem nasce a ordem, e assim consequentemente a organização, que fará aumentar a ordem à medida que a organização se impõe no meio; contudo, a organização tem princípios de ordem que só ocorre por interacções que, probabilisticamente, trazem desordem; se antes afirmámos que a concepção a adoptar teria de ter obrigatoriamente a interacção entre os seus elementos, acrescentamos que esta mesma terá igualmente de integrar a desordem, já que só a partir desta é que existe organização, que existe energia para a finalidade, daí o “tetragrama ordem/desordem/interacção/organização” que Edgar Morin nos apresenta (1991, p. 157); numa equipa de Futebol, todas as ligações significam apenas uma probabilidade de determinada relação funcional, pelo que deverá haver sempre espaço para que o novo surja, pelo que o caos acaba por se definir como o meio essencial a que um nível de organização surja em direcção à grande finalidade da equipa, como seja a superioridade da sua forma de jogar;
- o Se a finalidade é a forma de jogar mais adaptada às contingências impostas pela realidade de confronto, que se baseia na organização e na ordem (em regularidades), então a desordem torna-se ainda mais essencial a fim de trazer adaptabilidade do sistema ao envolvimento, através do mecanismo da retroacção, que informa o conjunto sobre o resultado das interacções realizadas, determinando maior probabilidade de certas relações que mais sucesso trazem à equipa, que significam a concretização da finalidade pretendida, o jogar;
- o Para tal, existe no sistema um fluxo, significando trocas entre os vários elementos (ou mesmo sistemas) que o compõem, ou com o exterior; a interacção é já em si informação, comunicação;

- o O equilíbrio, que compreende a estabilidade dinâmica e a homeostasia, pretende manter a ordem relacional do sistema dentro dos limites determinados, isto é, liberdade dentro da organização, numa interacção entre ordem e desordem na relação com a finalidade; queremos com isto dizer que a própria equipa terá de conhecer os seus limites, a amplitude da sua actuação, sobre os quais o conjunto se mantém estável, fundando-se tal fundamentalmente na organização de jogo;
- o Por último, reforçando o que já dissemos anteriormente, é fácil concluir o porquê do todo ser mais do que a soma das partes (totalidade), desde que as relações potenciam a interacção para a formação de uma unidade global (sinergia); no nosso jogar, a organização funcional congruente da equipa leva a um potenciamento positivo das acções elementares para o macro-objectivo.

Tendo o entendimento de uma equipa de Futebol como um sistema dinâmico complexo, percebemos que o múltiplo fluxo interactivo determina que os elementos (jogadores) se construam, se renovem e se readaptem à realidade exibida e direccionada pela força maior, como é o todo. Podemos falar assim em “auto-hetero-eco-organização”, reflexo da complexidade e rede de ligações que o nosso objecto de estudo tem; a “auto-hetero-eco-produção” não deixa de lado o facto do sistema se construir a si próprio, bem como aos seus elementos, como um mecanismo de *feedback* de si para si. A direccionabilidade para o objectivo imperativo é uma presença marcante (Gaiteiro, 2006; Silva, 2008).

A ideia de jogo como finalidade, a informação, o conhecimento, torna-se assim energia, a despoletadora do acto de ser dentro do sistema. As interacções, como meio de relação não-determinada, fazem com que o conjunto encerre em si espaço para o criativo, para a diversidade, para o novo, caracterizando-se num estado de constante desequilíbrio; quanto mais a energia aumenta, mais o sistema funciona fora de uma ordem, mais perto da desintegração se encontra, mais variedade apresenta (Gaiteiro, 2006), algo a

que Stacey (1995) designa como “na orla do caos”, como sinal marcante de um estado “longe do equilíbrio”.

O equilíbrio é uma marca das invariâncias do sistema, no caso da ideia de jogo. A presença desta, enquanto marca da interacção para o objectivo, terá igualmente de conter o desequilíbrio, já que é o que mantém o sistema animado, vivo; os constantes laços de *feedback* fazem o sistema crescer, fazem-no evoluir, dentro do certo e do incerto, cujos minúsculos traços do *micro* resultarão num *macro* imprevisível (Frade, 1989). O sistema aberto é aquele cuja génese impõe a lei de fazer frente ao incerto, que aos seus olhos é o mágico.

Pelo exposto, claramente as ideias de jogo, partindo das ideias que se tem sobre o Jogo, podem ser diversas. O conjunto de conceitos específicos e interligados forma o que denominamos como Modelo de Jogo da equipa, que terá de conter em si uma interdependência entre o meio cultural, as ideias do treinador e as características dos jogadores (Guilherme Oliveira, 2006).

2.1.3.2. Modelo de Jogo e articulação de princípios

O Futebol não se trata de um fenómeno natural ou espontâneo, mas sim algo construído e em permanente construção (Frade, 1985), pelo que o Modelo de Jogo é a imagem do futuro que se pretende, como representação simplificada da realidade à qual nos procuramos adaptar; sendo uma representação do real, não é o próprio real, pelo que o Modelo de Jogo procura a busca de regularidades construídas perante a essência do Futebol (de competição), que no confronto revela algo que parte da previsibilidade da fabricação, mas com uma imprevisibilidade incalculável face à “sensibilidade às condições humanas” (Gaitero, 2006).

A abrangência do Modelo de Jogo determina a sua importância, já que procura integrar todos os aspectos importantes para a reflexão sobre a forma de jogar. Em termos gerais, procura a definição de uma cultura de jogo, uma filosofia de jogo, uma sentimentalidade que abranja toda a equipa, que una todo o colectivo (Gaitero, 2006; Silva, 2008). Este conceito é revisto no ideal

de equipa transmitido por Mourinho (Oliveira et al., 2006, p. 37), em que, “num determinado momento, perante uma determinada situação, todos os jogadores pensam da mesma maneira”. Desta forma, “o modelo de jogo é a atracção pela organização” (Gaiteiro, 2006, p. 95).

O importante passa impreterivelmente pela integração e manipulação da informação condizente com essa mesma relação de equipa. Se as ideias do treinador são diferentes, a relação entre os jogadores determinada, o resultado significará um Modelo de Jogo Específico, diferente de um criado perante uma realidade diferenciada. A determinação de diferentes princípios de acção, tendo em conta a interacção intrínseca ao sistema, remete-nos para os princípios de jogo (Silva, 2008).

Para Guilherme Oliveira (2006, p. VI), um princípio de jogo “é o início de um comportamento que um treinador quer que a equipa assuma em termos colectivos e os jogadores em termos individuais”. O princípio de jogo encontra-se discurrido das relações entre os jogadores, cujas sinergias transportam em si fluxos direccionais, influenciando o “indivíduo individualmente” mediante a sua percepção do projecto de jogo; estes permitem o desenvolvimento de regularidades comportamentais pela organização de relações e interacções (Silva, 2008).

Daí, o Modelo de Jogo é tudo o quanto envolve a equipa, como uma filosofia ou cultura de estar e ser, partindo da sociedade, interesses e objectivos, revendo-se, a um nível mais prático, num conjunto de princípios de jogo que determinam graus de probabilidade de relação, de acordo com a sua relevância dentro do preconizado para a sobrevalorização no meio, emergentes de uma necessidade de organização. O entendimento deste para cada indivíduo cria em si uma representação mental relacionada com a realidade que integra, um comportamento que se torna potencial para servir o colectivo.

Parece-nos agora importante relacionar princípio de jogo e intenção. Segundo Jacob & Lafargue (2005), uma intenção é uma representação mental bem especial, já que nos dá uma indicação apenas do que é possível, comprometendo o indivíduo com a acção. Esta probabilidade de acção relaciona de imediato o indivíduo com a equipa e com o meio, significa uma

regularidade, ou uma possibilidade que nos é dada pelo corpo de conhecimentos, confrontando com o conhecimento igualmente potencial do objecto de estudo em causa.

No entanto, a modelação do jogo faz-se confluindo não só um conjunto de princípios, mas também sub-princípios e sub dos sub-princípios dentro desse princípio. Tal se deve a uma constante variação de escala em que observamos o jogo, em que nos vemos no jogo, partindo daí a nossa percepção para a acção; a cada escala de observação, esta relaciona-se com a complexidade total do jogar; para além disso, qualquer sistema vivo se dispõe por níveis de organização (Laborit, 1987), pelo que tanto a equipa colectivamente como o jogador individualmente respeitam esta característica.

A multiplicidade de opções que se colocam aos jogadores determina que seja feita a escolha correcta, actuando da forma igualmente ajustada, sempre de acordo com o projecto colectivo. Esta subordinação, este respeito, faz-se “através de uma distribuição coerente dos comportamentos, de forma a assegurar a coordenação e a cooperação destes, que consubstancia o aumento da rentabilidade e da eficiência da equipa” (Gaiteiro, 2006, p. 96).

Tal consegue-se por uma lógica de progressão dos conteúdos, sendo algo que leva os jogadores a aplicar em jogo de acordo com a situação que se lhes depara. Ao nível do treino, referimo-nos a uma vivenciação hierarquizada dos princípios de jogo, para que estes se manifestem de forma ordenada entre si, coerente com as exigências apresentadas, desenvolvendo e sustentando mutuamente a consolidação de sinergias; tal significa a elevação de “propriedades emergentes”, que são “as propriedades que emergem num certo nível de complexidade, mas não existem em níveis inferiores” (Capra, 1996, p. 40).

Concordando com a perspectiva anterior, Guilherme Oliveira (2006) afirma que os princípios não assumem todos a mesma importância, pelo que se encontram a diferentes níveis, hierarquizando-os, configurando-os de determinada forma. No entanto, se alguns sub-princípios são diferentes, ou mesmo se são mais ou menos salientados, tal disposição resulta num grande princípio diferente, e assim num jogo igualmente diferente. Aquilo que resulta

da relação entre os sub dos sub-princípios, pelo grau de relevância dado a um em detrimento de outro num determinado momento, acaba por significar uma variação de privilégio de aplicação de uma opção em detrimento de outra, o que significa uma configuração diferenciada.

2.1.3.3. Modelo de análise do momento ofensivo no Futebol

Tendo por base os conhecimentos anteriormente descritos sobre a Modelação Sistémica, esta ferramenta torna-se ainda mais valiosa se a nossa intenção for a descrição aprofundada dos processos inerentes a um aspecto particular do jogo de Futebol, já que consegue manter a ligação de uma parte com o todo. Sobre tal, por informação pessoalmente disponibilizada por Garganta (2008)³, o autor afirma que a modelação táctica do Jogo permite a treinadores e investigadores identificar as regularidades e fontes de variação do jogar nos momentos ofensivo e defensivo no jogo.

No entanto, um modelo terá de, acima de tudo, adequar-se ao objecto que vai ser analisado, mantendo os seus atributos essenciais (Garganta, 1997), reduzindo sem empobrecimento (Frade, 2006; Silva, 2008). Aquilo que se deve manter será então a interacção específica entre os seus componentes, sejam as dimensões do jogo, sejam os momentos de jogo, seja também a interactividade entre os companheiros de equipa e os opositores (Garganta, 1997; 2008). Esta interacção, como já vimos, representa uma vinculação probabilística, levando a que o jogo seja visto como criado nas regiões de uma meta-estabilidade (Garganta, 2008), em que uma equipa procura quebrar a estabilidade do adversário, tentando manter a sua intacta.

Sendo as equipas de Futebol consideradas “sistemas hierarquizados, especializados e fortemente dominados pelas competências estratégicas e heurísticas” (Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 43), Gréhaigne (1991, citado por Garganta, 1997) aponta três categorias de problemas relacionados com:

³ Conferência apresentada na Sport Games – Coaching and Performance a 8 de Julho de 2008 na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

espaço e tempo, informação, e organização, sendo esta última igualmente uma das características fundamentais dos sistemas complexos.

A confluência dos diversos níveis de organização permite a identificação de sistemas dentro de sistemas, tornando-se possível discriminar, segundo Gréhaigne (1989, citado por Garganta & Gréhaigne, 1999), em vários sub-sistemas:

- o O macrosistema jogo, identificado a partir do confronto global entre as duas equipas, as zonas de acção e o espectro das equipas;
- o O sub-sistema equipa, que define um código de comunicação comum (Modelo de Jogo) nas acções de confronto e cooperação;
- o O sub-sistema (microsistema) confrontos parciais, revisto na oposição entre uma parte de cada uma das equipas num determinado espaço do terreno de jogo; o microsistema descrito diz respeito ao estatuto posicional dos jogadores (defesa, médio ou atacante), sendo que o conjunto dos jogadores com a mesma designação posicional constitui uma parte significativa da equipa, designada por sector (Castelo, 1996), cuja dinâmica particular dependente da global se designa por organização sectorial (Silva, 2008);
- o Por último, o sub-sistema (infra-estrutura) confrontos elementares, que se confinam às situações de 1 contra 1 que modificam de forma pontual o sistema dos confrontos pontuais.

Assim sendo, a organização da equipa enquanto sistema diz respeito à dinâmica da mesma, como conjunto coerente de comportamentos de jogo. A partir da dinâmica geral, os jogadores dos diversos estatutos posicionais adquirem funções complementares como papel dominante, específicas do seu sector mas sempre com uma imagem universal presente relativamente à globalidade (Garganta & Gréhaigne, 1999). Relativizando aos momentos de jogo, a equipa terá comportamentos Específicos definidos como forma de fazer

com que todos os jogadores se entendam da melhor maneira com o desenrolar da partida.

No entanto, Silva (2008), apoiando-se em Durand, fala-nos de dois lados fundamentais da organização: um lado funcional e outro mais estrutural. O lado funcional refere-se à dita dinâmica de interacção entre os jogadores, enquanto a organização mais estrutural se refere à identificação de um sistema de jogo. Esta refere-se à disposição dos jogadores no terreno de jogo, como forma de aumentar a probabilidade de uma interacção (dinâmica) favorável à dinâmica funcional pretendida através do seu condicionamento, deixando um “desenho” mais visível das ligações entre os jogadores, facilitando o entendimento do jogo por parte destes e dos treinadores (Garganta & Cunha e Silva, 2000; Silva, 2008).

Na sua tese de doutoramento, Garganta (1997) sugere quatro variáveis fundamentais como meio de estudo dos indicadores de performance táctica, designando como macrodimensões: o tempo, o espaço e a tarefa, para além da organização da equipa.

No entanto, procuraremos relativizar todas estas aos jogadores e treinadores e ao entendimento de jogo da equipa, ou seja, referimo-nos ao tempo dos jogadores (os momentos de jogo, no caso a transição ofensiva e a organização ofensiva), o espaço dos jogadores (a zona do terreno, relativizando ao estatuto posicional) e a tarefa (função geral e particular de cada jogador), dentro da dinâmica de jogo da equipa.

Macrodimensão Tempo

O tempo constitui-se como um dos elementos fundamentais na análise do jogo, começando fundamentalmente pelo tempo regulamentar, que é fixo e determinado (Castelo, 1996). No entanto, como já dissemos, o tempo fundamental é aquele que está intrínseco “aos mecanismos” do jogar, principalmente quando são estes aquilo que mais queremos estudar.

A análise da forma de jogar de uma determinada equipa, relativizando ao momento de jogo, permite essencialmente que as características desse jogar

sejam automaticamente relativizadas ao dito tempo intrínseco. Reed & Hughes (2005) defendem tal visão, argumentando precisamente que é mais relevante examinar a fase de jogo do que o instante de ocorrência pelo facto da primeira permitir um aglomerar de informações mais vasto e interligado.

Para além disso, ao contrário do tempo regulamentar que é fixo e determinado à partida, o tempo dos jogadores é variável já que este se prende com a necessidade de pensar o jogo numa relação muito estreita com o espaço disponível para jogar (Garganta, 1997).

No que diz respeito ao ataque, as acções só têm significado marcante no momento em que ocorrem, já que se realizam no contexto específico momentâneo irrepetível; assim, se em certas situações os jogadores precisam de tempo para pensar, procurando requerê-lo, outras há em que terão de aproveitar o pouco tempo que possuem, a fim de concretizar a breve oportunidade criada avaliada pela vantagem que transporta.

Relativizando o tempo do jogo aos momentos de jogo, será mais facilmente entendida a divisão do projecto ofensivo em três etapas, segundo Queiroz (1983a), Castelo (1996) e Ramos (2002):

- o Construção do processo ofensivo: consta da progressão da bola para zonas vitais do terreno a fim de criar situações propiciadoras de finalização, a partir da criação e aproveitamento de desequilíbrios por parte do adversário, podendo recorrer-se a combinações e acções tácticas individuais e colectivas;
- o Criação de situações de finalização: exigem-se acções táctico-técnicas de qualidade a fim de conseguir a ruptura organizacional do adversário, com o propósito de dar condições para o alcance de uma finalização vantajosa;
- o Finalização: a precisão é o aspecto-chave desta acção, que é o culminar de todas as restantes combinações da equipa, pelo que todo o processo de construção deverá realizar-se de acordo com as condições finais pretendidas.

Todos os jogadores participam nas acções da equipa, fazendo-lhes corresponder um significado comum a partir de actuações complementares. Assim, as tarefas de cada jogador e de cada sector terão de ser entendidas ao abrigo do projecto colectivo, das configurações do mesmo dentro dos momentos de jogo.

Assim, para cada forma de jogar está implícita igualmente uma forma diferente de entender a abordagem em cada um dos momentos de jogo, sendo possível relacionar com as restantes macrodimensões de forma moldável e totalmente adaptável a todas as visões.

Macrodimensão Espaço

O espaço reveste-se como outro elemento fundamental no jogo e na análise do mesmo, até porque o maior espaço disponível significa mais tempo para tomar a decisão correcta e executar bem a acção (Garganta, 1997).

Tal como para o tempo, a racionalização do espaço encerra particularidades que se relacionam directamente com o entendimento da forma de jogar dos jogadores e da equipa, no caso partindo dos sectores de jogo.

Assim, apoiamo-nos nas visões de Castelo (1996) e Garganta (1997), que estabelecem uma divisão virtual do terreno em quatro sectores (sector defensivo, sector médio defensivo, sector médio ofensivo e sector ofensivo) e três corredores (corredor lateral direito, corredor central e corredor lateral esquerdo), o que determina a correspondência de doze zonas.

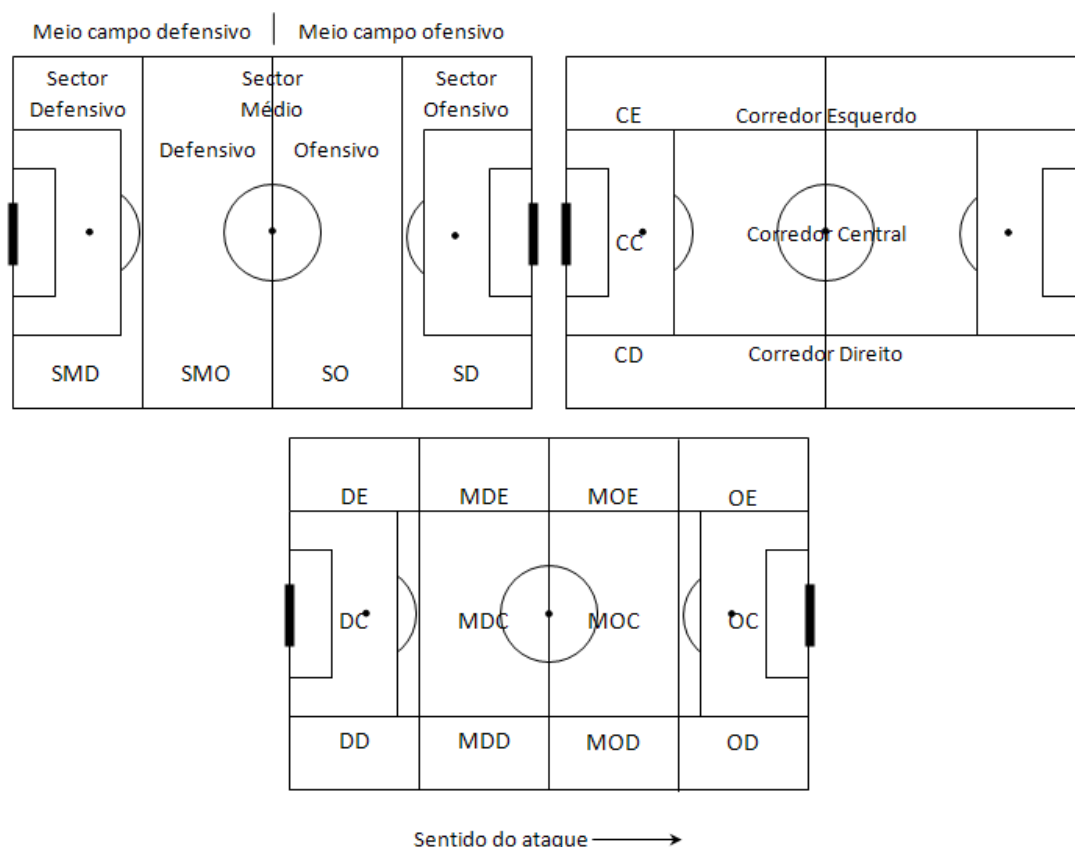


Figura 1 – Campograma do espaço de jogo de Futebol
(Adaptado de Garganta, 1997)

A definição destes espaços parte da regulamentação do terreno de jogo, sendo imutáveis durante a partida.

Contudo, podemos definir outras zonas de terreno úteis para perceber a dinâmica do jogo de Futebol, a fim de integrar a necessidade de entendimento da mobilidade, já que os jogadores ocupam apenas uma parte do terreno de jogo de acordo com a tendência do mesmo.

Assim, primeiramente temos o espaço de jogo efectivo, que, ao contrário do regulamentar, é variável, sendo definido pela união da periferia da totalidade dos jogadores, à excepção do guarda-redes. Depois, os mesmos autores (Gréhaigne, 1992; Castelo, 1996; Garganta, 1997) indicam-nos o espaço de jogo directo, que é constituído pelo terreno delimitado por duas linhas divergentes que vão de cada poste de cada baliza à extremidade da linha de meio-campo; depreende-se assim que este é o espaço preferencialmente

utilizado pela equipa defensora para proteger a sua baliza, pelo que as acções no interior deste espaço valioso, como as acções de ruptura em mobilidade, constituir-se-ão como elementos importantes a fim de atingir as pretensões do ataque.

Sendo assim, cada espaço acaba por ter um valor significativo associado, ou seja, tem de ser assumido algum risco na execução de acções ofensivas perto da baliza do adversário, desaconselhando-se cada vez mais esta atitude à medida que a equipa está próxima da sua baliza, valorizando-se fundamentalmente a segurança das acções de jogo (Castelo, 1996). A presença do adversário, balizando o tempo e o espaço do jogo, inter-relaciona os dois, pelo que, pela menor pressão do opositor em determinadas zonas, estas serão as mais favoráveis para iniciar a configuração do ataque, enquanto a finalização terá sempre de se sujeitar a grande pressão.

Macrodimensão Tarefa

O posicionamento no terreno de jogo, como uma inter-relação dentro da equipa, determina graus de actuação diferenciados, fundamentalmente por se relativizar à proximidade à baliza adversária e à própria baliza, ou seja, existe uma relação muito próximo entre o espaço prevalentemente utilizado e a função que ocupa, às quais se dá um nome de paralelismo evidente (guarda-redes, defesa, médio e avançado) (Castelo, 1996; Garganta & Gréhaigne, 1999).

No entanto, os mesmos autores falam-nos de uma crescente necessidade de “universalidade” dos jogadores, ou seja, as funções que estes desempenham não se poderão cingir ao “seu espaço” no terreno, não será suficiente o seu papel dominante, mas sim deverão funcionar no âmbito da super-estrutura colectiva; pensamos, contudo, que tal deve surgir ao nível da abrangência do entendimento da equipa, que deve ser global, mas cuja organização deverá precisamente prever uma especialização específica numa lógica de níveis integrados e coordenados. A visão da equipa como um todo exige uma participação activa no âmbito global por parte de todos os seus

elementos, a fim de providenciar a dinâmica pretendida com o objectivo de se superiorizar ao adversário.

No que diz respeito a funções ofensivas, tendo o ataque como objectivo a concretização da finalização, mas sendo tal apenas possível se a equipa se superiorizar ao adversário, percebemos que as funções individuais partem da ambição individual para um entendimento dos objectivos colectivos (Castelo, 1996), bem como dos respectivos processos, o que obriga a que, dentro dos mesmos, existam mecanismos de equilíbrio do sistema no balanço entre as pretensões ofensivas e a necessidade de salvaguarda defensiva (Amieiro, 2005), pelo que nos parece que a complementaridade de funções é um elemento fundamental no plano de jogo, numa coerência interna premente entre as diversas funções dos jogadores de uma mesma equipa, entre as funções de um mesmo jogador nos diversos momentos do jogo, e todos estes pontos em consonância com o projecto colectivo de jogo.

Macrosistema Organização da Equipa

Relativamente à organização da equipa, é fundamental dissecar o sistema de jogo em que esta actua, ou seja, a conjugação entre os elementos funcionais e estruturais. Como já dissemos, a opção por determinada disposição da equipa no terreno de jogo condiciona a dinâmica que caracteriza o colectivo; desta forma, o “arranjo” dos jogadores terá de ser imprescindivelmente coerente com a identidade pretendida, pelo que essa colocação deverá potenciar (positivamente) o aparecimento dos princípios que mais caracterizam a forma de jogar da equipa.

Este raciocínio torna-se evidente se pensarmos no âmbito do estudo que estamos a realizar, na medida em que a mobilidade ofensiva específica de cada equipa, encerrando particularidades diferenciadoras, se poderá formar com elementos e configurações distintos de outras equipas e de outros treinadores, pelo que existirão predisposições mais favoráveis ao aparecimento de apoios e espaços essenciais ao surgimento do pretendido.

2.1.3.3. Organização fractal, como representatividade de um padrão

Tendo a coerência interna como elemento impreterível, um sistema caracteriza-se pela união de todas as suas partes, de tal forma que mesmo estas nunca poderão ser entendidas senão integradas no contexto total Específico; por tal, é-nos difícil perceber o verdadeiro valor de um jogador senão em actuação coordenada com os restantes elementos da sua equipa, cuja imagem global se revê verdadeiramente no conceito “equipa”.

Isto mesmo justifica o Modelo de Jogo, que, dentro da sua complexidade, determina os princípios de jogo mais ajustados à realidade em causa, para que a escolha dos elementos para a formação do sistema corresponda às pretensões do mesmo, ou seja, a finalidade terá de emergir como propriedade máxima adequada (coerentemente) ao envolvimento Específico em que se insere (objectivos, história, cultura, filosofia de jogo). Mais uma vez ressalvamos que, sendo um desses elementos diferente de um outro elemento que poderia ocupar o seu lugar na estrutura do sistema, o resultado será diferente, ainda que a configuração organizacional seja a mesma.

Poderemos agora ver estes mesmos conceitos em sentido inverso: não só o sistema é resultado da interacção de todas as suas partes, mas em cada uma das partes existe a imagem global, cada elemento é em si só o plano alargado, pelo que a macro-escala pode ser definida pela micro-escala; “os objectos cuja geometria obedece a este desenho designam-se objectos «fractais»” (Cunha e Silva, 1999, p. 110). Tal é inteiramente suportado por Mandelbrot (1992, citado por Cunha e Silva, 1999, p. 111), quando nos diz que “se um pedaço de fractal for devidamente aumentado para tornar-se do mesmo tamanho que o todo, deveria parecer-se com o todo, ainda que tivesse de sofrer algumas pequenas variações”.

Assim, um fractal é uma regularidade de um sistema complexo (como o é o Modelo de Jogo de uma equipa de Futebol), representando o todo independentemente da escala a que é observado. Guilherme Oliveira (2004, p. 128), apoiando-se em diversos autores (Mandelbrot, 1991; Stacey, 1995;

Cunha e Silva, 1999), vai mais longe ao afirmar que “os seus princípios são, por um lado, identificar a irregularidade de um sistema caótico e, por outro lado, identificar regularidades ou invariâncias nessa irregularidade”, ou seja, a geometria fractal parte de objectos variáveis e caóticos para encontrar as suas constâncias.

Sendo o Futebol um fenómeno construído, o reconhecimento de padrões de identidade ao longo do tempo (relacionados com a sua natureza táctica) definem a indispensável Especificidade do objecto observado; daqui, o padrão fractal respeita a funcionalidade e organização intrínsecas ao objecto, manipulando os seus elementos sem dissecar a sua verdadeira fonte de complexidade: a interacção entre os mesmos, no que se refere à ideia de jogo (Guilherme Oliveira, 2004; Gaiteiro, 2006).

Torna-se assim inequívoco que “a fractalidade é hoje (...) um registo organizador da natureza” (Cunha e Silva, 1999, p. 113), já que descortina as constantes definidoras da identidade de um objecto, pelo estudo das interacções intrínsecas ao mesmo, vendo-as como elementos probabilísticos de relação, o que permite desde logo o aparecimento do inusitado, do imprevisto, do novo e do criativo, como catalisador da beleza e potencialidade do sistema, levando-o para um novo patamar de qualidade. A invariância de escala – propriedade fractal a partir da qual verificamos uma regularidade nas diversas escalas – define a padronização da globalidade do objecto em causa, sendo que a escalas inferiores observamos níveis de organização inferiores (organização sistémica), verificando os detalhes mais profundos de um objecto (Cunha e Silva, 1999; Guilherme Oliveira, 2004; Gaiteiro, 2006).

No entanto, este padrão terá diferentes valores de configuração de acordo com a interacção entre os níveis de organização e todos os elementos do sistema. Torna-se importante assim o conceito de “atractor estranho”, que se define como “uma figura que representa o comportamento de um sistema caótico”, dando a possibilidade a este de “se equilibrar, ou seja, a possibilidade deste evoluir no tempo manifestando a sua preferência” (Cunha e Silva, 1999, p. 107), quer ao nível de trajectórias ou confluências de informação, quer ao nível de espaços. Ainda que variável pela necessidade de adaptação e

equilíbrio, o sistema caótico “começa a exhibir um comportamento com alguma periodicidade dentro de um território que se designa por «bacia de atracção»” (Cunha e Silva, 1999, p 107).

Sendo a Especificidade do sistema “equipa” revista nos seus princípios, nos sub-princípios e cada vez mais à escala infinitamente menor, a organização destas ligações deverá estabelecer assim um padrão representativo do todo, ou seja, o direccionamento do “desenho” das conexões deverá ser o de uma e uma só realidade. Para que tal aconteça, a construção da realidade dentro de uma realidade por si só já construída, como o é o Futebol, determina tendências que se passam a enunciar como definições, como sejam pontos de apoio dos princípios do jogo da equipa.

O padrão, a coerência, o fio conector, que amplificados resultam no objecto global pretendido, são essenciais à absorção pelos jogadores a fim de criar as ditas imagens mentais que, na sua essência funcional original, são uma parte globalizante representativa da confluência do todo, significando que o que é do jogador e o que é da equipa se confundem. A inter-relação entre os diferentes níveis de organização determina um tipo de jogo específico, o que consequentemente leva a determinadas imagens mentais ou padrões neurais, como representação intrínseca simplificada da realidade complexa.

Pretendemos, contudo, que o apoio sobre a geometria fractal seja livre de compromissos, nunca determinante do nosso estudo mas como uma ferramenta de abertura da amplitude do espectro de observação e de percepção do objecto.

Abordaremos precisamente uma escala do Futebol – a mobilidade – que tem certamente implicações muito particulares na globalidade do projecto, num englobar e perceber determinado dos princípios da equipa, do jogo, na gestão das diversas variâncias intrínsecas e extrínsecas, como sejam provenientes da oposição, das tarefas, dos espaços e momentos de jogo, ou melhor, do Modelo de Jogo e organização Específica do colectivo.

2.2. Mobilidade Ofensiva

“Não existe dentro do campo de jogo maior força que a da inteligência.”

Menotti, ex-treinador da Seleção Argentina

Contrariando a espectacularidade e popularidade do Futebol, temos assistido a uma crescente tendência para o privilégio de uma atitude defensiva, em que as equipas pretendem, acima de tudo, não perder, não arriscando nada em busca de um resultado positivo, preferindo não ter um resultado negativo. As “amarras” a que os jogadores estão sujeitos pelas exigências competitivas e financeiras determinam que o ataque seja, cada vez mais, descriminado em relação à atitude defensiva, diminuindo a sua importância na organização da equipa.

Sendo o Futebol feito de ataque, já que este só existirá se a atitude ofensiva existir, é impreterível que as equipas sistematizem estratégias ainda mais elaboradas na procura da concretização dos seus golos. Para tal, a sua forma de jogar terá de ter em conta algumas características da equipa sobre as quais o ataque se poderá basear: a criatividade, a espontaneidade e a procura da beleza do Jogo, tudo isto imbuído no equilíbrio e nas pretensões do colectivo.

A reflexão sobre o ataque é de extrema importância para o futuro e evolução da modalidade, já que muitos dos esforços da equipa terão de ir no sentido da superiorização activa sobre o adversário, em conjunto com os meios de iniciativa e domínio do próprio jogo, como forma de aumentar a variabilidade e incerteza ao adversário através de novas formas e disposições, muitas vezes inesperadas e irrepetíveis.

A mobilidade ofensiva poderá ser uma destas estratégias que compõem os comportamentos de amplitude criativa colectiva, sendo assim parte integrante do projecto de equipa, ou seja, surgirá a partir de um enquadramento coordenado e Específico. Para tal, terá igualmente de ter em conta o equilíbrio e estabilidade do próprio sistema de grupo, a fim de nunca comprometer as acções como um todo, revistas na reversibilidade defesa-ataque.

Assim sendo, primeiramente iremos abordar os princípios ofensivos do jogo de Futebol, dentro dos quais a mobilidade se integra.

2.2.1. Princípios ofensivos do jogo de Futebol

Como já vimos, a inter-relação entre os jogadores de uma mesma equipa, integrando igualmente a irredutível oposição na competição, determina o estabelecimento de princípios de jogo, que Teodorescu (1984, p. 40) definiu como “as regras gerais, de base, em virtude das quais os jogadores dirigem e coordenam a sua actividade – individual e colectiva – ao longo de uma fase de ataque ou de defesa”. Os princípios enunciados por este autor referem-se a indicadores acompanhados pela generalidade das modalidades desportivas, leque ao qual o Futebol pertence, mas torna-se fundamental perceber que não se tratam de princípios Específicos tal como Guilherme Oliveira (2006) os define, já que não têm em conta a cultura e o contexto envolvidos, mas apenas a lógica intrínseca e isolada da modalidade a que nos referimos.

Vista a complexidade do Jogo ter obrigatoriamente de integrar a totalidade dos elementos que se lhes influenciam, a Especificidade sobre a qual nos referimos no presente documento vai muito mais além do que a definição da modalidade enquanto elemento diferenciador dentro do quadro dos jogos desportivos colectivos, pelo que os princípios específicos que de seguida iremos enunciar se tratam de elementos assim gerais relativamente ao entendimento sistémico do Jogo, existindo independentemente da Especificidade da forma de jogar, mas importantes e fundamentais pela nomenclatura utilizada.

Começaremos por abordar os princípios fundamentais e gerais, passando depois para os princípios específicos do ataque.

2.2.1.1. Princípios fundamentais e gerais

Os princípios fundamentais do jogo de Futebol indicam comportamentos a ser aplicados tanto em momento ofensivo como defensivo, pelo que se espera que as dinâmicas de estabilização se fundamentem nestas regras básicas.

Assim, Queiroz (1983a, p. 17), bem como Ramos (2002), fala-nos de três princípios fundamentais: “criar superioridade numérica”, “evitar igualdade numérica” e “recusar a inferioridade numérica”, o que determina um aproveitamento imediato das situações favoráveis (de superioridade) e uma eventual reconstrução do ataque em momentos opostos. Da mesma forma, o ataque deve procurar situações de superioridade numérica, pelo menos relativa, de forma a criar pequenas situações de vantagem sobre o adversário a fim de tornar o seu ataque mais perigoso; acreditamos que a mobilidade dos jogadores da equipa seja uma estratégia viável para tal.

Castelo (1996) enuncia igualmente três princípios gerais, no caso mais objectivos intencionais do plano geral, sendo estes:

- o Rotura da organização da equipa adversária: procurar desequilibrar ou manter o desequilíbrio do adversário, através da variabilidade do jogo, “arrastamento” de jogadores de zonas fulcrais do terreno de jogo para o sucesso da finalização, mantendo a posse da bola;
- o Estabilidade da organização da própria equipa: ocupação racional e equilibrada do terreno de jogo a fim de permitir a manutenção de referências para a continuidade do momento ofensivo, deixando a equipa em condições para que uma eventual perda de bola seja recuperada o mais rapidamente possível;
- o Intervenção no centro do jogo: é fundamental que todos os jogadores estejam preparados para actuar e decidir, muitas vezes em situações pouco previsíveis para a sua função de actuação, mas sempre actuando em conformidade no equilíbrio entre as definições do momento e os objectivos tácticos da equipa.

O entendimento dos princípios fundamentais traz para o jogo a noção de relação óptima entre o número de jogadores da própria equipa para defrontar, em determinada situação pontual do jogo, um conjunto de jogadores adversários. Assim sendo, estes princípios falam-nos da gestão numérica ideal dos elementos a fim de se conseguir atingir os objectivos (parciais e finais) do jogo, no caso revistos nos princípios gerais com o horizonte máximo no golo.

2.2.1.2. Princípios específicos

Quando uma equipa se encontra em momento ofensivo, deverá evidenciar, em toda a sua plenitude, comportamentos coordenadamente complementares a fim de atingir os objectivos do colectivo. Para tal, estão definidos princípios mais particulares e especificadores da acção ofensiva, como um padrão de inter-relação mais contundente entre os elementos de uma mesma equipa na gestão das adversidades do jogo.

Penetração

O princípio da penetração ou progressão diz respeito à atitude básica ofensiva, reportando-se ao ataque à baliza ou adversário directo, bem como à criação de vantagem numérica ou espacial (Queiroz, 1983a; Garganta & Pinto, 1998; Ramos, 2002), na busca de soluções e condições para a progressão da equipa através da aferição das possibilidades de finalizar (golo como objectivo principal), procurando outras soluções de finalização e de construção, de acordo com as possibilidades de o conseguir no momento. Como atitude táctica fundamental, encontra-se presente em todas as situações de jogo para todos os jogadores em simultâneo, como um despoletador de actuação segundo os princípios do jogo no sentido de orientar os comportamentos em direcção à baliza adversária, ainda que num equilíbrio entre as possibilidades e os objectivos finais e momentâneos (Castelo, 1996).

Cobertura

Quando o jogador com bola encontra uma situação desfavorável à sua progressão, a cobertura define o apoio directo mais marcante ao portador com bola, podendo redundantemente ser conhecida por linha de passe. É essencial à progressão da equipa no terreno de jogo, dando a opção por um passe de dificuldade reduzida, para a eventualidade de o necessitar, bem como possibilita manter a posse de bola em poder da equipa; este apoio ofensivo serve igualmente como primeira linha de defesa no caso de uma perda da posse da bola (Queiroz, 1983a; Ramos, 2002).

Castelo (1996) diferencia acção de cobertura de acção de apoio, conferindo um significado de maior progressão ofensiva ao segundo, ou seja, poderemos até verificar uma correspondência à penetração para a baliza, ainda que sem a bola.

Trata-se de um elemento de disponibilidade para a bola, cuja interacção dependerá do portador da bola e do jogador em apoio, pelo que a relação existirá se houver a percepção coordenada entre os dois jogadores. Pensamos que, mesmo que um jogador sem bola dê apoio ao portador da bola, mas se não houver uma relação prática entre os dois por constrangimentos do jogo, esta será a condição necessária para a transformação da acção de cobertura numa possibilidade de mobilidade.

Mobilidade

Uma vez o jogador com bola tenha apoio para a procura de soluções para o jogo da equipa, os jogadores não directamente implicados nessa acção poderão assumir comportamentos de mobilidade a fim de criar condições para a obtenção dos objectivos momentâneos com vista aos objectivos colectivos (Queiroz, 1983a; Garganta & Pinto, 1998; Castelo, 1996), podendo significar novas linhas de passe e/ou criação de novos espaços. Assim, falamos de uma grande variabilidade de comportamentos com objectivos parciais variados, como seja o “arrastamento” de defensores adversários ou a criação de novas linhas de passe de acordo com as pretensões colectivas, ou seja, apoiando o colega com bola na configuração mais favorável para o jogo da equipa

(Castelo, 1996; Ramos, 2002). Assim, a mobilidade deverá estar relativizada às pretensões da equipa para o momento, coordenando-se com a configuração colectiva e as suas pretensões. Este comportamento terá repercussões tanto em largura como em profundidade, a fim de criar apoios e espaços para a progressão da bola, pelo que falamos em mobilidade convergente (em direcção à baliza) e divergente.

Espaço

O espaço é uma essencialidade de jogo no processo ofensivo, pela necessidade de mais tempo para pensar, criar e aprimorar as acções de jogo, definindo a disposição (dinâmica do sistema de jogo) e comportamentos em largura e profundidade (Queiroz, 1983a; Garganta & Pinto, 1998; Ramos, 2002), tal como a própria mobilidade já fazia antever, por um lado, e dos quais a necessita, por outro. Assim, a criação de relações faz-se com tanto mais clareza, intencionalidade e direcionalidade, quanto mais estas forem relevantes para o momento imediato da acção colectiva, na perspectiva de um futuro correspondente.

Os princípios apresentados reportam-se, assim, a comportamentos assumidos pelas equipas de Futebol, como um ponto de partida para a sistematização de uma linguagem comum, um código de entendimento que permita o alcançar dos objectivos a que a equipa se propõe. Por exemplo, sendo a penetração ou progressão o elemento mais básico da atitude ofensiva, tendo este um entendimento Específico para uma equipa, a inter-relação de princípios resultará num jogar Específico e diferenciado de um outro que não assuma a mesma opção inicial.

Assim, a dinâmica criada no colectivo acaba sempre por se revestir em aspectos particulares, Específicos, resultando, em última análise, numa configuração funcional espacial correspondente às pretensões dinâmicas da equipa.

Acerca deste aspecto, Garganta & Gréhaigne (1999) identificaram um padrão de disposição espacial interessante, classificando sobre três formas:

- o Ataque como elemento dominante: disposição em triângulo com o cume orientado para a retaguarda do espaço de jogo;
- o Defesa como elemento dominante: disposição em triângulo com o cume orientado para a frente do espaço de jogo;
- o Reforço do meio-campo como elemento dominante: disposição caracterizada por um losango.

Assim se verifica o quanto a disposição espacial dos jogadores é determinada pela tendência da forma de jogar, a fim de criar condições para que a dualidade defesa-ataque esteja de acordo com as possibilidades do colectivo. Esta configuração de ocupação do espaço relaciona-se com a dinâmica do colectivo, ou seja, as relações dentro da equipa determinam tal, e nunca poderemos reduzir à estrutura da mesma.

No que diz respeito ao nosso tema de estudo, podemos ir mais além no nosso raciocínio: em momento ofensivo, tendo o espaço como elemento fundamental positivamente relacionado com o sucesso do ataque, este terá de ser gerido de forma muito meticulosa e coerente, de tal forma que nos fazemos perguntas como:

- o Que comportamentos de mobilidade?
- o Que jogadores mais móveis?
- o Que equilíbrios realizar?
- o Que dinâmica para iludir o adversário?
- o Que comportamentos em cada um dos momentos ofensivos?

2.2.2. Objectivos da mobilidade ofensiva

A complexidade de uma atitude móvel dinâmica dos jogadores dentro de uma equipa exige precisamente uma relação forte e conseguida entre os seus elementos, já que apenas um entendimento comum dos objectivos do colectivo no momento servirá para o funcionamento do conjunto.

A mobilidade consubstancia um conjunto de comportamentos individuais e colectivos que visam a superiorização sobre o adversário, procurando tirar partido disso para concretizar em golos a instabilidade do rival, muitas vezes momentânea (Castelo, 1994).

Assim, podemos dizer mais particularmente que a mobilidade ofensiva possui os seguintes objectivos (Castelo, 1994):

- o Criação de espaços livres: a disponibilização de linhas de passe em zonas mais vantajosas do terreno, seja por “arrastamento” da marcação, seja para “arrastar” a marcação, ou mesmo para tirar partido de algum espaço mais proveitoso, são marcas do pensamento criativo e da maturidade táctica; a forma como se realiza depende essencialmente de quem se desmarca e de quem possui a bola, relativizando à ideia de jogo da equipa;
- o Desequilibrar o centro do jogo defensivo: tendo a defesa igualmente como referência a bola, bem como o fecho de caminhos importantes para o adversário, é necessário insistir em entradas a fim de quebrar as ligações do adversário, apostando na variabilidade dinâmica e posicional dos jogadores;
- o Tornar o jogo ofensivo imprevisível do ponto de vista defensivo: a surpresa e criatividade são indicadas como elementos essenciais ao sucesso ofensivo da equipa, mas desde que daí surja um entendimento que torne capaz o aproveitamento de espaços que surgem no momento ou aparecimento de elementos em zonas fora do centro de percepção do adversário;
- o Assumir outras funções no centro do jogo ofensivo: se com cada posição relacionarmos uma função, sabemos que a troca posicional determina igualmente a consciencialização de uma nova função (“mentalidade de zona”), o que permite surpreender o adversário confundindo as suas marcações, bem como a entrada de um jogador novo para novas funções poderá trazer uma dinâmica diferenciada para a equipa em momento ofensivo;

- o Deslocar-se para fora do centro do jogo ofensivo: tal permitirá atrair o adversário para a criação de espaços intra-equipa defensora, ou a dinâmica da própria equipa determina uma tendência que permite a disponibilização de espaços onde entram jogadores para a criação de situações de perigo.

A mobilidade baseia-se na necessidade de criar situações de superioridade sobre o adversário, revendo-se tal nestes objectivos; desta forma, a dinâmica particular de cada equipa leva a que haja um entendimento diferenciado da importância deste princípio de jogo, de acordo com a configuração Específica de cada colectivo.

No entanto, a mobilidade surge precisamente pela presença de oposição do adversário, exigindo-se a compreensão básica das referências sobre as quais poderá assentar a forma de defender da equipa contrária.

2.2.3. Um entendimento de oposição

Claramente, o maior constrangimento do ataque trata-se da organização defensiva adversária, já que é esta que restringe o tempo, o espaço e, conseqüentemente, as ligações e tomadas de decisão dos jogadores.

Para que seja possível entender o ataque e as suas múltiplas formas, é fundamental que se faça assentar numa capacidade de suplantar as dificuldades causadas pelo opositor, a fim de lhe criar igualmente restrições para procurar os próprios objectivos da equipa. O conhecimento do adversário faz-se pelas suas componentes mais gerais, como sejam os princípios da modalidade e os processos defensivos, partindo depois para a configuração mais Específica de cada equipa.

Começaremos assim por dissecar os princípios da organização defensiva, que se classificam basicamente no contraponto com os princípios ofensivos (Queiroz, 1983a; Castelo, 1996; Garganta & Pinto, 1998; Ramos, 2002): contenção, cobertura defensiva, equilíbrio e concentração.

Baseando-nos nos autores anteriores, percebemos que a contenção é a acção de impedir o atacante com bola de finalizar e de progredir, limitando a sua capacidade de decisão pela diminuição do tempo e do espaço, dando tempo para a organização defensiva e para a recuperação de bola em condições mais favoráveis. Como a pretensão do ataque é a finalização eficaz, a intensidade desta deverá ser maior de acordo com a proximidade à baliza de quem defende, em equilíbrio com as possibilidades de recuperação (existência ou não de coberturas defensivas e ofensivas, qualidade técnica dos intervenientes) (Castelo, 1994).

A cobertura defensiva caracteriza-se pelo apoio ao jogador que pressiona o elemento com bola, a fim de limitar o espaço nas costas e circundante, apoiando-o na sua tarefa de roubar a posse de bola ou de o ajudar caso este seja ultrapassado. Como vimos antes, a função de cobertura defensiva tem um papel fundamental na agressividade da defesa, pelo que a disposição da equipa em coberturas no momento afigura-se como impreterível.

O equilíbrio é claramente o contra-ponto à mobilidade ofensiva do adversário, no sentido de procurar manter a estabilidade defensiva da equipa. Desta forma, este princípio procura esclarecer que o meio fundamental para tal passa pelo fecho dos espaços e de jogadores livres e a cobertura de eventuais linhas de passe no centro do jogo, através da coordenação das acções defensivas com fim ao reajustamento das movimentações móveis dos adversários, constringendo assim as acções ofensivas, direccionando-as para o local desejado e da forma desejada.

Por último, o princípio da concentração determina que os jogadores, em momento defensivo, devem posicionar-se no terreno de forma a retirar aquilo que mais o ataque necessita: espaço às acções ofensivas no caminho para a baliza, isto é, profundidade e largura ao jogo.

Os princípios que dissecamos anteriormente são abrangidos pelas equipas na sua globalidade, ainda que cada colectivo possua a sua configuração particular, uma organização Específica; em momento defensivo, tal resulta em diferentes processos de defesa.

No entanto, a defesa, enquanto conjunto, coordena a sua acção de acordo com uma definição: o conceito de marcação. Queiroz (1983, p.25) define marcação como o “conjunto de acções individuais de natureza defensiva, desenvolvidas no absoluto respeito pelos princípios da defesa e que visam a anulação e cobertura dos adversários e espaços livres”. Amieiro (2005, p. 23), por seu turno, aborda o valor da marcação como sendo Específica, reportando que “a importância dada às possíveis «referências-alvo» de marcação e a ênfase que se coloca em cada uma das «referências de posicionamento» resultam em diferentes concepções para a organização defensiva”.

Assim, teremos diferentes formas de interpretar o tipo de defesa de cada equipa. Não sendo fundamental aprofundar o tema, apenas será procurado que se percebam as diferentes referências que as organizações possuem. Para tal, basear-nos-emos em Castelo (1996) e Amieiro (2005).

- o Defesa individual: independentemente dos jogadores marcarem sempre o mesmo adversário ou diferentes opositores que caíam na sua zona, o fundamental é que a percepção está direccionada para o jogador adversário como verdadeiro valor e referencial a assinalar;
- o Defesa à zona: possui “os espaços como grande «referência-alvo» de «marcação», a posição da bola e, em função desta, a posição dos companheiros” (Amieiro, 2005, p. 100); igualmente os adversários deverão ser tidos em conta, já que trazem maior valor potencial aos espaços, sendo estes entendidos assim de acordo com a sua potencialidade para o aproveitamento do jogo adversário;
- o Defesa mista: neste método, o jogador com bola é pressionado pelo defensor da zona onde a captou, sendo que o jogador em funções defensivas só deixa eventualmente de perseguir o portador da bola quando este a solta ou outro companheiro assume as suas funções.

Pelos métodos defensivos aqui apresentados, parece-nos que as referências mais utilizadas pelos defensores na marcação são os espaços (e a bola) e/ou os adversários. A racionalização das acções defensivas, mas fundamentalmente a lógica com que se processam, são constantes do

processo defensivo, algo que sendo do conhecimento por parte da equipa que se encontra a atacar, poderá tornar-se um trunfo com vista a atingir os objectivos pontuais rumo aos objectivos finais.

2.2.4. Comportamentos de mobilidade ofensiva

Partindo daquilo que é mais importante para o ataque, como seja o espaço, fundamentalmente aquele que se encontra mais perto da baliza adversária, o processo ofensivo acabará por ter como objectivo a criação de espaços em zonas favoráveis para a finalização, ou antes para a criação dessas mesmas situações (Castelo, 1996; Ramos, 2002).

No entanto, pela dificuldade que o ataque encerra perante uma maior simplicidade das tarefas defensivas, fundamentalmente a nível técnico, exige-se coordenação e velocidade às suas acções, principalmente a fim de aproveitar as configurações favoráveis, que genericamente são momentâneas (Castelo, 1996). Este autor cita Mahlo, que já em 1966 referia cinco características fundamentais a reter das acções ofensivas: fluidez da acção, variabilidade, antecipação, precisão e autonomia.

Sabemos, no entanto, que a velocidade de decisão e execução será tanto maior quanto menor o número de jogadores e mais o espaço disponível, no que diz respeito ao ataque (Ramos, 2002; Silva, 2008), pelo que precisamente o número de elementos a intervir e a zona do terreno em que a acção se realiza terá de ser tido em conta. Por isso, Castelo (1996) fala-nos de coerência e equilíbrio nas acções táctico-técnicas individuais e colectivas, na relação com o sistema de jogo e tarefas tácticas, a ocupação racional do espaço de jogo, a resolução de situações momentâneas do jogo e certas soluções estereotipadas de partes do jogo.

Assim, procuraremos identificar alguns movimentos de mobilidade a nível grupal, a acção de mobilidade no projecto colectivo, bem como dissecar na relação com a zona do terreno, o momento de jogo (transição ofensiva e organização ofensiva) e a posição específica de cada jogador.

2.2.4.1. Intervenção grupal

As combinações táticas ou grupais visam a criação de condições favoráveis momentaneamente, em termos numéricos, espaciais e temporais, a fim de perseguir os objectivos de progressão e/ou finalização (Castelo, 1996).

Hughes (1994) e Castelo (1996) definem algumas categorias e elementos de combinação:

Combinações simples

São situações que reportam combinações a 2, ou passa-e-sai, que se baseiam na fixação do adversário; para tal, temos as seguintes referências:

- o Jogador com bola conduz esta sobre adversário directo, no sentido de um companheiro o cruzar para se libertar, dificultando as acções de dobra e cobertura defensivas (*cross-over*);
- o Um jogador com bola fixa o defensor, sendo que um jogador mais recuado da própria equipa o cruza pelas costas, beneficiando da atracção ao portador da bola (*overlap*);
- o Dentro destas acções, o passe pode ou não ser realizado, dependendo da atenção ser fixada sobre a bola ou o jogador em desmarcação, ou seja, do local de disponibilidade do espaço;

Combinações directas

São combinações do tipo um-dois ou passa-e-sai, no aproveitamento rápido do espaço nas costas do defensor em contenção, que se baseiam no passe e devolução rápidas.

Combinações indirectas

Combinações de três jogadores, onde o jogador que realizou o primeiro passe não conseguiu libertar-se da pressão defensiva, deixando que o espaço em torno desse adversário directo seja aproveitado por um terceiro jogador.

Podemos incluir nesta categoria penetrações sem bola com deslocamentos interiores ou exteriores, atraindo o adversário directo, dando espaço para um colega penetrar num espaço sem oposição.

Assim, todas estas combinações, por uma maior simplicidade e coordenação de um pequeno grupo de jogadores, poderão significar um

acrescento de qualidade ao desempenho da equipa que, em determinado momento e determinado espaço do terreno, relativizando-se à sua configuração, poderá assumir comportamentos de maior incidência e progressão ofensivas.

2.2.4.2. Acção no projecto colectivo

Como vimos, as combinações e disposições visam a criação e aproveitamento de espaços, sempre no sentido de ter mais condições de criar o ataque. Podemos perceber que estas poderão ocorrer em muitas situações e locais do terreno, mas apenas em alguns destes momentos se verificam pelas condições necessárias ao seu surgimento.

No plano geral da equipa, como já verificámos, é essencial a manutenção do equilíbrio da equipa, mas a iniciativa de ataque é uma ordem premente, pelo que as estratégias de mobilidade terão de ocorrer não só para que surjam situações de ruptura imediatas, mas também para que se mantenham a condições de ataque, como sejam os deslocamentos ofensivos em largura e profundidade (Castelo, 1996). Igualmente, a circulação táctica, que se observa fundamentalmente na fase de construção, mas que aparece em qualquer método de jogo ofensivo, expressa o princípio de circulação móvel dos jogadores, com e sem bola, determinado pelas sucessivas e simultâneas desmarcações, no aproveitamento das referências específicas à superação do adversário, para colocar jogadores em situação de finalização (Teodorescu, 1984; Castelo, 1996).

O Modelo de Jogo deverá contemplar os equilíbrios a manter para o surgimento da mobilidade da equipa, mas também as desmarcações e apoios ao aproveitamento desta capacidade colectiva. Cada equipa e cada treinador possuem as suas configurações, pelo que de seguida veremos alguns conceitos importantes.

2.2.4.3. Relação com o espaço, momento de jogo e tarefa Específica

Espaço

As opções de ruptura da organização adversária, como desmarcações em direcção à baliza adversária, são cada vez em maior frequência à medida que consideramos a aproximação à mesma, diminuindo em contra-ponto as acções de apoio e progressão (Castelo, 1994), significando que a mobilidade em espaços mais adiantados é de maior risco e procura do golo em vez de ser em segurança para apoio. A acção de apoio é o elemento mais marcante antes de o jogador ter o controlo da bola, pelo que percebemos que um aspecto importante a ter em conta para a mobilidade é a percepção do controlo da bola pelos companheiros, que sendo maior permite a procura de espaços mais vantajosos.

Igualmente à medida que o centro do jogo se aproxima da baliza adversária, mais jogadores de diferentes sectores trocam de posição entre si, demonstrativo da necessidade variabilidade posicional perante a marcação e pressão do adversário. Grande parte das acções de ruptura faz-se em profundidade, procurando espaços favoráveis à finalização em melhores condições, sendo que as acções recuadas relativamente a estas são fundamentalmente de apoio em cobertura, visando a ajuda e protecção às acções de risco que se realizam cada vez mais perto da baliza (Castelo, 1994).

Assim, parece que a mobilidade ocorre numa relação próxima com a necessidade de equilíbrio da equipa, num balanço entre risco e segurança; ou seja, onde se pede maior segurança, esta não ocorre tanto, mas à medida que se aceitam comportamentos de maior risco, assistimos a um privilégio desta acção.

Momento de jogo

Como sabemos desde início, a transição ofensiva é o momento privilegiado para aproveitar a eventual desorganização do adversário, pelo que se espera

que a variabilidade posicional pelos sucessivos desdobramentos em mobilidade surja muito nestas situações.

Segundo Castelo (1996), as acções após a recuperação da posse de bola (transição ofensiva) caracterizam-se por uma elevada cadência na circulação da bola e dos jogadores, executando comportamentos essencialmente pelo lado do risco, ou seja, realizam-se fundamentalmente desmarcações para progressão e poucas acções de apoio.

No que diz respeito ao momento da organização ofensiva, a etapa de construção do jogo “consta de circulações, combinações e acções tácticas individuais e colectivas visando a progressão da bola para as zonas propícias à finalização” (Castelo, 1996, p. 131). Desta etapa do ataque, é característica fundamental a circulação táctica, que pela sua fluidez e carácter contínuo no sentido de criar erros na defensiva adversária, a circulação de jogadores em constantes desmarcações sucessivas de acordo com a circulação da bola torna-se imprescindível, sendo a mobilidade um princípio fundamental à concretização dos seus objectivos.

No momento de criar situações de finalização, as combinações tácticas poderão contribuir com maior velocidade e precisão na acção, dando possibilidade à criação efectiva de uma vantagem num local realmente precioso para a disposição das condições de finalização. Desta forma, as combinações envolvem directamente um baixo número de jogadores, rentabilizando de forma positiva o binómio espaço-tempo.

Por último, no momento de finalizar, surgem os jogadores que cuja contribuição possibilitou o surgimento para a concretização final, pelo que depende da forma de jogar da equipa mas igualmente pelo constrangimento da jogada. A percepção dos equilíbrios determina a opção de aparecer para dar linha de passe à última assistência.

Tentaremos, agora, perceber relativizando ao estatuto posicional.

Tarefa específica

Pelos dados fornecidos por Castelo (1994), percebemos um paralelismo com os pontos anteriormente abordados: os defesas são os jogadores que possuem e dão mais apoio entre si, pelo que aparecem como jogadores essencialmente de apoio no que diz respeito à participação no jogo ofensivo.

À medida que se avança no terreno, os apoios começam a diminuir, porque a necessidade de correr mais riscos será superior, pela maior intensidade da adversidade e pela maior proximidade do objectivo de jogo. Assim, a função de cobertura ofensiva pelos jogadores da retaguarda faz-se não só na consciência de apoio ao portador da bola, mas também de protecção no caso de perda da posse da bola.

Quando falamos dos médios, é clara a tendência diferencial entre o meio-campo defensivo e o meio-campo ofensivo, com os apoios a diminuírem preferencialmente de dois para um no direccionamento para a baliza; encontramos, desta forma, uma relação com a circulação táctica, tendo a zona do meio-campo como zona privilegiada de construção das acções de ataque, por estar próximo deste mas com menor pressão, em que existem jogadores com diferentes funções: uns de apoio e protecção (médio defensivo, correspondendo ao meio-campo defensivo), e um assumir de maiores funções de risco e criatividade (meio-campo ofensivo).

O último sector, na maior parte das oportunidades, caracteriza-se por a zona do terreno de jogo com menor número de apoios, caminhando tendencialmente para a ausência destes, significando que os companheiros deverão incidir fundamentalmente na procura de espaços para receber a bola em situações mais favoráveis de finalização, quer para que sejam mais próximos da baliza, quer para que a jogada se desenrole de forma mais rápida.

Assim, podemos concluir que, à medida que nos aproximamos da baliza do adversário, os jogadores executam preferencialmente tarefas de procura de situações que surpreendam o adversário, levando a riscos de perda de posse de bola pelos menores apoios, sendo que as acções de cobertura e segurança são executadas pelos jogadores da retaguarda, cujo risco compensa menos pela distância à baliza do opositor.

2.2.4.4. Particularidade das bolas paradas ofensivas

A importância dos lances de bola parada no Futebol é inegável, fundamentalmente pelos dados de que dispomos, por dois aspectos fundamentais: primeiramente, regista-se entre quarenta a cinquenta por cento dos golos a partir destes lances, o que os torna bastante significativos (Santos (2004) apurou que, no Campeonato da Europa de Selecções Nacionais de 2004, 37,7 % dos golos surgiram de lances de bola parada); por outro lado, relacionando com as características de variabilidade e certa imprevisibilidade do Jogo, é nestas situações particulares que existe um maior controlo e previsibilidade, já que mais coordenadamente se pode prever e coordenar eficazmente as acções para o fim pretendido (Hughes, 1994; Castelo, 1996).

Desta forma, Teodorescu (1984, p. 33-34) define esquema táctico como “uma forma de combinação táctica mais evoluída, aplicada preponderantemente no ataque”, sendo “mais complexa, mas ao mesmo tempo mais rígida e estereotipada”, no que diz respeito à circulação de jogadores e da bola, onde geralmente participa um maior número de jogadores, comparativamente à combinação táctica.

Concordando com Teodorescu, Hughes (1994) e Castelo (1996) chamam à atenção para um ponto: é neste tipo de lances que se deve tirar maior partido das características individuais dos jogadores, especializando elementos para a execução da falta (livre directo ou indirecto, pontapé-de-canto, lançamento de linha lateral ou grande penalidade), bem como para o subsequente lance e para a marcação do golo; para tal, o efeito surpresa é um elemento fundamental, pelo que a equipa atacante deverá ter uma ou duas variantes do mesmo lance a fim de não permitir ao adversário prever com exactidão a jogada (Teodorescu, 1984). Assim, discutiremos na presente dissertação sobre os livres indirectos e pontapés-de-canto, ambos com procura de finalização rápida com a colocação específica de jogadores em posição favorável para tal.

A opção da organização defensiva contrária, tendo como objectivo primário evitar o golo directamente da jogada, perante uma situação que exige enorme

precisão, incide maioritariamente sobre a marcação baseada na defesa individual. Tal se deve à coordenação fina imprescindível na criação de finalização, bem como ao facto do ataque se adaptar com elementos característicos pelo seu maior poderio na concretização do mesmo, o que leva mesmo a que os defensores se sintam obrigados a adaptar-se a essas mesmas características, reajustando funções até independentemente das suas tarefas de jogo (Castelo, 1996).

Para tirar máximo partido destas situações particulares de jogo, Hughes (1994) chama à atenção para o carácter fundamental da velocidade de deslocamento dos jogadores em espaço e tempo curtos, a fim de surpreender os opositores. Castelo (1996) integra mesmo os elementos de mobilidade que já abordámos, salientando os cruzamentos a fim de confundir as marcações defensivas na execução do esquema táctico, fundamentalmente com desmarcações para as costas dos defesas em zona mais privilegiada.

Assim sendo, a complexidade destas situações será enorme, na medida em que as diferentes características de jogadores e perfil de treinador determinam configurações muito Específicas e particulares. No entanto, nunca se deve deixar de ter em conta a integração com uma eventual perda de bola, ou seja, fundamentalmente a transição defensiva, representativa da imprescindibilidade de um equilíbrio em todas as situações e momentos de jogo.

2.2.5. Referências na organização da equipa

O culminar da reflexão sobre um conjunto de temas confluentes para um tópico abrangente, como o é o da mobilidade ofensiva, relança-nos para a questão da imprescindibilidade de uma organização para o sistema dinâmico, como a equipa de Futebol. Morin (1991) e Le Moigne (1996) falam-nos precisamente disto, já que a dinâmica e as características finais da globalidade emergem da organização e relação dos seus elementos.

No entanto, a forma como o indivíduo aufere essas mesmas características depende da sua estrutura e conteúdos intelectuais e físicos, do “eu-sistema”, da sua percepção; a percepção é assim a SUA representação da realidade.

Pelo abordado anteriormente, os conceitos relativos à mobilidade ofensiva determinam uma dinâmica percebida, mas que necessita de enquadrar uma organização.

Assim sendo, partimos de um conceito aceite pelos diversos autores que nos falaram sobre mobilidade, mas igualmente qualificado como indutor de mobilidade: o espaço. Williams, Davids & Williams (1999) identificam precisamente uma relação entre este e acção, já que um indivíduo que percebe um espaço sente-se atraído a deslocar-se no seu sentido; será fácil percebermos que tal se trata de uma construção, na medida em que um espaço (como um corredor) é representativo da possibilidade de acção, enquanto o que o confina (as paredes, por exemplo) diz respeito ao limite desta mesma possibilidade, como seja mais estreito ou mais largo.

A construção desta relação poderá dar um significado maior ainda ao conceito de penetração, já que a equipa, tendo como objectivo dos seus fundamentos o sucesso revisto no golo, os propósitos parciais passarão pela progressão no terreno, ou seja, a representação básica descrita assume importância inquestionável na forma de jogar do colectivo.

No entanto, o Futebol, como fenómeno construído, representa uma realidade particular complexa, que pela adversidade necessita de algo mais do que a identificação do espaço; a forma de os encontrar e desenvolver, através de uma dinâmica Específica, é um aspecto essencial, de tal forma que define a equipa enquanto colectivo de código de mensagem comum.

Para tal, já vimos pequenas combinações de mobilidade, procurando a velocidade no aproveitamento de zonas desocupadas ou a ilusão de adversários na tentativa precisamente de as criar. O surgimento destas depende não só das funções dos jogadores dentro da dinâmica, mas igualmente do posicionamento e disponibilidade dos jogadores.

Assim, baseando-nos em Guilherme Oliveira (2004), podemos dizer que os jogadores passam de uma noção estática da sua posição para um conceito

muito mais abrangente de funções, numa relação simultânea entre ataque e defesa, equilibrando-se disposicionalmente na balanço das suas pretensões. A definição de sistema de jogo é completada pelo mesmo autor (2004, p. 26), quando nos diz que, “face à evolução da dinâmica do jogo, actualmente deveria passar a chamar-se organização estrutural à disposição inicial dos jogadores em campo (1-4-2-4, 1-4-4-2, 1-4-3-3...) e sistema de jogo ao conjunto da organização estrutural, da organização funcional, da dinâmica, que a equipa consegue ter em jogo, e das respectivas características específicas que lhe dão sentido, evidenciando uma determinada forma de jogar”, tal como temos vindo a abordar.

Para uma mais fácil compreensão, partiremos da visualização de três estruturas de jogo (4-3-3, 4-4-2 losango e 4-4-2 clássico) para perceber a disposição dos jogadores em campo, bem como possíveis implicações na gestão dos indicadores essenciais para a mobilidade ofensiva.

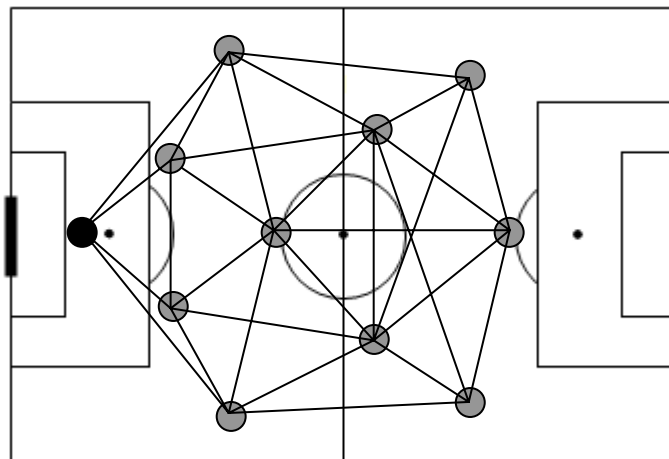


Figura 2 – Organização da estrutura de jogo 4-3-3
(Adaptado de Guilherme Oliveira, 2006a)

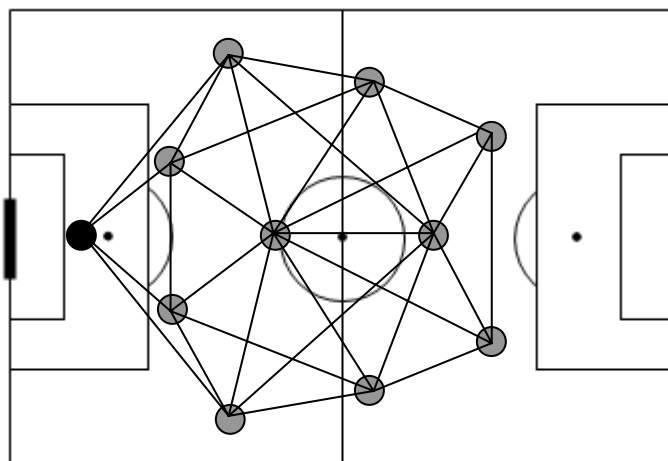


Figura 3 – Organização da estrutura de jogo 4-4-2 losango
(Adaptado de Guilherme Oliveira, 2006a)

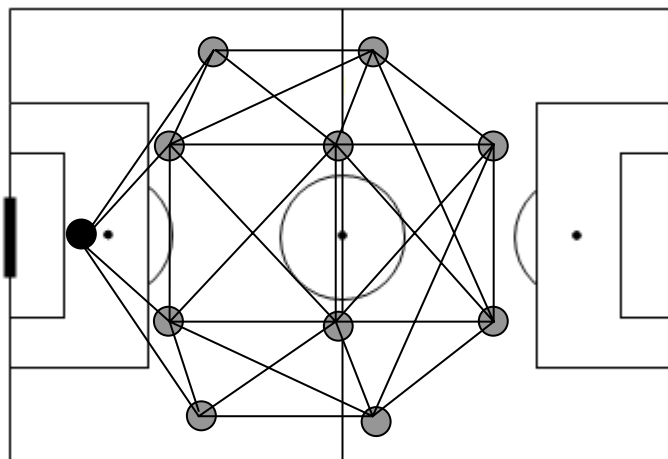


Figura 4 – Organização da estrutura de jogo 4-4-2 clássico
(Adaptado de Guilherme Oliveira, 2006a)

Partindo do elemento que temos vindo a falar – o espaço – percebemos que cada uma das estruturas determina zonas livres em diferentes locais do terreno de jogo. No caso do 4-3-3, o campo encontra-se quase todo ocupado pela simples distribuição dos jogadores, enquanto em 4-4-2 losango temos os corredores laterais do meio-campo ofensivo para poder aproveitar, enquanto no caso do 4-4-2 clássico, os possíveis espaços a aproveitar encontram-se intra-equipa, no corredor central do sector médio, à frente e nas costas dos médios. Nas situações de jogo em que a equipa se encontra fechada, possui como

espaço fundamental a aproveitar aquele que se encontra atrás e à frente da equipa.

No entanto, estas suposições partem apenas da distribuição estrutural dos jogadores, porque será a dinâmica do colectivo em jogo que determinará efectivamente os espaços a ser criados e a ser aproveitados.

Por exemplo, uma equipa que se distribui tendencialmente em 4-4-2 losango fá-lo na percepção dos espaços que tem (no caso, nos corredores laterais do meio-campo ofensivo), procurando aproveitá-los para concretizar os seus objectivos, enquanto no interior, onde tem poucos espaços, poderá incidir sobre um jogo de atracção à marcação sobre o adversário, onde a mobilidade terá um papel preponderante.

Partiremos agora de uma questão muito simples, mas de grandes implicações: a cobertura ofensiva. A simples dinâmica de dar linha de passe, pela necessidade de um ângulo favorável para um passe seguro, uma recepção orientada e com visão total do jogo (Castelo, 1996), determina alguma da dinâmica do colectivo. Se no caso do 4-3-3 e do 4-4-2 losango o posicionamento em diagonal predispõe a equipa à distribuição desejada, estando esse aspecto integrado à partida, o 4-4-2 clássico parece obrigar os jogadores a movimentar-se para dar o devido apoio, aproveitando os espaços interiores e, principalmente, induzindo a mobilidade pelo aumento dos espaços em outras zonas do terreno, já que o espaço é indutor de acção móvel.

Como vemos, para cada uma das estruturas, cada equipa deverá possuir pressupostos intrínsecos muito particulares, uma dinâmica ofensiva muito particular, ou melhor, para uma determinada dinâmica haverá estruturas que se lhe ajustam de forma mais ou menos positiva.

Para além disso, ao observar as ligações (estruturais) dos sistemas, verificamos que existem jogadores que estabelecem relação com quase todos os elementos da equipa, como seja fundamentalmente o médio defensivo na estrutura 4-3-3, ou os médios defensivo e ofensivo na estrutura 4-4-2 losango. A estes jogadores Wrzós (1984) chama de “líderes”, definindo-os como aqueles que são capazes de tomar o jogo a seu cargo; para nós, são elementos que pela sua função central na estrutura da equipa, assumirão igual preponderância

de papel na dinâmica colectiva, tendo sobre a sua função a responsabilidade de servir de referência para os seus colegas.

No entanto, o sistema 4-4-2 clássico não possui “estruturalmente” esses jogadores, pelo que serão os princípios específicos da equipa a determinar que se criem «bacias de atracção», não essencialmente para jogadores determinados, mas sim para zonas determinadas, dando espaço a que aí surjam jogadores responsáveis por essas tarefas. Assim, para qualquer um dos sistemas de jogo (revistos “rigidamente” nas estruturas de jogo), esta função de “farol” da equipa poder-se-á não circunscrever a um jogador especificamente, e até nem mesmo a uma zona específica do terreno, mas sim a um ponto de “coordenadas alargadas” dentro do colectivo funcional, cuja relação de princípios leva a que esta se crie em função da finalidade do sistema.

Esta imagem é muito rica porque permite a visualização do expoente máximo da mobilidade, em que o próprio princípio se auto-organiza a cada nova adaptação, mantendo a sua configuração mais fixa inalterada.

O importante é que se perceba que cada aspecto diferente numa equipa determina um impreterível rol de modificações globais, pelo que terá de haver uma relação forte e coerente entre a organização dinâmica e funcional em conjunto com a organização estrutural, dando esta última espaço e equilíbrio para o aparecimento da equipa. A mobilidade é apenas mais um ângulo a partir do qual se visualiza o quanto a dinâmica se serve da estrutura para determinar a super-valorização do sistema, o objectivo máximo do treinador: a criação de uma equipa harmoniosa e vencedora.

2.2.5.1. Liberdade na organização da equipa

Na organização da equipa, as interacções entre os jogadores são aquelas que determinam a dinâmica e o fluxo da dinâmica no jogo colectivo, pelo que os posicionamentos e as funções nascem precisamente disso.

Partindo do nosso entendimento de sistema dinâmico complexo, Davids & Araújo (2005) falam-nos em quatro aspectos fundamentais:

- o O sistema de movimento tem inúmeros graus de liberdade, ou seja, são infindáveis as configurações potenciais do sistema no direccionamento para um determinado objectivo;
- o Qualquer que seja o sistema dinâmico que estejamos a falar (o jogador, a equipa ou o Modelo de Jogo interpretado pelos jogadores), este possui imensos níveis de organização, cujas propriedades emergentes são modificadas pela interacção do *micro* para o *macro*;
- o Os graus de liberdade do sistema motor tendem para infinito, o que determina uma não-linearidade do comportamento que emerge do sistema;
- o A capacidade de auto-organização de um sistema dinâmico é característica imprescindível, já que este é capaz de estabelecer diferentes tipos de relações, como estáveis e instáveis.

Decorrente do esclarecimento destes autores, parece-nos que a interacção dos elementos de uma equipa de Futebol faz-se segundo estes pressupostos, caminhando para um crescente estado de desordem a partir das relações entre os jogadores. No entanto, os princípios de jogo são o constrangimento que permite a organização pretendida, já que a interacção (que se pretende positiva e benéfica) determina a organização, e esta leva à adequação da resposta.

Atentemos às palavras de Davids & Araújo (2005, p. 39): “parece que os sistemas dinâmicos de movimento são capazes de explorar os constrangimentos que os rodeiam de forma a permitir que emirjam padrões funcionais de comportamento em contextos específicos. Padrões de coordenação macroscópicos ocorrem entre o grande número de graus de liberdade microscópicos, ou componentes do sistema. Os sistemas dinâmicos têm a tendência para funcionar em padrões de organização estáveis, devido ao processo de auto-organização.”

Assim sendo, a capacidade de auto-organização é uma característica fundamental dos sistemas dinâmicos, permitindo que se ajuste os vários níveis de organização do sistema ao contexto Específico, ou seja, a verdadeira

Especificidade do Modelo de Jogo e da própria equipa. Daqui, as interacções entre os elementos de uma mesma equipa predispõem-na para um determinado tipo de organização, crescentemente uma “organização organizada”, permitindo que o sistema se estabilize, permitindo que todos entendam de acordo com os ditos padrões de coordenação macroscópicos, como o são os princípios de jogo que coordenam a equipa.

Desta forma, Frade (2006a) fala-nos que a verdadeira identificação dos sistemas vivos não é a auto-organização, mas sim a criatividade e capacidade de adaptação e superação sobre o meio em que o indivíduo e a equipa são capazes de actuar sem perder a sua estabilidade, o seu equilíbrio, a sua ordem ou organização.

No entanto, Davids & Araújo (2005, p. 42) parecem-nos dizer que existe um longo caminho até se chegar até este estado, já que depois de um padrão de comportamento estar estabelecido dentro de uma organização, este será posto à prova na relação com as variações do contexto, o que alargará o espectro de graus de liberdade e trará um significado de utilidade Específica para tal no meio importante, pelo que “os desportistas que adaptam facilmente os seus padrões de coordenação às múltiplas fontes de informação disponíveis, em contextos em mudança, estão num nível mais avançado de aprendizagem, no qual podem variar o padrão de coordenação básico à medida que as circunstâncias mudam”. Desta forma, a exploração de novos caminhos não previstos, que poderemos chamar de desordem aceite pela equipa, desordem capaz de ser manipulada pela equipa, só é capaz de existir quando cada jogador tiver integrado e for capaz de manipular esses conhecimentos, superando as acções previstas por todos, conseguindo actuar de forma criativa.

Os tipos de ligações estáveis e instáveis informarão o quanto o sistema se encontra equilibrado, mas também o quanto este se pode transformar e reconstruir. A intensidade e comunicação que caracteriza as ligações da equipa enquanto sistema trará relevância superior para determinados conteúdos em determinados momentos, dando informações de base que fará decidir como actuar, as diversas referências sobre as quais se deverá basear para poder

tomar a acção mais correcta. No entanto, estas ligações poderão ser mais vinculativas do que outras, ou seja, poderão determinar mais acção, obrigando a actuar num espectro de opções mais reduzido, e, por outro lado, poderá dar espaço para que o jogador decida, dentro das diversas referências que determinam opções, em conformidade com o projecto da equipa, sendo que o leque de escolhas poderá ser mais alargado.

Mais uma vez, o que caracteriza a equipa são as suas ligações, as suas relações, e ao nível da complexidade do Jogo e do Modelo de Jogo, os princípios de jogo vinculativos dos elementos rumo ao objectivo, como seja a sua superiorização. Caberá ao treinador perceber as ligações entre os elementos, a sua organização e caracterização final enquanto equipa, como meio de definir os princípios de jogo, as relações entre os jogadores, que no final é uma relação apenas potencial, ligação não determinada.

Como Stacey (1995) advoga, um sistema funciona na orla do caos, e só nesta fronteira se vê o novo e o belo, o criativo, pelo que será do treinador a opção de condicionar e direccionar aquilo que se define como a capacidade de criação do jogador.

3. Campo Metodológico

Partimos para este estudo com a vontade de perceber um dos elementos fundamentais da forma de jogar em Futebol, como o seja a mobilidade ofensiva dentro da concepção de cada treinador. Assim sendo, este propósito levou-nos à escolha da metodologia utilizada, a qual passamos a descrever em pormenor.

3.1. Amostra

No que diz respeito aos intervenientes na recolha de dados, procurámos a disponibilidade de opiniões já com uma abordagem relativamente próxima de exigências de Alta Competição, tendo sido estabelecido um critério básico: são treinadores de equipas que militam nos campeonatos de Nacional de Juniores.

Mediante isto, foram entrevistados os seguintes treinadores:

- o Alfredo Lapa – Treinador de Juniores do Varzim Sport Clube;
- o João Pedro Coelho – Ex-treinador de Juniores do Futebol Clube Vizela;
- o Joaquim Santos – Treinador de Juniores do Leixões Sport Clube;
- o José Manuel Ferreira – Actual coordenador do Futebol Juvenil do Sport Comércio e Salgueiros, e ex-treinador de Juniores do Leixões Sport Clube;
- o Pedro Cunha – Treinador de Juniores do Rio Ave Futebol Clube.

A escolha por estes treinadores deveu-se fundamentalmente à percepção que tínhamos sobre a experiência e a exigência de formação e competição que este escalão traz. Procurámos que os treinadores fossem provenientes de diferentes áreas dentro e perto do nosso distrito, a fim de se tornar uma tentativa de encontrar diferentes elementos a abordar.

3.2. Construção das Entrevistas

No momento de construir a nossa ferramenta de recolha de dados, procuraremos que esta, fundamentalmente, se adequa aos objectivos que o nosso trabalho pretende atingir. Na verdade, a expressão das suas ideias é o ponto essencial dos inquéritos aos treinadores.

Para Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (1994), a entrevista é uma técnica não apenas útil e complementar à observação participante, mas principalmente permite absorver as crenças, as opiniões e as ideias dos entrevistados, no caso os treinadores. No seguimento, Bogdan & Biklen (1994, p. 134) afirmam que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Já que “o método da entrevista não directiva é um meio único que permite a exploração de um campo de estudo novo” (Pourtois & Desmet, 1988, citados por Lessard-Hébert et al., 1994, p. 161), e sendo a mobilidade ofensiva um tema de estudo pouco abordado, decidimos pela construção das entrevistas com um corpo de questões alargado por duas razões:

- o Primeiramente, pelo facto de cada treinador possuir as suas concepções, mas igualmente estabelecer uma estrutura de conhecimento particular para si próprio, as questões deverão incidir sobre o tema a partir de vários “ângulos”, tornando-se mais provável fazer perceber e conseguir recolher os dados que pretendemos saber;
- o Por outro lado, pensamos que o nosso estudo não se esgota aqui, já que vemos como um ponto de partida para outros estudos, pelo que um corpo de conhecimentos alargado sobre as diversas referências ao tema da mobilidade ofensiva só aumentará as hipóteses de estudos futuros.

Trata-se, assim, de uma entrevista semiestruturada, em que pretendemos manter um certo controlo ao longo de todo o processo, não sendo importante a

ordem pela qual as respostas aparecem (Lessard-Hébert et al., 1994), mas sim o contexto a que se referem.

3.3. Procedimento

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental a fim de se definir como a revisão bibliográfica de base para este trabalho, fundamentalmente na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e em documentos de pertença própria.

A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas de carácter semi-aberto, dando total espaço à explicação e explanar de ideias dos treinadores dentro dos tópicos de partida (questões abertas) de relevância para o nosso estudo. Estes inquéritos foram realizados em espaços escolhidos pelos treinadores, desde os locais de trabalho, cafés, esplanada e moradia própria, sendo os seus testemunhos registados num microgravador digital Olympus VN-2100PC. A recolha de dados fez-se entre os dias 26 de Outubro e 10 de Novembro de 2008, tendo as entrevistas uma duração média de 44 minutos e 25 segundos, sendo que a mais demorada foi de cerca de 71 minutos e 21 segundos.

As entrevistas foram posteriormente transcritas através do programa Microsoft Office Word 2007, reproduzindo fielmente o discurso de cada treinador a fim de ser analisado à luz dos objectivos que definimos para o nosso trabalho, bem como o método de análise que apresentaremos de seguida.

3.4. *Corpus* de Estudo

Segundo Bardin (2004, p. 90), “o *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”, respeitando essencialmente quatro regras: da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência.

Desta forma, o nosso *corpus* é constituído pelas transcrições das entrevistas realizadas aos cinco treinadores como base para a análise que pretendemos realizar de seguida.

3.4.1. Análise de conteúdo

O procedimento da análise de conteúdo é uma das técnicas mais utilizadas para o tratamento da informação de fontes como as entrevistas, em que se torna necessário diferenciar os vários tipos de informação a fim de se proceder à sua análise sem se perder a noção global do projecto.

Para Vala (1986), a análise de conteúdo poder-se-á realizar a partir de dois tipos de análise: a nível quantitativo ou a nível qualitativo, podendo-se igualmente recorrer a uma relação entre as duas. O mesmo autor diz-nos que a análise de frequência ou de ocorrências se refere a um discernimento quantitativo, reportando-se a aspectos particulares, como palavras ou símbolos chave; por outro lado, as análises avaliativa e associativa dizem respeito à análise das atitudes favoráveis e desfavoráveis da fonte e do seu sistema de valores, bem como ao entendimento no conjunto global analisado.

No sentido de clarificar o posicionamento dentro da análise, Vala (1986) ajuda-nos ainda mais ao nosso estudo ao acrescentar que este tipo de procedimento só encontra um sentido se satisfizer os objectivos aos quais a investigação se propõe, bem como mantendo a identidade estrutural das referências teóricas sobre as quais se suporta.

Desta forma, a análise tem um “antes” e um “depois”, um ponto de partida, sobre o qual nos baseámos, e um ponto de chegada, que pressupõe um enriquecimento do conhecimento sobre o estado da arte, mais particularmente sobre a complexidade da forma de jogar Futebol.

Bardin (2004, p. 25) aponta, então, duas funções à análise de conteúdo das mensagens. Uma delas é a função heurística, representativa do carácter exploratório e de descoberta, sendo o que o autor chama de análise de conteúdo «para ver o que dá». A outra função é a de «administração de prova», procurando, através da análise do *corpus* de estudo, dissecar sobre os

conteúdos abordados, confirmando ou infirmando das directrizes analisadas «para servir de prova». No nosso estudo, devido à escassa informação sobre a concepção dos treinadores acerca da mobilidade ofensiva em contextos específicos, servir-nos-emos de ambas as funções a fim de relacionar com dados de base do Jogo, bem como a acrescentar novos conhecimentos.

No entanto, Vala (1986) fala-nos que a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*. No primeiro caso, as categorias são definidas a partir do estado actual da arte, do quadro teórico estruturado pela revisão bibliográfica, antes da análise do *corpus*, enquanto a segunda surge da leitura do *corpus*, sendo orientado pelo que surge da análise das entrevistas.

Por se tratar de um estudo exploratório, e não apenas de confirmação, fundamentalmente pelas características da própria temática (entendimento muito particular e contextualizado), a própria estruturação dos conteúdos pelos treinadores faz com que adequemos a sequência dos mesmos no momento da análise. No entanto, pelas limitações que o nosso estudo encerra, cuja posterior análise não viria a corresponder à necessidade de profundo contacto com a total complexidade do Jogo, não poderemos acrescentar mais categorias a analisar. Assim sendo, consideramos que a estruturação da análise de conteúdo do nosso estudo se define, na totalidade, como um espelho daquilo que é o *corpus* de estudo, já que ambas se baseiam na mesma fonte: a revisão bibliográfica que parte do estado actual de conhecimento sobre o Futebol.

Partiremos agora, tal como Vala (1986) nos definiu como essencial, para os objectivos do nosso trabalho.

3.5. Delimitação dos objectivos como orientação da pesquisa

O nosso estudo pretende sistematizar ideias ao nível do entendimento de treinadores do escalão competitivo de Nacional de Juniores acerca da mobilidade ofensiva preconizada dentro do seu Modelo de Jogo.

Desta forma, pretendemos que os treinadores escolhidos representem um espectro satisfatório de ideias sobre este mesmo conteúdo, sendo que a sua análise interpretativa, associativa e comparativa poderá significar um acréscimo qualitativo no confronto com o actual estado da arte.

Neste sentido, procurámos perceber a importância que a mobilidade ofensiva tem para cada treinador dentro da sua forma de jogar, ou seja, dentro do seu contexto. Igualmente, mantendo o que considerámos uma invariante estrutural do entendimento do jogo, tentámos relacionar com os momentos de jogo de transição ofensiva e organização ofensiva, bem como relativizando igualmente à situação particular de bolas paradas ofensivas. Outra das nossas preocupações foi perceber a forma como a mobilidade ofensiva é entendida dentro da organização da equipa, como forma de passagem de estrutura de jogo para sistema de jogo. Por último, como imprescindibilidade táctica dentro deste comportamento, procurámos perceber alguns padrões de comportamentos de mobilidade, bem como os devidos apoios e protecções a essas mesmas acções.

3.6. Definição do sistema categorial

A este processo, que Bardin (2004, p. 111) chama de categorização, a autora define-o como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com critérios bem definidos”. Assim sendo, a definição de categorias é uma imprescindibilidade no entendimento dos vários conteúdos presentes num texto do tipo que analisámos, a fim de lhe fazer corresponder um tema que defina o sentido essencial ao tema de estudo, uma significância central do conceito que se quer absorver a globalidade dos indicadores que integram o campo semântico do conceito (Vala, 1986).

No entanto, os aspectos a abordar pretendidos determinam grande complexidade dentro de uma mesma categoria, o que nos levou a subdividir a categoria de mobilidade ofensiva, não como forma de “partir” o conceito maior,

mas como um meio de mostrar a total profundidade do termo-chave (Bardin, 2004). Assim, conseguimos explicar segundo a organização que defendemos para esse mesmo conceito.

A este mesmo raciocínio ajuda-nos Bardin (2004, pp. 113-114), quando nos enuncia alguns pressupostos na elaboração do sistema de categorias:

- o Exclusão mútua – cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- o Homogeneidade – num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise;
- o Pertinência – a categoria está adaptada ao material de análise escolhido;
- o Fidelidade – a estrutura sobre a qual se debruça a análise categorial deve ser codificada da mesma maneira em cada uma das várias análises;
- o Produtividade – fornece resultados férteis.

Assim sendo, tendo em conta os objectivos gerais e específicos do nosso trabalho, bem como a forma como defendemos a estruturação do conhecimento no tema abordado, estabelecemos o sistema categorial segundo duas categorias fundamentais, sendo a segunda grande categoria subdividida por três subcategorias.

C1 – Modelo de Jogo

C2 – Mobilidade Ofensiva

- o SC2.1 – Transição ofensiva;
- o SC2.2 – Organização ofensiva;
- o SC2.3 – Bolas paradas ofensivas.

3.7. Justificação do sistema categorial

De acordo com o quadro teórico defendido na revisão bibliográfica, bem como tendo em conta os objectivos a que nos propomos neste trabalho, definimos duas categorias essenciais:

- o C1 – Modelo de Jogo;
- o C2 – Mobilidade Ofensiva.

Tendo em conta o que abordámos no momento da revisão bibliográfica, voltamos a frisar que consideramos a dimensão táctica como a supra-dimensão do Futebol (Frade, 2006), sobre a qual todo o processo de orientação para a forma de jogar se desenrola. Sendo a mobilidade ofensiva uma parte dessa mesma concepção, consideramos que nenhuma deveria estar a um diferente nível da outra por duas razões:

- o A noção de Modelo de Jogo estará sempre acima de qualquer outro conceito de jogo no Futebol, já que é o que coordena todos os níveis de conhecimento; por isto, nunca poderá encontrar-se abaixo de qualquer outro conceito, seja ele qual for;
- o A compreensão da mobilidade ofensiva é a razão de ser deste trabalho, pela qual nunca poderemos remeter a sua análise para uma subcategoria porque, dessa forma, estaríamos a esconder aquilo que deverá ser mostrado com toda a luminosidade.

Assim, justificamos a excepção à categoria da exclusão mútua citada por Bardin (2004), até porque cada fracção do Futebol está em todas as restantes fracções do mesmo.

Desta forma, a primeira categoria (C1 – Modelo de Jogo) justifica-se pelo anteriormente descrito, possibilitando a contextualização de todas as restantes informações, sem o qual todo o discurso e definição das restantes categorias viria a cair no vazio. Na análise ao Modelo de Jogo, procuraremos essencialmente perceber a influência da cultura do clube no jogo da equipa, os

princípios que norteiam a forma de jogar da equipa em processo ofensivo, bem como a estrutura organizacional de jogo em que se baseia.

Passamos depois para a mobilidade ofensiva (C2), tema do nosso estudo, procurando inicialmente dissecar aspectos essenciais genéricos, como o sejam os objectivos pretendidos para a mobilidade dentro da equipa, a “posicionalidade” para a mobilidade da equipa, bem como o entendimento da relação entre a liberdade e a pré-determinação.

A abordagem à mobilidade ofensiva passa depois por uma particularização aos momentos de jogo, mais concretamente à transição ofensiva (SC2.1), à organização ofensiva (SC2.2) e, ainda que dentro dos restantes momentos, às bolas paradas ofensivas (SC2.3). A opção por esta estrutura de trabalho deveu-se ao nosso entendimento segundo os momentos de jogo, dentro dos quais, fundamentalmente, deverá haver uma consciência colectiva que não pode ser quebrada, cuja compreensão não poderá igualmente ser fracturada.

Quanto à análise no momento da transição ofensiva (SC2.1), procurámos saber as referências gerais ao ajustamento da saída para o ataque, a forma geral como preconiza a mobilidade neste momento particular, bem como os apoios e protecções após ganho de bola.

Passando para a organização ofensiva (SC2.2), decidimos diluir, nesta definição categorial, a separação entre as fases de construção e as fases de criação de finalização e finalização propriamente dita, a fim de possibilitar uma análise mais fluida e harmoniosa, mantendo a complexidade e integridade inerentes ao seu conceito. A organização ofensiva passa pela noção da dinâmica sectorial dentro da mobilidade, as combinações tácticas e as noções de apoio e equilíbrio.

Por último, tendo os lances de estratégia ofensiva características bastante particulares, tal como as indicadas no quadro teórico presente na revisão bibliográfica, estes são analisadas em separado da organização ofensiva.

3.8. Definição das unidades de análise

Segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo poderá ser feita de acordo com as características do material e os objectivos da análise. Para tal, existem três unidades de análise: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração.

No que diz respeito à utilidade para o nosso estudo, parece-nos pouco relevante a utilização de unidades de registo, já que estas se reportam a recortes curtos, como o sejam a «palavra» ou a «frase» (Bardin, 2004), o que pensamos que leva à descontextualização dos tópicos relevantes na análise dos mesmos.

As unidades de contexto têm a devida utilidade para a nossa análise, já compreendem a significação exacta da unidade de registo, possibilitando a codificação contextualizada das unidades de análise (Bardin, 2004).

Por último, a unidade de enumeração é o modo de contagem, sendo possível de se utilizar a partir de diversos tipos de enumerações, sendo que nos limitaremos a quatro por corresponderem às necessidades do nosso estudo: a presença (ou ausência), a frequência, a frequência ponderada e a direcção (Bardin, 2004). Não pretendemos, no entanto, contar um certo número de elementos, mas sim genericamente perceber se estes existem, se existem com maior ou menor grau de importância e para que caminho apontam.

4. Apresentação e Discussão das Entrevistas

No presente capítulo, em que tanto apresentamos como discorremos sobre os conteúdos do *corpus* de estudo, iremos igualmente ter em consideração os elementos provenientes do quadro teórico apresentado na revisão bibliográfica, como também procuraremos, sempre que possível estabelecer níveis de proximidade entre os conceitos que os treinadores acrescentam ao nosso corpo de conhecimentos.

4.1. (C1) Modelo de Jogo

“(...) uma identidade e uma forma de jogar que nós identificamos que aquela equipa é a nossa equipa.”

(Pedro Cunha, Anexo VI)

Neste primeiro capítulo de análise, procuraremos elevar os conceitos fundamentais decorrentes da definição de Modelo de Jogo.

Para isso, inicialmente tentaremos perceber a visão dos treinadores sobre este conceito, de forma a contextualizar nas suas ideias futuras.

“(...) é um conjunto de dinâmicas que pensamos para a equipa, que vão ao encontro daquilo que nós pensamos para os quatro momentos de jogo (...) é uma construção, é algo que é único, e concordo que é uma unidade (...). Mas o Modelo nunca é fechado, tem que ser um modelo aberto às pessoas que são as mais importantes e o colocam em prática, e que acabam por operacionalizar aquilo que nós pensamos e idealizamos como Modelo de Jogo, que são os jogadores (...), mas procurarmos ao mesmo tempo, com esse próprio Modelo de Jogo explorar aquilo que são as grandes qualidades e virtudes dos nossos atletas (...). Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) um conjunto de princípios e de sub-princípios que definem o comportamento colectivo da nossa equipa, nas várias fases de jogo, e que nos permitem, ou não, a obtenção do objectivo do jogo.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“(...) defino como a forma que nós vemos a equipa jogar, a estrutura, não a estrutura em termos de sistema, mas a forma como a equipa joga, a identidade da própria equipa, quando tem a posse de bola, nomeadamente.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“(...) é uma representação do Jogo, é uma ideia que eu tenho sobre aquilo que eu quero que a minha equipa jogue (...), atendendo aos diversos momentos (...) a tal identidade de jogo que eu pretendo (...). É lógico que há um conjunto de variáveis, quer a história do clube, quer também, por exemplo, as características do futebol português, quais são as tendências do futebol moderno (...), consoante essas variáveis – jogadores, equipa, até logística.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) é uma ideia, ou seja, uma conjectura de um jogo possível que nós idealizamos, que tem princípios e sub-princípios que, no fundo, se devem articular entre si, que nos vai dar uma identidade numa forma de jogar. (...) tem em função as características dos jogadores, a identidade do próprio clube, que é importante, a mística, a filosofia, os princípios de jogo aos quais eles estão inerentes (...) o que nos caracteriza e como isso se interage entre uns e eles se articulam e que nos dá uma identidade e uma forma de jogar que nós identificamos que aquela equipa é a nossa equipa.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Na análise dos conceitos levantados pelos treinadores, percebemos que existem pontos em comum que a maioria destes explora. Não reduzindo a sua noção à de sistema de jogo, os treinadores contribuem com uma visão global que vai de encontro ao nosso entendimento, isto é, definindo como o conjunto de dinâmicas confluentes da interacção entre os princípios nos momentos de jogo, cuja imagem final identifica uma equipa para um determinado colectivo.

No entanto, a generalidade dos treinadores levanta uma consideração importante, tal como prevíamos: há uma forte interferência do contexto, como a identidade do próprio clube, a sua história, os seus valores, a sua mística e filosofia, na forma de jogar da equipa em particular, mas também as

características dos jogadores disponíveis que, no momento, o treinador tem e são determinantes na concepção final do Modelo de Jogo a trabalhar, já que, como nos diz Frade (2006), “aquilo que está na cabeça dos jogadores também é Modelo”.

A partir destas definições, quer ao nível do clube, quer ao nível dos jogadores disponíveis, o Modelo de Jogo é definido em toda a sua plenitude, adequando-se não só às exigências, mas igualmente às características, capacidades e potencialidades disponíveis para a equipa na sua forma de jogar.

Parece-nos assim que os treinadores possuem uma visão correspondente ao Modelo de Jogo que defendemos no quadro teórico prévio do nosso estudo, como um todo interligado na relação com o envolvimento, com os valores em que o seu grupo se define, uma articulação de princípios convicta e abrangente e tendo em conta as características dos jogadores, e acima de tudo que aquilo que identifica um determinado Modelo de Jogo é a dinâmica.

Partindo da relevância dada pelos treinadores à Especificidade do Modelo de Jogo, a uma adaptação ecológica coerente ao meio em que a equipa se insere e no qual se define culturalmente, tentámos perceber quais os traços apresentados por cada treinador para caracterizar, no fundo, a identidade do clube.

Veremos, então, caso a caso o que cada um nos diz acerca da sua realidade.

“Os jogadores de Vila do Conde e da Póvoa, por exemplo, por norma, ou eram, jogadores muito agressivos, com aquilo que nós dizíamos “jogadores com raça”... Mas eu penso que os jogadores começam a jogar Futebol muito cedo, aqueles traços culturais que se ganhavam na rua (...) se calhar foram-se perdendo, eu acho que os traços culturais são aqueles que os treinadores procuram incutir nos seus atletas, esses são os fundamentais.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Há um traço cultural fundamental que o clube transmitiu, que é uma filosofia de jogo comum a todos os escalões, incluindo o escalão sénior, que é uma filosofia

de grande orgulho de representar o clube, uma filosofia de realmente se impor em todos os jogos, em forma a poder disputá-lo com orgulho, e lutamos sempre por representar da melhor forma.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“A cultura do clube se calhar está um bocadinho associada à cultura da própria cidade também (...). O Leixões, como é um clube, penso eu, com fortes tradições no Futebol, e nomeadamente nas camadas jovens, privilegia o «jogar bem», um futebol bonito, um futebol agradável, mas ao mesmo tempo, quando não tem a posse de bola, é um futebol agressivo, um futebol pressionante, tal qual as raízes também daqui da própria cidade, que é gente de trabalho, gente do mar, gente que tem vida difícil (...).” Joaquim Santos (Anexo IV)

“O Salgueiros é conhecido pela mística salgueirista, pela atitude, pela agressividade na recuperação da posse de bola, aquilo que eles chamam a “raça”, e dentro disso nós privilegiamos essa situação; depois temos miúdos geralmente com um índice morfológico relativamente fraco, e portanto temos, em função disso, de ter características, como privilegiar o passe curto. (...) nós não podemos fugir dessa história, dessas raízes, dessa matriz que elas têm, porque, sem isso, nós também estamos a desvirtuar as características do jogo e do próprio clube.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) é uma equipa em que a mística e a filosofia é de trabalho, é de garra, é de alma, é de crer, apesar de, nestes últimos anos, como não tivemos esses jogadores, temos de inculcar aos nossos jogadores este espírito que é importante trazer, (...) mas acima de tudo aquilo que eles têm é a grande dedicação, a grande alma, a grande garra, que era o espírito que estes jogadores e esta zona sempre teve, é importante trazer para o Modelo de Jogo.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Com a ajuda do Dicionário da Língua Portuguesa (Dicionários Editora, 2007, p. 469), percebemos o alcance do significado da cultura apenas pela sua definição, que se classifica como o “sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e colectiva dessa sociedade ou grupo”. No entanto, não se trata de algo que possamos considerar imprescindível, mas sim mesmo inevitável, já que “a grande massa dos indivíduos adopta espontaneamente a forma que se

lhes apresenta”, sendo “moldadas segundo a forma que a sua cultura lhes dá” (Benedict, 2005, p. 280).

De todos os treinadores, apenas Alfredo Lapa (Anexo II) referiu que a cultura da equipa não estava relacionada tanto com a cultura do clube, mas sim com aquilo que o treinador transmite para os seus jogadores enquanto entidade colectiva. No entanto, pensamos que os indicadores apontados pelo treinador como reflexo da cultura, como o seja “uma necessidade de serem agressivos, fortes psicologicamente, capazes de resistirem à pressão, que sejam jogadores inteligentes, capazes de perceber os estados emocionais” poderão igualmente ser um espelho da cultura sobre a qual o treinador também se insere, a mesma dos jogadores e do clube, pelo que também se deverá adequar.

Os restantes treinadores identificam uma cultura de clube, revista numa atitude específica, defendendo que esta deverá ser tida em conta nos princípios de jogo da equipa, sob pena de desvirtuar aquilo que é a realidade cultural social e do jogo; a falta de coerência teria reflexos intensos, pelo facto de poder criar dualidade no entendimento dos comportamentos. Podemos ainda ir mais longe: os treinadores inserem estes indicadores na forma de jogar da equipa; a “raça”, a agressividade, fundamentalmente, revêem-se na forma como a equipa defende, segundo nos dizem os treinadores.

Ofensivamente, Joaquim Santos (Anexo IV) fala-nos em privilégio da qualidade de jogo, do seu entendimento de qualidade, como exigência do meio em que o clube se insere, construção do qual as equipas da formação também contribuíram. José Manuel Ferreira (Anexo V) lembra-nos um ponto bastante interessante: os jogadores do seu clube são, genérica e comparativamente, de um perfil físico mais baixo, o que determina a forma de jogar segundo passe curto e jogo apoiado como o mais correcto. Por seu turno, Alfredo Lapa (Anexo II) privilegia “que sejam jogadores inteligentes, capazes de perceber os estados emocionais dele dentro do campo, como reagir a determinadas situações”, entre outros aspectos.

A reflexão sobre a cultura de uma equipa envolve, como podemos comprovar pelas palavras dos treinadores, uma grande magnitude de

influências e determinações. Tal é a verdadeira e maior complexidade do sistema enquanto equipa dentro de um meio com características próprias.

No entanto, os próprios treinadores chamam à atenção de um aspecto: o Modelo encontra-se sempre em aberto, o que significa que, dependendo das *micro* variações, do padrão mais ou menos rugoso do conjunto, as *macros* serão redesenhadas. A cultura é, assim, a *macro* que menos se altera e mais se mantém, aquela que define o horizonte a atingir.

De um ponto de vista mais prático, todos os valores e crenças serão, em última análise, revistos na forma de jogar da equipa, nos quatro momentos de jogo.

Na forma de jogar de cada treinador, pelo facto dos seus conceitos envolverem, previsivelmente, grande complexidade, como se espera do Futebol, é importante que os seus conceitos estejam referidos a diferentes momentos de jogo a fim de possibilitar um entendimento comum daquilo que significa o projecto de jogo do colectivo.

A apresentação das concepções será feita para cada treinador em conjunto, mas apenas relativamente aos momentos de transição ofensiva e de organização ofensiva, abordando somente os aspectos-chave definidores dos princípios de jogo mais relevantes num direccionamento cada vez mais marcante para o objectivo do nosso estudo; estes serão apresentados segundo a ordem pela qual foram dispostos pelos treinadores na resposta.

“Nos momentos de organização ofensiva, quero que a minha equipa (...) ocupe espaços, e que seja uma equipa que procura jogar a toda a largura do campo e consiga dar profundidade ao jogo, (...) e que haja espaço para poder potencializar as grandes virtudes dos meus atletas. (...) Nos momentos em que eu recupero a posse de bola, o que pretendo? Pretendo essencialmente aproveitar a desorganização defensiva adversária; para isso os meus jogadores têm de perceber quando é que o adversário está ou não organizado. (...) se o adversário não está organizado, o momento de transição tem de ser muito rápido, e tenho de procurar explorar rapidamente os espaços que o adversário deixou em aberto”
Alfredo Lapa (Anexo II)

“Em termos de transição defesa-ataque, procuramos que a nossa equipa, através da mobilidade de três/quatro jogadores ofensivos, procure os desequilíbrios através dos corredores laterais, através da profundidade dos nossos defesas laterais, procuramos que toda a equipa acompanhe a aproximação de sectores, de forma a termos as linhas muito próximas e a ganharmos uma segunda bola. (...) a posse de bola, em termos ofensivos, permite-nos ter uma melhor gestão do tempo e do espaço, permite-nos, através de um ataque mais apoiado, termos e sabermos claramente aquilo que pretendemos em termos ofensivos, principalmente tendo a bola, controlando o ritmo de jogo, controlando as acções que iremos definir como sendo as acções mais benéficas para o processo ofensivo.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Em termos ofensivos, nós queremos uma equipa com circulação de bola, com posse de bola, com movimentações, com combinações, com triangulações. (...) na transição ofensiva tentamos que seja sempre o mais rápido possível.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Na organização ofensiva, a posse e circulação; agora, não é posse e circulação por posse e circulação, isto é, interessa-me que essa posse seja importante, que a equipa saiba ter qualidade de passe, que a saiba privilegiar o passe curto, mas também saiba fazer o passe longo, e dentro dessa situação, isto é, jogar em largura ou jogar em profundidade... (...) na transição defesa-ataque, também temos o nosso grande princípio: a equipa rapidamente, se possível, como te disse, abrir e criar a primeira opção que é o jogo em profundidade.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Na organização ofensiva, fundamentalmente o que nós privilegiamos e devemos privilegiar é um jogo de posições muito forte para criarmos condições de fazermos circular a bola, da maneira ao adversário, que se pressupõe que esteja em organização defensiva, que crie espaços para nós aproveitarmos fundamentalmente e retirarmos daí o proveito para criarmos situações de finalização. (...) na transição defesa-ataque temos trabalhado dois princípios fundamentais: se há espaço, profundidade para rapidamente chegarmos às zonas de finalização; se não há espaço, segunda opção: retirar a bola da zona de pressão, ou seja, onde nós ganhamos a bola normalmente está o adversário, quatro/cinco jogadores nessa zona, tentamos sair pelo lado contrário para entrarmos em transição ofensiva.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Parece-nos bastante interessante a forma como os treinadores descrevem o privilégio de determinadas acções em transição ofensiva, na medida em que se reportam a diferentes indicadores. Alfredo Lapa (Anexo II) e Pedro Cunha (Anexo VI), que lideram as equipas de clubes próximos e rivais, possuem uma ideia semelhante, indicando como importante a noção de desorganização do adversário e a consequente existência de espaço ou não. A noção de desorganização de adversário e consequentemente existência de espaço ou não.

Quanto a Joaquim Santos (Anexo IV) e José Manuel Ferreira (Anexo V) indicam como importante a velocidade de execução da acção, sendo que o segundo indica mesmo que essa rapidez servirá para projectar o jogo em profundidade. Por último, João Pedro Coelho (Anexo III) faz referência às manobras da equipa, indicando como essencial a mobilidade dos jogadores, de determinados jogadores, a fim de atingir o objectivo de controlar certos espaços relevantes para a manobra ofensiva da equipa.

Todas estas referências apontam para o tipo de jogo que os treinadores querem, que, na generalidade, se caracteriza pelo aproveitamento da desorganização do adversário, impondo os seus processos, a fim de conseguir criar as condições desejadas à realização do ataque.

Os treinadores indicam que pretendem, essencialmente, objectividade, direccionamento para a baliza, com certeza a aproveitar a eventual desorganização do adversário nestes instantes. Joaquim Santos (Anexo IV), por seu turno, pretende da transição ofensiva rapidez, definindo-a como o “momento em que a equipa ganha a posse de bola e saia no contra-ataque”, salientando como essencial a retirada da bola da zona de pressão através de um primeiro passe em segurança.

Apesar das referências serem diferenciadas, parece-nos, no entanto, que os treinadores, na sua maioria, em transição ofensiva, direccionam a atenção do colectivo para o objectivo de golo como essencial, enquanto Joaquim Santos indica pretender, primariamente, sustentar o seu ganho de bola, unindo o colectivo, passando depois para o aproveitamento de uma situação em contra-ataque.

Desta forma, os tempos são diferentes, as próprias interpretações e saliências são igualmente diferenciadas, o que poderá resultar em tipos de jogo diversos comparativamente entre si, não pelo objectivo ser diferente, mas porque as dinâmicas em que os treinadores dizem a sua equipa assentar, após ganho da posse de bola, baseiam-se em pressupostos que direccionam a atenção para diferentes aspectos particulares. Na comparação com os dados presentes na literatura, percebemos que as concepções de transição ofensiva e organização ofensivas se tratam dentro do que esperávamos, com maiores trocas e risco nas acções em transição ofensiva.

A passagem para o momento de organização ofensiva, explicitada indirectamente por alguns treinadores, faz-se de forma diferenciada para aqueles que a enunciam. Alfredo Lapa (Anexo II) fala, tal como nós, na organização defensiva do adversário, fazendo sentir que se este se dispuser conseguindo impedir a progressão, se passa para uma forma de ataque mais apoiado. João Pedro Coelho (Anexo III) relaciona a acção de recuperação da bola e o ataque à baliza, pelo que se tal for impossível no imediato, passa para uma situação de maior apoio e menor pressão. José Manuel Ferreira (Anexo V) define como um jogo de opções, sendo a segunda opção deixar de progredir directamente para a baliza a fim de uma jogada mais segura. Por último, Pedro Cunha (Anexo VI) referencia-se ao espaço, sendo que a sua indisponibilidade significa a passagem para o momento de organização ofensiva.

Mais uma vez, as diferentes referências significam destinos similares, ainda que sobre caminhos diferentes.

No que diz respeito à organização ofensiva, os treinadores voltam a referenciar indicadores diversos, desde a circulação de bola e a necessidade da sua objectividade como princípio fundamental do seu ataque, a criação de espaço como meio para dificultar a tarefa defensiva e dar oportunidade aos seus jogadores para colocar em jogo as suas qualidades, bem como a inclusão de acções de mobilidade a fim de conseguir os objectivos de finalização.

Não nos cabe inferir a coerência dos seus discursos, mas sim nos parece que, tal como na transição ofensiva, os indicadores poderão ser enunciados. No entanto, Pedro Cunha (Anexo VI) relata um ponto essencial da sua

organização ofensiva, como o é o jogo posicional. Aqui, parece-nos importante relacionar com a organização defensiva, que se caracteriza pelo grande princípio de defesa à zona, ou seja, defensivamente a equipa mantém os seus posicionamentos, o que possibilita a passagem para as acções de ataque nas condições mais favoráveis à sua execução, de acordo com a construção do mesmo.

Assim, verificámos uma articulação de sentido entre as acções de ataque e de defesa, pelo menos a este nível, aspecto que considerámos imprescindível no quadro teórico apresentado.

Quanto ao analisado para os momentos ofensivos, os alunos pareceram albergar o entendimento que tínhamos a partir da literatura, já que a transição ofensiva caracteriza-se por maior risco e a organização ofensiva por uma maior “ligação” dos processos de jogo, existindo tendencialmente aqui este contraste evidente.

A dinâmica particular de uma equipa, caracterizada pelos princípios do Modelo de Jogo, deverá assentar numa organização, numa distribuição espacial e funcional que permita e, no nosso entendimento, potencie as acções que classificam cada equipa. De acordo com esta ideia, para José Manuel Ferreira (Anexo V), a estrutura de jogo é “um ponto de partida, porque essa estrutura só faz sentido com uma dinâmica e uma mobilidade”.

Partindo desta premissa, a escolha da estrutura de jogo, de onde a dinâmica colectiva ganha mais sentido prático, deverá ser um ponto de chegada na reflexão sobre a concepção da equipa, mas um ponto de partida para a actuação na realidade do terreno de jogo.

Tentaremos, então, perceber as estruturas utilizadas preferencialmente, bem como os motivos para a sua utilização, relativizando à mobilidade ofensiva.

“(…) dentro daquilo que é o conceito de jogo que eu tenho, é uma estrutura que me agrada [4-3-3], eu gosto de jogar com extremos, eu gosto de ver extremos a jogar, e eu acho que o jogo ganha mais qualidade com extremos rápidos, com

extremos técnicos, inteligentes, que saibam ocupar os espaços, que saibam criar desequilíbrios, e nos corredores laterais criam-se muitos desequilíbrios, e proporciona-se sempre a construção de bons movimentos e boas jogadas, e provavelmente será porque sempre gostei de jogar com extremos.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Utilizo a estrutura do 4-2-2-2, portanto, é uma variante do 4-4-2 clássico, com guarda-redes, com uma linha defensiva de quatro elementos, dois médios-centros, dois médios interiores e dois avançados, porque é, na minha opinião, o sistema de jogo que permite uma melhor ocupação de espaços, e que permite rentabilizar melhor as características individuais dos atletas. (...) Não será a estrutura de jogo que irá potenciar a mobilidade da equipa, mas sim os princípios e sub-princípios de jogo que iremos criar, de forma a potenciar o princípio de jogo da mobilidade, como sendo algo benéfico para a equipa: a profundidade dos laterais, as trocas constantes dos nossos avançados, os movimentos em diagonais dos nossos médios interiores, os movimentos em profundidade do médio-centro” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Este ano, tenho que jogar em 4-3-3, portanto, está definido pela SAD, (...) só tem uma vantagem: é conseguirmos ter os corredores bem preenchidos, é a única vantagem que eu vejo neste sistema. (...) Agora, há claro alguns aspectos em que beneficia, como as permutas entre os interiores com os alas, as permutas dos laterais com os alas, as permutas do ponta-de-lança com os alas; há várias situações que podem ser potencializadas no 4-3-3.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Nós, neste momento, não privilegiamos nenhuma estrutura; demos indicações de, eventualmente, num 4-4-2 ou um 4-3-3. (...) Facilita, é verdade, (...) porque a mobilidade vai criar uma dinâmica completamente diferente, e mais complexa, do próprio jogo. Nos diversos sectores, como é lógico, existem situações em que os jogadores vão ter um conjunto de acções que lhes possam permitir, aquilo que eu chamo, alguma desordem na ordem do jogo, e a mobilidade permite isso.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) estamos a jogar em 4-4-2, (...)a nossa equipa penso que se ajusta aos jogadores que tenho a jogar em 4-4-2 losango. Apesar dos grandes princípios serem os mesmos, que nos caracteriza nos quatro momentos, a movimentação e a dinâmica da própria equipa é diferente, e utilizo esta estrutura devido às características dos jogadores que tenho. Tenho jogadores na frente que me possibilitam jogar desta maneira. (...) A estrutura de jogo, e eu estou a criá-la de

maneira a que esta dinâmica de mobilidade me permita ter mais sucesso na criação de espaços.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Para além das visões relativamente diferenciadas sobre o Modelo de Jogo, assentes em pressupostos diversos de treinador para treinador, o que determina uma dinâmica particular para atingir os objectivos parciais e finais do jogo, parece-nos de extrema importância ressaltar um aspecto: de entre os cinco treinadores entrevistados, verificamos a opção por quatro estruturas de jogo diferentes: 4-3-3, tanto Alfredo Lapa (Anexo II) como Joaquim Santos (Anexo IV); 4-2-2-2, por João Pedro Coelho (Anexo III); 4-4-2 clássico, como opção de José Manuel Ferreira (Anexo V); e, por último, 4-4-2 losango, utilizado por Pedro Cunha (Anexo VI). Assim, verificamos uma das grandes riquezas do nosso trabalho.

Quanto aos motivos apontados, Pedro Cunha justifica como sendo a estrutura que, no momento, se adapta às características dos jogadores que tem disponíveis, ou seja, em detrimento do 4-3-3 que utilizava anteriormente, esta estrutura permite um aproveitamento mais rentável dos seus jogadores, respeitando as características do Modelo de Jogo e de jogador apontados pelo clube.

Para Alfredo Lapa, a utilização da estrutura 4-3-3 permite o aparecimento das qualidades individuais de jogadores que considera importantes no jogo, como sejam os extremos, que são os elementos que incita a provocar desequilíbrios individuais nos corredores laterais. Já João Pedro Coelho prefere a estrutura 4-2-2-2 por mais facilmente permitir a ocupação racional do espaço, bem como melhor rentabilizar as características individuais dos seus jogadores.

No caso de Joaquim Santos, assistimos a uma situação particular, porque o próprio clube determina a utilização da estrutura 4-3-3, pensando o treinador que tal se deve ao facto de se adequar à realidade e exigências do futebol português.

José Manuel Ferreira, perspectivando a questão já como coordenador, diz não privilegiar nenhuma estrutura, dando, no entanto, indicações para 4-4-2

clássico ou para 4-3-3; neste trabalho, discorrerá sobre o 4-4-2 clássico, por ser a estrutura preferida.

Sendo a estrutura um ponto de partida, esta deverá ser escolhida, segundo o nosso entendimento, pelas possibilidades que tem de potenciar a dinâmica da equipa, isto é, dá condições ao colectivo para que o tipo de jogo pretendido surja o tanto mais fluído possível. Primeiramente, falámos o quanto o sistema de jogo deve ser ajustado de acordo com as características dos elementos que o compõem, pelo que encontramos forte correspondência neste ponto.

Na verdade, adiantámos na revisão bibliográfica a importância do espaço na estrutura de jogo, já que, sendo este fundamental na concretização das opções ofensivas, um dos meios de potenciamento será pela disponibilização do mesmo em zonas que são pretendidas para conseguir os objectivos particulares do jogo.

Mais uma vez, os treinadores apontam motivos diversos para justificar as suas opções. No caso de Alfredo Lapa, volta a frisar a importância de criação de desequilíbrios pelos extremos, possibilitando boas jogadas, mas não deixa de apontar como fundamentais os médios-centro e os laterais, bem como os centrais e o pivot defensivo, ainda que nos parecendo a um nível diferente, fundamentalmente de contenção. Assim sendo, Alfredo Lapa não consegue dissociar as acções de desequilíbrio, no caso desempenhadas pelos seus extremos, das acções de apoio e equilíbrio defensivo, verificando-se aqui um entendimento que apreciamos e achamos imprescindível.

Dentro daquilo que é a sua forma de jogar, Alfredo Lapa dispõe potencialmente a equipa em coberturas sucessivas, favorecendo precisamente as linhas de passe, nomeadamente até ao extremo, mas também os equilíbrios encontram-se “automaticamente” realizados no caso de uma perda de posse de bola.

Joaquim Santos (Anexo IV) e Pedro Cunha (Anexo VI) indicam aspectos de diferentes níveis para conseguir chegar, pelo que nos parece, ideias de jogo similares. Joaquim Santos diz-nos que a sua estrutura potencia as permutas posicionais, fundamentalmente entre os jogadores que se encontram mais

perto dos corredores, ou mesmo nestes: o lateral, o médio interior e o médio-ala. Já Pedro Cunha fala na capacidade que a sua equipa pode ter na criação de espaços; o mesmo treinador confirma-nos que a mobilidade da equipa por combinações tácticas se faz com o objectivo de libertar jogadores para a acção de cruzamento.

Por estes treinadores, vemos que diferentes concepções e ideias sobre a forma de jogar, bem como na forma como os treinadores, não inviabilizam um entendimento superior na utilização da estrutura de jogo. Quanto a Joaquim Santos (Anexo IV), pretende combinações nos corredores laterais a fim de criar acções de cruzamento, mas igualmente para chamar o adversário para esse lado, o que permitirá o aproveitamento do lado oposto. Igualmente, Pedro Cunha (Anexo VI) parece-nos basear num aspecto semelhante: a presença de quatro elementos no sector intermédio da sua estrutura, que obriga a grande mobilidade, bem como a disponibilização de espaço na zona do sector mais adiantado no corredor lateral, permite que se sinta que, como ele diz, “para a equipa adversária, aparece-lhe lá um jogador que não estava lá, e isso é que condiciona desequilíbrios na estrutura da equipa adversária”, já que, “se nós colocarmos uma estrutura no papel, o que me interessa a mim naquele desenho não é propriamente a estrutura, é a dinâmica que nós introduzimos à estrutura”.

Assim, a disposição estrutural dá organização no espaço, mas a verdadeira organização é dinâmica, pelo que a estrutura deverá estar ao serviço das relações entre os jogadores, dos pontos de atracção para o adversário, dos conceitos e padrões sobre os quais os comportamentos da equipa poderão surgir, como a circulação numa zona para poder criar espaço noutra. A contribuição da organização estrutural de jogo é fulcral, já que as combinações e equilíbrios são feitas relativamente a um estatuto posicional marcado, e nunca abstracto; para além disso, a dinâmica particular de jogo envolve certos jogadores e certos sectores da equipa, a disposição está impreterivelmente presente na organização que traz ao arranjo colectivo.

Numa abordagem sistémica, podemos dizer que a equipa comunica entre si e os seus elementos lêem-se a si próprios, dispondo-se eles próprios, para

chegar à configuração global desejada. Desta forma, o conceito de bacias de atracção parece-nos relevante, já que a equipa adopta determinada dinâmica, determinadas relações se fortificam num tempo (momento de jogo), num espaço (zona de jogo) e com maior probabilidade de actuação por uns elementos em detrimento de outros, do entendimento do qual nasce nova dinâmica para novo objectivo parcial, num determinado tempo e espaço de jogo.

Quanto a João Pedro Coelho, prefere salientar a importância da coordenação dos diferentes níveis de princípios de jogo a fim de permitir que a capacidade de mobilidade dos jogadores surja de acordo com o pretendido. No entanto, a utilização de uma estrutura, que nos parece, com um centro de “gravidade” no corredor central da equipa poderá potenciar, pelo menos, o primeiro aspecto que o treinador salienta para a mobilidade da equipa, como o seja a profundidade dos laterais; assim, parece-nos que a estrutura tende a potenciar o aparecimento da acção móvel dos seus laterais, pelo facto de deixar (potencialmente) livre o espaço para a sua progressão da forma pretendida. As dinâmicas possuem centros de atracção muito próprios, sendo que a comunicação determina uma incidência mais central da qual nasce a iniciativa no corredor lateral.

José Manuel Ferreira, por seu turno, afirma que a mobilidade traz um nível de complexidade superior ao jogo da equipa, criando uma dinâmica completamente diferente. Quando nos diz que as acções de jogo permitem a criação de desordem na ordem do jogo, o entendimento que possui deste, para nós, compara-se ao entendimento sistémico, pelo simples facto da desordem permitir que a ordem se recrie, e assim, no que diz respeito à organização da equipa, esta se recrie novamente. Desta forma, a estrutura de jogo, entendida como um ponto de partida para a forma de jogar do colectivo, um início para a mobilidade, apesar de ser a imagem da ordem na equipa, apenas permite que surja a verdadeira ordem, a verdadeira relação específica, a verdadeira dinâmica e a verdadeira complexidade de criação do novo. Este treinador defende a transmissão de indicadores que funcionam como fractais que se

alastram a toda a forma de jogar da equipa, ramificam-se numa atitude de procura e exploração do jogo, e nunca de passividade e espera.

Ainda que o entendimento organizacional possa ser diferenciado, os treinadores abordam a estrutura de jogo, revista num conceito dinâmico como o é o de sistema de jogo, numa gestão de relações entre os jogadores, de espaços, de equilíbrio e complementaridade de funções. Desta forma, consideramos que, na sequência do quadro teórico apresentado aquando da revisão da literatura, a estrutura de jogo é importante no contexto do Modelo de Jogo, no sentido de lhe dar organização, de potenciar a acção dentro dos seus princípios, tendo um papel preponderante na criação prática organizacional dentro do entendimento que cada jogador deve ter sobre o “seu jogo” para o “jogo da equipa”.

Mesmo dentro de conceitos caracterizadores daquilo que é claramente o Modelo de Jogo da equipa, como a dinâmica e as fluências de jogo que o colectivo encerra em si próprio, parece-nos que o entendimento dentro da estrutura permite-nos conhecer o tempo e os espaços dessa mesma dinâmica, bem como as posições e funções que afecta na sua manifestação. Por outro lado, a estrutura de jogo determina que a dinâmica seja entendida de forma particular, porque não terá a mesma lógica de mobilidade em estruturas de jogo como, por exemplo, 4-3-3 ou 4-4-2 clássico, onde a disponibilização de espaços, a relação das coberturas e, conseqüentemente, a redistribuição funcional dos jogadores é feita de forma particular.

4.2. (C2) Mobilidade Ofensiva

“Ora, é precisamente isto que eu peço ao futebol: o imprevisto, o inesperado, a falta de lógica, a maluquice, o génio. Que me driblem. Que me enervem. Que me surpreendam.”

(Lobo Antunes, 2005)

Na categoria “Mobilidade Ofensiva”, dividimos em três subcategorias:

- o SC2.1 – Transição ofensiva;
- o SC2.2 – Organização ofensiva;
- o SC2.3 – Bolas paradas ofensivas.

A divisão da categoria fundamental do nosso trabalho segundo as três subcategorias supra-citadas prende-se, principalmente, com a nossa intenção em abordar as diversas visões dentro de cada momento de jogo, sendo esta a caracterização fundamental.

Assim, começaremos por aspectos mais abrangentes da sua noção, relativizando igualmente ao Modelo de Jogo e sistema de jogo antes dissecados; passamos, de seguida, para os momentos do jogo, começando pela transição ofensiva, depois para a organização ofensiva e, por fim, pelas bolas paradas ofensivas. Mais uma vez, pensamos que as bolas paradas se integram nos outros momentos, terão de, impreterivelmente, decorrer dos restantes para se manifestar em total concordância com o projecto da equipa, mas assim é-nos permitido salientar um ponto essencial, não ofuscando as restantes categorias, nem sendo ofuscado por essas mesmas.

A acção de mobilidade em momento ofensivo surge de uma necessidade – ultrapassar o adversário e missão defensiva – o que lhe confere um significado no quadro dos objectivos da vasta complexidade de acções que uma equipa executa no decorrer de uma partida.

Veremos, de seguida, os objectivos pelos quais os treinadores indicam a mobilidade como uma acção fundamental na sua forma de jogar, aquilo que os

treinadores pretendem alcançar com as acções de mobilidade, sendo fundamental a comparação com os dados que a literatura nos fornece.

“O objectivo é criar desequilíbrios na defesa contrária, provocar rupturas, e criar situações de finalização, esse é o objectivo final...” Alfredo Lapa (Anexo II)

“É efectivamente um princípio importante, (...) através de movimentos de ruptura que possam criar desequilíbrios em termos ofensivos, e sobretudo a dificuldade na equipa contrária, portanto, a mobilidade permite-nos desequilíbrios ofensivos, tentarmos ocupar espaço de forma a desequilibrar em termos ofensivos.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Criar desequilíbrios na equipa adversária, criar linhas de passe e situações em que os jogadores possam receber a bola o mais soltos possível, onde eles possam ter a maior criatividade possível, mais de frente possível para o ataque, onde possam desenvolver acções ofensivas mais fáceis.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“É um dos princípios que também nós adoptamos, porque para já cria desde surpresa, uma série de combinações que poderão eventualmente criar alguma dificuldade ao adversário, e depois permite-nos criar um conjunto de situações que permite que o jogo não seja um jogo estanque, que seja um jogo diferente, isto é, independentemente da forma como temos a nossa estrutura, a nossa forma organizacional (...)” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Fundamentalmente, em posse de bola, quando as equipas adversárias estão posicionadas, são importantes as trocas posicionais. É fundamental, penso eu, haver grande mobilidade com as trocas, de maneira a fazer um jogo de posições, de maneira a que o adversário, que normalmente também joga à zona, tira-os rapidamente dessa zona porque o objectivo (...) é que os jogadores apareçam nos espaços que não estejam lá, e com as trocas e a mobilidade que a gente consegue criar, consegue criar espaços nas zonas em que nós tentamos que apareçam mais vezes, na estrutura defensiva adversária, para criarmos problemas.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Os objectivos apontados pelos treinadores, como podemos ver, são variados mas inegavelmente confluentes. Primeiramente, os treinadores apontam como razão fundamental para a sua sistematização a necessidade de desequilibrar o adversário, de o desestruturar, a fim de diminuir a oposição no caminho para os objectivos colectivos; a mobilidade é um meio para atrair os jogadores da equipa contrária a incidir sobre indicadores errados e não essenciais no momento, aspecto do qual os atacantes tirarão vantagem. Depois, igualmente aparece como imprescindível a disponibilização de espaços, para os quais as acções de mobilidade tenderão a contribuir precisamente pelas dificuldades que pretende impor ao opositor; as constantes acções de desmarcação permitirão precisamente que os desequilíbrios criados, num primeiro momento, sejam, através de acções repetidas de ruptura, possivelmente aproveitados, partindo da leitura dos espaços e desequilíbrios individuais e colectivos no centro do jogo defensivo do adversário. As acções de mobilidade pretendem, igualmente, tornar o jogo imprevisível, iludindo o adversário, da qual resultam acções de surpresa, actuações fora da norma; esta imprevisibilidade tornará o adversário crescentemente vulnerável, susceptível ao erro, que será exactamente que queremos encontrar em momento ofensivo.

Estes aspectos são facilmente verificáveis pelas palavras dos treinadores. No entanto, ficam ainda mais patentes pelo discurso que utilizam nas suas declarações, através da leitura flutuante do *corpus* de estudo, que as acções de mobilidade aparecem naturalmente dentro dos objectivos parcelares que o projecto de equipa determina para o seu jogo, já que a mobilidade é parte integrante da mesma.

Comparativamente aos objectivos avançados por Castelo (1994), os quais fizemos referência no quadro teórico prévio do trabalho, existe uma correspondência com os avançados pelos treinadores, na medida em que pretendem desequilibrar o adversário, através de situações de difícil e errónea interpretação, a fim de criar espaços relevantes para os seus processos de jogo.

No que diz respeito aos restantes dois objectivos, parece-nos que estão patentes nos processos de jogo em que muitos treinadores se baseiam. Assim, sendo, podemos avançar com os seguintes exemplos:

- o Alfredo Lapa (Anexo II) diz-nos que o seu médio interior mais móvel é o médio do lado contrário da bola, pelo que é este jogador relativamente fora do centro de jogo que assume novas funções e acções de mobilidade;
- o João Pedro Coelho (Anexo III) defende constantes desmarcações de ruptura, em diagonal profunda, procurando o aproveitamento de espaços provavelmente fora do centro de jogo, no caso nas costas da defensiva adversária, bem como quer total mobilidade entre os jogadores mais adiantados, o que leva a um reassumir constante de novas funções; a própria estrutura de jogo, como desenhada estaticamente, poderá significar a intenção de chamar o adversário para o meio a fim de abrir espaços nos corredores;
- o Joaquim Santos (Anexo IV) incentiva às constantes permutas, quer a nível sectorial, quer a nível intersectorial, fundamentalmente entre o meio-campo e o ataque, mas igualmente envolvendo um dos defesas laterais, pressupondo que os jogadores reassumam novas funções;
- o José Manuel Ferreira (Anexo V) defende a liberdade dos jogadores, dentro das suas competências e limitações, a criar e recriar o jogo, a experimentar a cada escala de ordem e desordem, pelo que o jogo assume um carácter inquestionavelmente global e globalizante em toda a sua dimensionalidade;
- o Pedro Cunha (Anexo VI) pretende um jogo de constantes trocas posicionais, deixando um espaço que só quer ver ocupado em momentos particulares, ou seja, dependente de uma dinâmica particular, pelo que, potencialmente, não será uma zona banalmente ocupada, havendo necessidade de ser fora do seu centro de jogo.

Nos tipos de mobilidade que uma equipa pode apresentar, já salientámos que tais se insurgem como mobilidade convergente e mobilidade divergente. Dentro dos comportamentos que acabamos de verificar, parece-nos que existe uma relação íntima entre as etapas da forma de jogar e o discernimento para determinados comportamentos relativos a este princípio de jogo.

Quando uma equipa se encontra a construir o seu jogo de ataque, procurando manter a posse de bola a fim de insistir na criação e aproveitamento de situações para prever a finalização, as demarcações fazendo-se também em profundidade, mas também em largura, no sentido precisamente de conseguir dar largura ao jogo, dar a amplitude necessária para o aproveitamento dos espaços mais facilmente utilizáveis para conseguir alcançar as pretensões.

Quando se procura as acções de finalização e está próximo destas, parece-nos que o tipo de deslocamento móvel ganha outro tipo de relevância: a mobilidade divergente faz-se apenas no sentido de potenciar desmarcações com direcção para a baliza, através do eventual “arrastamento” de defensores e criação de referências de progressão (abre caminho, deixa espaço, sendo indutor de mobilidade). Assim sendo, estes dois tipos de desmarcação fazem-se na complementaridade dos objectivos a atingir, e nunca à revelia um do outro.

Pensamos, assim, que os objectivos apontados pelos treinadores se adequam aos aspectos que serviram de base para a nossa reflexão, como o sejam aqueles que já confirmámos, como também, igualmente, o de assumir outras funções dentro da equipa, bem como ao nível do deslocamento para fora do centro de jogo. No entanto, as dinâmicas que cada equipa manifesta para conseguir alcançar esses mesmos objectivos, como pudemos ver, é bastante diferenciada.

Pelas estas dinâmicas que uma equipa possui internamente, partindo de jogadores com características diferenciadas uns dos outros, não só mas também para se fazer corresponder às necessidades de execução de tarefas

específicas, podemos considerar que, funcionalmente, qualquer equipa dificilmente será simétrica, seja qual for o eixo definidor dessa análise.

As ligações entre os jogadores, as relações e linhas de força entre estes, são elementos determinantes na forma como a equipa se define. Pensemos, apenas, na situação do guarda-redes que, em momento ofensivo, se se encontrar demasiado afastado da restante equipa, deixa, no fundo, de fazer parte desta, já que não se encontra ligado à mesma. Neste caso, a relação de força não existe, ou será muito ténue.

No entanto, como vimos, um sistema, como uma equipa de Futebol, comunica intrinsecamente, o que significa que cada elemento se liga com mais ou menos intensidade, mas igualmente a um regime particular, com um fluxo de informação diferenciado entre si; será, muito provavelmente, diferente a relação funcional entre os dois médios de uma mesma equipa (uma relação sectorial com similar proximidade à baliza, de equivalente semelhante) quando comparada com a relação de um desses médios e o ponta-de-lança (relação de corredor com diferente proximidade à baliza, tendo um significado diferente).

Para além disso, o Modelo de Jogo determina rotinas e propriedades em tempos e espaços particulares, ligações e intensidades igualmente particulares, o que confere uma função Específica dentro do conjunto. Dentro da dinâmica do Modelo, ao seu nível mais prático do jogo, que possui uma organização, a opção por uma determinada estrutura de jogo distribui posicionalmente, de forma potencial, os elementos a fim de fazer confluir as ligações no sentido de criar as dinâmicas pretendidas, ao qual damos o nome de sistema de jogo.

Decorrente deste raciocínio, pelo seu posicionamento preponderante dentro da equipa, ou seja, pela importância da sua localização dentro da organização da equipa, determinadas posições poderão ser mais fundamentais pelo facto de, ligando-se a determinados elementos ou mesmo correspondendo ao significado de determinado espaço no tempo, se tornarem centros de confluência da dinâmica Específica. Desta forma, pensamos que estas posições, que consideramos como referências dentro da equipa, deverão estar mais presentes e com maior regularidade e constância no jogo da equipa, a fim de permitir o funcionamento permanente e fluente da dinâmica colectiva.

Assim sendo, questionámos os treinadores se determinavam posições ou mesmo jogadores mais fixos.

“Provavelmente, os nossos centrais e o nosso pivot defensivo são jogadores mais de apoios e de coberturas, mas os laterais são fundamentais também, porque eu não gosto que a minha equipa se desequilibre, e então se o lateral vai em apoio, o outro joga em equilíbrio (...); o médio do lado da bola vai dar o apoio, vai dar o equilíbrio naquela zona, porque não podem ir todos, tem que haver algum equilíbrio, tenho o pivot defensivo também a dar algum equilíbrio defensivo naquela zona, porque o médio do lado da bola vai dar alguma cobertura ofensiva, portanto, se houver perda de bola aquele espaço está garantido, está protegido (...).” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) procuramos que a equipa, mesmo em termos ofensivos, esteja sempre equilibrada, equilibrada e preparada para perder a posse de bola, e quando digo equilibrada, digo sempre com o guarda-redes, como é óbvio, e depois mais três elementos, que serão dois defesas centrais e um lateral, e depois um médio-centro, que nós definimos, que é o médio-centro do corredor do lado em que desenvolvemos o ataque ofensivo.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“(...) eu dou mobilidade ao meu sector recuado, neste caso, um lateral, em termos ofensivos, um de cada vez, não mais (...). Para além dos defesas, (...) eu jogo com o vértice defensivo, tenho o pivot, o pivot defensivo, que é um jogador, lá está, também para as transições, para parar transições do adversário, para ser um ponto de referência para, quando a equipa ganha a posse de bola, ser um ponto de referência para a equipa circular e para a equipa tirar das zonas de pressão...” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Agora, não escondo que, em qualquer um deles, há a vontade que eles tenham a capacidade de perceber os diversos momentos, e que tenham a possibilidade de usufruir desses momentos para terem essa mobilidade, e não há infecção nenhuma. Agora, não escondo que, se calhar, o pivot defensivo, no momento em que a equipa está a atacar, se calhar também pode estar a pensar... (...) Criar, estereotipar as coisas assim: “lateral chega ali à linha e pára o barco”, tem ali uma parede; mas também ter um lateral que sobe por subir, mas depois não percebe que, quando perde a bola, tem de vir atrás e compensar essa situação (...) os

defesas têm um grande princípio, que é defender bem (...)” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Na forma de jogar as posições mais fixas, além do sector defensivo, as posições mais fixas o pivot defensivo, na nossa maneira de jogar, o pivot defensivo é o jogador mais fixo, apesar de nós termos trabalhado trocas posicionais mesmo com este jogador, ele sair, quando os centrais estão a trocar, ele sai da sua zona e aparece outro para receber orientado de maneira a sair a jogar.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Na análise das concepções dos treinadores, existe uma certa unanimidade quanto à existência de jogadores mais posicionais e quanto à sua conceptualização, à excepção do entendimento de José Manuel Ferreira.

Aqueles que são mais apontados como entrando pouco em acções de trocas posicionais, mantendo o seu estatuto mesmo em momento ofensivo, são os defesas centrais e o médio defensivo, formando um triângulo mais “rígido”. Parece-nos, assim, que a “rigidez” posicional se correlaciona, não só com a importância a atacar, mas fundamentalmente, tendo em conta os testemunhos dos treinadores, com o seu carácter imprescindível no assumir de uma função defensiva, precavendo a perda da posse da bola; assim, estes jogadores, para os treinadores, são o centro do equilíbrio da equipa, posicionando-se num balanço entre a menor pressão do adversário (a atacar) e de responsabilidade de último bloco (a defender).

Imaginemos a seguinte situação de jogo: a equipa encontra-se numa etapa de construção do seu jogo de ataque, circulando a bola na procura de uma oportunidade para a colocar eficazmente no seu sector mais adiantado; no entanto, a equipa adversária consegue condicionar totalmente o jogador com bola, não deixando que este tenha opção de jogar para a frente, obrigando a jogar para trás.

Primeiramente, pela literatura, ficámos bastante elucidados para o facto dos jogadores da retaguarda serem elementos de acção de apoio, no que a acções ofensivas diz respeito, principalmente os defesas centrais, podendo os defesas laterais assumir um pouco mais acção de mobilidade; no entanto,

parece-nos que tal acontece porque é imprescindível que ocorra uma regularidade marcada nestas mesmas acções de apoio, pelo que deverão ser totalmente seguras e, acima de tudo, totalmente previsíveis para o colectivo. Num momento de grande condicionamento do adversário, as relações mais previsíveis são as reforçadas, pelo que estas deverão existir, pelo menos, no local de terreno que se caracteriza principalmente pelo equilíbrio, para além de se perceber que uma perda de bola nesta situação exigirá uma acção emergente. Neste caso particular, as acções defensivas e ofensivas confluem para uma imprescindível regularidade posicional.

Como vimos, para além destes, os treinadores falam dos defesas laterais, que, por um lado, incorrem em acções ofensivas, mas que, por outro, são responsáveis igualmente por adoptar um posicionamento contido, em determinadas situações, a fim de manter o equilíbrio defensivo. Nesta simetria de funções, é privilegiada a relação entre os laterais de forma a manter sempre pelo menos um em equilíbrio defensivo; no entanto, alguns treinadores vão mais longe ao afirmar que o lateral que realiza equilíbrio defensivo é o que está do lado contrário ao da bola, favorecendo as acções mais adiantadas do defesa lateral que está do lado da bola.

Para além destes, Alfredo Lapa fala-nos do médio interior no lado da bola, relativamente à sua forma de jogar, como sendo um elemento que realiza o equilíbrio em momento ofensivo não insistindo em acções de risco, sendo a primeira linha para uma eventual perda de posse de bola.

Assim sendo, será consensual que a estrutura mais fixa faz-se, como já vimos, sendo composta pelos dois centrais e o médio defensivo, ou, no caso do sistema 4-2-2-2, do médio mais recuado do lado da bola, sendo que a presença de, pelo menos, um dos defesas laterais é regra, estabelecendo uma linha mais recuada de três elementos mais o médio defensivo como os jogadores mais fixos da estrutura.

No entanto, parece-nos que José Manuel Ferreira prefere utilizar um discurso totalmente não limitador na relação com os seus jogadores, procurando que sejam estes a aperceber-se das contingências que o próprio jogo provoca.

Mais uma vez, parecemos comprovar a importância de um entendimento globalmente ligado dos momentos de jogo, que são inseparáveis na realidade. A dinâmica que surge desta situação é revista, assim, na particularidade de certas posições com determinadas funções, o que obriga à sua maior “posicionalidade” dentro do sistema de jogo da equipa, já que não poderão ser corridos riscos na sua ocupação, bem como, ofensivamente, a qualidade da relação perto da própria baliza deverá ser incontestável.

Um aspecto é de importante análise: apesar de todos os treinadores indicarem o médio defensivo como um jogador posicional (médio defensivo do lado da bola, no caso da concepção de João Pedro Coelho), todos estes, à excepção deste último treinador, dão liberdade à troca posicional do jogador que esteja nesta posição, desde que a situação se exija de aproveitamento, e sendo obrigatória a ocupação daquele espaço por outro jogador. Desta forma, confirmamos um dos nossos pressupostos, já que, sendo fundamental a ocupação de determinado espaço, este poderá sê-lo sem que esteja lá sempre o mesmo jogador, permitindo que entre em acções de mobilidade, ainda que, provavelmente, envolvendo menor risco na reconfiguração momentânea do jogo.

No entanto, José Manuel Ferreira (Anexo V) fala em cultura, num medo dos treinadores em perder, o que determina a visão mais posicional sobre a actuação destes jogadores. Parece-nos evidente que, segundo a sua visão, os jogadores deverão não partir da noção de estar num determinado lugar, mas sim que se liguem ao jogo e será este a permitir que cada jogador saiba a forma como actuar. Como sistema inteligível, o ser humano acabará por se adaptar às exigências do meio, pelos constrangimentos impostos pelo meio, e nem tanto por uma imposição gerada por generalização. Será o jogo a “dizer” que necessita de realizar mais apoios do que tirar partido de opções de mobilidade, isto é, a sistematização de processos de jogo só parte das exigências que este nos impõe, criando as regularidades que tanto caracterizam cada Modelo de Jogo.

Desta forma, os treinadores parecem chegar a conclusões semelhantes, dizendo-nos que será fundamental que determinados jogadores se mantenham mais regulares num certo espaço do terreno; a forma como chegar lá poderá ser diferenciada e particular, de acordo com a globalidade da visão do treinador. Nesta situação, José Manuel Ferreira distingue-se dos restantes treinadores.

Passando para as restantes posições e funções dentro da dinâmica do sistema de jogo da equipa, estas terão a possibilidade de incorrer em mais acções de mobilidade do que os jogadores de estatuto posicional mais recuado, por exemplo, dando um carácter mais móvel à estrutura de jogo, a dinâmica que determina o verdadeiro significado do sistema de jogo. A equipa passa a ter, desta forma, um triângulo mais posicional, mais estável, constringendo a acção dos defesas laterais à obrigatoriedade da presença de, pelo menos, um destes ao posicionamento defensivo, sendo que os restantes jogadores sofrerão menos restrições relativamente ao seu posicionamento, mas sempre dentro da dinâmica específica da concepção de cada treinador. O equilíbrio defensivo, tal como o conhecemos como princípio específico, obriga a esta definição.

Frade (2006), a propósito do Modelo de Jogo do treinador José Mourinho, identifica que uma equipa tem de possuir uma estrutura (no caso 4-3-3), dentro da qual deverá haver uma sub-estrutura de jogadores posicionalmente um pouco mais fixos (ou menos móveis), a fim de se caracterizarem como referências estruturais que dão coesão à organização colectiva, bem como uma outra sub-estrutura mais móvel com espaço para a mobilidade, trocas posicionais e para a criatividade. Segundo o mesmo autor, para José Mourinho, os jogadores mais posicionais eram os defesas centrais, o médio defensivo e o ponta-de-lança.

Assim sendo, encontramos uma similaridade entre o entendimento dos treinadores entrevistados e a visão deste conceituado treinador, na medida em que o identificado triângulo mais posicional se mantém; os treinadores entrevistados identificam a importância de haver, igualmente, pelo menos um lateral, ainda que não referenciem o ponta-de-lança, já que o entendimento

destes relativamente aos jogadores mais posicionais prende-se com o equilíbrio da equipa, na ligação entre os momentos defensivo e ofensivo. Procuraremos, no entanto, ao longo do nosso trabalho, perceber se os treinadores irão indicar mais alguma referência posicional.

Parece-nos que, no âmbito do entendimento da importância da estrutura de jogo que realizámos anteriormente, este indicador de diferentes sub-estruturas dentro da estrutura mestra identifica, fundamentalmente, a necessidade da mobilidade – como fonte de variabilidade mais perto da desordem e, assim, da recreação – se sustentar numa ordem primária e intrínseca, sendo um dos elementos essenciais à existência da mobilidade dentro da forma de jogar da equipa. A ordem na desordem, o novo a partir do adquirido, tal como qualquer sistema se define em si próprio, é a dualidade inquebrável.

Assim sendo, identificámos já que, quanto mais perto da própria baliza, menos liberdade um jogador tem, menos risco se considera que a forma de jogar da equipa lhe permite assumir.

Assim mesmo, como vimos, será a organização da própria equipa a potenciar certos graus de liberdade característicos, o que constrói, segundo a identificação de um novo nível de observação e, igualmente, uma nova condicionante, um entendimento de jogo ainda mais complexo.

Procurámos saber de que forma os treinadores concedem liberdade aos seus jogadores, e fundamentalmente em que condições.

“(...) a minha organização de jogo (...) permite que o atleta seja livre de poder criar, tem momentos em que ele pode... (...) Agora tem de ser uma criatividade positiva, e não negativa, que beneficie a equipa, que beneficie o jogo, que seja para ajudar e não para complicar, (...) não vou impedir nunca que um atleta meu, que está no último terço de campo, se tem uma situação de um contra um, que vá para cima do adversário, e que procura criar um desequilíbrio, agora não vou pedir ao meu defesa central que faça o mesmo dentro da área.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Na minha ideia de jogar, há sempre espaço para os jogadores mais criativos, e para aqueles jogadores que, individualmente, possuem características que lhes

permitem criar desequilíbrios em termos ofensivos. Essa criatividade é permitida dentro do nosso Modelo de Jogo no último terço de terreno, porque a equipa está preparada e equilibrada para uma possível perda de bola (...)." João Pedro Coelho (Anexo III)

"Eu penso que se prende mais com aspectos pré-determinados pelo treinador, do que propriamente com a criatividade do atleta. (...) o júnior já tem de treinar muito mais os aspectos tácticos.(...) Portanto, neste escalão propriamente, penso que já se prepara mais o atleta, dá-se mais conceitos de lugar, de posição, para ele, se calhar, no futuro próximo, quando chegar aos seniores, estar mais identificado com os posicionamentos, com aquilo que se deve fazer e com aquilo que não se deve fazer (...)." Joaquim Santos (Anexo IV)

"Aí é que há aquilo que eu chamo "arte e engenho" para poder, aquilo que eu te falei da surpresa, da criatividade, enfim, das coisas como elas acontecem, porque o jogo, por mais que nós treinemos de determinadas formas, determinados esquemas, determinadas combinações, elas nunca vão acontecer nem nunca vão ser similares ao jogo. Portanto, nessa situação, é este trabalho que o treinador tem de fazer, isto é, dentro da criatividade dos atletas que tem e da qualidade desses jogadores, e depois com algumas situações, alguns indicadores ou algumas evidências que permitam que, perante as características daqueles jogadores, elas possam acontecer de uma determinada forma, esse tipo de trabalho é que é importante que o treinador tenha em atenção." José Manuel Ferreira (Anexo V)

"Ele, primeiro, tem de conhecer a ordem, primeiro tem que saber a dinâmica, tem que saber a organização, tem que saber os princípios que nos norteiam, mas dentro destes princípios que nos norteiam ele é livre para, se entender o jogo e se perceber o jogo, e se perceber a dinâmica do jogo, ele é livre para construir essa mobilidade para criar espaços." Pedro Cunha (Anexo VI)

Alguns aspectos ressaltam na análise feita pelos treinadores.

Relativizando ao espaço de jogo, e conseqüentemente à função dentro da organização da equipa, os jogadores são incentivados, tal como Alfredo Lapa e João Pedro Coelho o defendem, a ter acções de risco no último terço do terreno de jogo, são livres para criar e para se envolver em acções que tenham

possibilidade de beneficiar no imediato a equipa, ainda que se passe pela situação de perder a posse de bola. O mesmo não será pedido aos jogadores do sector defensivo, mais próximos da própria baliza, em que o risco deverá ser menor mas nunca ao ponto de limitar a sua verdadeira e total utilidade na equipa.

Os treinadores direccionam, então, este conceito para algo bastante importante: os jogadores são livres de criar, têm espaço para isso, condicionado aos pontos gerais falados antes, mas desde que o façam no proveito da equipa, desde que o colectivo beneficie disso, desde que o colectivo perceba porque razão tal é feito. Desta forma, a liberdade incorpora o Modelo de Jogo, já que o serve e potencia, já que cria em si próprio numa “auto-hetero-eco-produção”, ou seja, de acordo com o contexto, se a acção servir o contexto, então a criação advinda da liberdade é admitida e valorizada.

Decorrente deste entendimento, José Manuel Ferreira fala em indicadores, parecendo que, através destes, deixa em aberto uma vinculação mais laxa, mais livre, que permita o aproveitamento das capacidades dos jogadores em proveito do colectivo.

Pedro Cunha acrescenta que essa liberdade só deve ser dada na ordem, e esta deve ser respeitada ao máximo, mas dando lugar a que algo apareça de novo. Joaquim Santos parece concordar com o treinador do Rio Ave, ao dizer-nos que, no escalão de juniores, os jogadores actuam em mobilidade fundamentalmente por aspectos determinados pelo treinador, preparando a passagem ao escalão sénior, pelo que só dentro deste conhecimento é que a sua liberdade é calculada.

Não existe um discurso unânime relativamente a este aspecto. José Manuel Ferreira assume as suas ideias relativas aos indicadores como dando espaço para que os jogadores consigam criar o jogo que é necessário para a equipa. Contudo, os restantes treinadores preferem utilizar uma linguagem diferenciada, afirmando que a liberdade é, logo à partida, condicionada. Parece-nos que aqui residem ideias e concepções diferentes do quanto se quer para o jogar da equipa. Enquanto José Manuel Ferreira acredita, desde logo, que qualquer jogador possa contribuir livremente para o sucesso da equipa,

sendo essa liberdade equilibrada na percepção que o jogador tem sobre o jogo, os restantes treinadores parecem dar liberdade, mas esta é uma liberdade já definida previamente, informando acerca da abrangência da mesma. Para o coordenador do Salgueiros, a liberdade surge como uma manifestação natural dos jogadores, enquanto, para os restantes, o espaço que os treinadores dão para a liberdade dos seus jogadores parece estar igualmente destinada, no caso, para procurar suplantar algum momento de jogo.

No entanto, verificamos alguma uniformidade nos discursos destes treinadores, um tempo e um espaço próprios para a liberdade servir a mobilidade, para que a criatividade enquanto risco maior surja para potencialmente servir o colectivo de forma positiva; os treinadores estão de acordo no facto desta se basear no projecto colectivo, já que apenas servindo este mesmo projecto faz sentido que a liberdade para novas formas seja contemplada no entendimento de jogo do treinador.

4.2.1. (SC2.1) Transição ofensiva

"(...) as equipas devem saber atacar e defender.

Algumas sabem algo mais: fazer transições."

(Valdano, 2001, citado por Guilherme Oliveira, 2004)

Apesar do conceito de transição ofensiva encerrar em si muitas possibilidades de interpretação, o aspecto mais importante prende-se com o aproveitamento de uma eventual desorganização do adversário, a fim de mais rápida e eficazmente atingir os objectivos colectivos para este momento.

Neste ponto, que achamos fulcral, procuraremos encontrar indicadores sobre os quais os treinadores se apoiem no sentido de potenciar, sintetizando, a saída para o ataque imediatamente após a recuperação da posse da bola. Posteriormente, relacionaremos estes indicadores com as opções prioritárias que cada treinador define para este momento de jogo.

Passamos, então, aos testemunhos dos treinadores.

“O espaço é fundamental, acho que são referências importantes sempre: o espaço, o adversário, o companheiro de equipa. (...) Se eventualmente há um movimento, uma combinação entre o lateral e médio do lado da bola, e se eu jogo a bola no corredor lateral, o meu extremo tem de fazer um movimento interior também para poder permitir que o espaço seja criado para o lateral também. Portanto, a presença do adversário também é importante, porque se eu peço para o meu extremo deixar o espaço para poder eventualmente ocupar um espaço interior, é para permitir que o adversário fique numa situação de dúvida (...)”
Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) é fundamental analisar a zona onde vamos recuperar a posse de bola, que, como é óbvio, queremos que seja o mais longe da nossa baliza, mas nem sempre é possível; a forma como a equipa adversária está organizada, e nem sempre nos permite contra-ataque ou ataque rápido, como nós o defendemos sempre, após a recuperação da bola; e principalmente se a nossa equipa está organizada, se está a ocupar bem os espaços de forma a potenciar essa mesma saída. Portanto, são três vertentes fundamentais e que irão sempre definir a qualidade da transição.”
João Pedro Coelho (Anexo III)

“É importante que eles percebam, acima de tudo, onde é que estão, isso é o primeiro ponto. Repare, eles, se ganham a bola quase no último terço, é importante saber que não vão fazer ali uma transição; se eles ganham uma bola no nosso primeiro terço, aí é importante saber onde é que estão, e por isso é que eu digo que tem de haver referências sempre para as situações, entende? Agora, o mais importante, se quiser, por sequência, é o companheiro, segundo será o espaço, e no último caso será o adversário.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“(...) sabemos que existem espaços referenciais, em que a bola tem de se colocar ali porque temos lá um jogador que se vai movimentar para aquele espaço e toda a equipa ir depois acompanhando em função disso.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) A partir do momento em que o lateral direito recebe bola, ele tem companheiros e noção de espaço que nós temos de sair a jogar se ele não consegue... se, por acaso, ele não conseguir jogar no médio dessa lado, ele tem companheiros, tem espaços que sabe que tem de jogar por ali. (...) Portanto, para

mim é importante, na nossa maneira, é posição de jogadores, espaço e companheiros, são as três coisas importantes, agora nós privilegiamos saídas logo pelo lateral.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Percebemos, logo à partida, a forma diferenciada como cada treinador responde, o que significa diferentes interpretações dos aspectos relativos ao entendimento que pretendem que os seus jogadores possuam.

Tendo em conta a concepção que cada treinador defende, percebemos que um dos grandes referenciais é o espaço, muito provavelmente o maior de entre todos. No entanto, esta noção de zona do terreno aparece em dois aspectos relacionados de forma muito importante: a zona de recuperação da posse da bola e a zona onde se perspectiva o direccionamento do jogo.

Segundo Joaquim Santos, por exemplo, a recuperação da bola numa zona recuada não permite, normalmente, que a sua equipa não realize uma transição tal como o mais desejado. De igual forma, a referência dos espaços de colocação preferencial do jogo determina prioridades na saída de ataque, pelo que será importante tentar perceber quais serão as predominantes.

O companheiro é igualmente entendido como fundamental, parecendo-nos, pelo discurso dos treinadores, que estes entendem o espaço (enquanto zona de colocação primordial de saída para o ataque) numa relação com os jogadores e as suas dinâmicas, ou seja, para cada espaço e cada posição existe uma função Específica a realizar, dentro do momento de jogo da transição ofensiva.

O adversário é menos indicado, o que determina a sua menor valorização neste entendimento. No entanto, por tudo o quanto os treinadores nos dizem, a referência do adversário faz-se pela sua organização colectiva, isto é, se o adversário se encontra desorganizado, se deixa espaços na sua organização defensiva, se é incapaz de pressionar o portador da bola, o que determina um indicador primordial para as acções de transição ofensiva.

Contudo, João Pedro Coelho aponta como essencial outro aspecto que nos parece da máxima relevância: para além da interpretação da existência ou não de desorganização por parte do adversário, a equipa tem de perceber se se

encontra organizada e em condições de fazer prosseguir a acção de transição. Mais uma vez, verificamos o quanto é necessária ordem para o jogo, segurança e equilíbrio para uma eventual perda da bola em acções de grande risco.

Indo de encontro ao anteriormente abordado, como forma de entrarmos um pouco mais na concepção dos treinadores entrevistados acerca da transição ofensiva para a sua equipa, procuraremos algumas referências que estes indicam.

“(...) O meu primeiro grande objectivo é aproveitar sempre a desorganização na estrutura do adversário, (...) se o adversário não está organizado, o momento de transição tem de ser muito rápido, e tenho de procurar explorar rapidamente os espaços que o adversário deixou em aberto. (...) agora, nessas situações, a bola preferencialmente vai cair nos corredores laterais (...)” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Há, como é óbvio, jogadores que nós defendemos que são jogadores referência para o nosso ataque, como por exemplo, após uma recuperação de bola, o nosso avançado contrário a ser um elemento mais fixo e preparado para uma transição rápida e para um contra-ataque (...) e em ataque apoiado o lateral através de passe longo do central do lado contrário.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Após ganhar a posse de bola, eu quero que tenha o primeiro passe em segurança, e a partir daí desenvolve-se a transição ofensiva. Mas, o primeiro momento após ganhar a posse de bola é que tenha um passe de segurança e que saia da zona de pressão. (...) se ganhar a bola neste primeiro terço, tenho a referência, que eu já lhe disse, do primeiro passe entrar no meu pivot defensivo, e depois tenho uma situação ou outra do segundo passe entrar nos interiores. Tenho a outra situação do passe entrar directo no ponta-de-lança... Mas isto é muito relativo, depende da zona do campo onde eu ganho, depende da zona do campo...” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Fundamentalmente, e no exemplo da estrutura que nós trabalhamos, num 4-4-2, quando recuperamos a bola, o jogador do lado contrário da bola faz uma diagonal e a bola é-lhe colocada num dos corredores; (...) No momento em que recuperamos a posse de bola, é lógico que o apoio é feito, muita das vezes, na

questão do avançado que cria ali espaços para que isso aconteça, ou eventualmente do jogador que está mais perto dele para que possa jogar para trás, e que possa depois, em função das características da pressão do adversário, etc. (...)” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Se houver profundidade, logo os dois avançados e o pivot ofensivo... o pivot ofensivo vem buscar, e os dois avançados fazem movimento, um de aproximação, outro de ruptura de maneira a criar linhas de passe para sairmos rapidamente em transição.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Quando aferimos acerca da descrição das referências mais objectivas para a transição ofensiva, percebemos que os treinadores utilizam indicadores diferenciados entre si, o que levará, muito provavelmente, a concepções de jogo particulares. Tal se deve ao seu entendimento pessoal do jogo, em equilíbrio com o Modelo de Jogo do clube e os jogadores que tem disponíveis.

Passando já para os diversos casos, João Pedro Coelho fala-nos do ponta-de-lança do lado contrário, entre os dois em que a sua estrutura se define, como a referência para a saída para o ataque. Joaquim Santos, que pretende um passe de segurança logo após ganho, dá como referência fundamental o seu médio defensivo, ou eventualmente os médios interiores, tendo como opção de recurso o jogo com o ponta-de-lança. Pedro Cunha transmite claramente, dentro da sua estrutura de 4-4-2 losango como indicadores fundamentais os pontas-de-lança e o pivot ofensivo.

Neste conjunto de treinadores, é possível verificar uma referenciação a jogadores como meio de direccionar o jogo e a sua dinâmica da forma pretendida. À excepção de Joaquim Santos, que pretende um primeiro passe de segurança logo após a recuperação da bola, tanto João Pedro Coelho como Pedro Cunha indicam o jogo em profundidade para os homens mais adiantados, estando mais perto e mais rapidamente perto da baliza adversária, tal e qual os seus objectivos. João Pedro Coelho define mesmo que seja tendencialmente para o ponta-de-lança do lado oposto, como colocando a bola nas costas do adversário, enquanto Pedro Cunha engloba um grupo de

jogadores, como o são os três jogadores mais adiantados, dando a entender uma potencial dinâmica específica entre estes.

Partindo deste último raciocínio, a identificação de prioridades de jogo relacionadas com determinados jogadores em certos estatutos posicionais e certas funções parece-nos indicar o despoletar de acção de acordo com certas combinações possíveis ou potenciais. A entrada da bola num determinado jogador ou a entrada da bola num determinado espaço não deverá significar à partida a mesma coisa, já que a potencialidade da bola entrar num jogador específico ocorrerá mais frequentemente na primeira situação. A prevalência de um conceito fundamental, ou seja, uma regularidade como a colocação num jogador definido, num tempo e num espaço particulares, abre a possibilidade de desenvolver a capacidade de sobrevalorizar relações que daqui tragam mais frutos para o jogo da equipa. Pensamos que este será um ponto de partida para as combinações tácticas, que iremos abordar mais à frente.

No entanto, no mesmo momento de jogo, Alfredo Lapa (Anexo II) pretende a colocação da bola nos corredores laterais, já que sabe que lá aparecerá preferencialmente o seu extremo para criar situações de um contra um, mas “se não tem lá extremo, é o ponta-de-lança que tem de ocupar lá esse espaço”. José Manuel Ferreira partilha das ideias do treinador anterior, particularizando mais ao facto de pretender o corredor do lado oposto à recuperação da posse da bola. Assim, mediante este indicador, a equipa poderá adaptar-se mais convenientemente ao jogo previamente à solicitação feita para o espaço, ou seja, poderá tornar-se mais imprevisível, já que a dinâmica de jogo obriga à presença de um jogador naquela zona, independentemente de quem seja.

Pela necessidade de receber a bola no espaço determinado, que poderá estar marcado por um adversário, será importante uma mobilidade que permita a libertação de um jogador em condições de corresponder às necessidades de recepção e direccionamento do jogo, confundindo o adversário com trocas posicionais. Contudo, se for um jogador determinado a receber, pela eventual pressão do adversário, poderá fazê-lo numa zona variada, o que até poderá significar a presença de um espaço vazio. Assim, de acordo com a dinâmica que o treinador quer para a sua equipa, nomeadamente ao nível da mobilidade

e da potencialidade de ocorrência de certas combinações e de determinadas características, parece-nos fulcral a adaptação dos indicadores de forma Específica. Se os objectivos da mobilidade passam por desequilibrar o adversário e criar espaços para o jogo da equipa, vemos que as pretensões lançadas pelos treinadores para a transição ofensiva beneficiam imenso dessas conquistas, pelo que o nosso raciocínio ganha todo o cabimento.

Voltando ao entendimento da referência neste momento de transição ofensiva, não existe um consenso quanto ao conteúdo preciso caracterizador, o que se aceita pelo facto de cada treinador ter as suas ideias e visões, estando estas relativas ao seu Modelo de Jogo, essencialmente.

No entanto, na sequência do que Frade (2006) abordou acerca da estrutura de jogo do treinador José Mourinho, encontramos aqui mais alguns jogadores com um carácter referencial dentro da forma de jogar da equipa, ou seja, nesta situação em particular (transição ofensiva), um tempo que se revê numa dinâmica Específica, surge uma regularidade que será indicativa de um padrão posicional (referência de posição) ou apenas de um padrão de dinâmicas (referência ao espaço). Pensamos que apenas o entendimento de cada treinador poderá colocar este indicador ao mesmo nível dos restantes.

Comparando com os elementos provenientes da literatura, voltamos a frisar o potencial que a percepção do espaço encerra, bem como a sensibilidade para a pressão que é exercida pelo adversário. Pensamos, assim, que a gestão destes dois elementos-padrão no entendimento do jogo de ataque, em busca do seu condicionamento positivo, serão pontos de reflexão de base para que cada treinador aponte outros indicadores relevantes ao ajustamento do tipo de saída para o ataque que, no entendimento dos treinadores entrevistados, deverá representar uma capacidade de aproveitamento rápido de eventuais situações favoráveis, tal como havíamos aferido a partir da literatura. Relativamente a estes indicadores, não temos termo de comparação com a literatura, já que aqui encontramos como essencial a desorganização do adversário e não conceitos mais objectivos e sensitivos, tal como pretendemos.

No entanto, nunca as acções a realizar, seja no momento de transição ofensiva, seja em qualquer outro dos momentos de jogo, tal como sabemos, terão de ter potencialmente basear-se (ou, pelo menos, ter disponível) a ajuda dos companheiros. No sentido de aproveitar e potenciar os espaços e desequilíbrios (que poderão ser momentâneos), os treinadores terão em mente um conjunto de relações que, mediante as condições em transição ofensiva, classificarão uma dinâmica particular de mobilidade. Pensamos que tal dependerá fundamentalmente dos princípios da própria equipa, ou seja, da dinâmica Específica e daquilo que o colectivo pretende atingir nesta situação de jogo.

Os treinadores foram questionados relativamente a um aspecto geral da mobilidade para este momento de jogo, mais concretamente à prevalência por trocas posicionais ou por uma mobilidade dentro do espaço relativo.

“(...) Eu permito que essas trocas sejam feitas, e entre o ponta-de-lança e o extremo que possam acontecer, aliás, como te dizia, qualquer um dos meus extremos se sente numa posição confortável quando joga no corredor central, portanto essas trocas de posição acontecem muitas vezes no meu jogo, mesmo trocas posicionais entre ponta-de-lança e extremo. O que eu não quero, e não permito muito, é que o meu ponta-de-lança ocupe o corredor quando o meu extremo está no respectivo corredor, porque isso implica que esse espaço esteja condicionado logo à partida.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Eu defendo a mobilidade de forma a criarmos desequilíbrios ofensivos em profundidade, defendo igualmente que esses desequilíbrios sejam feitos através de trocas posicionais e através de desequilíbrios de atletas que ocupam posições mais recuadas e que provocam desequilíbrio. (...) claramente com trocas posicionais, claramente procurando desequilibrar em profundidade através de movimentações definidas ou pré-definidas na nossa forma de jogar.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“De preferência, que haja troca; havendo troca, vai destabilizar, em princípio, a equipa adversária, vai desposicionar muito mais, vai criar mais espaços que sejam benéficos para nós. De preferência, mas o futebol não é uma ciência exacta... Se

tivermos de sair numa transição e com jogadores bem definidos nos corredores, seja onde for, então vamos sair por aí...” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Nós privilegiamos muito as trocas posicionais porque isso vai obrigar que grande parte das equipas, que jogam muito a pares, a abrir grandes espaços, porque também acho, como te disse, que grande parte das equipas tem alguma dificuldade em jogar à zona, ou a ensinar a defender à zona. (...) Nós fazemos isso em função de algum défice de jogo que acontece em algumas equipas; portanto, essas trocas privilegiam-nos e cria-nos algum benefício disso.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) Com o adversário desorganizado, não contemplamos grandes trocas posicionais. Se conseguirmos jogar no nosso pivot, a única troca posicional é entre os dois avançados.” Pedro Cunha (Anexo VI)

De entre todos os treinadores, é abrangente a opção por trocas posicionais em transição ofensiva, à excepção de Pedro Cunha, que apenas preconiza eventualmente a troca entre os dois avançados.

Quanto aos treinadores que defendem a primeira forma advogam a necessidade que tal aconteça a fim de provocar (ou aumentar) os desequilíbrios defensivos da equipa adversária e aproveitar espaços que surjam em zonas fulcrais do terreno às pretensões da equipa. Quanto a Pedro Cunha (Anexo VI), avança que direcciona a atenção da equipa para o local onde os jogadores estarão nos momentos certos após ganho de bola, mantendo uma estabilidade posicional superior relativamente às restantes equipas.

A opção por trocas posicionais, se entendermos igualmente a mutabilidade de funções em conjunto com as posições, percebemos que as constantes “reconstruções” do sistema equipa determinam pequenos pontos de maior instabilidade, como se de criação de novas ligações se tratasse. Este estado longe-do-equilíbrio, no entendimento de Frade (2006a), poderá ser benéfico na medida em que permite hipóteses de transcendência ao sistema, possibilitando uma resposta mais favorável de adaptação ao meio; daqui, decorre a

identificação de um sistema vivo, não pela auto-organização, mas sim pela criatividade do mesmo, subscrevendo a opinião de Capra (1996). A esta capacidade, Frade (2006a) chama de “auto-engendração”.

No entanto, sabemos que um sistema tende a caminhar para a entropia, ou seja, para a máxima desorganização em direcção a um estado estacionário; no caso do Futebol, a presença do objectivo – golo – é o íman de atracção para toda a acção colectiva, de onde resultam as suas acções e reacções que pressupõem adaptação e adaptabilidade.

Pelas palavras de Kauffman (1991), citado por Capra (1996, p. 167), em que nos diz que “redes na fronteira entre ordem e caos podem ter a flexibilidade de se adaptar de maneira rápida e bem-sucedida graças à acumulação de variações úteis”, voltamos a lembrar que a ordem é fundamental para o caos, da mesma forma que o caos é imprescindível para a ordem, já que é esta dinâmica que permite a adaptação e o equilíbrio do sistema na sua acção de sobrevalorização sobre o meio.

No entanto, a compreensão das variações úteis dentro de um jogo de Futebol é precedida pelos graus de liberdade sobre os quais os jogadores estão sistematizados a actuar, pelo que a ordem deverá significar flexibilidade, caso contrário o jogo de Futebol não teria dúvida, seria totalmente previsível.

Assim sendo, os princípios de jogo Específicos deverão olhar ao equilíbrio entre a ordem e a desordem que são necessárias ao funcionamento da equipa; do entendimento do global para o mais elementar, neste caso o jogador, José Manuel Ferreira (Anexo IV) dá-nos a sua visão: “Agora, o que eu acho é que uma ou outra [liberdade e pré-determinação] não podem castrar-se, percebes? Não pode eventualmente impedir que essa situação obrigue a que haja ali um, como te disse anteriormente, estereótipo de jogo, uma mecanização, porque essa mecanização até permite que o próprio adversário tenha a vida facilitada.”

Sendo a transição ofensiva um momento em que as equipas dos nossos entrevistados procuram trocas posicionais, a adaptação à situação e criação de novas opções para a sua superação, esta nunca deverá aparecer à revelia da

organização geral da equipa, o que lhe deverá conferir alguma ordem necessária ao funcionamento colectivo.

Atentemos, então, aos jogadores solicitados para a acção de mobilidade em transição ofensiva, de acordo com a concepção de cada treinador.

- o Alfredo Lapa (Anexo II) confirma que, para além dos jogadores mais adiantados, igualmente os médios, bem como os defesas laterais, possuem a liberdade de participar nestas acções de trocas posicionais em transição ofensiva;
- o João Pedro Coelho (Anexo III) relembra a importância dos movimentos em diagonal dos médios interiores no sector mais avançado, a profundidade dos laterais e as movimentações dos avançados para os respectivos corredores;
- o Joaquim Santos (Anexo IV) fala dos laterais, dos interiores, dos alas e do ponta-de-lança;
- o José Manuel Ferreira (Anexo V) motiva principalmente os avançados e os médios-ala, e em conjunto com estes também os laterais;
- o Pedro Cunha (Anexo VI), por último, aponta, fundamentalmente o pivot e os médios interiores, para além dos avançados já descritos.

Olhando para as indicações dos treinadores, estes apontam diversos jogadores com possibilidades de participar de forma muito activa nas acções de transição ofensiva da equipa. Por um lado, e até por tudo o quanto já foi abordado, parece-se confirmar a premissa de Castelo (1996) de que os treinadores privilegiam, para o momento imediatamente após a recuperação da posse da bola, acções de risco, pelo facto de privilegiarem jogo em profundidade de imediata procura da baliza adversária em detrimento de uma eventual aposta em conter inicialmente a circulação da bola em que o adversário, previsivelmente, incidirá menos pressão, como a zona mais recuada da equipa em processo ofensivo.

Por outro lado, a indicação de cerca de, pelo menos, seis jogadores, à excepção da consideração de Pedro Cunha, para a possibilidade de participação ofensiva activa e em mobilidade é sinónimo da grande importância

dada pelos treinadores a este momento de jogo, tal como o advogavam Ferreira (2003) e Mourinho (2003). Parece-nos, no entanto, que dificilmente participarão tantos elementos numa acção deste tipo em simultâneo, como no caso de Alfredo Lapa que, para além do guarda-redes, apenas não indica os centrais. No nosso entendimento, estas referências significam uma vinculação potencial à participação neste tipo de acções, o que permite uma capacidade de adaptação a qualquer situação pela disponibilidade de diversos jogadores à actuação, entrando estes em participação activa de acordo com as características do jogo, como a (des)organização do adversário em balanço com as características de pressão do mesmo.

Como vemos para a mobilidade, como princípio específico do jogo de Futebol, a imprescindibilidade de se basear na segurança para se poder manifestar, a partir da presença de coberturas ou pelo pouco condicionamento causado pelo adversário, esta mesma segurança assume contornos Específicos no Modelo de Jogo de cada treinador. Se, como sabemos, logo desde o início do nosso trabalho, que a desordem só pode existir na ordem, pela necessidade irrecusável de equilíbrio do sistema, as acções de risco da transição ofensiva, que a literatura nos fala, também nos parecem apenas poder existir nessa mesma razão; no entanto, como vimos, a Especificidade é o elemento que determina essas mesmas opções, de acordo com a qualidade dos jogadores, com as opções em momento de organização ofensiva, entre outros que serão do entendimento dos treinadores.

A organização colectiva deverá igualmente contemplar acções de apoio e protecções às iniciativas no centro de jogo da equipa, potenciando esta acção de ataque e, igualmente, precavendo minimizar os riscos de perder a posse de bola nestes momentos considerados tendencialmente de risco assumido.

Tal como já vimos, os treinadores apontam para um conjunto de indicações através das quais identificamos uma sub-estrutura em que, pela dinâmica que o Modelo de Jogo lhe impõe, possui uma função primordialmente de equilíbrio às acções de ataque, precavendo que a equipa não o consiga concretizar em golo. Estas acções consideram-se imprescindíveis na totalidade da forma de

jogar mas, por uma maior possibilidade de desequilíbrio neste momento pelas acções de risco que os treinadores privilegiam na sua concepção, parece-nos assim ainda mais importante na transição ofensiva.

Igualmente, pelas previsíveis características de potencial mutabilidade e variabilidade na própria configuração disposicional da equipa, os apoios poderão assumir um carácter particular.

“(...) [No que diz respeito a apoios e coberturas], todos os jogadores têm essa preocupação. Vou-te dar um exemplo do meu extremo: se o meu extremo é ultrapassado, a primeira cobertura defensiva é realizada logo pelo médio-centro do lado da bola, e se ele vai, o lateral tem de estar em condições de eventualmente realizar uma cobertura ao médio que foi lá realizar cobertura. A equipa tem sempre de jogar em coberturas e apoios, eu acho que essas situações têm de estar perfeitamente determinadas (...)” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) os jogadores que serão responsáveis pelas acções de apoio e de equilíbrio será sempre o médio-centro do lado do corredor da posse de bola; se nós desenvolvemos um ataque pelo corredor direito, o médio-centro do corredor direito será sempre o responsável pelo equilíbrio defensivo, juntamente com os dois centrais e o outro lateral, será sempre o responsável pelo apoio, se quisermos, para mudar o corredor de jogo, e o elemento responsável por “matar” uma possível saída em contra-ataque da equipa adversária” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Se ganhasse no meu primeiro terço, neste caso, defensivo... se ganhar a bola neste primeiro terço, tenho a referência, que eu já lhe disse, do primeiro passe entrar no meu pivot defensivo, e depois tenho uma situação ou outra do segundo passe entrar nos interiores. Tenho a outra situação do passe entrar directo no ponta-de-lança... Mas isto é muito relativo, depende da zona do campo onde eu ganho, depende da zona do campo... (...) Lá está, eu não limito o meu pivot defensivo, quando eu disse que ele era a referência, não limito que ele seja sempre a referência. É evidente que, às vezes, poderá entrar um passe num interior... Imagine que o primeiro passe entra no interior, não entra nele, evidente que terá de ser ele a criar o primeiro momento de ruptura e desequilíbrio (...)” Joaquim Santos (Anexo IV)

“(...) Em função dos momentos, do espaço em que a bola está, nós condicionamos um conjunto de comportamentos em que alguns pressionam o portador e os outros fazem a cobertura no sentido de obrigar a que a equipa não raciocine, não consiga pensar o jogo (...) o apoio é feito, muita das vezes, na questão do avançado que cria ali espaços para que isso aconteça, ou eventualmente do jogador que está mais perto dele para que possa jogar para trás (...) se nós organizamos esse jogo de uma forma mesmo quase de olhos fechados, podemos ver que o nosso colega que está ao nosso lado eventualmente está ali posicionado, e, portanto, até àqueles miúdos, e eu faço-lhes ver isso, que têm alguma dificuldade em levantar a cabeça e, eventualmente, perante o momento de ter a bola, de recuperar a bola, eles sabem que à frente tem o colega que lhe pode dar ou tem ali atrás o seu colega.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Os jogadores que servem de apoio, primeiro, para a mobilidade... se o jogador que está mais perto, portanto, havendo uma troca posicional, o jogador que está nos vértices tem de fazer o apoio, sempre, à posse de bola; se ele sai dessa zona, tem de aparecer outro para apoiar ali. Portanto, os dois, fundamentalmente quem serve de desequilíbrio a essas mobilidades, são os três homens do vértice: o médio interior esquerdo, o médio interior direito, e o pivot ofensivo, que dão qualidade, se perceberem o jogo, a esta mobilidade. Quem faz os equilíbrios defensivos é o pivot defensivo, fundamentalmente.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Não restam dúvidas da importância deste tipo de acções para o jogo da equipa, pela necessidade de um equilíbrio coordenado colectivo. Tal como os princípios específicos do jogo nos indicam, à mobilidade precede a cobertura ofensiva, sendo a acção fundamental de apoio ao portador da bola, bem como esta se transforma em cobertura de atitude defensiva caso a posse da bola seja perdida pelo jogador que estava a assistir.

De acordo com os treinadores, são preferidas acções de mobilidade caracterizadas por constantes desdobramentos em trocas posicionais, o que determina quebras e reconstruções de relações entre os jogadores, revistas em acções de apoio em cobertura e entrada em mobilidade. Para tal, apoiamo-nos nas declarações de Joaquim Santos (Anexo IV), ao dizer-nos para imaginarmos “que o primeiro passe entra no interior, não entra nele, evidente que terá de ser a criar o primeiro momento de ruptura e desequilíbrio”.

Assim sendo, esta mutabilidade dinâmica entre acção de apoio e acção de ruptura será um elemento fundamental no entendimento do nosso tema de estudo, principalmente num jogo de acções que funcionam num estado de equilíbrio instável, mas que, no entanto, terão de ser expressivas e coordenadas.

Reportando-nos de novo ao treinador do Leixões SC, mesmo para o jogador que indica como primeira referência após recuperação da posse da bola, sendo um elemento de apoio central, não determina que seja sempre o mesmo na sua posição; desta forma, a pressão aos jogadores, os constrangimentos da partida impostos principalmente pelo adversário, dão significado à importância de colocar mobilidade por trocas posicionais precisamente nestas posições de grande confluência dinâmica.

João Pedro Coelho determina um jogador marcadamente para esta função, um dos médios mais defensivos, nomeadamente o do lado da bola, um jogador fixo e que não se envolve nas acções de mobilidade da equipa. Este será, igualmente, o jogador da primeira linha responsável por anular as acções de contra-ataque do adversário.

Pedro Cunha, por seu turno, determina como jogadores de apoio à transição os médios interiores, jogadores mais abertos e perto dos corredores laterais do que os preconizados pelos dois treinadores anteriormente abordados; no entanto, estes jogadores não são fixos, podendo entrar em acções de mobilidade, tal como o treinador pretende, sabendo a equipa que terá de aparecer um jogador nesta posição a fim de assumir a sua função. Tal como os treinadores anteriores, assume que a posição de médio defensivo é fulcral neste equilíbrio, já que, pelas circunstâncias de jogo que potencialmente poderão envolver, será um dos elementos que estará na sua posição numa zona fulcral da equipa.

Alfredo Lapa e José Manuel Ferreira falam-nos de um aspecto muito importante: nos momentos seguintes ao ganho da posse de bola, os jogadores mais importantes no apoio ao jogador que conquistou essa mesma posse serão os jogadores que estão mais perto. Assim, a organização da equipa, tal como o expressamente define Alfredo Lapa, é feita tendo em conta um

encadeamento de coberturas e apoios, pelo que estas acções fundamentais estarão, como um fractal, harmoniosamente distribuídas por toda a organização da equipa. Assim sendo, estas coberturas funcionam como acção de apoio, permitindo que estas estejam sempre presentes dentro da mutabilidade da equipa, possibilitando que a reconstrução das ligações entre os jogadores não se faça sentir negativamente, bem como acção de contenção e equilíbrio próximo à perda da posse da bola nestes momentos de potencial risco acrescido.

Desta forma, vemos o quanto os treinadores dão relevância a determinados aspectos em detrimento de outros nesta situação particular. Alguns treinadores determinam apoios e protecções fixas, ou seja, existe um ou mais jogadores na organização colectiva responsáveis pelas acções de apoio e de equilíbrio em transição ofensiva; outros treinadores não conseguem definir um jogador permanente para essas funções, já que a dinâmica de “apoio fechado para mobilidade” potencia a mobilidade da equipa, bem como as acções de apoio, disponibilizando-as perante a pressão do adversário, desde que as acções colectivas sejam bem coordenadas, por último, a disposição organizacional é determinadora das acções de cobertura, algo que está “espalhado” por todas as ligações entre os jogadores, o que poderá significar um equilíbrio funcional constante.

Estes três entendimentos são tudo menos estanques, e fundamentalmente são tudo menos separados um dos outros. Muito provavelmente, as equipas cuja concepção analisamos aqui estarão organizadas segundo um esquema de coberturas, até mesmo a mutabilidade das acções de mobilidade determinarão que tal aconteça, o que não invalida, de maneira nenhuma, que existam jogadores e posições (troca de posição num posicionamento relativo importante) que sirvam de referência para momentos e condições específicas.

Para além disto, os treinadores não anunciaram nenhum dos jogadores do sector defensivo como apoio ou equilíbrio, apesar daqueles que enunciava com esta última função serem tendencialmente mais recuados do que os que definia para a acção de apoio. No entanto, parece-nos que os treinadores pretendem

que o equilíbrio defensivo seja criado por estes jogadores, até pelo facto do médio defensivo ser um jogador fulcral no equilíbrio de cada uma das equipas neste momento de jogo, pelo que os restantes elementos que se posicionam prevalentemente atrás de si deverão manter o seu padrão de actuação nestas situações.

A Especificidade da abordagem que escolhemos determina que haja um distanciamento para a literatura, ou seja, as informações que retiramos desta fonte são generalizadas. Assim, sabendo que a transição ofensiva assume prioritariamente a intenção de aproveitamento de condições favoráveis à superiorização imediata, aos objectivos parcelares com vista aos grandes objectivos colectivos, na verdade, as acções de apoio deverão acompanhar esta tendência. Partindo da identificação que realizámos e suportamos na relação entre cobertura (acção de apoio) e mobilidade, em que, no caso de não ser possível dar linha de passe ao companheiro com bola, o jogador de apoio entra em acção de mobilidade.

Relativizando ao momento de transição ofensiva, pensamos que este elemento ganhará ainda mais relevância, já que, para além dos adversários, a presença do objectivo é intensa, ou seja, a percepção de que é necessário aproveitar as configurações favoráveis no instante em que ocorrem leva a que certas acções de apoio sejam negligenciadas num momento e aproveitadas noutro; nestas situações, pela emergência do objectivo, os jogadores são levados a actuar fundamentalmente segundo o princípio da penetração.

Assim sendo, pela velocidade que os treinadores parecem pedir para as suas acções Específicas, esta relação penetração-cobertura-mobilidade é alvo de quebras e reconstruções, de redefinições e reconfigurações, só encontrando resposta objectiva na Especificidade de cada treinador. No entanto, ao jogador com bola deverá ser dada, sempre que possível, cobertura ofensiva, tendo assim possibilidade de decidir por outras opções, dando continuidade a um ciclo de novas possibilidades.

A mutabilidade exigida deve, então, como tudo, acontecer na estrita relação com as pretensões da equipa, a capacidade que o colectivo tem de se

apoiar em momentos tão sensíveis, a qualidade dos jogadores e a dinâmica Específica de mobilidade que se pretende.

João Pedro Coelho quer grande mobilidade dos jogadores da frente, parecendo-nos que esta será tanto mais intensa quanto mais protecção a essas acções tiver, e, para tal, o treinador define um elemento para aquela função. Os restantes treinadores baseiam-se na estruturação segundo coberturas, que darão a “resposta” à necessidade de apoiar e assumir comportamentos dentro das múltiplas possibilidades que o jogo encerra em si.

4.2.2. (SC2.2) Organização ofensiva

“(...) nós temos é de discutir muito bem o que é o conceito de mobilidade, não é?”
(José Manuel Ferreira, Anexo V)

Como já pudemos aferir, os treinadores preconizam como muito importante o momento de transição ofensiva, tal se devendo à exploração de uma eventual desorganização do adversário. Contudo, nem sempre é possível finalizar com sucesso a partir do aproveitamento dessa condição, ou seja, apesar de uma equipa conseguir tirar partido da desestruturação do seu opositor, este acaba por alcançar o equilíbrio defensivo. Assim sendo, a equipa em processo ofensivo deverá igualmente equilibrar a sua forma de jogar, diminuir o risco de perda de bola e pensar mais a forma como pretende ultrapassar o adversário; a este momento de jogo chamamos de organização ofensiva.

Tal como fizemos referência no quadro teórico da revisão bibliográfica, alguns autores dividem este momento de jogo em três etapas: construção do processo ofensivo, criação de situações de finalização e finalização. Apesar de nenhum conteúdo de jogo surgir em separado ou divergência de qualquer outro, pensamos que é proveitosa esta sistematização a fim de enquadrar os conceitos de cada treinador.

Procuraremos abordar, sucintamente, a forma como os treinadores perspectivam o momento da organização ofensiva.

“Mas se o adversário está organizado, é criar condições que potenciem essa criação de desequilíbrios na defesa adversária, por isso é que eu privilegio uma boa circulação de bola que permita que a bola chegue aos corredores laterais e haja situações de um contra um; agora, o que costumo dizer aos meus atletas é que normalmente, quando fazemos uma circulação, que seja uma circulação de bola que seja objectiva, ou seja, à espera do momento certo para criar o desequilíbrio, à espera do momento certo da desorganização do adversário, mas que seja uma circulação objectiva, (...) Agora, se eles não existem, se não há essa possibilidade, o objectivo é procurar conservar a posse de bola à espera de desorganizar o adversário (...).” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) se o adversário se conseguir organizar e impossibilitar a nossa saída, num primeiro momento retiramos a bola da zona de pressão, tendo a nossa equipa a posse de bola controlada e podendo fazer uma acção ofensiva de uma forma mais apoiada. (...) procuramos, através de movimentações entre os nossos avançados e de movimentações dos médios interiores, criar linhas de passe que nos proporcionem, de uma forma mais apoiada, chegar com sucesso à baliza contrária. (...) A mobilidade é fundamental, principalmente quando encontramos uma equipa que, após perda da posse de bola, se consegue organizar rápido e só depois, com uma equipa com bastante mobilidade, principalmente os quatro/cinco elementos da frente, com sucessivas trocas posicionais, com sucessivas ocupações de espaços, é que proporcionamos linhas de passe de forma a criarmos desequilíbrios em termos ofensivos.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“(...) nós trabalhamos situações na fase de construção, na circulação, para criar espaço supostamente do lado contrário, para a equipa variar o lado da bola e entrar no lado contrário, onde poderá criar o desequilíbrio. (...) Ou seja, nós, na nossa fase de construção, temos uma fase de construção perfeitamente organizada, as coisas estão perfeitamente definidas, privilegamos ou tentamos que a equipa adversária bascule toda para um lado para rapidamente sairmos no lado contrário, e aí as coisas estão definidas. (...) [A mobilidade] Vai criar desequilíbrios na equipa adversária, essencialmente para criar desequilíbrios na equipa adversária...” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Se sairmos a jogar, colocar a bola o mais à frente possível, com as movimentações dos nossos avançados e permitir que a bola, dentro do possível,

chegue o mais rápido ali perto da baliza. Quando isso não acontece, há uma segunda opção que nós temos, que é a de tentar jogar para criar outro momento em que a bola apareça nesse espaço; (...) [A mobilidade] É a situação de permitir que os jogadores criem determinados espaços, determinados momentos, em que quer os médios quer os avançados possam fazer pequenas trocas para permitir que apareçam ali espaços livres para depois receber e depois poderem jogar para o nosso objectivo, que é o golo.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Como nós sabemos, as equipas, quando estão organizadas defensivamente, fecham muito a zona central; nós só vamos às linhas para ganhar o meio, o ideal era ganhar logo o centro do terreno, mas nós sabemos que é difícil, e toda a nossa dinâmica, e procuro que eles consigam, fundamentalmente, se não conseguirem ganhar logo a zona central, as nossas movimentações são para conseguir colocar a bola nos corredores laterais libertando lateral para cruzar, libertando médio interior para cruzar, ou libertando pivot ofensivo para cruzar; são as nossas três movimentações fundamentais que a equipa tem treinadas de maneira a criar dificuldades na organização defensiva adversária.” Pedro Cunha (Anexo VI)

Pelas declarações dos treinadores, parece-nos relevante ressaltar três aspectos gerais importantes do momento de organização ofensiva.

Primeiramente, a aposta pela circulação de bola, em busca de soluções de ataque, é caracterizada por ser objectiva e incisiva, a fim de corresponder a um comprometimento com a imediata objectividade de jogo em transição ofensiva que, para a maior parte dos treinadores, se define como o princípio fundamental. Esta circulação corresponde aos objectivos definidos pela mobilidade, como o seja a criação e o aproveitamento dos espaços e desequilíbrios em zonas e momentos da dinâmica Específicos. Por exemplo, para Pedro Cunha, a circulação de bola faz-se no sentido de criar condições para libertar um jogador para a acção de cruzamento; já para Joaquim Santos, a circulação de bola pela equipa apresenta uma dinâmica muito particular, já que pretende com esta arrastar o adversário para um lado e aproveitar o espaço alcançado no corredor contrário.

Em segundo lugar, neste momento de organização ofensiva, os treinadores preconizam uma relação primordial entre os sectores médio e ofensivo, uma relação intersectorial importante, com constantes trocas posicionais e movimentos de entrada em espaços deixados em aberto. Daqui, decorre o terceiro ponto: a mobilidade torna-se um elemento fundamental para desestabilizar uma defensiva adversária organizada, caracterizando-se como integrante de um projecto colectivo coordenado, envolvendo-o em toda a sua globalidade.

Num jogo de tamanha complexidade, em que as diversas inter-relações determinam um grau de previsibilidade condicionado do próprio jogo, muitas situações podem acontecer; a acrescentar a estas mesmas variações, temos o facto de cada pessoa terá a sua interpretação do jogo, o que acrescenta ainda maior complexidade à sua interpretação. Se essa pessoa for o treinador, cada futebol é um futebol.

Desta forma, mais uma vez relembramos a importância e Especificidade das referências particulares direccionadas para o Modelo de Jogo da equipa, já que se pretende que sejam o modelo de percepção que os jogadores progressivamente passem a possuir.

No processo ofensivo, fundamentalmente quando desenvolvemos um conceito como o da mobilidade, esta relação, como já foi visto, envolve dinâmicas Específicas sectoriais e intersectoriais, sempre precavendo o equilíbrio preconizado pela equipa.

Passamos, agora, a apresentar estas lógicas e Especificidade dentro de cada equipa, fazendo uma análise relativa a cada treinador.

Começaremos pelo treinador de juniores Alfredo Lapa, do Varzim Sport Clube, no sistema de jogo 4-3-3.

“(...) tenho o pivot defensivo também a dar algum equilíbrio defensivo naquela zona, porque o médio do lado da bola vai dar alguma cobertura ofensiva, e o jogador que está livre para poder entrar e de poder criar uma desmarcação em

ruptura, uma desmarcação em apoio, é sempre o médio do lado contrário à bola, é sempre esse o jogador que tem que aparecer, (...) É um meio-campo que tem que perceber que jogamos normalmente com um pivot defensivo e dois médios-centros, que tem que ocupar racionalmente o espaço; agora não importa quem, importa a mim é que o pivot defensivo vai no apoio ao lateral ou ao central, procura ser uma referência de passe para um deles, mas não tem possibilidades de receber a bola porque o passe é impossível de chegar lá porque ele tem adversário perto, tem que deixar a zona, tem que sair e é o médio-centro que tem que ocupar aquele espaço, tem que haver esta mobilidade, esta funcionalidade no meio-campo que permita que haja... “se não sou eu, é o meu colega, portanto tenho que deixar o espaço livre para que alguém possa ser uma referência de passe, e ser uma ajuda ao meu companheiro com bola”. Alfredo Lapa (Anexo II)

Dentro da dinâmica que o treinador do Varzim preconiza para o sector do meio-campo, os jogadores são móveis de acordo com as necessidades de jogo fundamentalmente impostas pelo adversário: se o adversário fecha uma possibilidade de apoio, sendo que o treinador entende “apoios que são referências para a saída de pressão” (Anexo II), e sendo o médio defensivo um jogador fundamental a esta acção, mesmo este entra em acção de mobilidade, dando o espaço para que outro colega venha fazer a sua acção de apoio.

A dinâmica do sector mais adiantado é igualmente Específica, tendo em conta a relação intersectorial de todo o colectivo. Veremos, finalmente, a forma como o treinador preconiza a organização em situação de finalização.

“(...) os médios-centros têm essa liberdade, os dois laterais também têm essa liberdade, porque acho que são eles que muitas vezes podem desequilibrar, porque são eles que, num movimento, numa situação em que o extremo tem bola mas faz um movimento interior, é esse o momento se calhar certo se ele faz o movimento interior para o espaço lá criar, e o meu médio do lado da bola tem de ser inteligente, tem que perceber que eventualmente é ele que o poderá ocupar, ou eventualmente até o lateral, se a bola está perfeitamente segura e o jogo está controlado.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) O que eu quero é que, quando a minha equipa tem bola, que haja logo referências que eles têm presentes dos extremos, e alguns movimentos de algumas diagonais do meio para o corredor lateral do próprio ponta-de-lança com troca de posição eventualmente com o extremo, mas que haja essa preocupação de sair se eventualmente tivermos condições de sairmos em ataque rápido. (...) No corredor central, aquilo que eu peço aos meus atletas é que haja a tal mobilidade por parte do ponta-de-lança, que muitas vezes deixe o espaço livre para depois poder aproveitar, poder ocupar e para poder ganhar vantagem, o espaço tem de estar lá, portanto, “se a bola jogada em determinada zona, eu saio para poder esperar o momento certo para poder ocupar, para poder ficar numa situação de finalização”.” Alfredo Lapa (Anexo II)

“Eu tenho algumas referências em relação aos espaços que devem ser ocupados pelos atletas nos momentos de finalização. Preferencialmente, eu quero que o meu ponta-de-lança ocupe a zona do primeiro poste, quero que o extremo do lado contrário jogue numa linha diferente ao segundo poste, e quero que o médio-centro do lado contrário ao lado da bola seja ele a jogar numa linha em apoio a jogar ali muito próxima da entrada da área, ou mesmo dentro da área, enquanto o outro dá o equilíbrio. Essas são as referências fundamentais, quando as jogadas são rápidas e se desenrolam no corredor lateral.” Alfredo Lapa (Anexo II)

Como aspecto fundamental para o treinador do Varzim, facilmente já percebemos que se trata da presença dos extremos no seu espaço de jogo, já que assim possuem as condições necessárias a colocar em jogo aquilo em que são mais fortes: o um contra um. Assim, estes jogadores são móveis o necessário para receber a bola, mas o treinador quer que estejam também sempre disponíveis para criar espaços, não só para receberem eles próprios, mas igualmente para realizarem permutas entre si, seja com o ponta-de-lança, numa relação sectorial, seja com o médio do lado da bola, numa relação intersectorial, seja até mesmo com o lateral com as condições de segurança salvaguardadas.

Assim sendo, a mobilidade do meio-campo é fundamental não só para alcançar as condições de apoio imprescindíveis, mas igualmente aproveitar espaços que possam ser deixados em aberto pelos jogadores da frente. Identificamos, aqui, uma forma de mobilidade muito particular, em que o

jogador pressiona ofensivamente o adversário, levando-o a posicionar-se defensivamente de tal forma que deixa o espaço relevante para a recepção em aberto. Este espaço é aproveitado, como já vimos, para a recepção pelo jogador do sector adiantado, e até mesmo para a entrada de um jogador mais recuado.

Pela lógica de entrada para mobilidade a partir de fechada a possibilidade de dar apoio, bem como a mobilidade potencial a partir de uma dinâmica constante na criação e aproveitamento de espaços fundamentalmente posicionais, ou seja, parece-nos que os espaços mais fulcrais são os de cada posição dentro do sistema de jogo de equipa, uma lógica de mutabilidade posicional dentro das várias zonas, o que potencialmente traz maior consciência dos posicionamentos dos colegas quando estão a atacar, percebendo a relação tempo-espaço-função mais facilmente; no caso de perda de posse de bola, como o próprio Alfredo Lapa o diz, a equipa organiza-se segundo coberturas, o que à partida permitirá que a equipa esteja mais facilmente equilibrada mesmo que haja estas trocas posicionais.

No entanto, parece-nos que os jogadores possuem liberdade dentro da mutabilidade da equipa em momento ofensivo (Anexo II): “tem que haver passe, desmarcação, tem que haver constantes movimentos que permitam nós termos situações que estão previamente determinadas, previamente definidas, mas que elas não são automáticas, ou seja, aquilo são só amostras para que elas percebam que tipo de condições criadas para..., depois eles lá dentro fazem o jogo.” Ainda que a ordem implícita pelo treinador pareça ser esta, faz transparecer que o fundamental apenas o é se houver condições para que aconteça, de acordo com os constrangimentos impostos pelo adversário, tendo de dar lugar a que os jogadores possam actuar em conformidade com as variações de jogo.

Quanto à finalização, pela descrição do treinador, parece-nos que não são contempladas, por regra, trocas posicionais, estabelecendo o equilíbrio o jogador que antes realiza apoio, como o é o médio interior do lado da bola.

No seguimento das indicações dadas pelo treinador, veremos que possui um entendimento particular sobre as combinações tácticas.

“Nós trabalhamos um conjunto de movimentos ofensivos de posse de bola no treino, potenciamos isso, mas... (...) no fundo, essas situações são automáticas, ou seja, nós trabalhamos, e eles sabem perfeitamente que damos algum espaço, depois também para eles poderem criar e poderem inventar, e criar jogadas e criar dentro daquilo que é a nossa organização de jogo, não nos podemos nunca desorganizar. Agora, esses movimentos ofensivos de posse de bola que nós trabalhamos são apenas caminhos que nós apresentamos aos atletas, porque as coisas nunca saem exactamente iguais no jogo, portanto esse espaço de liberdade é deixado sempre aos atletas. Aquilo que eu digo é que “nós apresentamos os caminhos e depois são eles que lá dentro encontram as soluções”.” Alfredo Lapa (Anexo II)

Não foram explicitadas quais as combinações tácticas, parecendo-nos que não há uma standardização por parte deste treinador às acções dos jogadores no sentido de potenciar a mobilidade ofensiva dos jogadores, ou melhor, esta não-standardização é preconizada fundamental e precisamente para que as combinações (como indicadores de relevância) permitam espaço à liberdade, espaço para que se adaptam ao jogo, e para que menos incidam no erro, na opinião do treinador.

Em comparação com a literatura, parece-nos que o treinador potencialmente apoia a acção de *overlap* e combinações indirectas de penetração no espaço, já que este é deixado de vago para que outro colega entre nessa zona, seja por passe directo ou após dois passes.

Passamos agora para o ex-treinador da equipa de juniores do Futebol Clube Vizela, João Pedro Coelho, começando pela descrição das acções do sector intermédio, bem como da relação deste com o sector ofensivo, dentro do sistema 4-2-2-2.

“Uma dinâmica muito forte. Nós jogamos com quatro elementos num sector intermédio, damos bastante liberdade, dentro daquilo que o colectivo necessita, aos nossos médios interiores de forma a realizarem sucessivos movimentos de desequilíbrio em profundidade, mas também movimentos em apoio; logo, caracterizo que seja uma dinâmica forte, de sucessiva mobilidade, de forma a criarmos sucessivas linhas de passe, ou sucessivos desequilíbrios em profundidade.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“(…) todos os movimentos que nós fazemos visam ter sucesso em termos ofensivos, a maior parte deles com penetrações no sector ofensivo, logo tem de haver uma ligação estreita entre os nossos avançados e os nossos médios interiores, porque existem movimentações claras no nosso Modelo de Jogo, diria mesmo que são estandardizadas, por forma a criar desequilíbrio através dessa mobilidade.” João Pedro Coelho (Anexo III)

O posicionamento do médio mais defensivo do lado do corredor da posse de bola sempre foi referenciado como fundamental na organização de jogo da equipa, tendo em conta a necessidade de tirar a bola da zona de pressão, bem como virar o flanco do jogo, e até mesmo conter o ataque adversário no caso de perda de posse de bola da própria equipa. Assim sendo, João Pedro Coelho fala-nos que os jogadores que se envolvem em acções de mobilidade são os médios interiores e o médio-centro contrário do lado contrário ao corredor da posse de bola, em constantes desmarcações em ruptura e de apoio, fazendo-o precisamente no sentido de penetrar no sector ofensivo, que igualmente estará preparado para esta dinâmica.

Passamos agora para o sector ofensivo, onde procuramos saber igualmente o posicionamento para a finalização.

“Os jogadores avançados, em trocas constantes, principalmente quando a bola entra no meio-campo ofensivo, de forma a criar desequilíbrios ofensivos, através do movimento no espaço contrário, e principalmente proporcionando movimento

de penetração dos médios interiores e do médio-centro do lado contrário.” João Pedro Coelho (Anexo III)

“(…) numa situação em que há um desequilíbrio pelo corredor lateral, a zona da bola do cruzamento vai definir o local para onde o iremos fazer; após o cruzamento, todos os nossos atletas sabem as zonas, embora sabendo para onde a bola vai ser cruzada, todos os nossos atletas sabem as zonas que vão apanhar para ter sucesso na finalização, com trocas entre os avançados, com a profundidade do médio-centro do lado contrário, com movimento em diagonal do médio interior do lado contrário, com o apoio de um médio interior ao elemento que vai fazer um desequilíbrio; por tanto, todas as acções estão definidas, e eu espero que eles executem da forma que o colectivo sabe realizar.” João Pedro Coelho (Anexo III)

O treinador preconiza movimentações em troca posicional constante entre os dois avançados, permitindo assim, pela dinâmica variável de espaços a penetração do médios interiores e do médio-centro do lado contrário ao da posse da bola. Como forma de mais facilmente definir, a partir da situação de cruzamento, os jogadores têm as suas movimentações perfeitamente definidas, de tal forma que o treinador diz que os jogadores não possuem “nenhuma” liberdade no momento de escolher a zona de finalização (Anexo II), pelo facto de não ser isso que o que o colectivo espera que seja isso que façam; para cada situação de cruzamento existe uma disposição particular para a finalização.

Dentro deste exemplo dado pelo treinador, verificamos os equilíbrios, dado pelo médio-centro do lado da bola que não participa tão activamente na situação da finalização, o médio interior que realiza o apoio à lateral da bola, podendo igualmente ser a primeira linha de apoio no caso da perda da posse da bola, o médio-centro realiza movimento em diagonal, podendo ser uma referência para a segunda bola ou para evitar uma acção de transição do adversário naquela zona; igualmente, parece-nos que esta acção de cruzamento poderá ser executada tanto por um dos avançados que descai sobre o corredor lateral, bem como pelo defesa lateral desse corredor.

Relativamente às combinações tácticas da sua equipa, João Pedro Coelho descreveu de forma muito peremptória.

“(...) Uma saída com passe longo do central para o lateral do lado contrário da bola, em profundidade; estamos a falar relativamente a uma saída do sector defensivo. Um passe em diagonal curto do médio-centro para o médio interior contrário, possibilitando ganharmos espaço em termos ofensivos e possibilitando ruptura no espaço ofensivo contrário; estamos a falar de uma combinação do sector médio. Uma combinação no sector ofensivo, um passe do médio interior para o avançado que faz o movimento para o corredor lateral, e que vai criar o respectivo desequilíbrio no corredor lateral.” João Pedro Coelho (Anexo III)

Dentro das movimentações que o treinador apresenta-nos, parece-nos que defende passes no sentido da abertura do jogo para o lado oposto, e muitas das vezes esta variabilidade de circulação de bola, bem como de passe e desmarcação, faz-se de forma a colocar jogadores nas costas do defensor e ou bloco defensivo mais próximo de pressão à bola. Assim sendo, o tipo de jogo preconizado defende a colocação de bola em zonas de difícil acesso ao adversário, quer seja um elemento, quer seja um sector; no caso do avançado que abre para a linha lateral, poderá criar uma situação de cruzamento, tal como é pretendido, ou poderá deixar espaço para o colega que entra nas costas do defensor em contenção, espaço este fulcral ao favorecimento das acções de finalização.

Quanto às combinações tácticas, o treinador defende o aclaramento (avançado que abre para a entrada do médio, por exemplo), bem como combinações indirectas beneficiadas pelas acções de mobilidade preponderantemente longe do centro do jogo, o que dificulta a acção do adversário que se encontra, no processo defensivo, focado na localização da bola.

Numa estrutura de jogo que determina tal centralidade do jogo, sendo necessário ocupar espaços fora deste centro de jogo, caracteriza-se por um

sistema que potencia por necessidade a mobilidade, ou melhor, depende desta para se manifestar de forma superior.

De seguida, procuraremos abordar os conceitos essenciais apontados por Joaquim Santos, treinador principal da equipa de juniores do Leixões Sport Clube, dentro do sistema de jogo 4-3-3, fundamentalmente sobre a dinâmica do sector intermédio, bem como a estreita relação deste com o sector ofensivo, particularizando às combinações tácticas.

“Tirando o meu pivot defensivo, quero que seja um jogador de referência para várias situações, dou perfeita liberdade aos nossos interiores e aos nossos alas para que criem trocas, para que criem desequilíbrios, para que apareçam em espaços em que, às vezes, o adversário não está à espera.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“[O sector médio relaciona-se com o sector atacante] Com permutas entre eles, com entradas no espaço em zonas de finalização, com várias situações.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Quase todas as combinações necessitam de mobilidade. Particularizando, lateral para o interior jogar no apoio e passagem do lateral nas costas; lateral com a permuta do interior com o ala; imagine, bola no lateral, o ala vir receber dentro com a entrada do interior a dar profundidade no corredor lateral; a aproximação do ala para entrada lá do ponta-de-lança, com entrada do médio do lado contrário a fazer nas costas diagonal do lado contrário. Há várias situações, mas agora isso só trabalhando muito bem.” Joaquim Santos (Anexo IV)

O treinador do Leixões advoga total liberdade para os jogadores do meio-campo da sua equipa, estabelecendo como elemento mais posicional o médio defensivo. Assim sendo, os médios interiores têm liberdade para se relacionar com os jogadores do sector avançado através de permutas posicionais, no aproveitamento e criação de espaços a fim de serem utilizados para procurar as situações de finalização. Os espaços que o treinador fala poderão ser,

principalmente, aqueles que se encontram entre o ponta-de-lança e o médio-ala, cuja dinâmica de variação de espaço pela variação da posição poderá significar um impulso na mobilidade em penetração, tal como advogámos a partir da literatura; igualmente, quando o treinador fala em permutas, tem como referência a troca de posição por posição, pelo que as zonas do sistema de jogo serão igualmente pontos de atracção para as acções de mobilidade, iludindo o adversário na sua percepção sobre o jogo.

Quanto às combinações tácticas, preconiza essencialmente acções com base de atracção fundamentalmente no corredor lateral, com a variação da entrada à zona de cruzamento entre o médio-ala, o médio interior, o defesa lateral e o ponta-de-lança; principalmente, o médio-ala deixa a sua zona e permite a entrada dos jogadores, o que significa *overlaps* e *cross-overs* envolvendo três e até quatro jogadores, o que determina como essenciais combinações directas mas de envolvimento indirecto; o treinador enuncia igualmente aclaramentos por movimentos de desmarcação sem bola, atraindo adversários a fim de disponibilizar as zonas pretendidas sem oposição, ou pelo menos que a ilusão permita um *timing* incorrecto na acção.

Por último, verificaremos a dinâmica do sector mais adiantado.

“Quero que haja permutas entre os homens da frente, quero que haja permutas, e o objectivo será sempre o mesmo que qualquer outro: destabilizar e criar espaços, não só para a entrada dos nossos médios, da nossa segunda linha, mas também para destabilizar a equipa adversária.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Na própria finalização, como eu jogo com um ponta-de-lança, pretendo que o ponta-de-lança ganhe a zona do primeiro, o interior contrário ao lado da bola entre nas costas, o ala do lado contrário ganhe a zona do segundo, depois meto um ou dois homens para a segunda bola, dependendo... prefiro que ele também entre para a zona de finalização, fique só com o nosso pivot que fique para a segunda bola, certo? Agora depende de quem vai ganhar, quem está na zona de criação, o homem que vai cruzar, ou seja quem for, seja o lateral, o ala também poderá ficar para segunda bola, poderá entrar em zona de finalização... agora, tento manter o mais gente possível na zona de finalização. (...) Na zona de finalização, lá está, há sistematização, não há tanta liberdade assim; nessas zonas eu penso que é

mais importante a sistematização e não a liberdade, percebe? Não há tanta liberdade assim, há coisas muito mais sistematizadas, há zonas com muito mais referências onde eles devem e onde não devem estar.” Joaquim Santos (Anexo IV)

Quanto aos jogadores do sector ofensivo, o treinador pretende permutas entre estes, a fim de atingir os objectivos a que se propôs para a mobilidade em processo ofensivo. Dentro desta lógica, parece-nos prevalecer precisamente que os jogadores mantenham o posicionamento dentro das posições, ainda que diferentes jogadores ocupem as várias posições; tal poderá significar um padrão de percepção do posicionamento dos jogadores mais avançados, apesar destes se encontrarem em constantes permutas.

Perante a liberdade para a mobilidade que o treinador pretende dar, parece dar lugar a que haja mudanças nas entradas dos jogadores às zonas de finalização, apesar de privilegiar determinados jogadores para determinados espaços; no entanto, estas zonas são sistematizadas, ou seja, existem espaços em que deverão estar, a fim de corresponder às expectativas da forma de jogar, sempre com o intuito de haver grande coordenação de acções.

Quanto às acções de apoio, o treinador reitera a mobilidade a partir de apoios circunstanciais, ou seja, apoiando o médio interior ao extremo, no caso deste se encontrar pressionado, liberta o espaço através de desmarcação, deixando-o disponível para outro jogador (Anexo IV). No que diz respeito à cobertura a estas acções de finalização, a grande preocupação é manutenção do pivot defensivo numa zona de segunda bola, desejando que todos os jogadores das linhas da frente entrem a fim de significar mais possibilidades de finalizar.

Analisaremos, agora, os conceitos José Manuel Ferreira, ex-treinador dos juniores do Leixões Sport Clube, e actualmente coordenador do futebol juvenil do Sport Comércio e Salgueiros, falando-nos na relação com o sistema de jogo 4-4-2 clássico.

Neste caso, iremos explicar os conceitos lançados pelo treinador para os sectores intermédio e avançado, bem como a relação intersectorial para estes.

“Numa estrutura em que tenhamos dois médios-centros e dois médios-alas, há o aspecto, como te disse, no momento em que temos a bola de eles poderem, por exemplo os alas, jogar mesmo perto da linha, e eventualmente, num ou noutro momento, que a bola está no lado contrário, pela movimentação dos avançados em criar outra linha na lateral, portanto, este jogador eventualmente tem toda a liberdade de poder aparecer num espaço, ou mais à frente e perto da baliza para poder finalizar através de um passe em diagonal, ou eventualmente de vir jogar e entrar numa zona interior, e este jogador que ocupa a posição central poder ocupar o seu espaço. Portanto, dentro dessa dinâmica, dessa mobilidade de posicionamentos, nós damos todos os indicadores para que eles possam eventualmente ter essa dinâmica de mobilidade, percebes? Quando eventualmente os avançados possam jogar dentro, possam vir apoiar, possam aproximar num ou noutro momento e criar uma linha de passe, eventualmente de os alas, por exemplo, fazerem movimentações no sentido de criar, nas costas do adversário, alguns espaços livres.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Há os tais pequenos indicadores, ou combinações que nós fazemos que, se jogamos com dois avançados, há essa permuta, quer de diversas formas, ou um dos avançados joga no apoio e o outro joga nas costas, ou eventualmente cai numa das laterais, e o outro avançado entra como ponto de referência na zona central. Existe ali algum conjunto de dinâmicas, se calhar é esse o termo mais correcto, que permitem que a bola chegue o mais rapidamente possível a algumas zonas, e onde possamos fazer as tais dinâmicas para criar ocasiões de golo.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

José Manuel Ferreira caracterizou o sector intermédio a partir das acções dos médios-alas, parecendo que os médios mais centrais poderão ser jogadores potencialmente de superior contenção.

Para que façamos o entendimento da sua concepção, atentemos ao espaço central que o sistema 4-4-2 clássico providencia para o jogo da equipa. A partir daqui, as movimentações irão no sentido de aproveitar este mesmo

espaço, a fim de essencialmente disponibilizar outros para as acções de ataque através de trocas posicionais.

Começando pelo exemplo dado pelo treinador, o médio-ala pode movimentar-se no sentido de criar uma linha de passe adiantada, penetrar pelo centro da zona de finalização ou até mesmo aproveitar a zona central. Quanto aos médios-centro, estes poderão assumir acções de mobilidade no centro ou num espaço deixado em aberto por um médio-ala, ou até aparecer para finalizar, desde que exista um destes que se coloque em função de equilíbrio e cobertura à acção do outro. Assim sendo, não nos parece que haja uma demarcação das acções dos jogadores, de tal modo que leva o treinador a dizer que “a mim interessa-me é que eles conheçam os momentos, e que conheçam que podem fazer uma série de coisas, e que podem fazer outras”.

Quanto aos avançados, o treinador defende as mesmas características, não definindo nenhum elemento em particular, mas informando acerca de possibilidades de jogo, no caso a entrada em diversos espaços.

Vamos procurar dissecar a opinião de José Manuel Ferreira acerca das combinações tácticas.

“É assim, eu chamava-lhe indicadores... Nós fazemos algumas combinações, como é lógico, mas essas combinações são apenas indicadores ou evidências que podem acontecer, mas muita das vezes aparecem ou não aparecem, (...) Portanto, nós damos alguns indicadores, treinamos algumas combinações, mas não achamos que isso é uma coisa fixa, não é uma coisa... são algumas referências, porque essas combinações, essas e outras, podem acontecer, porque depende muito do jogo, é isso que lhes falo. (...) Portanto, é isso que eu digo: essas combinações, eu chamar-lhe-ia, como te disse, alguns comportamentos, eles precisam de saber que, quando fazem esses movimentos, alguém tem de aparecer naquele espaço que eles deixaram, isso é que é importante.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

Como vemos, não define combinações tácticas, mas sim um conjunto de indicadores em função da importância na disponibilização de espaços e da

gestão dos mesmos, cuja dinâmica trará mutabilidade na percepção destes, o que traz da dinâmica individual para a dinâmica colectiva.

Desta forma, parece-nos que é importante dissecar os elementos que caracterizam a mobilidade da equipa, governando-se aparentemente por regras simples.

Primeiramente, o espaço central, normalmente de grande pressão, encontra-se potencialmente vazio, o que permite uma zona de libertação da pressão, uma zona comum a todos os jogadores a fim de se libertarem dos constrangimentos. A partir deste conceito, é um espaço para que, por um lado, criem espaços nas suas zonas para alguns colegas entrarem, como uma desmarcação a permitir a entrada de um colega; por outro lado, o aclaramento também poderá ser utilizado, ou seja, movimentação com ou sem bola a fim de fazer o colega mudar de zona. Em ambos os casos, assistimos a uma movimentação imposta pela necessidade de criar novo jogo a “obrigar” a um conjunto de acções em cadeia, cujos desdobramentos e possibilidades de execução parecem sem fim.

Passamos, por último, a tentar perceber o conceito inerente à distribuição para finalização e protecção a esta mesma acção.

“(...) Há um bocado de liberdade, mas também saber que há lá algumas zonas em que tem de aparecer alguém. Nós sabemos, por exemplo, que os dois avançados devem aparecer na zona frontal à baliza, um privilegiando o primeiro poste e o outro, se calhar, o segundo, etc., mas também sabemos que, muita das vezes, não é o avançado que aparece, tem de aparecer outro. Sabemos que existem zonas de referência, sei lá, o caso do primeiro poste, a zona do penalti e o segundo poste; aí, consoante as situações, se é um dos avançados que cai, tem que aparecer ali o outro avançado, um médio, o outro do lado contrário, portanto, há zonas em que eles sabem que têm de aparecer. Agora, a aparecer, pode ser o avançado, até podia ser o lateral, neste caso o lateral não é fácil aparecer lá muita das vezes, aparece mais nos corredores laterais; na zona central, há ali um conjunto de gente que pode aparecer.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) Se a bola cai no lateral, é lógico que o nosso médio-ala é aquele que vai pressionar logo imediatamente, e o avançado tem a missão de não permitir que a

bola seja jogada para trás ou para o central, que faz o movimento de profundidade, pedimos que isso aconteça. Mas também não escondemos que depende, numa ou noutra situação, mesmo o próprio avançado que está mais descaído e mais próximo do lateral, que também o possa fazer, e que eventualmente também acompanhe até ali a determinada zona, porque isso vai-nos obrigar ali a que apareça outro elemento que vai ali criar uma superioridade numérica, de grande chance de poder recuperar a bola (...).” José Manuel Ferreira (Anexo V)

No momento da finalização, é importante a noção dos espaços a ocupar, já que os colegas saberão como e onde colocar a bola num momento que exige grande precisão. No entanto, o treinador parece fazer sentir que é necessário que todos os jogadores estejam sensíveis às necessidades de contemplar funções variadas, como aquele que protege a eventual perda de posse de bola e poderá entrar a compensar um colega que não teve possibilidade de o fazer para finalizar.

No caso de perda de bola, a própria mobilidade ofensiva da equipa é tida em linha de conta, já que o jogador que estiver a compensar a acção de um colega num determinado espaço será responsável por assumir a função defensiva inerente a esse espaço no caso de perda de posse de bola.

Se no caso do sistema de jogo apresentado por João Pedro Coelho, o 4-2-2-2, existe uma aparente dependência da mobilidade em momento ofensivo, aqui parece-nos que o 4-4-2 clássico obriga a uma mobilidade natural, já que disponibiliza situações que facilmente induzam a tal comportamento. As combinações tácticas, que parecem surgir espontaneamente da dinâmica das referências, levam a trocas posicionais que caracterizamos como sendo despoletadas por desmarcações interiores e exteriores, ao contrário igualmente por aclaramento, insurgindo-se como automáticas dentro da mobilidade da equipa.

Vamos, por último, para o treinador Pedro Cunha, treinador principal da equipa de juniores do Rio Ave Futebol Clube.

Dissecaremos, inicialmente, a dinâmica Específica dos sectores intermédio e atacante, bem como a relação entre estes.

“Nós, em posse, na fase de construção, temos um aspecto e um princípio que queremos que a equipa consiga no seu losango, que transforme o losango num campo grande, e dentro deste princípio o losango alarga, de maneira também a criar uma situação: é que o médio, quando a bola entra no corredor lateral, começa a entrar no central, por exemplo, do lado direito, o médio do vértice esquerdo está fechado mas o do lado da bola está aberto, de maneira que, quando a equipa começa a trocar bola, ele faz movimento interior para libertar corredor para o lateral que entra nesse espaço, ou para fazer uma troca posicional com o... sai da zona e aparece lá também o pivot ofensivo. Portanto, as nossas dinâmicas, como elas se relacionam, ou que nós procuramos que se relacionem, porque nós idealizamos no treino e queremos que as coisas apareçam com regularidade, como eu disse há um bocado, fundamentalmente é abrir espaços, saindo dos espaços, que é o mais importante, não é estar lá, é que o jogador apareça lá momento da construção; estes quatro homens são muito importantes nessa construção.” Pedro Cunha (Anexo VI)

“(...) se não conseguirem ganhar logo a zona central, as nossas movimentações são para conseguir colocar a bola nos corredores laterais libertando lateral para cruzar, libertando médio interior para cruzar, ou libertando pivot ofensivo para cruzar; são as nossas três movimentações fundamentais que a equipa tem treinadas de maneira a criar dificuldades na organização defensiva adversária. (...) Muitas das vezes o nosso pivot defensivo aparece na terceira fase de construção, mas ele sai de lá fundamentalmente quando a bola entra num dos centrais, ele entra em ruptura de movimento e, do lado da bola, um dos médios ocupa esse lugar. Para a equipa adversária, aparece-lhe um jogador que não estava lá, e isso é que condiciona desequilíbrios na estrutura da equipa adversária.” Pedro Cunha (Anexo VI)

“Os nossos avançados têm que ter um princípio básico de jogo, que é este: nunca podem jogar paralelos, nunca, nunca devem estar paralelos. Um vem dar apoio, o outro entra em ruptura, sempre, tem de estar sempre na diagonal. Outra das movimentações: um serve sempre de apoio para jogar, e o outro procura profundidade. A outra das movimentações que temos, para criar situações com os dois pontas-de-lança é a combinação a dois, os dois combinarem: um vem buscar,

pode combinar com o outro, o outro entrou-lhe nas costas, temos essa combinação feita. O avançado a sair da zona de finalização, a ocupar espaços laterais para sair, com o outro a entrar-lhe em diagonal; sair da zona para entrar-lhe o pivot ofensivo, ele sai e entra o pivot ofensivo nas costas dele, do ponta-de-lança. Fundamentalmente, são estas as combinações que temos.” Pedro Cunha (Anexo VI)

A dinâmica do jogo de meio-campo determina muito daquilo que é o jogo da equipa.

Primeiramente, reiteramos a forma como pensamos que se faz o jogo de centro, atraindo o adversário, permitindo que se criem espaços fulcrais para a acção de cruzamento, fora do raio de percepção do adversário, o que traz surpresa.

Na verdade, começaremos pela acção de defesa lateral, que tem um compromisso importante entre a acção de equilíbrio e a acção de projecção ofensiva para conseguir aparecer numa zona determinada para o cruzamento; a dinâmica de mutabilidade de espaços do sector intermédio permite perfeitamente que tal aconteça, já que o médio interior do lado da bola descai para a lateral, deslocando-se para o meio a fim de possibilitar (ou até mesmo impulsionar) a subida do lateral do seu corredor. No entanto, esta dinâmica encerra igualmente a relação com outras acções de mobilidade, como o é fundamentalmente a acção de trocas posicionais constantes entre os jogadores do meio-campo, fundamentalmente a desmarcação em profundidade para a entrada do pivot ofensivo nesta posição. Por último, atente-se ao facto do treinador pretender sempre um jogador presente como médio interior junto das laterais, mantendo o pivot defensivo relativamente posicional, possibilitando ao pivot ofensivo ficar livre de constrangimentos a fim de conseguir cobrir estas interacções, dando oportunidade de entrar em acções de mobilidade ofensiva juntamente com os jogadores mais adiantados.

Assim mesmo, a dinâmica dos jogadores de meio-campo faz-se sobre si próprio, com permutas de forma a manter as referências (médios interiores e médio defensivo), trocando no entanto os jogadores entre essas mesmas

posições, de forma a criar espaços e dinâmicas que permitam, equilibradamente e no momento correcto, colocar a bola na zona favorável à realização do cruzamento.

Quanto à acção entre os pontas-de-lança, esta faz-se sobre um princípio fundamental, que define que nunca estejam paralelos. Assim sendo, existem sempre duas linhas de passe distintas, e igualmente os jogadores actuarão segundo a mesma função, o que permite uma dinâmica de movimentação coordenada e simples. Estes mantêm-se numa zona central, combinando principalmente com o pivot ofensivo, contribuindo para a entrada de jogadores no corredor lateral, sendo que poderão também entrar nesta zona, sendo a movimentação desse ponta-de-lança compensada no centro pelo pivot ofensivo. Desta forma, a relação dos pontas-de-lança é estreita com o pivot ofensivo, mantendo uma dinâmica muito forte juntamente com este jogador, bem como com os médios interiores e defesa lateral.

Procuraremos perceber como o treinador “desenha” a finalização da sua equipa.

“[A distribuição dos jogadores para finalização] Depende de quem vai à linha, fundamentalmente, porque se for o lateral direito não é a mesma coisa que se for o médio interior direito, não é a mesma coisa se for o avançado, não é a mesma coisa se for o pivot ofensivo. Portanto, a equipa sabe que, se for o lateral direito, quem é que aparece ao primeiro poste, quem é que aparece na zona de penalti, quem é que aparece no segundo poste e quem é que aparece numa quarta zona de finalização numa diagonal fora da área para apanharmos todas as trajectórias de bola. Se for o lateral direito a cruzar, os dois pontas-de-lança cruzam, aparecendo um ao primeiro e um ao segundo, o médio ofensivo, ou seja, o pivot ofensivo aparece na zona de penalti, e o médio interior esquerdo está a fazer uma linha fora da área.(...)” Pedro Cunha (Anexo VI)

“Primeiro que tudo: nós organizamos a equipa de maneira a que, quando haja um cruzamento, perder a bola ou passar a outra situação de finalização, a equipa está organizada ofensivamente mas estruturando a possível perda, ou seja, está do lado da bola, ou seja, está perto da bola, não está aberta a equipa; portanto, a equipa, mesmo cruzando, tem ou deve estar preocupada em estar perto da bola e,

portanto, jogar na zona, portanto, como disse há um bocado, em zona fechada para se o adversário ganhar a bola não tem muito espaço para conseguir fazer uma transição.” Pedro Cunha (Anexo VI)

O treinador define todas as movimentações para as diversas situações de finalização, a fim de conseguir um compromisso vigente com as zonas de finalização que determina. De salientar que os avançados executam uma troca posicional entre si antes do ataque aos postes, como um meio de iludir o adversário fugindo à marcação.

Pensamos, igualmente, que a distribuição da zona de finalização se possa relacionar com a possibilidade de perda de posse de bola nesta etapa de finalização, já que o próprio treinador tem a preocupação de posicionar todos os jogadores perto da bola, permitindo ter grande probabilidade de captá-la e, simultaneamente, evitar a melhor transição ofensiva do adversário no caso de ser este a conseguir ficar em posse.

Quanto aos indicadores de combinações táticas, pensamos que as desmarcações interiores e exteriores, bem como as acções de desmarcação após passe e ocupação de espaços livres referenciais, são os elementos fundamentais da mobilidade dentro desta equipa, circunscrevendo-se a um grande número de jogadores capaz de envolver o três sectores.

Reflectindo um pouco agora sobre a consonância entre os treinadores, percebemos que, ao longo da nossa discussão, desde que abordámos os princípios do Modelo de Jogo de cada treinador, estes têm vindo a tomar caminhos muito pessoais, caminhos Específicos.

No que diz respeito ao momento de organização ofensiva, e começando pelas protecções, mais uma vez existe consonância ao nível da subestrutura mais fixa que respeita a sua função dentro deste momento de jogo, protegendo com os centrais e um dos laterais, bem como deixando um elemento do meio-campo mais recuado. À excepção de João Pedro Coelho, parece-nos que todos os treinadores permitem a troca em mobilidade que envolva este jogador

mais recuado, a fim de proporcionar a viabilidade dinâmica do sector intermédio, fazendo corresponder a sua dinâmica à do seu sector.

A partir daqui, em muito as equipas diferem, tanto nas dinâmicas como consequentemente ao nível dos sistemas de jogo, que são bastante diferentes, o que incute referenciais de posicionamento e mobilidade igualmente diferenciados.

Na etapa de construção do processo ofensivo, em que se pretende que os jogadores consigam condições favoráveis à criação de situações de finalização, quer sejam situações de um contra um, quer seja a colocação de um jogador em posição de cruzamento, quer seja genericamente a libertação de um jogador num espaço, a circulação de bola é um aspecto importante para estes treinadores, desde que se torne objectiva; neste conceito de objectividade de jogo, pelos processos que encerra, é uma objectividade Específica.

Quanto a Pedro Cunha, prefere uma circulação envolvendo os quatro jogadores do losango do meio-campo, criando uma centração do jogo sobre o centro do terreno de jogo, atraindo o adversário para tal de forma a libertar espaços para libertar jogadores nesses mesmos espaços, a fim de ter oportunidade de cruzamento.

Joaquim Santos e Alfredo Lapa compartilham a mesma estrutura de jogo, o 4-3-3, mas algumas diferenças na sua dinâmica consubstanciam uma definição diferenciada dos seus sistemas de jogo. O treinador do Leixões pretende total mobilidade pelos jogadores mais adiantados, bem como para os jogadores de meio-campo, procurando a libertação de jogadores nos espaços favoráveis à finalização através de permutas directas ou entrada nas zonas abertas pela disposição da equipa; a circulação da bola faz-se com o desenvolvimento do foco de atenção do adversário a direccionar-se para o corredor lateral do lado bola, abrindo o lado contrário que será aproveitado para fazer entrar os jogadores fulcrais da forma pretendida. O treinador do Varzim prefere manter os seus jogadores mais posicionais, mantendo os extremos nos corredores a fim de potenciar essencialmente situações de um contra um, ainda que não

restringa a acção de mobilidade, encorajando-a até, desde que seja benéfica a criar desequilíbrios no sector ofensivo.

No caso de João Pedro Coelho e José Manuel Ferreira, pretendem um jogo o mais objectivo possível, pelo que a circulação acontece apenas na circunstância de procura de novas soluções de saída para o ataque em profundidade a partir da solicitação dos jogadores da frente, que são obrigatoriamente móveis.

A criação de situações de finalização nasce destas dinâmicas, cujas circunstâncias tornam Específicas as acções das equipas. As próprias combinações são feitas tendo em conta estes aspectos, combinando jogadores que possibilitem a libertação de elementos nas melhores condições e nos melhores locais para os objectivos da equipa.

4.2.3. (SC2.3) Bolas paradas ofensivas

“(...) os lances de bola parada constituem uma das formas mais vantajosas de atingir o objectivo – o golo”
(Santos, 2004, p. 54)

De forma crescentemente vincada, este tipo de lances de estratégia ofensiva trata-se de situações de cada vez maior importância dentro do jogo; se, cada vez, se torna mais difícil ultrapassar as defensivas adversárias, este é um meio favorável ao ataque de cada equipa, na medida em que parte de características únicas de controlo sobre as variáveis do jogo, o que aumenta as probabilidades de sucesso da equipa em momento ofensivo.

Para verificarmos a importância dada por um dos nossos treinadores a este tipo de lances, a estes Pedro Cunha (Anexo VI) chama de quinto momento de jogo.

Para analisar estas situações de jogo, incidiremos apenas sobre os aspectos relacionados com a disposição e direcionalidade dos jogadores no ataque à bola, ou melhor, se existem ou não comportamentos de mobilidade dentro da forma de actuar de cada equipa.

“Nas bolas paradas ofensivas, o que tenho são duas situações trabalhadas de bloqueio, que permita a libertação de um jogador ao primeiro poste, e tenho outra para libertar o mesmo jogador ao segundo poste, que normalmente é o nosso ponta-de-lança, que aparece ao segundo poste, com os outros a movimentarem-se no sentido de proporcionar o espaço livre para a penetração daquele jogador. (...)” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) Nos pontapés-de-canto, temos definido que, na maior parte das vezes, com excepção de um ou outro atleta que seja realmente muito forte nesses lances, normalmente os cantos são batidos pelo lateral do lado oposto, portanto, o canto no corredor direito é batido com o pé esquerdo, um elemento avançado que sai do guarda-redes para o primeiro poste, um médio-centro faz um movimento da marca de penalti para o primeiro poste atrás desse avançado, um médio interior e o outro médio fazem movimento de fora da área em diagonais para dentro da pequena área, e dois centrais através de trocas, um está numa zona central, o outro está numa zona fora da área, portanto, o da zona central faz movimento em ruptura para o segundo poste, o que está fora da faz o movimento em diagonal para o segundo poste. (...)” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Não faço... Há zonas determinadas para determinados elementos entrarem... agora, fazem movimentações directas, não fazem permutas, poderão depois fazer entre eles, mas isso não tem a ver com a movimentação, poderá haver um bloqueio ou outro, que está determinado para criar uma situação de libertar um jogador.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“(...) Muita das vezes, geralmente optamos por duas ou três coisinhas, não muito, e depois tem a ver com o jogo, porque, vamos imaginar, temos um jogador muito bom, é lógico que o adversário também sabe e não podemos ficar atados àquela situação, ele vai ser marcado por um ou dois, é complicado. Há um conjunto de combinações que nós fazemos de criar alternativas a isso, quanto mais não seja a questão do jogador que aparece ali naquele primeiro poste está ali com o guarda-redes a tapar-lhe, pode muita das vezes vir apoiar o jogador que vai fazer o canto, e se isso acontecer e se isso sair, já sabem que a bola não aparece no primeiro, aparece no segundo.” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“Em relação aos cantos, nós temos uma troca de jogadores fundamentalmente com os dois centrais, em que um que está à frente vai atacar ao segundo poste, e o que está atrás ataca normalmente ao primeiro poste; fundamentalmente, é esta troca posicional. Outra das situações que utilizamos é um bloqueio: bloqueamos, muitas vezes, um dos defesas para o jogador aparecer no espaço em que esse jogador fica bloqueado. (...) Em relação aos livres indirectos, temos n de combinações. Nós temos um livre indirecto, que nos já rendeu até um golo, até num jogo particular, que se cobra o livre na lateral, fundamentalmente no lado direito, aproveitando os jogadores das características que temos, que remata muito bem, e quando o livre é do lado direito, não é preciso ser junto à linha, pode ser na lateral a meio do meio-campo no sector ofensivo, em que o lateral esquerdo simula que mete a bola na área e mete à entrada da área, e o jogador que está na entrada da área vem para fora, porque há um bloqueio a esse jogador que está treinado, e o jogador vem para fora e aparece sozinho na zona da meia lua a rematar, normalmente aparece sempre só, e os equilíbrios são os mesmos.” Pedro Cunha (Anexo VI)

No que diz respeito às bolas paradas ofensivas, a mobilidade caracteriza-se por uma predominância de acções directas ao destino, em conjunto com outras acções a fim de libertar um ou outro jogador importante; estas acções de libertação da marcação são bloqueios aos marcadores directos desses mesmos jogadores, ou seja, um colega de equipa possui uma função indirecta dentro da marcação do lance de bola parada; outra opção prende-se com a libertação de jogadores através de acções de mobilidade que se fazem por trocas posicionais através de cruzamentos entre si, entre os jogadores que se querem ver libertados. Por estas características, os treinadores vão ao encontro do que terá sido descrito por Hughes (1994), ou seja, os treinadores vêem mais vantagens num deslocamento directo para as zonas de ataque à bola.

Joaquim Santos não define quais são estes elementos a libertar, enquanto José Manuel Ferreira apenas nos fala num “jogador muito bom”, ou seja, independentemente do estatuto posicional, tendo as características fundamentais para concretizar o lance, tal como nos fez prever a literatura. O mesmo acontece, pensamos, com os restantes treinadores, que definem os

defesas centrais (João Pedro Coelho e Pedro Cunha) como elementos fundamentais para a concretização dos lances de bola parada, enquanto Alfredo Lapa pretende que seja o ponta-de-lança a aparecer; numa interpretação simples, estes são jogadores de frequente ataque à bola, por se encontrarem mais perto das balizas (quer a própria, quer a do adversário), pelo que possuem, para tal, competências particulares a ser aproveitadas neste tipo de lances.

Quanto à estruturação deste tipo de lances, existem dois treinadores que não definem exactamente as movimentações dos jogadores nestas situações, como Joaquim Santos e José Manuel Ferreira; pelo seu testemunho, parece-nos que não limitam que se comportem de determinada forma, querendo sim que se adaptem à situação através da inclusão de movimentações que poderão ser benéficas no momento para a superiorização aos adversários, dando espaço aos jogadores para que decidam de acordo com os constrangimentos que os opositores lhes vêm colocando. Em segundo lugar, no seguimento do anterior, certos treinadores incluem na estereotipização de comportamentos deste tipo de lances certas nuances ou modificações que permitam a adaptação ao facto do adversário prever, ao fim de algumas execuções, aquilo que se vai realizar, o que confirma a hipótese da literatura em que os treinadores definem alternativas a este tipo de lances.

No entanto, perante tantas trocas de posição, a fim de tirar maior proveito deste tipo de lances, as equipas, tendo de contemplar a eventual perda de bola, são obrigadas a reestruturar os seus equilíbrios defensivos, pelo facto de serem possíveis perdas de bola a partir da não concretização do lance de bola parada.

Verifiquemos o que cada treinador preconiza para a sua forma de jogar.

“(…) Em relação à protecção, coloco normalmente um jogador na segunda bola à entrada da área, que permita também a cobertura do espaço para um eventual passe mais para a entrada da área, para ele cortar esse passe, e permitir o ganho de bola também ali à entrada da área. Tenho duas coberturas lá atrás,

normalmente um dos centrais e um dos laterais, ou eventualmente um jogador do meio campo, porque essa situação depende do lado onde o pontapé-de-canto é apontado, para fazer uma marcação individual aos jogadores mais adiantados que saem na transição rápida eventual do adversário, e um jogador que realiza cobertura, não atrás, mas à frente destes dois atletas (...).” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) Abordamos sempre os cantos com seis elementos, com um médio interior que será o responsável por estar à entrada da área para impossibilitar o ataque da baliza contrária e também para possibilitar, numa recarga, podermos fazer com sucesso o golo, e sempre com, no mínimo, e dependendo dos elementos que a equipa adversária possa pôr em termos ofensivos, no mínimo dois elementos mais guarda-redes em termos defensivos, o que será o lateral do lado contrário e o médio interior do lado contrário ao corredor onde é batido o canto (...).” João Pedro Coelho (Anexo III)

“Dois homens para a segunda bola para a protecção, fecham os dois corredores, e depois as movimentações na área.” Joaquim Santos (Anexo IV)

“Quando estamos a atacar, ao pensar ao contrário, criamos ali uma superioridade numérica em que, geralmente, ficam ali três jogadores cá atrás, temos um ou dois jogadores, depende muito do adversário também como te disse, se tem jogadores rápidos, fica um ou dois nas segundas bolas, e depois os outros elementos ficam ali... (...).” José Manuel Ferreira (Anexo V)

“(...) Os nossos equilíbrios defensivos, fundamentalmente, como é que nos organizamos? Sempre superioridade numérica atrás, e um jogador à entrada da área para não deixar o adversário organizar logo a transição (...).” Pedro Cunha (Anexo VI)

As configurações determinadas pelos treinadores envolvem, da mesma forma, a execução do lance de bola parada propriamente dito, bem como a protecção a esse mesmo lance, na perspectiva de uma eventual perda da posse de bola.

Joaquim Santos apenas nos apontou que dois jogadores ficam à entrada da área para segundas bolas para a acção de protecção, não abordando os

elementos que ficavam mais perto do seu meio-campo; pensamos que igualmente define estes jogadores.

Alfredo Lapa e João Pedro Coelho definem quais os elementos que ficam perto do seu próprio meio-campo; enquanto o treinador do Varzim coloca um lateral e um central, o ex-treinador do Vizela pretende que este último esteja na área para finalizar, colocando o médio interior do lado contrário e o defesa lateral também do lado contrário. Ambos definem um jogador à entrada da grande área, para travar uma eventual transição ofensiva do adversário e potencialmente aproveitar para rematar se a bola se deixar para aquela zona.

José Manuel Ferreira e Pedro Cunha preferem abordar como sendo em superioridade numérica na zona próxima da entrada do próprio meio-campo, com o primeiro a definir tendencialmente três jogadores; no que diz respeito às segundas bolas, o treinador do Rio Ave define que seja um jogador a colocar-se à entrada da grande área, enquanto José Manuel Ferreira dá a possibilidade que sejam dois jogadores.

Assim, os treinadores defendem protecções perto do próprio meio-campo tendo um pouco em conta os adversários que nessa zona se posicionem, procurando manter superioridade numérica e, alguns treinadores, mostraram-nos mesmo quais os elementos a quem entregam essas funções.

Por isto, parece-nos efectivamente presente que os treinadores têm grandes preocupações na resguarda da baliza aquando dos lances de bola parada a seu favor, correspondendo ao que descrevíamos a partir da literatura.

Por último, apresentaremos dois lances de bola parada, relativos à forma de jogar de Alfredo Lapa e Pedro Cunha.

“(...) Muitas vezes, os adversários colocam lá dois homens; nós temos uma situação trabalhada para que permita ao nosso extremo sair para uma situação de um contra um; o que acontece muitas vezes é que colocam dois homens na barreira, nós temos dois homens na bola, e podemos criar ali uma situação de um eventual um contra um, tenho jogadores técnicos, posso beneficiar dessa situação, ou então colocamos a bola (...)” Alfredo Lapa (Anexo II)

“(...) Em relação aos livres indirectos, temos n de combinações. Nós temos um livre indirecto, que nos já rendeu até um golo, até num jogo particular, que se cobra o livre na lateral, fundamentalmente no lado direito, aproveitando os jogadores das características que temos, que remata muito bem, e quando o livre é do lado direito, não é preciso ser junto à linha, pode ser na lateral a meio do meio campo no sector ofensivo, em que o lateral esquerdo simula que mete a bola na área e mete à entrada da área, e o jogador que está na entrada da área vem para fora, porque há um bloqueio a esse jogador que está treinado, e o jogador vem para fora e aparece sozinho na zona da meia-lua a rematar, normalmente aparece sempre só (...).” Pedro Cunha (Anexo VI)

Salientamos apenas estes dois exemplos pelo seguinte: podemos verificar o quanto o aproveitamento de condições de menor pressão nos lances de bola parada podem ser aproveitados para tirar partido disso mesmo; no entanto, pensamos que o aspecto essencial a retirar se trata do facto de se fazer na total consciência das grandes virtudes do colectivo, potenciando-as e seguindo este padrão de jogo que é próprio de cada Modelo e intransmissível.

Na recta final da nossa abordagem, chegámos à conclusão que não existe uma mobilidade, existem “muitas mobilidades”, tantas quantas concepções de jogo igualmente houver. A mobilidade ofensiva eleva o carácter de Especificidade a um novo patamar.

Apesar de passível de múltiplas interpretações, pensamos que a mobilidade ofensiva no Futebol se faz na inter-relação cuidada dos princípios específicos do Jogo, num ponto indefinido entre o equilíbrio e a superação, ainda que não existam um sem o outro. É essencial que o treinador tenha bem presente as configurações que visa assumir, os objectivos que pretende alcançar, as formas como se manifesta e o equilíbrio entre todos os aspectos e dimensões do jogar.

Vemos o nosso trabalho recompensado pela colectânea e análise de dados relevantes para o tiro de partida da crescente percepção sobre a complexidade

da mobilidade no Futebol, dando lugar a que seja possível abranger o tema e explanar para diferentes direcções e opiniões.

5. Conclusões

Na presente dissertação, propusemo-nos a estudar o entendimento sobre o conceito da mobilidade ofensiva condizente com o Modelo de Jogo de treinadores de equipas participantes no campeonato Nacional de Juniores.

Relativizando aos objectivos específicos, é importante perceber a forma como cada treinador convenciona a importância, a influência e a própria estruturação da mobilidade ofensiva na sua forma de jogar.

- o Todos os treinadores acreditam na mobilidade da equipa como meio para desequilibrar a equipa adversária que se encontra em momento ofensivo, arrastando jogadores na marcação, iludindo-os e criando dúvidas na acção, contribuindo para a criação e aproveitamento de espaços vitais à aproximação da finalização, através de trocas posicionais e funcionais;
- o A mobilidade, como dinâmica dentro da equipa, é igualmente concebida a fim de poder atrair o foco de atenção do adversário para o centro do jogo, mas com o intuito de aproveitar zonas precisamente fora desse centro;
- o Os treinadores consideram importante dar liberdade aos jogadores para actuar neste princípio da mobilidade ofensiva, a fim da equipa se adaptar ao contexto e para que apareçam soluções inovadoras dentro das referências da própria equipa, desde que correspondam às necessidades da equipa para o momento;
- o Os treinadores definem uma subestrutura fixa composta pelos defesas centrais e o médio defensivo, para além do guarda-redes e do defesa lateral do lado oposto ao da bola, bem como de um jogador da frente para transição ofensiva; os restantes elementos assumem funções de maior mobilidade.

Nos momentos de jogo, relativizando em particular à transição ofensiva:

- o A dinâmica em transição ofensiva é feita preferencialmente com trocas posicionais a fim de disponibilizar opções imediatas para os objectivos parcelares de jogo, mas principalmente para desestabilizar as referências e

colocações defensivas da equipa adversária; Pedro Cunha é a excepção, preferindo, em transição defesa-ataque, que a mobilidade se circunscreva aos avançados e pivot ofensivo, dentro do seu sistema 4-4-2 losango;

- o Neste momento de jogo, os jogadores incentivados pelos treinadores às acções de mobilidade são quase todos à excepção dos defesas centrais; Pedro Cunha não preconiza a participação dos laterais, a fim de manter inicialmente o equilíbrio da equipa, bem como os treinadores com estruturas de dois médios (João Pedro Coelho e José Manuel Ferreira) com funções paralelas posicionados à frente da linha defensiva determinam uma participação condicionada destes, podendo apenas entrar em acção de mobilidade;
- o As acções de apoio à mobilidade em transição ofensiva fazem-se segundo o entendimento da cobertura ofensiva, ou seja, a organização estrutural “informa”, por regra, qual o jogador que apoia o portador da bola, ainda que seja unânime que a mutabilidade de funções entre penetração, cobertura e mobilidade aconteça principalmente neste momento de jogo; João Pedro Coelho determina um jogador para essa função neste momento de jogo: o médio defensivo do lado da bola; Pedro Cunha concebe, como apoios, os médios interiores do vértice do losango;
- o Os jogadores responsáveis pela contenção no caso de perda da posse de bola são os que realizam apoio prévio, para além da subestrutura mais fixa presente na forma de jogar do colectivo.

No que diz respeito à organização ofensiva:

- o Numa fase prévia, a mobilidade do sector intermédio é fundamental de forma a criar sucessivas penetrações no sector ofensivo, de acordo com a dinâmica e objectivos de cada treinador, onde as acções de “passe-e-vai” são despoletadoras de trocas posicionais e de funções, penetrando em zonas importantes para a equipa a partir da atracção exercida sobre o adversário para centrar a sua atenção longe dessas zonas;
- o José Manuel Ferreira e Alfredo Lapa não abordam dinâmicas particulares como combinações tácticas, mas apenas indicadores para a mobilidade; os

restantes treinadores possuem combinações tácticas, fundamentalmente para disponibilizar jogadores em espaços abertos em zonas para a criação de situações de finalização; ocorrem entre os sectores médio e ofensivo, principalmente junto dos corredores laterais;

- o As acções de mobilidade passam, principalmente, por trocas posicionais directas (permutas), *cross-overs* e *over-laps*, e penetrações em espaços deixados livres por deslocamentos interiores ou exteriores;
- o No momento da finalização, apenas Pedro Cunha quer que os seus pontas-de-lança realizem uma acção de cruzamento entre si para entrar para finalizar nos diferentes postes, procurando assim “desfazer-se” das marcações dos adversários; os restantes treinadores não parecem preconizar trocas posicionais nesta etapa;
- o João Pedro Coelho defende que o médio interior do lado da bola é o elemento de apoio às acções mais adiantadas no terreno de jogo;
- o A manutenção da subestrutura mais fixa e das coberturas colectivas são os elementos preponderantes à organização colectiva precavendo a perda da posse de bola; Pedro Cunha define mesmo que, no momento da finalização, a equipa se encontra toda do lado da bola, precavendo a necessidade de uma organização mais compacta para eventual não manutenção da posse.

Por último, nas bolas paradas ofensivas:

- o As acções são fundamentalmente de velocidade e precisão para o ataque à bola nos locais preferenciais de entrada;
- o As acções de mobilidade circunscrevem-se a simples cruzamentos entre dois jogadores, ou então à definição de um jogador que bloqueia o adversário directo de outro;
- o As acções de protecção aos lances de bola parada fazem-se a partir da colocação de um ou dois jogadores à entrada da grande área, bem como com superioridade numérica perto do meio-campo.

No que diz respeito aos sistemas de jogo dos treinadores, estes relacionam-se com a mobilidade Específica do seguinte modo:

- o Alfredo Lapa pensa que o seu 4-3-3 favorece o aparecimento no jogo das acções dos extremos a desequilibrar o adversário, mas igualmente a ocupar espaços potencialmente importantes para a mobilidade ofensiva da equipa;
- o No entendimento do próprio treinador, o 4-2-2-2 de João Pedro Coelho permite uma ocupação racional dos espaços, defendendo este que serão fundamentalmente o conjunto dos vários níveis de princípios a potenciar a mobilidade da equipa; pensamos que o espaço nos corredores laterais se revela fundamental na forma como o treinador define o jogo da equipa;
- o Joaquim Santos caracteriza o 4-3-3 como o sistema que permite o preenchimento dos corredores de jogo, bem como beneficia as permutas entre os médios-ala com os médios interiores, os defesas laterais e o ponta-de-lança;
- o O 4-4-2 de José Manuel Ferreira possui acções nos diversos sectores que permitirão o aparecimento da mobilidade dentro da equipa; pensamos que o espaço central é um elemento fundamental para que a mobilidade da equipa surja;
- o Por último, Pedro Cunha utiliza o 4-4-2 losango pelas características dos seus jogadores, potenciando a dinâmica da mobilidade neste sistema de jogo com vista a um maior sucesso na criação de espaços.

Como o desenvolvimento científico se faz usando as muletas construídas por todos os que querem viver num mundo melhor, este é o contributo inicial para um conhecimento aprofundado da complexidade inerente a um conceito tão inexplorado como a mobilidade ofensiva no Futebol.

6. Referências Bibliográficas

- Amieiro, N. (2005). *Defesa à Zona no Futebol: um pretexto para reflectir sobre o «jogar»... bem, ganhando!.* Edição de Autor.
- Amieiro, N. (2003). «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Araújo, D. (Ed.) (2005). *O Contexto da Decisão: A Acção Táctica no Desporto.* Lisboa: Visão e Contextos.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª Ed.). Lisboa: Edições 70.
- Benedict, R. (2005). *Padrões de cultura.* Lisboa: Livros do Brasil.
- Bertrand, Y. & Guillemet, P. (1994). *Organização: uma abordagem sistémica.* Lisboa: Instituto Piaget.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (9ª Ed.). São Paulo: Editora Cultrix.
- Cardoso, F. (2006). *Necessidade de Contextualizar a Dimensão Táctica no Futebol.* Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Castelo, J. (1994). *Futebol – Modelo técnico-táctico do jogo*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana – Serviço de Edições.
- Castelo, J. (1996). *Futebol – A Organização do Jogo*. Edição de Autor.
- Cunha e Silva, P. (1999). *O Lugar do Corpo – Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Damásio, A. (2000). *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (15ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurobiologia do sentir* (6ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Davids, K. & Araújo, D. (2005). A abordagem baseada nos constrangimentos para o treino desportivo. In D. Araújo (Ed.), *O Contexto da Decisão: A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, pp. 35-60.
- Dicionários Editora (2007). *Dicionário da Língua Portuguesa 2008*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, J. (2003). Entrevista. «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Frade, V. (1985). *Alta competição no Futebol – Que exigências de tipo metodológico?* ISEF-UP. Porto. Não publicado.
- Frade, V. (1990). *A interacção, invariante estrutural da estrutura do rendimento do Futebol, como objecto de conhecimento científico – uma proposta de*

explicitação de causalidade. Projecto de provas de doutoramento. FCDEF-UP. Porto. Não Publicado.

Frade, V. (2006). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de Futebol*. FCDEF-UP. Porto. Não Publicado.

Frade, V. (2006a). Entrevista. *Necessidade de Contextualizar a Dimensão Tática no Futebol*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gaiteiro, B. (2006). *A ciência oculta do sucesso – Mourinho aos olhos da ciência*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP, pp. 63-82.

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2003). Entrevista. «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. & Cunha e Silva, P. (2000). *O jogo de futebol: entre o caos e a regra*. Revista Horizonte, vol. XVI (91), 5-8.

- Garganta, J. & Gréhaigne, J.-F. (1999). *Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade?*. Movimento, 5(10), 40-50.
- Garganta, J. & Pinto, J. (1998). O Ensino do Futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Ed.), *O ensino dos jogos desportivos* (3ª ed.). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP, pp. 95-135.
- Gomes, M. (2006). *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Tática – um Estudo de Caso*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Graça, A. & Oliveira, J. (1998). *O ensino dos jogos desportivos* (3ª ed.). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP.
- Gréhaigne, J.-F. (1992). *L'organisation du jeu en football*. Joinville-le-Pont: Éditions Actio.
- Gréhaigne, J.-F., Billard, M. & Laroche, J.-Y. (1999). *L'enseignement des sports collectives à l'école. Conception, construction et evaluation*. Paris: De Boeck Université s.a..
- Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Guilherme Oliveira, J. (2006). Entrevista. *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Tática – um*

Estudo de Caso. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2006a). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de Futebol*. FCDEF-UP. Porto. Não Publicado.

Hughes, C. (1994). *The Football Association coaching book of soccer tactics and skills* (4ª Ed.). Harpenden: British Broadcasting Corporation and Queen Anne Press.

Jacob, P. & Lafargue, G. (2005). Les intentions inconscientes. *Cerveau & Psycho*, n.º 9, Fevereiro-Maio.

Laborit, H. (1987). *Deus não joga aos dados*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Le Moigne, J.-L. (1996). *A Teoria do Sistema Geral*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lobo, L. F. (2008). *Planeta do Futebol* (2ª ed.). Lisboa: Prime Books.

Lobo Antunes, A. (2005). Desculpem mas vou falar de futebol. *Visão*. 9 de Junho, p. 21.

Mandelbrot, B. (1998). *Objectos fractais: forma, acaso e dimensão* (2ª Ed.). Lisboa: Gradiva.

Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo* (4ª Ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Mourinho, J. (2003). Entrevista. «*Defesa à Zona*» no *Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N. e Barreto, R. (2006). *Mourinho: Porquê tantas vitórias?*. Lisboa: Gradiva.
- Oliveira, J. & Tavares, F. (Ed.) (1996). *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP.
- Queiroz, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do futebol. *Futebol em Revista*, 4(4), 25-34.
- Queiroz, C. (1983a). Para uma teoria do ensino/treino do futebol – análise sistemática do jogo. *Futebol em Revista*, 4(2), 15-32.
- Ramos, F. S. (2002). *Futebol – Da “Rua” à Competição*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Reed, D. & Hughes, M. (2006). An exploration of team sport as a dynamical system. *International Journal of Performance Analysis of Sport*, 6 (2), 114-125.
- Reilly, T. & Williams, A. M. (2005). *Science and Soccer* (2ª ed.). Oxon: Routledge.
- Santos, B. (2004). *A importância dos lances de bola parada no Euro 2004*. Dissertação de Licenciatura apresentada ao Instituto Superior da Maia.

- Savelsbergh, G. & van der Kamp, J. (2005). A especificidade da prática: o futebol como exemplo (Araújo, D., trad.). In D. Araújo (Ed.). *O Contexto da Decisão: A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, pp. 389-395.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Orgs.) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Táctica*. Pontevedra: MCSports.
- Stacey, R. (1995). *A fronteira do caos*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Tamarit, X. (2007). *¿Qué es la “Periodización Táctica”? Vivenciar el «juego» para condicionar el Juego*. Pontevedra: MCSports.
- Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia dos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 101-128.
- Williams, A. M., Davids, K. e Williams, J. G. (1999). *Visual Perception & Action in sport*. London: E & FN Spon.
- Wrzos, J. (1984). *Football – La tactique de l’attaque*. Brakel: Broodcoorens Michel.

Anexos

Anexo I

Guião da Entrevista

– Modelo de Jogo –

- o Como define o conceito de modelo de jogo?
- o Que princípios definem a forma de jogar da sua equipa nos diferentes momentos, quer nos de organização ofensiva e defensiva, bem como nas transições?
- o Que traços culturais do clube se revêem no modelo de jogo da equipa?
- o Que estrutura de jogo utiliza (preferencialmente) na organização da sua equipa? Porquê?

– Mobilidade ofensiva –

- o Por que objectivos considera a mobilidade um elemento importante na forma de jogar da sua equipa?
- o De que forma a estrutura de jogo que utiliza potencia a mobilidade dentro do colectivo?
- o De que forma considera que a mobilidade se relaciona com a liberdade criativa dos jogadores e com a acção totalmente determinada?
- o Os treinadores defendem pouca mobilidade para os jogadores do sector defensivo, mas claramente maior para os médios e ainda para os avançados. Concorda? Porquê?
- o Na forma de jogar da sua equipa, dentro da mobilidade colectiva, existem jogadores mais posicionais (fixos)? Se sim, porque razão?

(Relativizando aos momentos, falaremos inicialmente da transição ofensiva)

– Transição ofensiva –

- o Como define o conceito de transição ofensiva?
- o Que comportamentos quer que a sua equipa tenha logo após o ganho da bola?
- o Na transição ofensiva, pretende que a sua equipa tenha uma mobilidade com os jogadores dentro da sua posição, ou trocas posicionais? Porquê?
- o Que jogadores motiva primordialmente a acções de mobilidade na transição ofensiva, e porque razão estes especificamente?
- o Que jogadores determina como apoios essenciais, bem como quais são aqueles que protegem a saída de ataque (cobertura ofensiva)?
- o De forma a resumir, dentro da sua forma de jogar, que indicadores encontra como essenciais ao ajustamento do tipo de saída para o ataque?

(Uma vez a equipa adversária organizada defensivamente, passamos para a organização ofensiva...)

– Organização ofensiva –

«Fase de construção»

- o Vista esta fase se caracterizar pela necessidade de ultrapassar o adversário para finalizar, o que pretende que a sua equipa consiga nesta fase?
- o Perante a organização adversária, qual precisamente o papel da mobilidade da equipa nessa fase de construção?
- o Tanto no sector médio como no avançado, os jogadores caracterizam-se por serem móveis.
 - o Caracterize a dinâmica da mobilidade dentro do sector médio.
 - o De que forma quer que a sua equipa apresente mobilidade entre sectores?
- o Os defensores (centrais) são os únicos apoios mais fixos, ou possui outras posições mais fixas dentro da mobilidade da equipa?
 - o Quais e porquê?
- o Que combinações tácticas possui na sua forma específica de jogar, e em que zonas a realiza?

«Criação de situações de finalização e finalização»

- o Como pretende que os seus jogadores se distribuam na criação e disposição para finalização?
- o Que liberdade dá aos jogadores de cada posição a fim de se colocar para a finalização? O que pretende com essa mesma liberdade?
- o Nesta fase de criação de finalização, quais os jogadores que são mais móveis e quais os que determinam os apoios? (Apoios circunstanciais?)
- o Qual a dinâmica específica e posicionamento dos jogadores avançados? Com que objectivos o determina?
- o Precavendo a perda da posse de bola, que equilíbrios colectivos determina para a sua equipa?
- o Quais as movimentações e trocas posicionais realizadas nos pontapés-de-canto e livres indirectos ofensivos?

Anexo II

Entrevista a Alfredo Lapa

Treinador Principal da Equipa de Juniores do Varzim Sport Clube

Pavilhão de Desportos de Vila do Conde, 26/10/2008

Rui Machado (RM): Como defines o conceito de Modelo de Jogo?

Alfredo Lapa (AL): O Modelo de Jogo está presente, em primeiro lugar, na cabeça de quem o idealiza, neste caso o treinador; é um conjunto de dinâmicas que pensamos para a equipa, que vão ao encontro daquilo que nós pensamos para os quatro momentos de jogo: a organização ofensiva, organização defensiva, e os momentos que, para mim, são os momentos fundamentais do jogo, os momentos de transição – defesa-ataque e ataque-defesa.

Nós trabalhamos o Modelo durante a semana para depois ser avaliado ao domingo, mas o que me parece importante é que o jogo é uma construção, é algo que é único, e concordo que é uma unidade, que trabalhamos por pedaços, vamos construindo durante a semana e que vamos procurando acrescentar alguma coisa. Mas o Modelo nunca é fechado, tem que ser um modelo aberto às pessoas que são as mais importantes e o colocam em prática, e que acabam por operacionalizar aquilo que nós pensamos e idealizamos como Modelo de Jogo, que são os jogadores, e que são eles têm de colocar em prática aquilo que nós pensamos, procurar fazer aquilo que nós determinamos, mas procurarmos ao mesmo tempo, com esse próprio Modelo de Jogo explorar aquilo que são as grandes qualidades e virtudes dos nossos atletas, e normalmente são esses momentos que não são construídos por nós treinadores, mas são construídos pelos atletas que determinam os resultados e o jogo, porque temos de certa forma explorar as características dos nossos atletas, potencializar aquilo que eles têm, e essa acho que é a grande função do treinador de Futebol, que é potenciar o atleta, e construir um Modelo capaz de explorar as suas características, agora claro que tem de estar tudo presente numa organização que permita que a equipa seja equilibrada, nos momentos de construção do jogo e nos momentos em que não tem bola, quando perde posse de bola que seja uma equipa equilibrada também, e que seja capaz de

se reorganizar rapidamente, e que consiga recuperar a bola, porque a bola é fundamental também.

RM: Falando desses princípios, que aspectos gerais defines para a tua equipa tanto nos momentos de organização ofensiva como ofensiva, como nas transições?

AL: Nos momentos de organização ofensiva, quero que a minha equipa, logo que recupere a bola, ocupe espaços, e que seja uma equipa que procura jogar a toda a largura do campo e consiga dar profundidade ao jogo. O que pretendo com isto? Pretendo que os espaços sejam criados, e que haja espaço para poder potencializar as grandes virtudes dos meus atletas e, ao mesmo tempo, dificultar a tarefa da equipa que defende, ou seja, se eu jogo aberto, se ocupo espaços, se jogo em largura e profundidade, o adversário tem necessariamente que defender um espaço maior de jogo.

Em relação à minha organização defensiva, é exactamente o contrário que eu pretendo: que a minha equipa se reorganize no espaço; normalmente determino uma linha a três quartos de campo, onde a minha equipa se reorganiza defensivamente; não é uma pressão muito alta, não é uma pressão muito baixa, é uma pressão que eu acho que, neste momento, está de acordo com as características dos atletas que eu tenho, e, de certa forma, permito com isto que a equipa junte o bloco, defenda o meio, que oriente o jogo do adversário sempre para uma lateral, e a partir desse momento comece a exercer alguma pressão, com a equipa junta, com as ajudas próximas, com uma boa cobertura dos espaços naquela zona, e o resto da equipa a reduzir espaços também.

Claro que isto está sempre uma situação que eu considero fundamental, que são os momentos de transição, e os momentos de transição fundamentais; quando eu digo que quero que a minha equipa se reorganize na linha de três quartos, não impede que se o adversário tem posse de bola mas não é uma equipa que não tem a posse de bola controlada, se joga para trás, aquilo que são referências, ou se joga para o corredor lateral, ou se a bola está no ar, os meus jogadores mais próximos têm de imediatamente exercer pressão, e a minha equipa tem que juntar ali naquela zona, tem que procurar recuperar a bola ali naquele espaço; outra situação que também é importante nos

momentos de transição, e que está relacionado, de certa forma, com a minha organização defensiva, são as situações em que o adversário tem bola, mas tem vantagem, a minha equipa não está organizada, está num momento de alguma desorganização, e o jogador mais próximo tem de imediatamente pressionar a bola, ou os dois ou três jogadores mais próximos, permitir que a minha equipa se reorganize, tenha tempo para se reorganizar, e então a equipa junta. Nos momentos de transição, aquilo que eu peço é uma capacidade de sofrimento da equipa, ou seja, quando falo em sofrimento – os momentos de transição são momentos muito rápidos, momentos que obrigam a equipa a estar concentrada, em rapidamente perceber que tem que se reorganizar se não tem bola, e tem de ser rápida para se reorganizar, para se juntar e para fechar espaços. Nos momentos em que eu recupero a posse de bola, o que pretendo? Pretendo essencialmente aproveitar a desorganização defensiva adversária; para isso os meus jogadores têm de perceber quando é que o adversário está ou não organizado. Se o adversário está organizado, mantenho a posse de bola e procuro construir a minha organização; se o adversário não está organizado, o momento de transição tem de ser muito rápido, e tenho de procurar explorar rapidamente os espaços que o adversário deixou em aberto. Normalmente jogo com dois extremos, os meus extremos jogam sempre muito abertos, o meu ponta-de-lança, nessas alturas não quero que o meu ponta-de-lança caia nunca num dos corredores laterais, o meu ponta-de-lança fica mais posicional, agora, nessas situações, a bola preferencialmente vai cair nos corredores laterais; agora, se não tem lá extremo, é ponta-de-lança que tem de ocupar lá esse espaço. Há uma situação que eu defino sempre na minha organização de jogo, que quando estou a construir o meu jogo ofensivo, que são as situações em que estou a jogar num corredor lateral, e a equipa adversária tem o jogo perfeitamente controlado, ou seja, está organizada, não tem espaços para poder penetrar, portanto, poucas probabilidades tenho de conseguir êxito naquele lado, os jogadores têm de perceber que têm de jogar na linha de passe de segurança, e o meu extremo do lado contrário tem de perceber que, se o jogo não está a dar, tem que estar completamente aberto do lado contrário, para permitir que ele faça uma circulação rápida da bola, que a bola chegue ao meu extremo, porque o meu objectivo é criar e potenciar sempre situações de um contra um ou situações de superioridade numérica,

com uma acção do meu médio centro do lado contrário, que ultrapasse o meu extremo, que o meu extremo faz um movimento interior então. São essas situações que eu pretendo potenciar sempre, que são situações de um contra um, porque tenho extremos rápidos e de boa técnica, e tenho dois médios centros também com boa técnica, um ponta-de-lança de boa técnica também, portanto quero potenciar essas situações sempre de um contra um, e eventualmente de superioridade.

RM: Que traços gerais, que ideais, que postura ou imagem o clube tem que faz que se reflecte na conduta e na maneira de estar da equipa, e se revê no Modelo de Jogo?

AL: Os traços culturais... Isso é uma pergunta complicada, porque é assim... Os jogadores de Vila do Conde e da Póvoa, por exemplo, por norma, ou eram, jogadores muito agressivos, com aquilo que nós dizíamos “jogadores com raça”... Mas eu penso que os jogadores começam a jogar Futebol muito cedo, começam muito cedo nas escolinhas agora, e esses traços culturais, de certa forma, aqueles traços culturais que se ganhavam na rua, esses traços culturais se calhar foram-se perdendo, eu acho que os traços culturais são aqueles que os treinadores procuram incutir nos seus atletas, esses são os fundamentais. Já não há uma aquela cultura regional de jogadores caxineiros, dos jogadores poveiros, porque os tempos são outros agora, e eu acho que os traços culturais são os treinadores que conseguem passar para a equipa, e tem mais a ver se calhar com a capacidade de ele poder induzir nos atletas uma necessidade de serem agressivos, fortes psicologicamente, capazes de resistirem à pressão, que sejam jogadores inteligentes, capazes de perceber os estados emocionais dele dentro do campo, como reagir a determinadas situações, conseguir controlar-se emocionalmente dentro do jogo e no campo... Acho que não tem tanto a ver com o clube, com os traços culturais, não tenho outra resposta para dar...

RM: Já percebemos que jogas em 1-4-3-3, utilizando extremos e ponta-de-lança; sendo o sistema utilizado preferencialmente, que outras razões para utilizar este sistema?

AL: Dentro daquilo que é o conceito de jogo que eu tenho, é uma estrutura que me agrada, eu gosto de jogar com extremos, eu gosto de ver extremos a jogar, e eu acho que o jogo ganha mais qualidade com extremos rápidos, com extremos técnicos, inteligentes, que saibam ocupar os espaços, que saibam criar desequilíbrios, e nos corredores laterais criam-se muitos desequilíbrios, e proporciona-se sempre a construção de bons movimentos e boas jogadas, e provavelmente será porque sempre gostei de jogar com extremos. Mas não implica que não possamos jogar de outra forma, porque temos outra variante estrutural que contem dois pontas-de-lança e quatro no meio-campo em linha, mas preferencialmente eu gosto muito de criar desequilíbrios nos corredores laterais.

RM: Passando para a mobilidade ofensiva, consideras esta um elemento importante da tua forma de jogar, e com que objectivos utilizas a mobilidade na equipa?

AL: Começando pela parte final da pergunta, com que objectivos... O objectivo é criar desequilíbrios na defesa contrária, provocar rupturas, e criar situações de finalização, esse é o objectivo final... É um elemento fundamental, para mim, e esses momentos... Lá está... Eu, quando jogo com extremos e com um ponta-de-lança, que quero que não caia nos corredores laterais, mas que seja um jogador inteligente para perceber que se não está lá o extremo, é ele que tem de ocupar o espaço, tenho necessariamente de ter uma equipa muito móvel, e qualquer um dos meus extremos se sente muito à vontade a jogar no corredor central, por isso a equipa tem sempre de ter muita mobilidade e tem sempre de haver muitas trocas de posição, tem sempre de haver muitos momentos de possível ruptura, com desmarcações de ruptura, que permitam que os médios centros façam lá chegar o passe, mas para isso tem de haver uma indicação, tem sempre de haver uma referência, e mesmo por parte dos dois médios centros, eu quero que essas situações aconteçam, mesmo nas situações em que há uma combinação com o extremo ou com o ponta-de-lança e que haja sempre uma progressão, que a minha equipa, quando recupere a

bola, o primeiro objectivo olhar para a frente, se não tem condições, conserva a posse de bola e então procura a melhor solução.

RM: Jogando em 1-4-3-3, percebemos fundamentalmente que a estrutura de jogo potencie a mobilidade entre os três jogadores da frente, mas não só os três da frente, também possivelmente o resto da equipa... Ou seja, de que maneira a estrutura de jogo potencia a mobilidade da equipa?

AL: Como te estava a dizer, os meus médios centros são jogadores fundamentais, os dois laterais são jogadores importantes também, essencialmente estes jogadores. Provavelmente, os nossos centrais e o nosso pivot defensivo são jogadores mais de apoios e de coberturas, mas os laterais são fundamentais também, porque eu não gosto que a minha equipa se desequilibre, e então se o lateral vai em apoio, o outro joga em equilíbrio, é isso que eu peço, mas o jogador que está em apoio tem de perceber que quando há condições, há segurança, tem que ser sempre um jogador de grande ofensividade também, e que permita também criar rupturas no corredor lateral, para isso tem que haver mobilidade, tem que haver passe, desmarcação, tem que haver constantes movimentos que permitam nós termos situações que estão previamente determinadas, previamente definidas, mas que elas não são automáticas, ou seja, aquilo são só amostras para que elas percebam que tipo de condições criadas para..., depois eles lá dentro fazem o jogo.

RM: Então acreditas que a mobilidade é um equilíbrio de um e de todos os jogadores, e algo que já predeterminado pelo treinador?

AL: Tem que haver esse compromisso sempre, agora aquilo que é previamente determinado pelo treinador, aquilo que faz parte da organização do nosso jogo, aquilo que é a matriz do nosso jogo, e aquilo que é imprevisível aquilo que o jogador pode acrescentar, porque nós pretendemos que o jogador acrescente qualquer coisa àquilo que nós damos, portanto, aquilo que nós determinamos, pelo menos aquilo que eu determino no meu conceito de Modelo de Jogo, que a minha organização de jogo não implica, muito pelo contrário, como já tinha dito, permite que o atleta seja livre de poder criar, tem momentos em que ele pode... Agora tem de ser uma criatividade positiva, e não negativa, que beneficie a equipa, que beneficie o jogo, que seja para ajudar e não para

complicar, ou seja, nós pretendemos que os jogadores tenham espaço para poder desenvolver também situações para que possam criar desequilíbrios, para que possam criar, inventar, inventando sempre dentro daquilo que é normal, ou seja, não vou impedir nunca que um atleta meu, que está no último terço de campo, se tem uma situação de um contra um, que vá para cima do adversário, e que procura criar um desequilíbrio, agora não vou pedir ao meu defesa central que faça o mesmo dentro da área, eles têm de perceber que há momentos, há situações, que há compromissos dentro da equipa que têm de ser cumpridos; eu não posso permitir colocar a minha equipa em risco, mas sou livre de poder criar, em determinados momentos, em determinadas alturas, sou livre de poder criar.

RM: Já percebemos que defendes fundamentalmente os que dois centrais e o médio defensivo sejam jogadores mais fixos, mais de contenção, mais de protecção ao ataque; que jogadores existem, para além desses, como jogadores mais posicionais ou fixos, e porquê?

AL: Não serão tanto posicionais nem fixos, ou seja, podem ser jogadores de cobertura do espaço, e vou-te dar um exemplo: se eventualmente o meu jogo se está a desenrolar no meu corredor lateral esquerdo, se o meu extremo tem bola, se o lateral vai em apoio, se a bola não está em segurança, se está em segurança pode passar, se o médio do lado da bola vai dar o apoio, vai dar o equilíbrio naquela zona, porque não podem ir todos, tem que haver algum equilíbrio, tenho o pivot defensivo também a dar algum equilíbrio defensivo naquela zona, porque o médio do lado da bola vai dar alguma cobertura ofensiva, e o jogador que está livre para poder entrar e de poder criar uma desmarcação em ruptura, uma desmarcação em apoio, é sempre o médio do lado contrário à bola, é sempre esse o jogador que tem que aparecer, porque o médio centro do lado da bola tem de ser um jogador de equilíbrio e de cobertura ofensiva, portanto, se houver perda de bola aquele espaço está garantido, está protegido; do outro lado, o outro médio pode ir perfeitamente em apoio; o lateral do lado contrário tem que manter equilíbrio também; não têm que ser necessariamente jogadores posicionais, e quando digo posicionais são jogadores que estão em equilíbrio, a equipa tem que ser uma equipa equilibrada na sua organização ofensiva, e tem que ser uma equipa equilibrada

porque se perder a posse de bola tem que ter jogadores que estejam em condições de a poder recuperar, pelo menos cinco/seis jogadores têm que estar em situação de poder ajudar a equipa numa eventual perda de bola.

RM: Passando para a transição ofensiva, como defines o conceito de transição ofensiva?

AL: É um momento em que a minha equipa ficou de posse de bola, e naquele momento é um tempo que eu tenho ali de “recuperei bola e vou começar a organizar o meu jogo ofensivo”, e esse momento é importante, porque nesse momento os meus jogadores, é isso que lhes peço também, têm que definir exactamente duas situações: se o adversário está organizado e se o adversário está desorganizado. Se o adversário está desorganizado, como eu tenho as referências na frente, procuro fazer saída rápida, partindo em ataque rápido; se o adversário se organizou, eu procuro manter a posse de bola e iniciar a construção do meu jogo ofensivo.

Essencialmente o momento que eu considero importante, é um tempo em que eu tenho de definir estas situações, se saio em ataque rápido ou se vou construir o meu jogo de ataque.

RM: Como referências, tens os jogadores da frente, como opções logo após ganho da bola. Nessa transição ofensiva, aceitas uma mobilidade mais posicional, ou seja, cada um dos jogadores na sua posição relativa, ou pretendes efectivamente que os jogadores realizem trocas posicionais e se desdobrem para progredir no terreno?

AL: Como te dizia mais atrás, há um bocadinho... Eu permito que essas trocas sejam feitas, e entre o ponta-de-lança e o extremo que possam acontecer, aliás, como te dizia, qualquer um dos meus extremos se sente numa posição confortável quando joga no corredor central, portanto essas trocas de posição acontecem muitas vezes no meu jogo, mesmo trocas posicionais entre ponta-de-lança e extremo. O que eu não quero, e não permito muito, é que o meu ponta-de-lança ocupe o corredor quando o meu extremo está no respectivo corredor, porque isso implica que esse espaço esteja condicionado logo à partida.

RM: Para além dos jogadores da frente, que outros jogadores é que motivas à mobilidade, ou seja, poderão ser os médios ou os laterais, como já disseste, e porque razão promoves essa mesma mobilidade entre esses vários jogadores?

AL: Como dizias, os médios centros têm essa liberdade, os dois laterais também têm essa liberdade, porque acho que são eles que muitas vezes podem desequilibrar, porque são eles que, num movimento, numa situação em que o extremo tem bola mas faz um movimento interior, é esse o momento se calhar certo se ele faz o movimento interior para o espaço lá criar, e o meu médio do lado da bola tem de ser inteligente, tem que perceber que eventualmente é ele que o poderá ocupar, ou eventualmente até o lateral, se a bola está perfeitamente segura e o jogo está controlado. Portanto, essas situações têm sempre que ser aproveitadas, esses momentos têm que ser aproveitados pelos nossos jogadores que têm que perceber que quando alguém deixa um espaço ele tem que ser ocupado, mesmo em relação ao ponta-de-lança isso pode acontecer; se o meu ponta-de-lança faz um movimento de aproximação e faz uma desmarcação em apoio, eventualmente o meu médio centro pode ocupar aquele espaço deixado pelo ponta-de-lança. E são esses os momentos em que se criam desequilíbrios na defesa, é essa mobilidade, essa dinâmica de jogo que provoca desequilíbrios.

RM: Apenas os centrais e o médio defensivo têm funções de cobertura ofensiva, protecção perante a perda de bola, ou outros jogadores também o têm no que diz respeito a apoios e coberturas?

AL: Não. Como te disse também há um bocado, outros jogadores, todos os jogadores têm essa preocupação. Vou-te dar um exemplo do meu extremo: se o meu extremo é ultrapassado, a primeira cobertura defensiva é realizada logo pelo médio centro do lado da bola, e se ele vai, o lateral tem de estar em condições de eventualmente realizar uma cobertura ao médio que foi lá realizar cobertura. A equipa tem sempre de jogar em coberturas e apoios, eu acho que essas situações têm de estar perfeitamente determinadas, no corredor contrário a mesma coisa, os laterais têm a cobertura dos centrais, os meus médios centros têm sempre a cobertura do pivot defensivo, o pivot defensivo tem sempre a cobertura de um dos centrais, daquele que está livre para

eventualmente se realizar ali uma cobertura. Portanto, a equipa tem sempre de estar em coberturas e apoios, acho que isso é fundamental.

RM: Falámos até agora de referências, tens enunciado isso... Como referências, pensas que os companheiros, os espaços e os adversários são essas referências fundamentais para essa mobilidade e para a criação do jogo de ataque e igualmente para que os jogadores entendam o jogo dentro da partida?

AL: O espaço é fundamental, acho que são referências importantes sempre: o espaço, o adversário, o companheiro de equipa. Eu, se tenho bola, se conduzo bola em direcção ao meu..., se sou médio centro e faço condução de bola e vou ocupar o corredor lateral esquerdo, o meu extremo não pode ficar lá, tem de deixar o espaço livre para eu poder penetrar, não é? Se eventualmente há um movimento, uma combinação entre o lateral e médio do lado da bola, e se eu jogo a bola no corredor lateral, o meu extremo tem de fazer um movimento interior também para poder permitir que o espaço seja criado para o lateral também.

Portanto, a presença do adversário também é importante, porque se eu peço para o meu extremo deixar o espaço para poder eventualmente ocupar um espaço interior, é para permitir que o adversário fique numa situação de dúvida, “se vou, se não vou, se fico”; portanto, nestas situações o adversário está sempre presente.

RM: Uma vez a equipa organizada defensivamente, passamos para a organização ofensiva da nossa equipa, e olhando um pouco para a fase de construção, percebemos que esta existe porque existe a necessidade de precisamente, como disseste, desequilibrar, desestruturar espaços, soltar companheiros. É isso, exactamente, que pretendes nesta fase de construção?

AL: Exactamente. O meu primeiro grande objectivo é, a partir do momento em que o adversário... O meu primeiro grande objectivo é aproveitar sempre a desorganização na estrutura do adversário, a organização de jogo do adversário, aproveitar aquele momento. Mas se o adversário está organizado, é criar condições que potenciem essa criação de desequilíbrios na defesa

adversária, por isso é que eu privilegio uma boa circulação de bola que permita que a bola chegue aos corredores laterais e haja situações de um contra um; agora, o que costumo dizer aos meus atletas é que normalmente, quando fazemos uma circulação, que seja uma circulação de bola que seja objectiva, ou seja, à espera do momento certo para criar o desequilíbrio, à espera do momento certo da desorganização do adversário, mas que seja uma circulação objectiva, porquê? Porque eu não quero que a bola circule como um fim, ou seja, por si só, não me interessa que a bola ande ali a circular, interessa-me que sejam inteligentes e percebam: “eu estou a circular a bola, mas o meu ponta-de-lança faz um movimento no corredor central e ocupa um espaço livre, a bola tem de chegar lá rapidamente”. Agora, se eles não existem, se não há essa possibilidade, o objectivo é procurar conservar a posse de bola à espera de desorganizar o adversário, e agora temos é de ser sempre objectivos, ou seja, o que eu digo é que privilegio no meu jogo posse de bola, mas eu recuperei a bola e o meu primeiro objectivo é chegar rapidamente à baliza do adversário, portanto é finalizar o mais rapidamente possível; portanto, se eu tenho condições de poder jogar na profundidade e de poder jogar no extremo e, a partir desse momento, criar uma situação de finalização, é esse o caminho que os meus atletas têm que percorrer, portanto não me interessa mais nada, interessa-me é criar condições de jogo.

RM: Sendo um sector fundamentalmente na fase de construção de jogo, o sector intermédio sofre igualmente muita pressão do adversário. Que rotinas de mobilidade apresenta esse sector para conseguir receber e direccionar o jogo? É um meio campo mais posicional, ou que roda e troca os jogadores entre si?

AL: É um meio campo que tem que perceber que jogamos normalmente com um pivot defensivo e dois médios centros, que tem que ocupar racionalmente o espaço; agora não importa quem, importa a mim é que o pivot defensivo vai no apoio ao lateral ou ao central, procura ser uma referência de passe para um deles, mas não tem possibilidades de receber a bola porque o passe é impossível de chegar lá porque ele tem adversário perto, tem que deixar a zona, tem que sair e é o médio centro que tem que ocupar aquele espaço, tem que haver esta mobilidade, esta funcionalidade no meio-campo que permita

que haja... “se não sou eu, é o meu colega, portanto tenho que deixar o espaço livre para que alguém possa ser uma referência de passe, e ser uma ajuda ao meu companheiro com bola”.

Agora, isso é importante; agora, quero que o meu espaço seja racionalmente ocupado, não me interessa a mim que vá lá o pivot defensivo, que o médio centro vá dar outra referência, porque às tantas tenho o adversário a ocupar aquele espaço, e eu fico impedido de poder jogar naquela zona. Importa-me é criar espaços para eu poder receber bola; se não sou eu, saio, deixo espaço livre e afasto-me, e é o meu colega que tem que lá ir, independentemente de ser quem é, os espaços têm que estar ocupados, é verdade, mas de forma racional, se não sou eu, deixo o espaço livre e é o meu companheiro.

RM: Já percebemos que pretendes dar criatividade aos extremos, e os extremos terem oportunidade de finalizar, sendo os corredores laterais zonas igualmente importantes. Mediante isso, gostaríamos de saber que combinações tácticas possuis na tua forma específica de jogar, e em que zonas é que as realizas?

AL: Nós trabalhamos um conjunto de movimentos ofensivos de posse de bola no treino, potenciamos isso, mas... aquilo que eu falava há pouco... no fundo, essas situações são automáticas, ou seja, nós trabalhamos, e eles sabem perfeitamente que damos algum espaço, depois também para eles poderem criar e poderem inventar, e criar jogadas e criar dentro daquilo que é a nossa organização de jogo, não nos podemos nunca desorganizar. Agora, esses movimentos ofensivos de posse de bola que nós trabalhamos são apenas caminhos que nós apresentamos aos atletas, porque as coisas nunca saem exactamente iguais no jogo, portanto esse espaço de liberdade é deixado sempre aos atletas. Aquilo que eu digo é que “nós apresentamos os caminhos e depois são eles que lá dentro encontram as soluções”.

RM: Já falando um pouco mais da finalização próxima, como pretendes que os teus jogadores se distribuam na criação e na disposição para a finalização?

AL: Eu tenho algumas referências em relação aos espaços que devem ser ocupados pelos atletas nos momentos de finalização. Preferencialmente, eu

quero que o meu ponta-de-lança ocupe a zona do primeiro poste, quero que o extremo do lado contrário jogue numa linha diferente ao segundo poste, e quero que o médio centro do lado contrário ao lado da bola seja ele a jogar numa linha em apoio a jogar ali muito próxima da entrada da área, ou mesmo dentro da área, enquanto o outro dá o equilíbrio. Essas são as referências fundamentais, quando as jogadas são rápidas e se desenrolam no corredor lateral.

No corredor central, aquilo que eu peço aos meus atletas é que haja a tal mobilidade por parte do ponta-de-lança, que muitas vezes deixe o espaço livre para depois poder aproveitar, poder ocupar e para poder ganhar vantagem, o espaço tem de estar lá, portanto, “se a bola jogada em determinada zona, eu saio para poder esperar o momento certo para poder ocupar, para poder ficar numa situação de finalização”.

Mas as referências são basicamente essas. Agora, nas bolas paradas, eles têm essas situações perfeitamente definidas também.

RM: Primeiro, parece-nos que dás total liberdade para que eles criem e pretendes com essa liberdade que se adaptem ao jogo; por outro lado, falas em apoios e parece-me que os apoios de que falas são circunstanciais, ou seja, acontecem para determinado momento. Quais os objectivos para essa opção por apoios circunstanciais?

AL: Os apoios servem sempre essencialmente, primeiro, para que eu possa retirar a bola dos momentos de pressão que o adversário exerce sobre a minha equipa, ou seja, se eu estou a jogar... eu gosto de dar muitos exemplos... se eu estou a jogar num corredor lateral e o adversário se organizou rapidamente naquele espaço, deixei de ter linhas de passe, o adversário está perfeitamente organizado, eu tenho de ter sempre saídas de pressão, ou seja, tenho de ter uma linha de passe de segurança, seja do lateral, seja do médio centro do lado da bola, seja do pivot defensivo, seja até no movimento de aproximação do ponta-de-lança, percebes? Essencialmente, apoios que são referências para a saídas da pressão... A minha preocupação é dizer aos meus atletas que o primeiro objectivo é olhar para a frente e procurar as desmarcações de ruptura, agora, aquelas situações de apoio, aquelas desmarcações em apoio dos outros meus atletas são essencialmente para dar uma solução, para dar uma ajuda ao

meu companheiro com bola para eventual poder retirar duma zona de pressão, poder fazer chegar uma bola ao corredor contrário, por exemplo.

RM: A dinâmica dos jogadores da frente pretende fundamentalmente criar linhas de passe e espaços mais adiantados no terreno? Como caracterizas essa dinâmica?

AL: Exactamente. A dinâmica é essencialmente esta: é procurar encontrar caminhos o mais rapidamente possível que permitam jogar – essa eu acho que é a dinâmica de toda a gente – essa referência que eu dou para que também o jogo não se torne num exacerbar um bocadinho a conservação da posse de bola, e depois os atletas às tantas estão é a perder objectividade, querem é ter bola, e mesmo em condições de saírem em ataque rápido, o primeiro pensamento que têm é manter a bola, ficar em posse de bola, poder depois construir o seu ataque... Não... O que eu quero é que, quando a minha equipa tem bola, que haja logo referências que eles têm presentes dos extremos, e alguns movimentos de algumas diagonais do meio para o corredor lateral do próprio ponta-de-lança com troca de posição eventualmente com o extremo, mas que haja essa preocupação de sair se eventualmente tivermos condições de sairmos em ataque rápido.

RM: No que diz respeito às bolas paradas, em termos de disposição, de trocas posicionais e de protecção, que definições tens para os livres indirectos e os pontapés-de-canto ofensivos?

AL: Nas bolas paradas ofensivas, o que tenho são duas situações trabalhadas de bloqueio, que permita a libertação de um jogador ao primeiro poste, e tenho outra para libertar o mesmo jogador ao segundo poste, que normalmente é o nosso ponta-de-lança, que aparece ao segundo poste, com os outros a movimentarem-se no sentido de proporcionar o espaço livre para a penetração daquele jogador.

Em relação à protecção, coloco normalmente um jogador na segunda bola à entrada da área, que permita também a cobertura do espaço para um eventual passe mais para a entrada da área, para ele cortar esse passe, e permitir o ganho de bola também ali à entrada da área. Tenho duas coberturas lá atrás, normalmente um dos centrais e um dos laterais, ou eventualmente um jogador

do meio campo, porque essa situação depende do lado onde o pontapé-de-canto é apontado, para fazer uma marcação individual aos jogadores mais adiantados que saem na transição rápida eventual do adversário, e um jogador que realiza cobertura, não atrás, mas à frente destes dois atletas; prefiro assim, não quero a cobertura atrás, porque normalmente a bola quando aparece, quando surge ou quando o adversário sai em ataque rápido, ele está em condições de ser o primeiro jogador ali a realizar contenção, ou então, na eventualidade de não conseguir realizar essa cobertura do espaço, sai um dos elementos que está na marcação e ele recua rapidamente e ele faz a marcação do adversário; permite sempre jogar ali um bocadinho com essas duas situações.

Nos livres, temos, nos corredores laterais, a favor, também temos algumas situações trabalhadas; por exemplo, se o adversário permite a saída, então saímos a jogar. Muitas vezes, os adversários colocam lá dois homens; nós temos uma situação trabalhada para que permita ao nosso extremo sair para uma situação de um contra um; o que acontece muitas vezes é que colocam dois homens na barreira, nós temos dois homens na bola, e podemos criar ali uma situação de um eventual um contra um, tenho jogadores técnicos, posso beneficiar dessa situação, ou então colocamos a bola – em situações que também temos trabalhadas – numa trajectória que permita o deslocamento também libertando normalmente um dos nossos pontas-de-lança através de bloqueios que permita a entrada desse jogador na linha da bola, que permita o ganho e um eventual desvio. Temos uma situação trabalhada quando o livre é marcado, acontece no corredor central, numa zona distante da área, com os jogadores colocados, posicionados mais ou menos entre o vértice da pequena área, na linha limite da área, mas no enfiamento da linha de pequena área e da linha da grande área, com a bola colocada ou sobre o lado esquerdo ou o lado direito, com um movimento dos nossos jogadores no sentido de confundir sempre a defesa do adversário. No meio campo, no nosso meio campo, na linha de meio campo, temos uma situação definida porque, normalmente, quando a bola ali naquele espaço, no nosso meio campo defensivo, ou eventualmente no nosso meio campo ofensivo, eventualmente ali numa zona dez metros à frente ou dez/quinze metros atrás da linha de meio campo, o que nós queremos evitar é que a bola seja colocada na área do adversário; nós não

temos jogadores muito fortes no jogo aéreo, temos um atleta apenas, não é habitualmente titular, ainda é um atleta de primeiro ano, e o nosso ponta-de-lança não domina muito bem o jogo aéreo. Portanto, o que nós queremos é criar condições para que possamos sair daquela situação com a bola controlada; normalmente, se o adversário permite, saímos a jogar; se o adversário não permite, nós colocamos o nosso extremo no corredor central, o nosso médio do lado da bola fica também no corredor central, procurando libertar sempre o corredor do lado da bola, do lado onde o livre vai ser marcado, e procuramos colocar a bola de forma que, no movimento quer do extremo ou do médio do lado da bola numa troca de posição, possam ganhar a bola no corredor lateral e ficarmos de posse de bola numa zona já próxima da área do adversário, e a partir daí criar condições para que possa surgir cruzamento. É preferível assim, porque eu prefiro ficar de posse de bola do que colocar a bola na área, porque poucas probabilidades tenho de ganhar, o que acontece é que o adversário normalmente ganha e sai em ataque rápido, e é isso que eu quero evitar, quero ficar de posse de bola nessas situações.

Nos livres, quer do lado direito, quer do lado esquerdo, quer da zona central, numa zona mais próxima da área... livres directos também temos jogadores perfeitamente definidos, eles sabem perfeitamente quem são os atletas que batem os livres; no corredor lateral direito, normalmente o nosso lateral esquerdo tenta colocar a bola na baliza, tem um remate forte e colocado, procura tirar vantagem dessa situação; nos livres indirectos, procuramos também, através da colocação da bola num espaço que permita depois o deslocamento do lateral, e procuro também colocar a bola na área; no corredor central e no corredor lateral também temos as mesmas situações mais ou menos definidas, com outros atletas também, mas pronto... são situações que não são muito elaboradas, situações simples, porque eu acho que aí prefiro ter um jogador forte na marcação de livres, e seja ele o responsável, sem nada de muito elaborado, porque essas situações às vezes resultam mal.

Temos uma situação perfeitamente definida, que é numa zona já muito distante da área, mas temos o atleta, que é o nosso ponta-de-lança, que habitualmente não joga, mas quando está dentro de campo, é ele que bate esses livres, porque tem um pontapé muito forte e muito colocado.

RM: Pensamos que está tudo esclarecido. Gostaríamos apenas de saber se tens alguma coisa a acrescentar àquilo que foi dito, e que seja importante falar no contexto da mobilidade ofensiva.

AL: No que diz respeito ao teu objecto de estudo, eu acho que ele está presente em todos os momentos de jogo, em todas as situações de jogo, não é? Mobilidade é constante, mesmo nós, quando falamos em mobilidade, normalmente falamos naquelas situações de saídas quando começamos a construir o nosso jogo de ataque, o nosso jogo ofensivo, há aquela mobilidade que te permite encontrar espaços para poderes finalizar. Mas os meus laterais, quando estão no meio-campo defensivo, ou quando os meus centrais também têm de ser jogadores móveis, porque têm que jogar e têm que imediatamente realizar uma deslocação, seja em apoio ou até seja em profundidade para receber a bola na frente.

Este é um jogo de metros, o Futebol também é um bocado assim, a gente vai conquistando, é como no Râguebi, a gente vai conquistando metros ao adversário; não dá, joga para trás como eles fazem, depois entretanto, vamos conseguindo. De vez em quando lá dá um pontapé para a frente, como acontece no Râguebi, para conquistar mais uns vinte ou trinta, e jogar nos extremos ou no ponta-de-lança para permitir que a equipa consiga jogar mais à frente, consiga respirar um bocadinho, mas sempre sendo objectiva, e quando eu digo dar um pontapé para a frente, digo um pontapé com objectividade... lá está, tendo as referências dos nossos extremos ou, eventualmente, do meu ponta-de-lança... ficar com bola, conservar posse de bola, esperar apoios dos companheiros e, então aí, depois entretanto construir o ataque se não houver caminho para a baliza.

Anexo III

Entrevista a João Pedro Coelho

Ex-Treinador Principal da Equipa de Juniores do Futebol Clube Vizela

Café Bifanas, Vizela, 04/11/2008

Rui Machado (RM): Como defines o conceito de Modelo de Jogo?

João Pedro Coelho (JC): Desde já dizer-te que estarei sempre disponível, tanto contigo como com outra situação, para falarmos e discutirmos aqui um bocadinho de Futebol, de formas de treino, de situações que nos podem, com certeza, enriquecer em termos futuros.

Passando já directamente à tua pergunta, Modelo de Jogo, para mim, e acho que para a maioria dos técnicos que comungam essa ideia, é um conjunto de princípios e sub-princípios que definem o comportamento colectivo da nossa equipa, nas várias fases do jogo, e que definem o objectivo do próprio jogo. De uma forma resumida, é o que significa, para mim, Modelo de Jogo, um conjunto de princípios e de sub-princípios que definem o comportamento colectivo da nossa equipa, nas várias fases de jogo, e que nos permitem, ou não, a obtenção do objectivo do jogo.

RM: Relativamente a essas fases, que princípios é que defines para a forma de jogar da equipa nos diferentes momentos, quer de organização ofensiva, quer defensiva, quer nos momentos de transição defesa-ataque e ataque-defesa?

JC: Há princípios comuns, que são de conhecimento geral, de todas equipas no processo ofensivo e no processo defensivo, e que se opõe no próprio jogo. Em termos ofensivos, a penetração, a cobertura ofensiva, a mobilidade e, consequentemente, o espaço; em termos defensivos, a contenção, a cobertura defensiva, e depois o equilíbrio e o espaço. Em termos de transições, tanto defesa-ataque, como ataque-defesa, há um conjunto que eu entendo que são sub-princípios, e que irão definir realmente a nossa forma de jogar e o nosso Modelo de Jogo. Em termos de transição defesa-ataque, procuramos que a nossa equipa, através da mobilidade de três/quatro jogadores ofensivos, procure os desequilíbrios através dos corredores laterais, através da profundidade dos nossos defesas laterais, procuramos que toda a equipa

acompanhe a aproximação de sectores, de forma a termos as linhas muito próximas e a ganharmos uma segunda bola; procuramos que a equipa, mesmo em termos ofensivos, esteja sempre equilibrada, equilibrada e preparada para perder a posse de bola, e quando digo equilibrada, digo sempre com o guarda-redes, como é óbvio, e depois mais três elementos, que serão dois defesas centrais e um lateral, e depois um médio centro, que nós definimos, que é o médio centro do corredor do lado em que desenvolvemos o ataque ofensivo. Portanto, este conjunto de quatro jogadores mais guarda-redes restringe a sua acção de forma a permitir que a equipa permaneça equilibrada mesmo estando a atacar.

Assim, aquando da perda de bola, mesmo que os restantes jogadores se encontrem em zonas onde não seja possível realizar um tipo de transição defensiva de forma a condicionar imediatamente o portador da bola, estes cinco jogadores permitem que a equipa disponha de jogadores que possam atrasar e impedir uma acção de transição ofensiva rápida da equipa adversária, permitindo, também, que os demais jogadores recuperem posição e se organizem no bloco defensivo pretendido.

RM: De que forma é que um princípio como a posse de bola e, por outro lado, em termos defensivos, a pressão defensiva, tem importância no Modelo de Jogo da tua equipa?

JC: Uma importância extrema, como é óbvio... a posse de bola, em termos ofensivos, permite-nos ter uma melhor gestão do tempo e do espaço, permite-nos, através de um ataque mais apoiado, termos e sabermos claramente aquilo que pretendemos em termos ofensivos, principalmente tendo a bola, controlando o ritmo de jogo, controlando as acções que iremos definir como sendo as acções mais benéficas para o processo ofensivo.

Na pressão defensiva, como é óbvio, em termos defensivos, sabermos e criarmos zonas de pressão, criarmos zonas onde vamos incidir a nossa pressão, e vamos incidir para recuperarmos a posse de bola.

RM: Relativamente ao trabalho que realizaste no Vizela, que traços culturais pensas que o clube transmitiu para o teu Modelo de Jogo?

JC: Há um traço cultural fundamental que o clube transmitiu, que é uma filosofia de jogo comum a todos os escalões, incluindo o escalão sénior, que é uma filosofia de grande orgulho de representar o clube, uma filosofia de realmente se impor em todos os jogos, em forma a poder disputá-lo com orgulho, e lutamos sempre por representar da melhor forma.

RM: Que estrutura de jogo utilizas preferencialmente na organização da equipa, e por que razão essa estrutura em particular?

JC: Utilizo a estrutura do 4-2-2-2, portanto, é uma variante do 4-4-2 clássico, com guarda-redes, com uma linha defensiva de quatro elementos, dois médios centros, dois médios interiores e dois avançados, porque é, na minha opinião, o sistema de jogo que permite uma melhor ocupação de espaços, e que permite rentabilizar melhor as características individuais dos atletas.

RM: Passando para a mobilidade ofensiva, porque razão consideras que a mobilidade ofensiva é um elemento importante na qualidade de jogo da equipa?

JC: É efectivamente um princípio importante, não só, mas principalmente no processo ofensivo da equipa, através de movimentos de ruptura que possam criar desequilíbrios em termos ofensivos, e sobretudo a dificuldade na equipa contrária, portanto, a mobilidade permite-nos desequilíbrios ofensivos, tentarmos ocupar espaço de forma a desequilibrar em termos ofensivos.

RM: De que forma é que essa estrutura de jogo potencia a mobilidade da equipa?

JC: Não será a estrutura de jogo que irá potenciar a mobilidade da equipa, mas sim os princípios e sub-princípios de jogo que iremos criar, de forma a potenciar o princípio de jogo da mobilidade, como sendo algo benéfico para a equipa: a profundidade dos laterais, as trocas constantes dos nossos avançados, os movimentos em diagonais dos nossos médios interiores, os movimentos em profundidade do médio centro, serão sempre movimentos e

sub-princípios que nós criamos de forma a potenciar a mobilidade como sendo um elemento fundamental no processo ofensivo.

RM: De que forma pensas que a mobilidade se relaciona com a liberdade criativa dos jogadores, por um lado, e pela acção totalmente pré-determinada, por outro lado?

JC: Na minha ideia de jogar, há sempre espaço para os jogadores mais criativos, e para aqueles jogadores que, individualmente, possuem características que lhes permitem criar desequilíbrios em termos ofensivos. Essa criatividade é permitida dentro do nosso Modelo de Jogo no último terço de terreno, porque a equipa está preparada e equilibrada para uma possível perda de bola, e para esse desequilíbrio não acontecer; portanto, permitimos essa criatividade, fundamentalmente no último terço ofensivo do terreno, porque estamos equilibrados e preparados para uma acção individual.

RM: Falaste que preconizas que, fundamentalmente, seja na frente essa mobilidade, para que haja equilíbrio e, assim, forma de compensar... Para que haja essa mobilidade na frente, determinas que haja jogadores mais posicionais, jogadores mais referenciais, porque razão e quais são esses jogadores?

JC: Há, como é óbvio, jogadores que nós defendemos que são jogadores referência para o nosso ataque, como por exemplo, após uma recuperação de bola, o nosso avançado contrário a ser um elemento mais fixo e preparado para uma transição rápida e para um contra-ataque. Há, no entanto, jogadores que, dentro da nossa estrutura, são, não diria fixos, mas menos móveis, principalmente no nosso processo defensivo. Agora, em termos ofensivos, há jogadores menos móveis, principalmente os jogadores que temos como referência para saídas de ataques rápidos e contra-ataques, que são normalmente o avançado do lado contrário à recuperação da posse da bola, e em ataque apoiado o lateral através de passe longo do central do lado contrário.

RM: Relativizando aos momentos, começamos a falar de transição ofensiva... Como defines o conceito de transição ofensiva?

JC: Eu tenho um conceito muito próprio, e às vezes comento com os colegas, e eles às vezes começam-se a rir, provoca alguma discussão, como é óbvia, mas para mim uma transição ofensiva é a partir do momento em que passamos de um comportamento defensivo para um comportamento ofensivo, obrigatoriamente após uma recuperação da posse de bola, tendo ela ou não sucesso; e eu quero dizer isso pelo seguinte: na minha visão, uma transição ofensiva implica uma recuperação da posse de bola, implica uma mudança de comportamento em que estamos num processo defensivo e passamos para um processo ofensivo, portanto, uma mudança de comportamentos, e quando eu digo tendo sucesso ou não, podemos efectivamente passar de um processo defensivo para um processo ofensivo, portanto, uma mudança de comportamentos, com insucesso será insucesso será eventualmente a equipa adversária fazer golo, e passamos na mesma de um comportamento defensivo para um comportamento ofensivo, mas neste caso de uma forma inglória.

RM: E que comportamentos poderão ser esses, mais especificamente, no momento do ganho da posse de bola?

JC: O comportamento que nós definimos após o ganho da posse de bola é claro: a objectividade. A partir do momento que nós recuperamos a posse de bola, aquilo que pretendemos e que tentamos passar para os atletas é que sejam o mais objectivos claros naquilo que pretendem; e aquilo que nós pretendemos após a recuperação de bola é a baliza contrária, chegar com sucesso à baliza contrária, que é fazer golo. Para isso, como é óbvio, temos definidos sub-princípios que possam potenciar essa objectividade, e que possamos, a cada recuperação de bola, criar uma situação de transição de forma a podermos ter algum sucesso. Sempre que não é possível essa situação, procuramos retirar a bola da zona de pressão e fazermos uma acção ofensiva mais apoiada.

RM: Nesta mesma transição ofensiva, pretendes que a equipa tenha mobilidade com os jogadores dentro da posição, mais posicionais, ou com trocas posicionais, e porque razão?

JC: Eu defendo a mobilidade de forma a criarmos desequilíbrios ofensivos em profundidade, defendo igualmente que esses desequilíbrios sejam feitos através de trocas posicionais e através de desequilíbrios de atletas que ocupam posições mais recuadas e que provocam desequilíbrio. Quero isto dizer da seguinte forma: através de movimentos em diagonais do médio interior no sector mais avançado, através da profundidade dos laterais, através de movimentações dos avançados para os respectivos corredores, ou seja, e respondendo de uma forma mais concreta à tua pergunta, claramente com trocas posicionais, claramente procurando desequilibrar em profundidade através de movimentações definidas ou pré-definidas na nossa forma de jogar.

RM: Percebendo que os jogadores que têm mais mobilidade na transição são os avançados, os médios interiores, e os laterais pelo espaço que têm à sua frente, por outro lado, terão de existir apoios e também protecções a esse mesmo ataque. Que jogadores defines como tendo essa função primordial?

JC: Sendo jogadores com mais mobilidade, os avançados, os médios interiores, e o lateral – nunca os dois, mas apenas um – o lateral do corredor que nós definimos para saída ofensiva, os jogadores que serão responsáveis como apoios e como equilíbrios será sempre o médio centro do corredor da posse de bola; se nós desenvolvemos um ataque pelo corredor direito, o médio centro do corredor direito será sempre o responsável pelo equilíbrio defensivo, juntamente com os dois centrais e o outro lateral, será sempre o responsável pelo apoio, se quisermos, para mudar o corredor de jogo, e o elemento responsável por “matar” uma possível saída em contra-ataque da equipa adversária.

RM: Como conclusão da transição ofensiva, de que forma pensas que se relacionam o companheiro, o espaço e o adversário como indicadores essenciais ao tipo de saída para o ataque?

JC: Na minha opinião, para definir a forma como vamos sair para o processo ofensivo, é fundamental analisar a zona onde vamos recuperar a posse de bola, que, como é óbvio, queremos que seja o mais longe da nossa baliza, mas nem sempre é possível; a forma como a equipa adversária está organizada, e nem sempre nos permite contra-ataque ou ataque rápido, como nós o defendemos sempre, após a recuperação da bola; e principalmente se a nossa equipa está organizada, se está a ocupar bem os espaços de forma a potenciar essa mesma saída. Portanto, são três vertentes fundamentais e que irão sempre definir a qualidade da transição.

RM: Estando a equipa adversária organizada defensivamente, passamos para o momento de organização ofensiva. Na fase de construção, o que pretendes que a equipa alcance?

JC: Se não conseguirmos a tal transição, e se o adversário se conseguir organizar e impossibilitar a nossa saída, num primeiro momento retiramos a bola da zona de pressão, tendo a nossa equipa a posse de bola controlada e podendo fazer uma acção ofensiva de uma forma mais apoiada. Proporcionamos, depois, alguns sub-princípios na nossa fase de construção: será o passe curto numa zona central e combinações entre os médios interiores, o passe longo na mesma no lateral contrário que vai criar o desequilíbrio, procuramos, através de movimentações entre os nossos avançados e de movimentações dos médios interiores, criar linhas de passe que nos proporcionem, de uma forma mais apoiada, chegar com sucesso à baliza contrária.

RM: Perante a organização adversária, qual é o papel determinante da mobilidade na equipa?

JC: A mobilidade é fundamental, principalmente quando encontramos uma equipa que, após a perda da posse de bola, se consegue organizar rápido e só depois, com uma equipa com bastante mobilidade, principalmente os quatro/cinco elementos da frente, com sucessivas trocas posicionais, com

sucessivas ocupações de espaços, é que proporcionamos linhas de passe de forma a criarmos desequilíbrios em termos ofensivos.

RM: Tanto no sector médio e no sector avançado, os jogadores caracterizam-se por ser móveis. Como caracteriza a dinâmica que o sector médio tem?

JC: Uma dinâmica muito forte. Nós jogamos com quatro elementos num sector intermédio, damos bastante liberdade, dentro daquilo que o colectivo necessita, aos nossos médios interiores de forma a realizarem sucessivos movimentos de desequilíbrio em profundidade, mas também movimentos em apoio; logo, caracterizo que seja uma dinâmica forte, de sucessiva mobilidade, de forma a criarmos sucessivas linhas de passe, ou sucessivos desequilíbrios em profundidade.

RM: De que maneira é que essa dinâmica se relaciona com o sector ofensivo?

JC: De uma forma estritamente importante, porque todos os movimentos que nós fazemos visam ter sucesso em termos ofensivos, a maior parte deles com penetrações no sector ofensivo, logo tem de haver uma ligação muito estreita entre os nossos avançados e os nossos médios interiores, porque existem movimentações claras no nosso Modelo de Jogo, diria mesmo que são estandardizadas, por forma a criar desequilíbrio através dessa mobilidade.

RM: Relativamente a essa estandardização, que combinações tácticas existem para atingir os objectivos da equipa nesta fase de construção?

JC: Eu vou-te falar em uma combinação táctica por cada sector, por exemplo. Uma saída com passe longo do central para o lateral do lado contrário da bola, em profundidade; estamos a falar relativamente a uma saída do sector defensivo. Um passe em diagonal curto do médio centro para o médio interior contrário, possibilitando ganharmos espaço em termos ofensivos e possibilitando ruptura no espaço ofensivo contrário; estamos a falar de uma combinação do sector médio. Uma combinação no sector ofensivo, um passe do médio interior para o avançado que faz o movimento para o corredor lateral, e que vai criar o respectivo desequilíbrio no corredor lateral.

RM: Relativamente à criação de situações de finalização e à finalização propriamente dita, como pretendes que os teus jogadores se distribuam na criação de finalização e na finalização?

JC: Todos os nossos jogadores, em termos ofensivos, têm conhecimento da forma como se vão movimentar, tendo em conta determinada situação para finalizar. Aquilo que pretendo de cada um é que façam o que está definido, não só como acção mas também como movimento, em cada situação. E dou-te alguns exemplos claros para, se calhar, clarificar essa questão: por exemplo, numa situação em que há um desequilíbrio pelo corredor lateral, a zona da bola do cruzamento vai definir o local para onde o iremos fazer; após o cruzamento, todos os nossos atletas sabem as zonas, embora sabendo para onde a bola vai ser cruzada, todos os jogadores sabem as zonas que vão apanhar para ter sucesso nessa finalização, com trocas entre os avançados, com a profundidade do médio centro do lado contrário, com movimento em diagonal do médio interior do lado contrário, com o apoio de um médio interior ao elemento que vai fazer um desequilíbrio; portanto, todas as acções estão definidas, e eu espero que eles executem da forma que o colectivo sabe realizar.

RM: Neste momento de criação de finalização e finalização, que liberdade dás aos jogadores para se posicionarem, e o que pretendes com essa liberdade?

JC: Nenhuma. Como acabei de dizer, essa liberdade é quase nula, quando nós temos as coisas bem definidas em determinadas situações. Não concebo, na forma de jogar, que os jogadores deturpem aquilo que nós entendemos que é melhor para o colectivo; portanto, que nenhum jogador, em alguma situação ofensiva, vá contrariar aquilo que o colectivo entende que é benéfico.

RM: Salvaguardando um médio mais defensivo, todos os restantes jogadores do meio campo e ataque têm grande mobilidade. Na sequência disso, as acções de apoio e as acções de mobilidade determinam apoios circunstanciais para o momento?

JC: Terão sempre de acontecer tendo em consideração a zona da bola, o corredor onde nós queremos criar o desequilíbrio, a acção ofensiva que nós

iremos fazer, terão sempre uma determinada acção para cada atleta. Dentro da mobilidade, em cada acção, haverá sempre apoios determinados e elementos responsáveis por fazerem esses desequilíbrios.

RM: Qual é a dinâmica específica e posicionamento dos jogadores avançados, e com que objectivos determinas essa mesma dinâmica?

JC: Os jogadores avançados, em trocas constantes, principalmente quando a bola entra no meio campo ofensivo, de forma a criar desequilíbrios ofensivos, através do movimento no espaço contrário, e principalmente proporcionando movimento de penetração dos médios interiores e do médio centro do lado contrário.

RM: Precavendo a perda da posse da bola, já percebemos que há uma preocupação do médio centro que está do lado da bola em ser o primeiro ponto de equilíbrio. Que outras preocupações determinas?

JC: Um dos factores que tento passar para as minhas equipas é que o factor mais importante que temos de ter em conta é que, tendo a posse de bola, é fundamental estar preparado para a perder, e que, quanto mais organizados estivermos, quanto mais equilibrados estivermos na perda de bola, mais sucesso iremos ter depois no nosso equilíbrio defensivo e na nossa organização rápida da equipa. Quero eu dizer que preconizo que as minhas equipas, mesmo no processo ofensivo, estejam sempre equilibradas e preparadas para a perda da bola.

RM: Relativamente aos lances de bola parada, que movimentações, trocas posicionais e, por outro lado, que protecções determinas para os pontapés-de-canto e para os livres indirectos?

JC: Temos movimentações claras e definidas, tanto numa situação como noutra.

Nos pontapés-de-canto, temos definido que, na maior parte das vezes, com excepção de um ou outro atleta que seja realmente muito forte esses lances, normalmente os cantos são batidos pelo lateral do lado oposto, portanto, o canto no corredor direito é batido com o pé esquerdo, um elemento avançado que sai do guarda-redes para o primeiro poste, um médio centro faz um

movimento da marca de penalti para o primeiro poste atrás desse avançado, um médio interior e o outro médio fazem movimento de fora da área em diagonais para dentro da pequena área, e dois centrais através de trocas, um está numa zona central, o outro está numa zona fora da área, portanto, o da zona central faz movimento em ruptura para o segundo poste, o que está fora da área faz o movimento em diagonal para o segundo poste. Abordamos sempre os cantos com seis elementos, com um médio interior que será o responsável por estar à entrada da área para impossibilitar o ataque da equipa contrária e também para possibilitar, numa recarga, podermos fazer com sucesso o golo, e sempre com, no mínimo, e dependendo dos elementos que a equipa adversária possa pôr em termos ofensivos, no mínimo dois elementos mais guarda-redes em termos defensivos, que será o lateral do lado contrário e o médio interior do lado contrário ao corredor onde é batido o canto.

Relativamente aos livres indirectos, salvo uma excepção em que temos situações ensaiadas, e estamos aqui a lembrar da situação de tocar, parar e bater a bola, situações em que numa determinada posição, temos definida como obrigatória uma situação que ficou conhecida por “livre à Camacho”, e situações de livre em que entendemos que não são possíveis essas situações, batemos de igual forma que batemos os cantos, com a excepção do movimento do avançado que passa a estar posicionado no limite da linha defensiva contrária.

RM: Pensamos que está tudo esclarecido; gostaríamos apenas de saber se tens alguma coisa a acrescentar relativamente ao tema do nosso estudo.

JC: Muito pouco. Acho que é uma análise profunda, realmente de um tema que é extremamente importante, principalmente no processo ofensivo do Futebol. Obviamente, sem a mobilidade, nós iríamos estar a ver os nossos atletas a jogar tipo “matrecos”, a jogar posicionais, e é realmente um princípio de grande análise, de grande estudo, e que te dou os parabéns por essa ousadia de tentar decifrar um princípio extremamente importante e extremamente difícil de o fazer.

Anexo IV

Entrevista a Joaquim Santos

Treinador Principal da Equipa de Juniores do Leixões Sport Clube

Estádio do Padroense Futebol Clube, Padrão da Légua, 07/11/2008

Rui Machado (RM): Como define o conceito de Modelo de Jogo?

Joaquim Santos (JS): O conceito de Modelo de Jogo, eu defino como a forma que nós vemos a equipa jogar, a estrutura, não a estrutura em termos de sistema, mas a forma como a equipa joga, a identidade da própria equipa, quando tem a posse de bola, nomeadamente.

RM: Quais são os princípios que norteiam a forma da equipa jogar, tanto em organização defensiva como ofensiva, como nas transições?

JS: Em termos ofensivos, nós queremos uma equipa com circulação de bola, com posse de bola, com movimentações, com combinações, com triangulações; privilegiamos, nomeadamente, e no sistema em que estamos a jogar, que está definido, temos de jogar este ano num sistema que o nosso Modelo de Jogo privilegia preferencialmente, tentamos que isso aconteça, as triangulações, triângulos bem definidos nos corredores laterais e no corredor central. Na organização defensiva, encurtar máximo de espaços, mas não sendo uma equipa que defenda com o bloco muito baixo.

Quanto às transições, na transição ofensiva tentamos que seja sempre o mais rápido possível; e na transição defensiva exactamente a mesma coisa: que a equipa consiga rapidamente recuperar o mais rápido possível para atrás da linha da bola.

RM: Relativamente à cultura do próprio clube, que traços culturais pensa que passam da cultura do clube para a forma de jogar da sua equipa?

JS: A cultura do clube se calhar está um bocadinho associada à cultura da própria cidade também, e às tradições que isso implica. O Leixões, como é um clube, penso eu, com fortes tradições no Futebol, e nomeadamente nas camadas jovens, privilegia o «jogar bem», um futebol bonito, um futebol agradável, mas ao mesmo tempo, quando não tem a posse de bola, é um futebol agressivo, um futebol pressionante, tal qual as raízes também daqui da

própria cidade, que é gente de trabalho, gente do mar, gente que tem vida difícil, e tentamos fazer isso em termos defensivos aos adversários; quando temos a posse de bola, gostamos de jogar bonito, gostamos de privilegiar a circulação, a posse de bola, não jogar de qualquer forma.

RM: Qual a estrutura de jogo que utiliza, e por que razão o define dessa forma?

JS: Este ano, tenho que jogar em 4-3-3, portanto, está definido pela SAD, neste caso pelo Sr. Vítor Oliveira, que é o responsável da SAD e temos de jogar em 4-3-3.

Faço-o porque está definido pela SAD, tenho de jogar em 4-3-3. Penso que foi definido porque penso que é o sistema que mais se adapta ao futebol português, mais raízes tem no futebol português, penso eu, se calhar em termos europeus, e penso que foi por aí que as pessoas foram.

RM: Mas, em termos de dinâmica de jogo, de que forma acha que esse sistema de jogo beneficia a dinâmica própria da equipa, no encurtamento de espaço, na circulação de bola...?

JS: Eu penso que o 4-3-3 só tem uma vantagem: é conseguirmos ter os corredores bem preenchidos, é a única vantagem que eu vejo neste sistema. Penso que, em termos defensivos, a outra equipa encaixa mais facilmente nesse sistema do que qualquer outro, ou naquele que eu privilegio mais.

RM: Passando para a mobilidade ofensiva, com que objectivos considera que a mobilidade é um elemento importante na forma de jogar da sua equipa?

JS: Criar desequilíbrios na equipa adversária, criar linhas de passe e situações em que os jogadores possam receber a bola o mais soltos possível, onde eles possam ter a maior criatividade possível, mais de frente possível para o ataque, onde possam desenvolver acções ofensivas mais fáceis.

RM: De que forma acha que o sistema de jogo 4-3-3 favorece ou potencia a mobilidade dos jogadores?

JS: O 4-3-3 também tem essa virtude, mas penso que não é o sistema mais rico para potencializar a mobilidade dos atletas em campo, neste caso, na formação, penso que não é... Agora, há claro alguns aspectos em que beneficia, como as permutas entre os interiores com os alas, as permutas dos laterais com os alas, as permutas do ponta-de-lança com os alas; há várias situações que podem ser potencializadas no 4-3-3.

RM: De que forma considera que a mobilidade se relaciona, por um lado, com a liberdade criativa dos jogadores e, por outro lado, com aspectos pré-determinados pelo treinador?

JS: Eu penso que se prende mais com aspectos pré-determinados pelo treinador, do que propriamente com a criatividade do atleta.

RM: Porque razão acha que isso se faz?

JS: Eu penso que não se deveria fazer isso, portanto, mas eu, quando defendo isso, defendo não no júnior; nos juniores, repare, em termos seniores, é um futebol já muito mais tático; o júnior já tem de treinar muito mais os aspectos táticos. Agora, eu penso que nos escalões inferiores, nos escalões abaixo, acho que não se deveria limitar tanto o atleta em termos de posicionamento em campo, em termos táticos, acho que se deveria dar mais criatividade ao atleta. Portanto, neste escalão propriamente, penso que já se prepara mais o atleta, dá-se mais conceitos de lugar, de posição, para ele, se calhar, no futuro próximo, quando chegar aos seniores, estar mais identificado com os posicionamentos, com aquilo que se deve fazer e com aquilo que não se deve fazer; em termos de formação, nos escalões abaixo, nos iniciados e juvenis, acho que não se deveria limitar tanto o atleta a esse tipo de situações, acho que se deveria dar mais criatividade ao atleta, e ele aprender por ele próprio o que devia ou não fazer em determinadas situações. Mas isto é um mal, se calhar, do futebol português, nós vivemos um bocadinho à custa dos resultados na formação.

RM: Relativamente aos sectores, porque razão dá mais mobilidade aos médios e avançados?

JS: Dou mais mobilidade aos médios e avançados, claramente. É difícil... repare, eu dou mobilidade ao meu sector recuado, neste caso, um lateral, em termos ofensivos, um de cada vez, não mais, porque se for o outro, já lhe estou a chamar à atenção, para manter o equilíbrio defensivo da equipa, evidentemente.

RM: Dentro da forma de jogar da sua equipa, e tendo em conta o princípio da mobilidade, existem alguns jogadores que são mais posicionais, mais fixos? Se sim, que jogadores são esses e porque razão os determina dessa forma?

JS: Para além dos defesas, como eu já lhe disse anteriormente, eu jogo com o vértice defensivo, tenho o pivot, o pivot defensivo, que é um jogador, lá está, também para as transições, para parar transições do adversário, para ser um ponto de referência para, quando a equipa ganha a posse de bola, ser um ponto de referência para a equipa circular e para a equipa tirar das zonas de pressão... Os restantes jogadores da frente têm mobilidade total, desde que a equipa não perca os equilíbrios defensivos.

RM: Relativizando à transição ofensiva, gostaríamos de lhe perguntar como define o conceito de transição ofensiva?

JS: Penso que a transição ofensiva é a partir do momento em que a equipa ganha a posse de bola e saia no contra-ataque, neste caso.

RM: Que comportamentos quer que a sua equipa tenha logo após ganhar essa posse de bola?

JS: Após ganhar a posse de bola, eu quero que tenha o primeiro passe em segurança, e a partir daí desenvolve-se a transição ofensiva. Mas, o primeiro momento após ganhar a posse de bola é que tenha um passe de segurança e que saia da zona de pressão.

RM: Na transição ofensiva, pretende que a equipa tenha mobilidade com os jogadores dentro da posição, ou quer com trocas posicionais, e porque razão define de uma forma ou de outra?

JS: De preferência, que haja troca; havendo troca, vai destabilizar, em princípio, a equipa adversária, vai desposicionar muito mais, vai criar mais espaços que sejam benéficos para nós. De preferência, mas o futebol não é uma ciência exacta... Se tivermos de sair numa transição e com jogadores bem definidos nos corredores, seja onde for, então vamos sair por aí...

RM: Quais são os jogadores que motiva para que actuem em situações de mobilidade no momento da transição ofensiva?

JS: Os laterais, os interiores, os alas, o ponta-de-lança... Se tivesse o Ricardo Carvalho, também poderia, eventualmente, dizer para ele também criar o desequilíbrio, mas como eu não tenho...

RM: Que jogadores determina como apoios a essa transição, e que jogadores é que determina como protecção, ou seja, como cobertura no caso de perda de posse de bola?

JS: Depende, em muitos casos, onde se ganha a posse de bola...

RM: Pedíamos que nos tentasse definir um ou dois exemplos...

JS: Se ganhasse no meu primeiro terço, neste caso, defensivo... se ganhar a bola neste primeiro terço, tenho a referência, que eu já lhe disse, do primeiro passe entrar no meu pivot defensivo, e depois tenho uma situação ou outra do segundo passe entrar nos interiores. Tenho a outra situação do passe entrar directo no ponta-de-lança... Mas isto é muito relativo, depende da zona do campo onde eu ganho, depende da zona do campo... É muito complicado, às vezes, nós trabalhamos as situações e, enquanto futebol profissional e futebol sénior, as coisas a gente vê que sai, entende? Aqui, às vezes, nós trabalhamos as situações, e continuar a trabalhar, e continuar a trabalhar, e continuar a trabalhar, e chegar ao jogo e dizer assim: “não trabalhámos nada...”, percebe? Eu posso-lhe dizer, e isto porque estamos um bocado a conversar, o ano passado deu-me um prazer, é aquela situação de, às vezes, você se sentir treinador... Porque trabalhava as coisas, e chegava ao jogo, e se não saía

cem, setenta ou oitenta por cento delas saíam, entende? A situação de eu ser melhor ou pior não tinha a ver comigo, tinha a ver com a qualidade que eu tinha ao meu dispor...

RM: Mas repetindo um pouco a pergunta, que jogadores delimita como apoios e como jogadores de protecção à posse de bola?

JS: Lá está, eu não limito o meu pivot defensivo, quando eu disse que ele era a referência, não limito que ele seja sempre a referência. É evidente que, às vezes, poderá entrar um passe num interior... Imagine que o primeiro passe entra no interior, não entra nele, evidente que terá de ser ele a criar o primeiro momento de ruptura e desequilíbrio, está a perceber? Eu não limito uma limitação ali “tem que ser”... Não... Tem que ser em determinados momentos, e quando a equipa está organizada, quando estamos organizados, estar toda a gente definida, o que tem ou que não tem que fazer. Agora, há situações de jogo em que tem de ser o próprio atleta, eu dou liberdade e criatividade perfeita ao atleta também para desenvolver, desde que, volto a dizer, a equipa não perca o equilíbrio.

RM: Encontramos três indicadores fundamentais, como sejam os companheiros, a noção do espaço e a noção dos adversários. De que forma pensa que estes se relacionam com o tipo de saída para o ataque que convencionam para a sua equipa?

JS: É importante que eles percebam, acima de tudo, onde é que estão, isso é o primeiro ponto. Repare, eles, se ganham a bola quase no último terço, é importante saber que não vão fazer ali uma transição; se eles ganham uma bola no nosso primeiro terço, aí é importante saber onde é que estão, e por isso é que eu digo que tem de haver referências sempre para as situações, entende? Agora, o mais importante, se quiser, por sequência, é o companheiro, segundo será o espaço, e no último caso será o adversário.

RM: Passando para a organização ofensiva, na fase de construção, pensamos que esta se caracteriza pela necessidade de ultrapassar o adversário para esta finalizar. O que pretende que a equipa consiga nesta fase?

JS: A libertação de um jogador no espaço.

RM: Algum jogador ou espaço mais em particular?

JS: São as tais situações... Repare, nós trabalhamos situações na fase de construção, na circulação, para criar espaço supostamente do lado contrário, para a equipa variar o lado da bola e entrar no lado contrário, onde poderá criar o desequilíbrio. Não sei se me estou a fazer entender... Ou seja, nós, na nossa fase de construção, temos uma fase de construção perfeitamente organizada, as coisas estão perfeitamente definidas, privilegiamos ou tentamos que a equipa adversária bascule toda para um lado para rapidamente sairmos no lado contrário, e aí as coisas estão definidas.

RM: Especificamente para a mobilidade, qual o papel desta nesta fase de construção?

JS: A mobilidade vai criar o quê? Vai criar desequilíbrios na equipa adversária, essencialmente para criar desequilíbrios na equipa adversária...

RM: Como falou, no sector médio e no sector avançado, os jogadores caracterizam-se por ser móveis. Pedíamos para caracterizar um pouco da dinâmica do seu sector intermédio.

JS: Tirando o meu pivot defensivo, quero que seja um jogador de referência para várias situações, dou perfeita liberdade aos nossos interiores e aos nossos alas para que criem trocas, para que criem desequilíbrios, para que apareçam em espaços em que, às vezes, o adversário não está à espera.

RM: De que forma é que o sector médio se relaciona com o sector atacante?

JS: Com permutas entre eles, com entradas no espaço em zonas de finalização, com várias situações.

RM: Relativamente às combinações tácticas de que chegou a falar, possui algumas combinações tácticas de mobilidade, e quais são essas?

JS: Quase todas as combinações necessitam de mobilidade. Particularizando, lateral para o interior jogar no apoio e passagem do lateral nas costas; lateral com a permuta do interior com o ala; imagine, bola no lateral, o ala vir receber dentro com a entrada do interior a dar profundidade no corredor lateral; a aproximação do ala para entrada lá do ponta-de-lança, com entrada do médio do lado contrário a fazer nas costas diagonal do lado contrário. Há várias situações, mas agora isso só trabalhando muito bem.

Não há novidade nenhuma, são as combinações do 4-3-3. É evidente que cada pessoa tem a sua maneira e pensa o futebol... o futebol não é uma ciência exacta, cada um imagina ou pensa o futebol da forma que quer.

RM: Relativizando às situações de finalização, como é que pretende que os seus jogadores se distribuam na criação da finalização, e na própria finalização.

JS: Na própria finalização, como eu jogo com um ponta-de-lança, pretendo que o ponta-de-lança ganhe a zona do primeiro, o interior contrário ao lado da bola entre nas costas, o ala do lado contrário ganhe a zona do segundo, depois meto um ou dois homens para a segunda bola, dependendo... prefiro que ele também entre para a zona de finalização, fique só com o nosso pivot que fique para a segunda bola, certo? Agora depende de quem vai ganhar, quem está na zona de criação, o homem que vai cruzar, ou seja quem for, seja o lateral, o ala também poderá ficar para segunda bola, poderá entrar em zona de finalização... agora, tento manter o mais gente possível na zona de finalização.

RM: Como apoio para essa finalização, que jogadores determina como essenciais?

JS: Os interiores, os alas, os laterais...

RM: Que liberdade dá aos seus jogadores neste momento da criação e na finalização, e porque dá essa mesma liberdade?

JS: Na zona de finalização, lá está, há sistematização, não há tanta liberdade assim; nessas zonas eu penso que é mais importante a sistematização e não a

liberdade, percebe? Não há tanta liberdade assim, há coisas muito mais sistematizadas, há zonas com muito mais referências onde eles devem e onde não devem estar.

RM: E na criação?

JS: Na criação, há liberdade, tem de haver. Porque nós nem devemos limitar a criatividade nestes jovens, quer dizer, não limito que um jovem entre no um contra um no último terço, não vejo mal nenhum, acho que é benéfico, é bom para ele, até para a auto-estima dele, acho que é óptimo... Agora, se, no último terço, houver um movimento de ruptura, ou interior ou exterior, e se pudermos criar desequilíbrio, fizermos situações de dois contra um, penso que é mais benéfico. Se ele assumir o um contra um, não é por aí que vem o mal ao Mundo. Acho que se deve dar criatividade ao jovem, não limitá-los.

RM: Pela forma como nos falou, parece-nos que não determina que este jogador não seja para um apoio, que este jogador seja para mobilidade. Ou seja, há jogadores que, tanto no momento funcionam...

JS: ...como apoios e depois poderão ter mobilidade.

RM: Dessa forma, considera que os apoios deverão ser circunstanciais?

JS: Exactamente. Vamos especificar: a bola entra num corredor, entrou no ala, sai o apoio do interior, mas se tiver pressão, ele não está ali a fazer nada, há que entrar noutros espaços e aí, lá está, a tal mobilidade no meio, dos homens do meio. Se não dá aquele, há que sair e aparecer outro.

RM: Já falámos dos médios, relativamente aos jogadores avançados, que dinâmica é que determina para eles, e com que objectivos é que determina essa dinâmica?

JS: Quero que haja permutas entre os homens da frente, quero que haja permutas, e o objectivo será sempre o mesmo que qualquer outro: destabilizar e criar espaços, não só para a entrada dos nossos médios, da nossa segunda linha, mas também para destabilizar a equipa adversária.

RM: Precavendo a perda da posse de bola, que equilíbrios colectivos define nesta fase de criação e finalização?

JS: Repare, no último terço, a minha equipa está no último terço, tenho lá, imagine, o lateral do lado da bola, está lá metido, com três homens sempre atrás, será o lateral do lado contrário e os dois centrais a fechar o espaço cá atrás, e tenho o pivot defensivo como referência para a transição adversária.

RM: Em relação às bolas paradas ofensivas, que movimentações, trocas posicionais e que protecções estabelece para a sua equipa, nos pontapés-de-canto ofensivos e livres indirectos ofensivos?

JS: Dois homens para a segunda bola para a protecção, fecham os dois corredores, e depois as movimentações na área.

RM: Pode especificar um pouco essas movimentações?

JS: Não faço... Há zonas determinadas para determinados elementos entrarem... agora, fazem movimentações directas, não fazem permutas, poderão depois fazer entre eles, mas isso não tem a ver com a movimentação, poderá haver um bloqueio ou outro, que está determinado para criar uma situação de libertar um jogador.

RM: Gostaríamos apenas que nos dissesse alguma que acha importante incluir no tema do nosso estudo, no caso, a mobilidade ofensiva.

JS: Não tenho nada a acrescentar, até porque... Se fosse em relação ao futebol jovem, era aquilo que eu disse antes: não limitassem os jogadores, não fizessem os jogadores de laboratório, essencialmente, que tivessem criatividade, que os deixassem aprender por eles, que deixassem gozar o futebol, que os deixassem divertir no futebol, acho que era muito mais importante... Eles, hoje, não podem jogar como nós jogávamos antigamente, ou como eu jogava antigamente, mas acho que há muito mais jogador de laboratório, já anda de muito novo, do que propriamente jogadores criativos, jogadores criativos já há muito poucos...

Anexo V

Entrevista a José Manuel Ferreira

Actual Coordenador do Futebol Juvenil do Sport Comércio e Salgueiros

Ex-Treinador Principal da Equipa de Juniores do Leixões Sport Clube

Café Titan, Matosinhos, 10/11/2008

Rui Machado (RM): Como define o conceito de Modelo de Jogo?

José Manuel Ferreira (JF): Olha, foi aquilo que eu disse há bocado, é aquilo que nós pensamos, é uma representação do Jogo, é uma ideia que eu tenho sobre aquilo que eu quero que a minha equipa jogue; portanto, é dentro desses pressupostos que eu defino, mais ou menos, de uma forma muito objectiva o Modelo. O Modelo não deixa de ser aquilo que eu penso, como eu quero que a minha equipa jogue, atendendo aos diversos momentos, às diversas formas de pensar esse jogo; portanto eu tenho de ter uma ideia, uma representação, uma forma de ver a minha equipa.

Resumidamente, é isso, é o que eu penso, para não estar a especular mais, é essa representação que depois tenho de transmitir, digamos, aos meus jogadores, à minha equipa, e que define a tal identidade de jogo que eu pretendo, para que isso aconteça, não é? E para isso é preciso trabalharmos ao longo do treino para que as coisas aconteçam.

É essa representação, essa forma de jogar, que eu tenho de ter em atenção. É lógico que há um conjunto de variáveis, quer a história do clube, quer também, por exemplo, as características do futebol português, quais são as tendências do futebol moderno; há aqui um conjunto de situações que eu tenho de tomar atenção. Não posso pensar nessa forma de forma leviana, tenho de ver onde estou; se estou, por exemplo, no caso, no Leixões, a identidade é uma identidade, é uma forma, há um conjunto de características até em termos, por exemplo, dos próprios miúdos que nós temos possibilidades de trabalhar; se calhar, no Porto, essa realidade é diferente, essas características, quer dizer, há um conjunto específico para que depois nós consigamos ter essa ideia.

Mais uma vez, essa ideia tem a ver com um conjunto de situações que nós temos: o clube, o Futebol... se calhar, se estivéssemos na China, se calhar tinha de ser de outra forma. É isso que eu digo, a representação vai em função de onde nós estamos a trabalhar, e em função disso... o Modelo é uma coisa

que muda, que pode ser mudada, portanto, não é uma coisa estanque, não é estereotipada, ela vai sendo trabalhada ao longo do tempo consoante essas variáveis – jogadores, equipa, até logística.

RM: No caso da equipa de Juniores, relativizando ao Salgueiros, que princípios define para a organização ofensiva e defensiva, e para a transição defesa-ataque e ataque-defesa?

JF: Nós fomos conversando entre todos, e dentro dessa situação, nós definimos para cada momento um grande princípio, uma grande característica. Na organização ofensiva, a posse e circulação; agora, não é posse e circulação por posse e circulação, isto é, interessa-me que essa posse seja importante, que a equipa saiba ter qualidade de passe, que a saiba privilegiar o passe curto, mas também saiba fazer o passe longo, e dentro dessa situação, isto é, jogar em largura ou jogar em profundidade... há aqui um conjunto de coisas, por exemplo, nesse grande princípio, existem outros sub-princípios, como seja a nossa estrutura, a forma como nós temos a bola, queremos que a equipa se posicione, depois queremos, por exemplo, nesse sub-princípio, a variação do ritmo de jogo, e a variação pode ser feita por passe curto e passe longo

Há depois um conjunto de sub-características, isto é, em cada um dos momentos, falei-te agora da organização ofensiva, o caso de posse e circulação, a equipa ter uma boa qualidade, não ter medo de ter a bola e poder jogar. Essa situação, que eu muitas das vezes sinto, é que fazemos isso por fazer; temos de saber que, numa primeira opção, temos a bola e se pudermos jogar em profundidade para um local onde o nosso jogador possa aparecer e possa desequilibrar e criar uma transição rápida, vamos privilegiar isso, isto é, em função dessa primeira opção, nós vamos criar a segunda opção, que é tirar a bola da zona de pressão e chegar ali e circular por circular, porque senão perdemos uma coisa que é o grande objectivo do jogo, que é chegar à baliza.

A outra, que acreditamos na organização defensiva, é a defesa à zona. Temos conversado entre todos a defesa à zona, porque depois sentimos que os miúdos estão habituados a jogar a pares, e depois dificilmente temos... muita das vezes, nem quase é defesa mista, porque às vezes vemos, e eu noto isso, também na outra equipa, que às vezes encosta, percebes? Marcamos à zona mas depois o outro encosta ali; há aqui qualquer coisa que não funciona.

Depois nas transições, temos também um grande princípio onde colocamos lá alguns sub-princípios relacionados com isso. Sei lá, na transição ataque-defesa, a equipa tentar fechar rapidamente e tentar pressionar o portador da bola, quando essa situação nos permite, senão, se não nos permite logo ali no imediato o portador da bola, vamos fechar-nos ali na zona intermédia e, a partir daí, pressionar em algumas zonas que nós definimos como zonas de pressão, ou alguns comportamentos que a equipa adversária nos permite, como é o caso se recebe a bola de costas, enfim, uma série de coisas que nós também fazemos isso.

Como ao contrário, na transição defesa-ataque, também temos o nosso grande princípio: a equipa rapidamente, se possível, como te disse, abrir e criar a primeira opção que é o jogo em profundidade.

Se pudermos fazer isto, é dentro destas características. Agora, há, em cada um dos momentos, mais uma vez, um grande princípio, e depois existe um conjunto de sub-princípios ou comportamentos que nós vamos adoptando de acordo com as características da equipa e do jogo que nós pretendemos.

RM: Já nos falou da importância da cultura; que traços culturais do clube se revêem nesse Modelo de Jogo da equipa?

JF: É, porque repara... O Salgueiros é conhecido pela mística salgueirista, pela atitude, pela agressividade na recuperação da posse de bola, aquilo que eles chamam a “raça”, e dentro disso nós privilegiamos essa situação; depois temos miúdos geralmente com um índice morfológico relativamente fraco, e portanto temos, em função disso, de ter características, como privilegiar o passe curto, porque esses miúdos não têm a dimensão de um jogo mais longo, e portanto há todo um conjunto de características que têm a ver com os anos anteriores pelos quais é conhecido o Salgueiros, e no fundo nós não podemos fugir dessa história, dessas raízes, dessa matriz que elas têm, porque, sem isso, nós também estamos a desvirtuar as características do jogo e do próprio clube.

RM: Relativamente à estrutura de jogo, qual a que utiliza preferencialmente para esse Modelo, e por que razão?

JF: Nós, neste momento, não privilegiamos nenhuma estrutura; demos indicações de, eventualmente, num 4-4-2 ou um 4-3-3. Tenho até uma equipa

que, neste momento, está-me a jogar em 5-3-2, que é a equipa de iniciados. Portanto, nesta reflexão entre nós todos, nós achamos que isso não é muito importante, nós até achamos, até por beber de alguns autores e de algumas experiências, que se calhar até é bom que os jogadores consigam jogar e se adaptar a diferentes estruturas. Como, para nós, este é um ano zero, nós não quisemos definir isso, porque temos algumas dúvidas, e estamos mais para o outro lado, isto é, para o lado desses autores que, se calhar, os miúdos consigam vivenciar um conjunto de estruturas diferenciadas.

Como é lógico, isso é uma coisa, agora outra é não fugirmos das nossas características, que eu te falei, do Modelo, e essas, para nós, jogando em qualquer estrutura que eu disse anteriormente, elas estão lá. Pensamos que, se calhar, é mais rico, é mais variado, é diferente, e também pensamos que, se isso acontecer, os nossos atletas, pelo processo longo de formação, não há nenhum dado no sentido de que eventualmente estão mais preparados para chegarem à equipa sénior e isso não lhes ser um “bicho de sete cabeças”.

RM: Começando a passar para a mobilidade ofensiva, por que objectivos considera que a mobilidade é um elemento importante na forma de jogar das equipas?

JF: É um dos princípios que também nós adoptamos, porque para já cria desde surpresa, uma série de combinações que poderão eventualmente criar alguma dificuldade ao adversário, e depois permite-nos criar um conjunto de situações que permite que o jogo não seja um jogo estanque, que seja um jogo diferente, isto é, independentemente da forma como temos a nossa estrutura, a nossa forma organizacional, definida, é lógico que cada um deles consiga depois ter um conjunto de comportamentos em que possam eventualmente mudar de atitude em função de algumas combinações que nós utilizamos.

O caso que acontece, se calhar, no futebol moderno, essa situação da mobilidade está presente; vemos a situação dos corredores laterais, onde criam ali algumas dinâmicas que são muito importantes, como a questão eventualmente das diagonais dos jogadores que jogam nas laterais, os médios alas, e isso, para nós, acho que é importante, faz criar algumas vantagens em termos do nosso objectivo, do golo.

RM: Relativamente à estrutura de jogo, disse que privilegia o 4-4-2 e o 4-3-3. De que forma pensa que cada uma dessas estruturas de jogo potencia a mobilidade da equipa?

JF: Facilita, é verdade, e é aquilo que digo anteriormente: facilita e até obriga a que a complexidade do jogo seja uma complexidade diferente, isto é, mais crescente, porque, ao apresentares uma estrutura dessas, dá a entender algum estereótipo, algo fixo, e não é nada disso, porque a mobilidade vai criar uma dinâmica completamente diferente, e mais complexa, do próprio jogo. nos diversos sectores, como é lógico, existem situações em que os jogadores vão ter um conjunto de acções que lhes possam permitir, aquilo que eu chamo, alguma desordem na ordem do jogo, e a mobilidade permite isso.

RM: Então acredita que a estrutura de jogo é um ponto de partida...?

JF: ...É um ponto de partida, porque essa estrutura só faz sentido com uma dinâmica e com uma mobilidade, porque, se calhar, essa situação só acontece em dois momentos: no início do jogo e no início da segunda parte; depois, tudo muda.

RM: De que forma considera que a mobilidade se relaciona, por um lado, com a liberdade criativa dos jogadores e, por outro lado, com aspectos predeterminados pelo treinador?

JF: Aí é que há aquilo que eu chamo “arte e engenho” para poder, aquilo que eu te falei da surpresa, da criatividade, enfim, das coisas como elas acontecem, porque o jogo, por mais que nós treinemos de determinadas formas, determinados esquemas, determinadas combinações, elas nunca vão acontecer nem nunca vão ser similares ao jogo. Portanto, nessa situação, é este trabalho que o treinador tem de fazer, isto é, dentro da criatividade dos atletas que tem e da qualidade desses jogadores, e depois com algumas situações, alguns indicadores ou algumas evidências que permitam que, perante as características daqueles jogadores, elas possam acontecer de uma determinada forma, esse tipo de trabalho é que é importante que o treinador tenha em atenção.

Agora, o que eu acho é que uma ou outra não podem castrar-se, percebes? Não pode eventualmente impedir que essa situação obrigue a que haja ali um,

como te disse anteriormente, estereotipo de jogo, uma mecanização, porque essa mecanização até permite que o próprio adversário tenha a vida facilitada. Eu lembro-me de alguns adversários em que essa situação é um bocado presente, os momentos são muito bem definidos, e eu penso que, quando isso acontece, poderá ter alguma vantagem num ou noutro momento, numa ou noutra situação, mas muitas vezes facilita ao adversário. Agora, se eu permitir que haja algumas combinações e alguma mobilidade dos jogadores em função do aspecto colectivo... se eu tenho jogadores rápidos, se calhar o tipo de condicionantes que eu quero é diferente de se eu tiver jogadores relativamente lentos mas dotados tecnicamente. Estou-me a lembrar de uma entrevista do Mourinho que dizia: “quando jogava com o Capucho e o Jankauskas”, que eram lentos mas dotados tecnicamente, ele dizia-lhes para jogarem mais à frente e pressionando e fazendo as suas combinações porque era muita mais fácil, senão nunca chegava lá; se jogasse com o Hélder Postiga ou com o Derlei, as coisas tornavam-se mais fáceis, porque eram gajos com outro tipo de atitude, outra forma, e essas situações obrigavam a algumas nuances, e é por isso que eu digo que um dos aspectos do aspecto ofensivo, a mobilidade tem todo o sentido.

RM: Passando já para o entendimento dos sectores, os treinadores defendem menor mobilidade para o sector mais defensivo, mas mais mobilidade para os médios e os atacantes. Concorda, e por que razão concorda?

JF: O que eu acho é que há aqui uma cultura, na minha opinião, um bocado... uma cultura do medo de perder. Nós notamos, por exemplo, os holandeses, o nosso libero, não há libero nenhum, e se jogas lá com um avançado, eventualmente esse libero joga mais à frente, e então no momento ofensivo é ele que faz a transição muita das vezes. Depois também, muita das vezes, cada vez mais, se procura, e os treinadores procuram, que os laterais tenham uma mobilidade e uma transição rapidíssima para que crie desequilíbrios e possa fazer superioridades numéricas em determinados espaços de jogo. Portanto, a grande questão é que eu não concordo muito, aliás, dou-te outro exemplo concreto: uma das pessoas que me chamou à atenção para essas coisas, que eu gostei muito, que foi quando ele esteve cá no Porto, o Co

Adriaanse, em que o sector defensivo tinha uma mobilidade, jogava com três defesas, um dos três defesas era o Bosingwa, e o Bosingwa, quando tinha a bola... ele até ficava ali com dois defesas, mas porquê? Ele não precisava, não estava lá ninguém, os onze da equipa adversária estavam no meio-campo, para quê que ele precisa? Eu sou muito favorável a isso, agora, também percebo que uma das situações é as nuances dos espaços em que jogamos em termos de jogo. No caso da formação, jogar em campos pelados de reduzidas dimensões, não é fácil, isto que estou a dizer não é fácil, e mesmo ao mais alto nível é extremamente difícil; a verdade é que não há uma mentalidade... digamos, há uma mentalidade daquilo que eu disse, do medo de perder, e não há uma mentalidade de ganhar, ofensiva, e de perceberem bem os momentos, em que, quando estamos a atacar, temos a bola, somos os donos do jogo, e que, se calhar, em determinados momentos, é importante é marcarmos golos e chegarmos com muita gente à baliza adversária. Para isso, temos de criar um conjunto de mobilidades, muitas vezes de uma forma organizada para chegar lá, e o que acontece é que sentimos que, em grande parte desses momentos, estão cá atrás os quatro defesas, muitas vezes acontece isso. É lógico que isso revela, acho que não só o aspecto do medo e algumas fragilidades até em termos, sei lá, intelectuais da forma de pensar o jogo.

Agora, entendo também que na formação não é fácil, é preciso acreditar muito e pôr ainda mais os miúdos a acreditar, porque se os miúdos acreditarem, eu estou convencido que é mais fácil; agora, perante campos com 45x90, pelados, eles todos tortos, as equipas muito incultas e a bater a bola para a frente, às vezes não é fácil implementar isso.

RM: Mas no caso do Nacional de Juniores, pensa que é possível implementar uma forma de jogar contemplando especificamente isso?

JF: A experiência que eu tenho, já há algum conteúdo, já há alguma organização de jogo, independentemente de aqui a equipa estar na segunda divisão, ainda encontramos campos pelados, campos sem condições. Na primeira divisão, como existem campos relvados ou sintéticos, e com as dimensões máximas, é preciso é pôr as pessoas a acreditar. Na segunda, não é fácil, porque nestas nove jornadas, nós tivemos algumas deslocações a

campos extremamente difíceis e pelados, que aquilo é muito complicado jogar; é mais um jogo... eu até chamava-lhe um bocado o “futebol selvagem”, porque não é fácil, e para nós impormos o nosso Modelo, temos muitas dificuldades porque, como o jogo é um bocadinho directo, é um bocadinho anárquico, é um bocadinho confuso, confunde e obriga muitas vezes os miúdos a nivelar o jogo deles com o jogo do adversário, que é, como te disse, do pontapé para a frente.

RM: Dentro da mobilidade da equipa, define alguns jogadores que são mais posicionais? Quais são, por que define esses em particular?

JF: Deles, esse é que é fixo, que é o guarda-redes, para esse não há outra alternativa... Agora, não escondo que, em qualquer um deles, há a vontade que eles tenham a capacidade de perceber os diversos momentos, e que tenham a possibilidade de usufruir desses momentos para terem essa mobilidade, e não há infecção nenhuma. Agora, não escondo que, se calhar, o pivot defensivo, no momento em que a equipa está a atacar, se calhar também pode estar a pensar... isto é, se a equipa, naquele momento, perder a bola, o que é que vai acontecer, mas também tem toda a liberdade, até pelo dispositivo, eventualmente pode, num momento, fazer a sua transição e haver outro colega que possa, digamos, compensar aquele espaço que ficou descoberto, que eventualmente ele tem toda a liberdade, como também o caso dos dois jogadores que jogam mais atrás geralmente têm mais propensão... isto não quer que, em diversos momentos, quanto mais não seja nas situações de bola parada, em que eles são obrigados, quer pela sua estrutura morfológica, de poderem ir lá ajudar nesse processo. Mas se, num determinado momento, há espaço e ele pode eventualmente até obrigar a que a equipa adversária consiga criar-lhes problemas, não tenho problema nenhum, e chamar-lhe à atenção, que eu acho que, cada vez mais, dentro do nosso Modelo, há uma forma na formação do jovem futebolista, e no caso específico dos defesas centrais, de haver a situação deles, não só saberem desarmar, saberem roubar a bola ao adversário, mas também é importante que eles saibam construir. Se eu pretendo que o jogador de alto nível tenha essas referências, então tenho de permitir e dar-lhe... agora, ele tem de perceber quais são as situações e os momentos em que pode fazer isso.

RM: Passando para a transição ofensiva, pedia-lhe para definir o conceito de transição ofensiva para si.

JF: A transição é o momento em que nós conseguimos roubar a bola e rapidamente atacar a baliza adversária. Essa forma pode ser feita de forma mais rápida ou mais lenta, e pode ser feita com determinado tipo de, como te disse há um bocado, sub-princípios, isto é, ou posso privilegiar o jogo em profundidade, portanto, a minha forma de movimentação, a minha forma de pensar, de ter os jogadores mais à frente, de criar ali espaço onde eles possam receber, como em outro momento, que eu acho que não tenho jogadores com essas características de poder receber e temporizar, posso tentar também privilegiar a circulação, tirando ali da zona de pressão, e organizando o jogo no sentido de criar ali um espaço para que depois tenha uma ocasião para marcar golo. Mas, fundamentalmente, a transição ofensiva é aquele momento em que nós conseguimos recuperar a bola e rapidamente chegar à baliza do adversário; agora, a forma como o fazemos, são os tais comportamentos ou princípios, que já te falei, que pelo menos uma ou duas opções, que é jogar em profundidade, ou jogar na situação de tirar a bola da zona de pressão e jogar à largura, circulando a bola.

RM: Nesse comportamento primordial, que jogadores são solicitados primariamente, relativizando ao sistema de jogo?

JF: Depende do local em que se faça essa transição, porque eu acho que devem estar todos imbuídos desse mesmo espírito; é lógico que, se for mais à frente, isto é, o que eu te quero dizer, isto tem de ser uma forma de encarar a equipa, o colectivo, e sabemos que há alguns momentos em que a equipa adversária cometa alguns pequenos erros, e em que eles estejam muito bem identificados. Nós dizemos que são as zonas de pressão, ou através de um passe longo, ou um passe na lateral, ou por receber a bola por trás; há três, ou quatro, ou cinco características que nós sabemos que o adversário possa cometer em função do nosso comportamento, que nós sabemos que isso aconteça, e depois para conseguirmos recuperar a bola e fazer essa transição. Nós, às vezes, temos hábitos... há um ou outro jogador com essa característica, vamos imaginar os médios centros, e eu acho que toda a gente tem responsabilidade nisso, quer os avançados, quer os médios, quer os

laterais... agora, temos de saber muito bem, e a equipa saber quando é que tem de fazer essa transição, quando recupera a bola e fazer essa situação.

RM: No caso de uma transição ofensiva, pensa que há jogadores que são solicitados primordialmente?

JF: Fundamentalmente, e no exemplo da estrutura que nós trabalhamos, num 4-4-2, quando recuperamos a bola, o jogador do lado contrário da bola faz uma diagonal e a bola é-lhe colocada num dos corredores; portanto, ele a partir daí temporiza e... temporize ou não, se estiver isolado para a baliza, não tem nada que temporizar... se não tiver, temporiza e espera pelo apoio e joga.

Portanto, o que eu te quero dizer é assim: nós temos muito bem identificado que, quando a equipa recupera a bola, se tiver... porque há essa movimentação dos jogadores que estão mais avançados de poder criar uma linha rápida para que a bola chegue lá.

RM: Neste mesmo momento da transição ofensiva, pretende que a equipa tenha mobilidade dentro dos seus locais o pretende que tenha trocas posicionais sucessivas, e por que razão?

JF: Nós privilegiamos muito as trocas posicionais porque isso vai obrigar que grande parte das equipas, que jogam muito a pares, a abrir grandes espaços, porque também acho, como te disse, que grande parte das equipas tem alguma dificuldade em jogar à zona, ou a ensinar a defender à zona. O que eu tenho sentido é que grande parte das equipas até é capaz de falar mas não conseguem aplicar, e cheiram muito a bola e o adversário. Portanto, nós criarmos trocas posicionais, o que é que vai permitir? Muitas vezes o lateral acompanha ali o jogador adversário directo para ele, e nós, muita das vezes, por exemplo, esse jogador vem para dentro, ou seja, vai criar ali um espaço em que vai aparecer lá alguém.

Nós fazemos isso em função de algum défice de jogo que acontece em algumas equipas; portanto, essas trocas privilegiam-nos e cria-nos algum benefício disso.

RM: Que jogadores é que motiva primordialmente a essas acções de mobilidade, e por que razão esses jogadores principalmente?

JF: Principalmente os avançados e o caso dos médios alas porque eles são, na minha opinião, jogadores fundamentais para que o jogo consiga, digamos, abrir-se, alargar-se, a possa criar dificuldades ao adversário de nos criar problemas ali. Dentro dessa situação, e depois, como te disse, especialmente os avançados porque temos oportunidade que a bola chegue mais perto da baliza, e o nosso objectivo também, que não nos escondemos, é o golo. E se nós pudermos, de uma forma eficaz, correcta, de equipa, que ao fim de dois ou três passes nós conseguimos chegar lá, melhor ainda, do que chegar ao fim de dez ou doze passes, porque isso cria-nos mais problemas, a outra equipa adversária está mais organizada, há ali duas ou três situações, e também com os alas, porque nos vai criar, através das laterais, alguns espaços, algumas superioridades, ou algumas até igualdades numéricas, pelos jogadores que eventualmente possamos ter, de bom toque de bola, que privilegiam o um contra um, de chegar à linha e cruzar e criar ali alguns embaraços à linha adversária.

RM: Que jogadores é que determina como apoios e para a protecção da saída de ataque, no caso de uma eventual perda de posse de bola?

JF: É no caso dessas pequenas nuances que depende da estrutura. Por exemplo, se estamos a jogar num 4-4-2, a bola vai num corredor, um médio ala é o que vai pressionar e quem vai fazer ali fazer aquela cobertura, até para a bola não sair é o avançado, fica ali na cobertura daquele espaço, e depois toda a equipa e todos os colegas do meio campo, vão basculando em função do espaço da bola, de poderem constranger ali o adversário. O segundo avançado tem ali a situação de poder privilegiar o quê? Para impedir que o adversário jogue para trás e consiga jogar naquilo que nós... que jogue para nós, porque nós estamos de frente.

Portanto, há um conjunto de comportamentos, como é o caso do jogador lateral poder fazer o lateral, o outro médio fazer ali vigilâncias ao espaço, e de podermos criar ali uma situação de inferioridade numérica. Em função dos momentos, do espaço em que a bola está, nós condicionamos um conjunto de comportamentos em que alguns pressionam o portador e os outros fazem a

cobertura no sentido de obrigar a que a equipa não raciocine, não consiga pensar o jogo, e que consiga, até por défice de alguma grande parte das equipas que se nota, de tentar meter a bola na frente, e portanto, metendo a bola na frente, vai-nos dar superioridade porque estamos de frente para o jogo.

RM: Já falou que os alas e os avançados são jogadores de mobilidade. Que jogadores é que quer principalmente como apoios para essa mobilidade?

JF: No momento em que recuperamos a posse de bola, é lógico que o apoio é feito, muita das vezes, na questão do avançado que cria ali espaços para que isso aconteça, ou eventualmente do jogador que está mais perto dele para que possa jogar para trás, e que possa depois, em função das características da pressão do adversário, etc.; por isso é que eu te disse, se nós organizamos esse jogo de uma forma mesmo quase de olhos fechados, podemos ver que o nosso colega que está ao nosso lado eventualmente está ali posicionado, e, portanto, até àqueles miúdos, e eu faço-lhes ver isso, que têm alguma dificuldade em levantar a cabeça e, eventualmente, perante o momento de ter a bola, de recuperar a bola, eles sabem que à frente tem o colega que lhe pode dar ou tem ali atrás o seu colega.

Portanto, há aqui um conjunto, chamam-lhe agora as estruturas geométricas, dos triângulos, é uma situação que acontece há... e que nos permite criar ali, no momento em que temos a bola, um conjunto de linhas que possam aparecer, e a equipa ter menos probabilidades de perder outra vez a bola.

RM: Encontramos alguns indicadores essenciais para o ajustamento da saída para o ataque, entre eles os companheiros, o espaço e o adversário. De que forma pensa que estes três indicadores se relacionam com o tipo de saída de ataque que preconiza para a sua equipa?

JF: Dou-te um exemplo concreto: a bola está no guarda-redes, certo? Se um dos grandes princípios que eu te disse é abrir, campo grande, tentamos que a bola saia pelos corredores laterais, mas muita das vezes isso não acontece, porque o adversário, por isto ou por aquilo, também começa-se a aperceber, não é burro, e condiciona-nos ali; também, muita das vezes, não é fácil condicionar pelos centrais; muitas das vezes temos a situação de dizer assim:

“estamos ali com aquele problema na primeira fase de construção, não podemos sair a jogar”, então temos determinadas zonas que o guarda-redes sabe nas costas, nas zonas laterais da defesa contrária de colocar lá a bola, com as movimentações dos avançados e dos médios a tentar ganhar ali depois as segundas bolas. Há ali um conjunto de comportamentos e de situações que nós pedimos, como também quando a bola chega ao lateral, o lateral sabe que tem o apoio quer do guarda-redes, quer do central, quer eventualmente do médio, quer através de uma situação do jogo em profundidade, que é um dos nossos grandes princípios e que há-de aparecer lá um avançado.

Se acontecer, a bola entra na segunda fase, no médio centro, ele tem ali um conjunto de opções que lhe permitem construir o jogo em funções dessas variáveis, ou da movimentação do ala, ou da movimentação do avançado na aproximação ou na profundidade, portanto, há aqui um conjunto de coisas que nós vamos ensinando aos miúdos consoante os diversos momentos. Mas é importante o caso do guarda-redes que saiba e não esteja ali com a bola na mão e “o que é que eu vou fazer agora?”. O adversário está em cima, não há outra alternativa: mete a bola... Agora, sabemos que existem espaços referenciais, em que a bola tem de se colocar ali porque temos lá um jogador que se vai movimentar para aquele espaço e toda a equipa ir depois acompanhando em função disso.

RM: Passando para a organização ofensiva, perante a organização defensiva do adversário, na fase de construção, pela necessidade de esta se caracterizar pelo ultrapassar do adversário, o que pretende que a sua equipa consiga mais particularmente nesta fase?

JF: Se sairmos a jogar, colocar a bola o mais à frente possível, com as movimentações dos nossos avançados e permitir que a bola, dentro do possível, chegue o mais rápido ali perto da baliza. Quando isso não acontece, há uma segunda opção que nós temos, que é a de tentar jogar para criar outro momento em que a bola apareça nesse espaço; agora, a nossa primeira opção sem dúvida que é, no momento em que temos ali a bola, de poder jogar em profundidade, privilegiar isso quando é possível.

RM: Qual é o papel da mobilidade precisamente nessa fase de construção?

JF: É a situação de permitir que os jogadores criem determinados espaços, determinados momentos, em que quer os médios quer os avançados possam fazer pequenas trocas para permitir que apareçam ali espaços livres para depois receber e depois poderem jogar para o nosso objectivo, que é o golo.

RM: Tanto o sector médio como o sector avançado, já vimos, caracterizam-se por ser mais móveis. Pode caracterizar um pouco a dinâmica que o sector médio tem na sua equipa?

JF: Numa estrutura em que tenhamos dois médios-centros e dois médios-alas, há o aspecto, como te disse, no momento em que temos a bola de eles poderem, por exemplo os alas, jogar mesmo perto da linha, e eventualmente, num ou noutro momento, que a bola está no lado contrário, pela movimentação dos avançados em criar outra linha na lateral, portanto, este jogador eventualmente tem toda a liberdade de poder aparecer num espaço, ou mais à frente e perto da baliza para poder finalizar através de um passe em diagonal, ou eventualmente de vir jogar e entrar numa zona interior, e este jogador que ocupa a posição central poder ocupar o seu espaço. Portanto, dentro dessa dinâmica, dessa mobilidade de posicionamentos, nós damos todos os indicadores para que eles possam eventualmente ter essa dinâmica de mobilidade, percebes? Quando eventualmente os avançados possam jogar dentro, possam vir apoiar, possam aproximar num ou noutro momento e criar uma linha de passe, eventualmente de os alas, por exemplo, fazerem movimentações no sentido de criar, nas costas do adversário, alguns espaços livres.

Agora, o que se trabalha muito é essa forma de, dentro de alguns corredores criarem alguns aspectos em que apareçam ou tentem arrastar um conjunto de jogadores do adversário, que muitas das vezes cheiram ali a bola, o adversário, de poder criar ali alguns espaços para tirarmos alguma vantagem disso. Essa forma, no treino, vamos falando com eles, para além de que queremos nalguns exercícios que isso aconteça, que são algumas referências, como te disse, são alguns sub-princípios que nós temos para que isso aconteça; agora, temos de perceber que há toda uma dinâmica do jogo que permite que apareçam outras

coisas, agora, eles sabem que o médio-ala pode aparecer do lado contrário na zona central e que há-de aparecer ali alguém no espaço. É uma coisa que vamos trabalhando, vamos construindo, e a espaços vai aparecendo, outras vezes não vai, e quando isso não acontece já sabemos o que é que... temos problemas. Mas é importante que eles percebam essa dinâmica, essas trocas, essas mudanças posicionais, porque isso é o que faz criar a riqueza do jogo e a complexidade, e a obrigar o adversário a estar em constante concentração, o que, como tu sabes, também os desgasta muito.

RM: Dentro dessa mobilidade, consegue falar que existem combinações tácticas já definidas?

JF: É assim, eu chamava-lhe indicadores... Nós fazemos algumas combinações, como é lógico, mas essas combinações são apenas indicadores ou evidências que podem acontecer, mas muita das vezes aparecem ou não aparecem, percebes? O exemplo concreto, sei lá, o médio recebe e vem para dentro e, por exemplo, o lateral pode cortar nas costas dele. Estas coisas, eles já sabem que isso vai acontecer, mas também permite muita das vezes que, se isso não acontecer, e haver o jogador que vem aqui em que venho ocupar o médio-centro de poder fazer essa situação.

Portanto, nós damos alguns indicadores, treinamos algumas combinações, mas não achamos que isso é uma coisa fixa, não é uma coisa... são algumas referências, porque essas combinações, essas e outras, podem acontecer, porque depende muito do jogo, é isso que lhes falo.

O médio-ala tem a bola e vai para dentro; o ponta-de-lança pode muito bem, estando aqui um aglomerado de gente, arrastar aqui um conjunto de gente, e permite até o próprio jogador entrar... Portanto, nós damos... A mim interessa-me é que eles conheçam os momentos, e que conheçam que podem fazer uma série de coisas, e que podem fazer outras, percebes? E se calhar às vezes, o que eu tenho reparado é que são as outras que muitas vezes acontecem. Porque estamos a trabalhar aquelas situações que eu, às vezes, falo – não sou muito apologista, vou-te já dizer, dessas combinações – às vezes contra zero, estão ali, ele passa ao ala, o ala vem para dentro, o lateral vem e ele cruza, e eu às vezes digo que o adversário é muito fraco, porque eles marcam muitos golos... Eu até posso meter depois um central, a dar aí alguns problemas, mas

o mesmo continuo a dizer: a equipa só joga com um jogador, é muito complicado. Portanto, é isso que eu digo: essas combinações, eu chamar-lhe-ia, como te disse, alguns comportamentos, eles precisam de saber que, quando fazem esses movimentos, alguém tem de aparecer naquele espaço que eles deixaram, isso é que é importante.

RM: Sabemos que não gosta de falar em jogadores mais fixos, como disse há um bocado, mas nesta fase de construção os defensores centrais são um pouco mais fixos e os laterais são um pouco mais móveis. Poderia caracterizar um bocadinho esta mobilidade dos centrais e dos laterais?

JF: Eu digo-te isso, porque eles também, muita das vezes... eu dou-te o exemplo, se calhar não vem muito a propósito, mas o caso dos avançados: se ele tiver a necessidade, naquele momento, um dos avançados, de vir atrás do lateral, e vamos imaginar que o médio-ala, por isto ou por aquilo, foi à linha e até se lesionou, e a bola sai ali do corredor lateral; um dos avançados vem, e se calhar vem até ao nosso primeiro terço. Aqui, repara, eles têm de perceber isso.

O caso que tu falaste, e muito bem... nós temos é de discutir muito bem o que é o conceito de mobilidade, não é? Aquilo que eu te falei: eu não vou esconder que os quatro a grande prioridade é saber defender, e também não me interessa a mim ter um lateral que saia pelo corredor e vai por ali fora, e depois é preciso uma corda... Perante alguns destes, se calhar eu digo: “calma, vais ficar aqui, fica mais...”, percebes? Atenção que o conceito tem, muitas vezes, a ver com as características... com a forma como eu penso o jogo, com as características dos jogadores, com uma série de coisas. Eu digo-te: os quatro defesas têm toda a liberdade, no momento da organização, se têm possibilidades de criarem uma superioridade numérica em determinados espaços, e como nós temos a bola, têm toda a liberdade de fazer isso, não de uma forma leviana. Se a bola, vamos imaginar, o central tem a bola e o médio que está à frente, o médio-ala entra para dentro, e que cria ali um espaço e o lateral sobe, mesmo estando o adversário lá – porque o grande problema é que o adversário vai ter de ir atrás dele – e com passe ele consegue colocá-la lá.

Dou-te outro exemplo: se eu tiver um central que não faz passe longo, dizia ao lateral “olha, não faças muito isso porque a bola não te vai chegar lá, vamos perder a bola e vamos ficar ali com um problema”. A mobilidade, no seu conceito, tem perfeitamente... mas também temos de identificar os jogadores que temos. Eu não tenho dúvida que, se tiver um jogador de grande qualidade, e que possa sair a jogar, um central, que faz constrangimento ao adversário, e depois consiga soltar a bola, quer num dos corredores, quer numa zona nas costas do adversário, em profundidade, ou entregar a bola ao médio, para que ele possa continuar o jogo, mesmo que estejam lá um ou dois avançados; porque, é assim, eles pouco nos fazem, o que é que eles vão fazer?

Estes indicadores, e estas formas de pensar, é que eu acho que têm de ser operacionalizadas no treino, independentemente de lhes dizer, por exemplo, que os defesas têm um grande princípio, que é defender bem, mas é defender bem no momento defensivo; na transição defesa-ataque, ou no momento ofensivo, eles também são atacantes, no bom sentido, no seu espaço, e podem, num momento ou outro, desequilibrar.

Eu não vejo... é lógico, como te falei ali, eu acho que uma equipa tem uma dinâmica, e essa dinâmica é uma dinâmica de movimento, de ordem e desordem muita das vezes, percebes? Criar, estereotipar as coisas assim: “lateral chega ali à linha e pára o barco”, tem ali uma parede; mas também ter um lateral que sobe por subir, mas depois não percebe que, quando perde a bola, tem de vir atrás e compensar essa situação, ou eventualmente até a equipa mais entender que, quando ele vai, tem que haver ali alguém a ajudar, a colaborar, a fazer uma cobertura defensiva... É nestas situações que temos de ver coberturas permanentes, quer ofensivas até defensivas, e que é preciso estimular isso aos atletas, e eu encontro muitos miúdos que têm facilidades em interpretar o momento ofensivo, certo, mas depois a transição e o momento de organização... portanto, eles grande parte do jogo são defesas, mesmo defesas, e temos de perceber que, quando a equipa tem a bola, são onze jogadores a atacar, mesmo até o próprio guarda-redes, que no momento ofensivo, se calhar, não pode ficar ali abaixo do pau, e está ali; se calhar, tem de avançar um bocadinho e funcionar como o jogador mais atrasado, como libero, ou chama-lhe outro nome qualquer, o pivot, está ali, e que num momento ou outro pode eventualmente, se estiver atento, se estiver

concentrado... primeiro, está mais próximo dos colegas e tem as linhas mais aproximadas; segundo, se for um miúdo que comunique, que goste de comunicar, comunica melhor e mais facilmente; e depois, num ou noutro momento, pode até chegar mais próximo à bola. São estas situações que nós temos de explicar aos nossos atletas, e no treino, quer em todas as situações, de tomarmos isto como pontos de referência; independentemente, de um desconto, como te disse anteriormente, de correremos alguns riscos. Quando tentamos que o jogo tenha uma organização, não é fácil perante, às vezes, algumas situações em que, como te disse, em pelados, em campos pequeníssimos, de colocar estas coisas, mas no caso do processo de formação, é um processo a longo prazo, em que um dos nossos grandes objectivos é o de formar atletas, e a formação é eles conhecerem cada vez mais do jogo, e não são os resultados. Eu, muita das vezes, pergunto “como é, o jogo correu bem?”, que é completamente diferente; depois vem “ganhei”, porque nós, às vezes, até ganhamos jogos e vamos para casa e dizemos assim: “joguei tão mal, isto não é uma equipa”, mas ganhámos, e acham que o ganhar resolve tudo, e não resolve, e na minha opinião não resolve nada. E, às vezes, se calhar já perdi injustamente e a equipa jogou bem, fez tudo o possível e imaginário para que as coisas invertessem; não inverteram, e é isso que eu também gostava de colocar...

RM: Passando agora um pouco para s situações de finalização, como é que pretende que os jogadores se distribuam na criação e na disposição para a finalização?

JF: Há os tais pequenos indicadores, ou combinações que nós fazemos que, se jogamos com dois avançados, há essa permuta, quer de diversas formas, ou um dos avançados joga no apoio e o outro joga nas costas, ou eventualmente cai numa das laterais, e o outro avançado entra como ponto de referência na zona central. Existe ali algum conjunto de dinâmicas, se calhar é esse o termo mais correcto, que permitem que a bola chegue o mais rapidamente possível a algumas zonas, e onde possamos fazer as tais dinâmicas para criar ocasiões de golo.

Se jogamos numa estrutura de três, é a mesma coisa: quando o avançado, que está sozinho, cai numa lateral, os outros também têm de se movimentar em

função do que é a baliza, que é o caso da ala em que ele caiu e entre, e o outro do lado contrário que entre como avançado, e os médios. Quer dizer, há um conjunto de comportamentos que nós pedimos para que essas situações finalizem, e vamos privilegiando ao longo do treino a questão do remate, de finalizar, do chutar à baliza, e criar situações que permitam isso, e eles ficarem a perceber que o objectivo é o golo e, para que isso aconteça, temos de chegar o mais rapidamente possível de uma forma organizada à baliza, e tentar que se remate à baliza.

RM: Parece-nos que dá alguma liberdade aos jogadores para escolher a zona que se colocam para finalizar, ou determina zonas preferenciais?

JF: Há as duas coisas um bocado. Há um bocado de liberdade, mas também saber que há lá algumas zonas em que tem de aparecer alguém. Nós sabemos, por exemplo, que os dois avançados devem aparecer na zona frontal à baliza, um privilegiando o primeiro poste e o outro, se calhar, o segundo, etc., mas também sabemos que, muita das vezes, não é o avançado que aparece, tem de aparecer outro. Sabemos que existem zonas de referência, sei lá, o caso do primeiro poste, a zona do penalti e o segundo poste; aí, consoante as situações, se é um dos avançados que cai, tem que aparecer ali o outro avançado, um médio, o outro do lado contrário, portanto, há zonas em que eles sabem que têm de aparecer. Agora, a aparecer, pode ser o avançado, até podia ser o lateral, neste caso o lateral não é fácil aparecer lá muita das vezes, aparece mais nos corredores laterais; na zona central, há ali um conjunto de gente que pode aparecer.

RM: Relativamente a esta fase de criação da finalização, existem jogadores que são mais móveis ou mais jogadores mais de apoio, ou os apoios são circunstanciais?

JF: Tanto os avançados como os médios, e até como os defesas, eles todos têm essas duas componentes, muita das vezes fazer apoios, coberturas, etc., permanentes, e nessa situação, que é o caso, muita das vezes, quando um jogador entra num determinado espaço e tem a bola, é lógico que também todos os outros colegas que estão mais perto têm obrigação de lhes fazer o apoio, com o conceito de não perder a bola, ou eventualmente de ter chances

de poder receber a bola em zona privilegiada para finalizar. Portanto, há aqui um conjunto de situações que eles têm de perceber nessas duas nuances.

RM: Já nos falou da dinâmica dos jogadores avançados. Relativamente à perda de posse de bola numa fase adiantada, que equilíbrios é que determina para a equipa?

JF: Muita das vezes, quando perdemos a bola mais à frente possível... estás a falar na terceira fase, não é? Se a bola cai no lateral, é lógico que o nosso médio-ala é aquele que vai pressionar logo imediatamente, e o avançado tem a missão de não permitir que a bola seja jogada para trás ou para o central, que faz o movimento de profundidade, pedimos que isso aconteça. Mas também não escondemos que depende, numa ou noutra situação, mesmo o próprio avançado que está mais descaído e mais próximo do lateral, que também o possa fazer, e que eventualmente também acompanhe até ali a determinada zona, porque isso vai-nos obrigar ali a que apareça outro elemento que vai ali criar uma superioridade numérica, de grande chance de poder recuperar a bola e, ao permitir isso, vai criar ali ao avançado um determinado espaço. Isto é, o que eu quero dizer é que a bola entra no lateral, ele acompanha o lateral, há-de aparecer alguém aqui, fazemos dois-um aqui e, portanto, ao recuperar a bola, o avançado vai ficar com um espaço livre aqui.

Portanto, há esses dois momentos; o que nós dizemos é que, quando a bola entra pelo lateral, é o médio-ala que... mas, muita das vezes, permite-nos fazer isso, quando as equipas são um bocadinho superiores... depois também tem aqui a ver as nuances, o adversário também temos de ter em consideração, se o lateral é muito ofensivo, nós, muita das vezes, no sentido de permitir e roubar-lhes essa mentalidade ofensiva, muita das vezes, pedimos ao avançado que acompanhe um bocadinho, porque aí vamos ficar ali numa superioridade, e ele depois vai ficar com a hipótese de recuperarmos a bola, de ficar ali com um espaço.

Nós temos a nossa forma de pensar o jogo, mas também há uma ou outra nuance que temos em função do adversário. Se, como te disse, aparecem-nos laterais muito ofensivos, não temos aquela mentalidade de “vais ficar ali e não o vais deixar subir”... Não, não... Se calhar, até permitimos que ele suba, agora, há ali um determinado momento em que temos de pedir a ajuda, que

numa fase é importante, que também é um defesa, a partir do momento em que não temos a bola também é um defesa, que é o avançado, congestionar ali essa situação e o adversário perder a bola para ganharmos ali um espaço e sairmos numa transição rápida, muita das vezes fazemos isso. Agora, também é importante, que é o estudo do adversário, e vemos quais as possibilidades, dentro dos pontos fortes dele, torná-los menos fortes e até se pudermos privilegiar isso.

RM: Relativamente às bolas paradas ofensivas, pontapés-de-canto e livres indirectos, que movimentações, trocas posicionais e protecções determina para esses momentos?

JF: Quando estamos a atacar, ao pensar ao contrário, criamos ali uma superioridade numérica em que, geralmente, ficam ali três jogadores cá atrás, temos um ou dois jogadores, depende muito do adversário também como te disse, se tem jogadores rápidos, fica um ou dois nas segundas bolas, e depois os outros elementos ficam ali... É lógico que privilegiamos muito o primeiro poste, privilegiamos muito o jogador mais alto com mais capacidade de impulsão e de técnica de remate de cabeça, de privilegiar isso, e depois com algumas coberturas e algumas situações, digamos, dos jogadores poderem, que vão atacar o primeiro poste e ficarem os outros... Mais ou menos, criamos uma estrutura de três jogadores cá atrás para criar ali alguma consistência, temos um ou dois jogadores nas segundas bolas, e os outros fazem as movimentações, de trás para a frente, em função da trajectória da bola, também do que vai executar – que muitas das vezes temos alguma dificuldade nisso; nós dizemos que queremos forte e tenso, e às vezes não temos jogadores para isso – mas a ideia é atacarmos algumas zonas, especialmente o primeiro poste, e depois com os apoios dos outros.

Se for ao contrário, nas bolas paradas marcamos à zona, toda a gente defende, onde privilegiamos no primeiro poste, um homem no primeiro, um a sobrar e depois os outros quatro homens na linha, criando ali zonas de espaço, depois ali dois ou três homens, e depois dois nas segundas bolas. Estamos ali, defendemos com toda a gente, e cada um sabendo ocupar o seu espaço, tentando estar com atenção de ter alguma dinâmica, não estarem parados, estarem activos... Um dos defeitos, nas primeiras jornadas levámos golos

que... nós cobríamos as zonas, mas estávamos ali estáticos, portanto, tivemos esse problema, mas eu também acho que é as pessoas assumirem o conceito de defesa à zona. Se os jogadores assumirem, é muito mais fácil; se alguns não acreditarem, é muito complicado.

RM: Determina trocas posicionais, determina combinações?

JF: Sim, sim... Muita das vezes, geralmente optamos por duas ou três coisinhas, não muito, e depois tem a ver com o jogo, porque, vamos imaginar, temos um jogador muito bom, é lógico que o adversário também sabe e não pudemos ficar atados àquela situação, ele vai ser marcado por um ou dois, é complicado. Há um conjunto de combinações que nós fazemos de criar alternativas a isso, quanto mais não seja a questão do jogador que aparece ali naquele primeiro poste está ali com o guarda-redes a tapar-lhe, pode muita das vezes vir apoiar o jogador que vai fazer o canto, e se isso acontecer e se isso sair, já sabem que a bola não aparece no primeiro, aparece no segundo.

São estas pequenas coisas que são definidas entre nós e, consoante aquilo que acontece no jogo, nós damos alguns indicadores. Agora, os jogadores têm de saber, se nós temos um ou dois jogadores muito fortes ao primeiro pau, e que eles têm um momento de impulsão e de ataque à bola muito bem, e o adversário também não é ignorante, também começa a aperceber-se e anula-nos; então, temos de passar para a segunda coisa que temos. Se na segunda não resultar... por exemplo, um problema que eu tinha era que o jogador que fazia o apoio, o jogador que estava ali a tapar um bocado, ali a estorvar ia ao encontro do homem que ia marcar o... falha o passe, que é preciso ter uma qualidade de passe no sentido de poder... e se isso não acontece? Então tínhamos outra combinação, que era o caso geralmente... vinha um dos três e fazia-lhe o apoio. Em vez de ser o que estava no guarda-redes, era um que surgia da lateral, um dos três homens que estava cá atrás, e vinha lá fazer o apoio.

RM: Pensamos que está tudo esclarecido. Só gostaríamos de lhe perguntar se tem alguma coisa a acrescentar ao tema do nosso estudo?

JF: Não. Também, assim de uma forma muito em cima, acho que tem muitas perguntas, e se calhar o que te estou a dizer agora, se me entregasses

previamente, vinte e quatro horas ou quarenta e oito horas, se calhar, as coisas eram mais organizadas, mais pensadas, se calhar era uma coisa que também ia pensar nisso. Aquelas entrevistas que estás a fazer aqui, se calhar, pões a três ou quatro pessoas a entregar-lhes previamente e depois entrevistá-las, mas estou curioso até para depois ver o que é que... este é o teu ponto de partida, vamos ver o teu ponto de chegada, mas acho que tem conteúdo e abordas aquilo que é essencial. Estás a falar sobre a mobilidade, acho que é importante, as perguntas acho que abrangem, digamos, aquilo que eu acho que é fundamental, se calhar até de uma forma mais exacerbada... Mas acho que depende mais das pessoas que estás a entrevistar... Não sei se te ajudei, mas acho que era importante...

Anexo VI

Entrevista a Pedro Cunha

Treinador Principal da Equipa de Juniores do Rio Ave Futebol Clube

Moradia do Treinador, Vila do Conde, 10/11/2008

Rui Machado (RM): Como defines o conceito de Modelo de Jogo?

Pedro Cunha (PC): Fundamentalmente, para nós, para a estrutura que nos envolve, o Modelo de Jogo é uma ideia, ou seja, uma conjectura de um jogo possível que nós idealizamos, que tem princípios e sub-princípios que, no fundo, se devem articular entre si, que nos vai dar uma identidade numa forma de jogar. Fundamentalmente, o Modelo de Jogo, para nós, é isto.

E este Modelo de Jogo tem, e nas nossas equipas, tem em função as características dos jogadores, a identidade do próprio clube, que é importante, a mística, a filosofia, os princípios de jogo aos quais eles estão inerentes, fundamentalmente nos momentos dos quatro... os cinco – falamos muito em quatro, eu gosto de falar muito em cinco (cada vez mais eu penso que o quinto momento que é... os lances de estratégia ofensiva e defensiva estão a ter um grande papel no futebol actual, são os lances de bola parada) – portanto, nos cinco momentos o que nos caracteriza e como isso se interage entre uns e eles se articulam e que nos dá uma identidade e uma forma de jogar que nós identificamos que aquela equipa é a nossa equipa.

RM: Retirando um pouco as bolas paradas, que nós vamos falar mais à frente, que princípios é que definem a forma de jogar da equipa, tanto em organização ofensiva, como em organização defensiva, como também nas transições defesa-ataque e ataque-defesa?

PC: Nesses momentos, nós na organização defensiva, temos um papel fundamental, é que o nosso princípio é defender à zona; para nós, o importante é onde está a bola e a posição dos jogadores, portanto, o mais importante para nós na organização defensiva é colocarmo-nos em organização à zona, retirando espaço e tempo ao adversário na zona. Na organização ofensiva, fundamentalmente o que nós privilegiamos e devemos privilegiar é um jogo de posições muito forte para criarmos condições de fazermos circular a bola, da maneira ao adversário, que se pressupõe que esteja em organização

defensiva, que crie espaços para nós aproveitarmos fundamentalmente e retirarmos daí o proveito para criarmos situações de finalização.

Portanto, na organização defensiva privilegiamos concentração, privilegiamos zona, e na organização ofensiva privilegiamos tempo, circulação de bola, paciência, até muito jogo de posição, esse é o objectivo que nós tentamos criar e que tentamos que apareça na equipa.

Nas transições, na transição defesa-ataque temos trabalhado dois princípios fundamentais: se há espaço, profundidade para rapidamente chegarmos às zonas de finalização; se não há espaço, segunda opção: retirar a bola da zona de pressão, ou seja, onde nós ganhamos a bola normalmente está o adversário, quatro/cinco jogadores nessa zona, tentamos sair pelo lado contrário para entrarmos em transição ofensiva. A transição defensiva, rapidamente nós, mal perdemos a posse de bola, primeiro objectivo: impedir que o adversário lance profundidade, ou seja, o mais perto da bola, tentamos criar que ele atrase o mais possível o ataque, que jogue para trás, que jogue para o lado, para nos reorganizarmos e nos posicionarmos rapidamente na nossa organização defensiva. A segunda situação é se ele conseguir sair, se o adversário conseguir sair, rapidamente recuperarmos posição e tentar recuperar a bola o mais rapidamente possível.

RM: Falaste nos traços culturais do clube. Que traços são esses que se revêem também em aspectos particulares do jogo da equipa?

PC: O Rio Ave está inserido numa comunidade que é piscatória, que é uma comunidade que tem muita tradição no clube, é uma equipa em que a mística e a filosofia é de trabalho, é de garra, é de alma, é de crer, apesar de, nestes últimos anos, como não tivemos esses jogadores, temos de inculcar aos nossos jogadores este espírito que é importante trazer, que a própria manha que estes jogadores têm é importante no Futebol, saberem gerir momentos importantes do jogo, saber jogar com tudo aquilo que eles têm e possuem, mas acima de tudo aquilo que eles têm é a grande dedicação, a grande alma, a grande garra, que era o espírito que estes jogadores e esta zona sempre teve, é importante trazer para o Modelo de Jogo.

RM: Qual é a estrutura de jogo que utilizas preferencialmente, e por que razão essa estrutura de jogo em particular?

PC: Esta é uma pergunta complicada de te responder por dois motivos: primeiro, nós começámos com uma estrutura de organização de 4-3-3, e porquê? Porque, no clube, a não ser a equipa sénior, toda a estrutura que está montada por trás está montada para jogar em 4-3-3 com jogadores nas alas que não são médios, são os médios-alas, não sabem interpretar, muitas vezes, quatro no meio campo; por exemplo, este tipo de jogadores que estão habituados no 4-3-3 é um tipo de jogador completamente diferente, e portanto nós sempre jogámos em 4-3-3.

Nestas últimas fases, se queres que te fale nisto, estamos a jogar em 4-4-2, porquê? Como eu disse, no Modelo de Jogo está uma parte que penso que inclui, e que é a organização da equipa, e estão as características dos jogadores, em função daquilo que temos avaliado, a nossa equipa penso que se ajusta aos jogadores que tenho a jogar em 4-4-2 losango. Apesar dos grandes princípios serem os mesmos, que nos caracteriza nos quatro momentos, a movimentação e a dinâmica da própria equipa é diferente, e utilizo esta estrutura devido às características dos jogadores que tenho. Tenho jogadores na frente que me possibilitam jogar desta maneira.

RM: Passando agora para a mobilidade ofensiva, por que objectivos é que consideras que a mobilidade é um elemento importante na forma de jogar da equipa?

PC: Fundamentalmente, em posse de bola, quando as equipas adversárias estão posicionadas, são importantes as trocas posicionais. É fundamental, penso eu, haver grande mobilidade com as trocas, de maneira a fazer um jogo de posições, de maneira a que o adversário, que normalmente também joga à zona, tira-os rapidamente dessa zona porque o objectivo, a estrutura, a dinâmica de uma equipa, se nós colocarmos uma estrutura no papel, o que me interessa a mim naquele desenho não é propriamente a estrutura, é a dinâmica que nós introduzimos à estrutura, é que os jogadores apareçam nos espaços que não estejam lá, e com as trocas e a mobilidade que a gente consegue criar, consegue criar espaços nas zonas em que nós tentamos que apareçam mais vezes, na estrutura defensiva adversária, para criarmos problemas.

RM: Essa criação de espaços, ou disponibilização de espaços, é um dos motivos que te leva a utilizar o 4-4-2 losango, ou seja, de que forma é que a estrutura de jogo potencia essa mesma mobilidade?

PC: Como eu estava a dizer há um bocado, mais importante do que a estrutura é a dinâmica que eu consigo criar com os jogadores, que saiam das suas zonas, sejam ocupados por outros, abrindo espaço para outro jogador aparecer lá, com recepções orientadas, com a dinâmica da própria equipa em movimento. A estrutura de jogo, e eu estou a criá-la de maneira a que esta dinâmica de mobilidade me permita ter mais sucesso na criação de espaços.

RM: De que forma pensas que a mobilidade se relaciona, por um lado, com a liberdade criativa dos jogadores e, por outro, com aspectos pré-determinados pelo treinador?

PC: Eu acho que a mobilidade é treinada de maneira a que o atleta depois seja autónomo e seja criativo na própria mobilidade, ou seja, uma ordem primeiro, mas depois dentro desta ordem que é criada e que o jogador perceba o movimento, ele é livre para aparecer nos espaços, ou seja, ele automatiza criando movimentos, penso eu. Ele, primeiro, tem de conhecer a ordem, primeiro tem que saber a dinâmica, tem que saber a organização, tem que saber os princípios que nos norteiam, mas dentro destes princípios que nos norteiam ele é livre para, se entender o jogo e se perceber o jogo, e se perceber a dinâmica do jogo, ele é livre para construir essa mobilidade para criar espaços.

RM: Os treinadores defendem pouca mobilidade para os jogadores do sector defensivo, e mais mobilidade para o sector médio e ofensivo? Concordas, e por que razão é que concordas?

PC: Eu concordo, ou seja, eu, no sector defensivo, só há uma troca posicional, uma ou duas posicionais, que é o central sair em organização, sai para a zona do meio campo e faz uma troca com o pivot defensivo que rapidamente ocupa as posições, e outra troca que também acontece no sector defensivo, é a troca do lateral com o médio interior desse lado, ou se jogar em 4-3-3, o extremo.

Agora, as trocas posicionais cá atrás não podem ser à livre criação do jogador, porque se ele resolve sair e houver equilíbrios dentro da própria equipa, eu se

perco bola dá golo nas zonas defensivas, enquanto a criação, o risco, mais perto da baliza adversária é aceite. Eu posso fazer mobilidades, trocas, para criar desequilíbrios na estrutura defensiva adversária, porque se perder a bola eu estou organizado defensivamente; aí risco total. No último terço, risco... porque todas as acções, todas as apostas incluem risco, aí deve-se arriscar; agora, no sector defensivo, não concordo tanto porque, se não houver uma ordem, se não houver uma organização por trás, não é a livre criação dos defesas saírem.

RM: Dentro da forma de jogar da equipa, existem jogadores mais posicionais, fixos, determinadas posições que devem estar ocupadas para que a mobilidade surja? Se as há, quais são e por que razão essas em particular?

PC: Na forma de jogar as posições mais fixas, além do sector defensivo, as posições mais fixas o pivot defensivo, na nossa maneira de jogar, o pivot defensivo é o jogador mais fixo, apesar de nós termos trabalhado trocas posicionais mesmo com este jogador, ele sair, quando os centrais estão a trocar, ele sai da sua zona e aparece outro para receber orientado de maneira a sair a jogar. Outra, na nossa organização, jogadores que temos mobilidade muito é, na estrutura de 4-4-2 losango, a posição de número dez, de sair da zona em espaços laterais, e sendo ocupado o espaço dele pelo médio interior que aparece na zona; outra das situações é o médio interior desse lado sair e aparecer em ruptura nos espaços laterais e aparece em situação de fazer uma troca posicional com o pivot ofensivo que vem para o lugar dele, tentando que o outro arraste dois ou três jogadores, criando liberdade para que o pivot ofensivo apareça no espaço para receber. Normalmente, são estas combinações, depois são as combinações de dois avançados, e a nível da mobilidade são estes homens fundamentalmente.

RM: Passando um pouco para a transição ofensiva, como é que defines o conceito de transição ofensiva?

PC: Eu considero transição ofensiva sempre que a equipa está a defender recupera a bola, mesmo que a atrase para o guarda-redes. Ou seja, a equipa recupera a bola e, pronto, aquele princípio que disse; a nossa equipa, mal

recupera a bola, está em transição ofensiva, nesse momento que ganhou a bola... agora, a decisão, se está fechado, se joga para trás, se joga para o lado. O primeiro princípio, deve procurar profundidade, não dá, entrou em transição ofensiva. Depois, é que a equipa tem de interpretar os momentos que é que, depois de recuperar a bola, em transição ofensiva, como é que está o adversário? Está desequilibrado defensivamente? Passes de risco. Está organizado defensivamente? Vamos para a organização ofensiva, circulação, mobilidade, tudo que disse anteriormente.

RM: Queres comportamentos fundamentalmente de profundidade logo após o ganho de bola, se houver condições para tal. Quais são os jogadores que são primariamente solicitados nessa situação?

PC: Se houver profundidade, logo os dois avançados e o pivot ofensivo... o pivot ofensivo vem buscar, e os dois avançados fazem movimento, um de aproximação, outro de ruptura de maneira a criar linhas de passe para sairmos rapidamente em transição.

RM: Neste momento de jogo, na transição ofensiva, pretendes que a equipa tenha um comportamento de mobilidade dentro da posição ou através de trocas posicionais sucessivas, e porque razão dessa forma?

PC: Se jogarmos em profundidade, eu quero, se o adversário estiver desorganizado, que a equipa esteja e saiba, e nós temos trabalhado para isso, onde estão os jogadores nos momentos certos após ganho de bola. Com o adversário desorganizado, não contemplamos grandes trocas posicionais. Se conseguirmos jogar no nosso pivot, a única troca posicional é entre os dois avançados.

RM: Esses jogadores da frente são os únicos, ou há outros que motivas à mobilidade?

PC: Fundamentalmente, é o pivot na transição ofensiva com a equipa adversária desequilibrada, a entrada dos médios interiores, dos dois vértices do losango, que vão fazer uma troca posicional com o homem que vem buscar.

RM: Para que a mobilidade surja, é necessário que haja acções de apoio e, precavendo a perda de posse de bola, acções de protecção à saída de ataque. Que jogadores são importantes como apoios, e que jogadores são importantes como protecção ao risco que dizes que a equipa deve correr em certas situações?

PC: Os jogadores que servem de apoio, primeiro, para a mobilidade... se o jogador que está mais perto, portanto, havendo uma troca posicional, o jogador que está nos vértices tem de fazer o apoio, sempre, à posse de bola; se ele sai dessa zona, tem de aparecer outro para apoiar ali. Portanto, os dois, fundamentalmente quem serve de desequilíbrio a essas mobilidades, são os três homens do vértice: o médio interior esquerdo, o médio interior direito, e o pivot ofensivo, que dão qualidade, se perceberem o jogo, a esta mobilidade. Quem faz os equilíbrios defensivos é o pivot defensivo, fundamentalmente.

RM: Encontramos três indicadores no ajustamento do jogo, como são os companheiros, o espaço e o adversário. Como relacionas ao tipo de saída para o ataque?

PC: Nós, fundamentalmente, organizamo-nos nas saídas sempre pelos corredores laterais, temos essa preocupação: central, central, troca, de maneira a abrir um momento em que a bola entra no lateral direito ou no lateral esquerdo. A partir do momento em que o lateral direito recebe bola, ele tem companheiros e noção de espaço que nós temos de sair a jogar se ele não consegue... se, por acaso, ele não conseguir jogar no médio dessa lado, ele tem companheiros, tem espaços que sabe que tem de jogar por ali. Não há saída... inicia processo ofensivo, que estão treinados, que estão ajustados, que a equipa tenha dinâmica, que saiba ocupar esses espaços e sabe-se posicionar. Portanto, para mim é importante, na nossa maneira, é posição de jogadores, espaço e companheiros, são as três coisas importantes, agora nós privilegiamos saídas logo pelo lateral.

RM: Uma vez a equipa adversária organizada defensivamente, passamos para organização ofensiva. Na fase de construção, visto esta se caracterizar pela necessidade de ultrapassar o adversário organizado, o que pretendes que a equipa pretende mais particularmente nesta fase de construção a fim de passar para a finalização?

PC: Como nós sabemos, as equipas, quando estão organizadas defensivamente, fecham muito a zona central; nós só vamos às linhas para ganhar o meio, o ideal era ganhar logo o centro do terreno, mas nós sabemos que é difícil, e toda a nossa dinâmica, e procuro que eles consigam, fundamentalmente, se não conseguirem ganhar logo a zona central, as nossas movimentações são para conseguir colocar a bola nos corredores laterais libertando lateral para cruzar, libertando médio interior para cruzar, ou libertando pivot ofensivo para cruzar; são as nossas três movimentações fundamentais que a equipa tem treinadas de maneira a criar dificuldades na organização defensiva adversária.

RM: Já falaste das combinações tácticas, que então servirão como meio para libertar esses jogadores para criar possibilidades de cruzamento?

PC: Exactamente.

RM: Tanto o sector médio como o sector avançado caracterizam-se pelos jogadores serem móveis. Pedíamos que caracterizasses a dinâmica no losango de meio campo.

PC: Nós, em posse, na fase de construção, temos um aspecto e um princípio que queremos que a equipa consiga no seu losango, que transforme o losango num campo grande, e dentro deste princípio o losango alarga, de maneira também a criar uma situação: é que o médio, quando a bola entra no corredor lateral, começa a entrar no central, por exemplo, do lado direito, o médio do vértice esquerdo está fechado mas o do lado da bola está aberto, de maneira que, quando a equipa começa a trocar bola, ele faz movimento interior para libertar corredor para o lateral que entra nesse espaço, ou para fazer uma troca posicional com o... sai da zona e aparece lá também o pivot ofensivo. Portanto, as nossas dinâmicas, como elas se relacionam, ou que nós procuramos que se relacionem, porque nós idealizamos no treino e queremos que as coisas

apareçam com regularidade, como eu disse há um bocado, fundamentalmente é abrir espaços, saindo dos espaços, que é o mais importante, não é estar lá, é que o jogador apareça lá momento da construção; estes quatro homens são muito importantes nessa construção. Muitas das vezes o nosso pivot defensivo aparece na terceira fase de construção, mas ele sai de lá fundamentalmente quando a bola entra num dos centrais, ele entra em ruptura de movimento e, do lado da bola, um dos médios ocupa esse lugar. Para a equipa adversária, aparece-lhe um jogador que não estava lá, e isso é que condiciona desequilíbrios na estrutura da equipa adversária.

RM: Relativamente à criação de situações de finalização e finalização, como é que pretendes que os jogadores se distribuam tanto na criação como depois até mesmo na finalização?

PC: Depende de quem vai à linha, fundamentalmente, porque se for o lateral direito não é a mesma coisa que se for o médio interior direito, não é a mesma coisa se for o avançado, não é a mesma coisa se for o pivot ofensivo. Portanto, a equipa sabe que, se for o lateral direito, quem é que aparece ao primeiro poste, quem é que aparece na zona de penalti, quem é que aparece no segundo poste e quem é que aparece numa quarta zona de finalização numa diagonal fora da área para apanharmos todas as trajectórias de bola. Se for o lateral direito a cruzar, os dois pontas-de-lança cruzam, aparecendo um ao primeiro e um ao segundo, o médio ofensivo, ou seja, o pivot ofensivo aparece na zona de penalti, e o médio interior esquerdo está a fazer uma linha fora da área. Se for o médio interior direito, as movimentações já são completamente diferentes, e se for um dos avançados também diferentes, mas as zonas estão ocupadas, ou seja, o meu objectivo é que, seja qual for o jogador que vá à linha cruzar, nas nossas movimentações, a zona do primeiro, a zona do segundo, a zona do penalti, e numa terceira zona a fazer diagonal fora da área estejam ocupadas, porque se não estiverem ocupadas alguma coisa está mal e o jogador não estava na posição correcta.

RM: Parece ter definidos todos esses aspectos. Gostaríamos de saber que liberdade é que dás aos jogadores para o surgimento nas zonas de finalização demarcadas, e por que razão?

PC: Nós, quando fazemos fundamentalmente, e criamos esta ordem, se quiseres assim, que “és tu que apareces”, fundamentalmente é porque, na nossa estrutura, na ideia de jogo que eu tenho, eu que estou a ver o jogo que é o meu jogo, quando o jogador vai à linha, havendo esta troca posicional, eu criar esta ordem de “avançado: vai ao primeiro, vai ao segundo cruzando”, porque assim aparece lá, não está lá aparece lá. Mas eu também dou liberdade que se, por acaso, e o jogador também tem de entender, tem de ser inteligente, que se, por acaso, o jogador estiver muito longe e o outro estiver muito perto, mais perto do primeiro poste ou do segundo, não é por acaso que não muda ali; desde que os espaços estejam ocupados, o jogador tem que saber o espaço é que tem de ser ocupado; se o outro jogador, por acaso, vê que ele não fez o cruzamento, não cruzou com o colega e vai ao primeiro poste, o outro avançado tem de ter liberdade para não fazer o que eu mandei e ir ao segundo poste, porque sabe que é aquela zona que está livre.

RM: Um aspecto que nos ressalta na forma de jogar que preconizas é o facto de nos parecer que, quando um jogador em apoio se encontra fechado, é o elemento que assume um comportamento em mobilidade. Os apoios, tal como os defines, poderão ser considerados como circunstanciais?

PC: Nós, em construção de jogo, para criarmos, como te disse há um bocado, problemas na estrutura do adversário, se nós estivermos estáticos não vamos criar, o adversário faz zona... O que é que nós privilegiamos na minha ideia? O jogador está, faz apoio, recebeu, sai da zona e aparece outro na zona, porque o meu objectivo é que a bola entre nas zonas no último terço de terreno para finalizar. O apoio, tu chamas-lhe circunstancial, podes-lhe chamar isso, mas ele sabe que vai apoiar, deu e sai da zona e aparece outro.

RM: Já falámos da dinâmica particular dos jogadores médios. Pedíamos que tentasses explicar um pouco da dinâmica específica e o posicionamento dos jogadores avançados, e por que razão essa movimentação em particular?

PC: Os nossos avançados têm que ter um princípio básico de jogo, que é este: nunca podem jogar paralelos, nunca, nunca devem estar paralelos. Um vem dar apoio, o outro entra em ruptura, sempre, tem de estar sempre na diagonal. Outra das movimentações: um serve sempre de apoio para jogar, e o outro procura profundidade. A outra das movimentações que temos, para criar situações com os dois pontas-de-lança é a combinação a dois, os dois combinarem: um vem buscar, pode combinar com o outro, o outro entrou-lhe nas costas, temos essa combinação feita. O avançado a sair da zona de finalização, a ocupar espaços laterais para sair, com o outro a entrar-lhe em diagonal; sair da zona para entrar-lhe o pivot ofensivo, ele sai e entra o pivot ofensivo nas costas dele, do ponta-de-lança. Fundamentalmente, são estas as combinações que temos.

RM: Nesta fase de finalização, determinas jogadores que sejam mais móveis e que sejam principalmente de apoio?

PC: Isso “determinar” é uma palavra um bocado para o forte. Temos jogadores que, pelas suas características, são muito mais móveis, pelas suas próprias características, do que outros. Eu, na equipa, tenho esses jogadores, que são com muito mais mobilidade, que não são tão posicionais, que, pela própria característica, procuram muita ruptura, e outros que estão, e porque eu tenho esses jogadores que saem muito da sua zona, eu tenho jogadores que são mais fixos nos apoios até para estarem a equilibrar a equipa defensivamente.

RM: Relativizando ao posicionamento dentro do terreno de jogo, quais são esses jogadores?

PC: O móvel, tenho o da posição dez, portanto, o pivot ofensivo, como da posição oito, são muito móveis dentro da própria estrutura. O da dez tem que ser, tem que ser, neste sistema tem que ser, tem que ser muito móvel porque tem de abrir às vezes a equipa em três, tem que vir fechar o losango muita das

vezes por causa da troca posicional interior, portanto, do lado esquerdo, e os de apoio mais fixo são o seis, o pivot defensivo, e o médio interior.

RM: Precavendo a perda de posse de bola, que equilíbrios colectivos determinas para a equipa, nesta fase de finalização?

PC: Primeiro que tudo: nós organizamos a equipa de maneira a que, quando haja um cruzamento, perder a bola ou passar a outra situação de finalização, a equipa está organizada ofensivamente mas estruturando a possível perda, ou seja, está do lado da bola, ou seja, está perto da bola, não está aberta a equipa; portanto, a equipa, mesmo cruzando, tem ou deve estar preocupada em estar perto da bola e, portanto, jogar na zona, portanto, como disse há um bocado, em zona fechada para se o adversário ganhar a bola não tem muito espaço para conseguir fazer uma transição.

RM: Falando então do quinto momento de jogo, quais são as movimentações, as trocas posicionais e as protecções, precavendo a perda da posse de bola, tanto nos livres indirectos ofensivos como nos pontapés-de-canto ofensivos?

PC: Em relação aos cantos, nós temos uma troca de jogadores fundamentalmente com os dois centrais, em que um que está à frente vai atacar ao segundo poste, e o que está atrás ataca normalmente ao primeiro poste; fundamentalmente, é esta troca posicional. Outra das situações que utilizamos é um bloqueio: bloqueamos, muitas vezes, um dos defesas para o jogador aparecer no espaço em que esse jogador fica bloqueado. Também fazemos, muitas vezes, cantos curtos, é outra combinação que temos, com a saída de um dos avançados a tabelar, porque o nosso objectivo é que a equipa, normalmente com equipas que defendem à zona, se nós marcamos canto curto, ela normalmente vai na zona atrás da bola e cria um bocado de desequilíbrio porque perde a noção do espaço, que é isso que nos interessa, porque como não estão a marcar homem, é que elas percam a noção de espaço e, normalmente, se marcarmos curto, normalmente um jogador sai da zona porque tem de vir atrás e aí nós tentamos colocar a bola nessa zona que fica livre.

Os nossos equilíbrios defensivos, fundamentalmente, como é que nos organizamos? Sempre superioridade numérica atrás, e um jogador à entrada da área para não deixar o adversário organizar logo a transição.

Em relação aos livres indirectos, temos n de combinações. Nós temos um livre indirecto, que nos já rendeu até um golo, até num jogo particular, que se cobra o livre na lateral, fundamentalmente no lado direito, aproveitando os jogadores das características que temos, que remata muito bem, e quando o livre é do lado direito, não é preciso ser junto à linha, pode ser na lateral a meio do meio campo no sector ofensivo, em que o lateral esquerdo simula que mete a bola na área e mete à entrada da área, e o jogador que está na entrada da área vem para fora, porque há um bloqueio a esse jogador que está treinado, e o jogador vem para fora e aparece sozinho na zona da meia lua a rematar, normalmente aparece sempre só, e os equilíbrios são os mesmos.

RM: Pensamos que é tudo relativamente àquilo que nós queríamos perguntar. Gostaríamos de saber se tinhas alguma coisa a acrescentar a este tema do nosso estudo.

PC: Não, eu acho que foi tudo falado. Eu acho é que a mobilidade, fundamentalmente, é para eu conseguir criar espaços, fundamentalmente eu interpreto assim; ter mobilidade de maneira a eu conseguir criar espaços, e eu acho que só com grande qualidade posicional, com os jogadores a saberem e recepções super orientadas, é que se consegue criar... e com muitas trocas posicionais bem realizadas e com grande qualidade técnica... eu acho que é um tema interessante e, até te digo, acho que a equipa que melhor interpreta isto é o Barcelona.